

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO

GABRIELLE SANTOS DE PAULA

**Nas fronteiras da alteridade: a representação do espaço do imigrante na narrativa
jornalística de *Zero Hora* (2014 -2015)**

PORTO ALEGRE

2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO

GABRIELLE SANTOS DE PAULA

**Nas fronteiras da alteridade: a representação do espaço do imigrante na narrativa
jornalística de *Zero Hora* (2014 -2015)**

Dissertação apresentada em cumprimento às exigências do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul / UFRGS, para a obtenção do título de mestre.
Orientadora: Profa. Dra. Cida Golin

PORTO ALEGRE

2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dra. Elisa Reinhardt Piedras - UFRGS

Prof^ª. Dra. Marcia Veiga da Silva - UNISINOS

Prof^ª. Dra. Thais Helena Furtado - UFRGS

CIP - Catalogação na Publicação

de Paula, Gabrielle Santos
Nas fronteiras da alteridade: a representação do
espaço do imigrante na narrativa jornalística de Zero
Hora (2014 - 2015) / Gabrielle Santos de Paula. --
2019.
153 f.
Orientadora: Cassilda Golin Costa.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e
Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Comunicação
e Informação, Porto Alegre, BR-RS, 2019.

1. Jornalismo e alteridade. 2. Representação
cultural. 3. Espaço. 4. Narrativa. 5. Migrações. I.
Costa, Cassilda Golin, orient. II. Título.

AGRADECIMENTOS

À UFRGS e à Fabico, pela oportunidade de, mais uma vez, ocupar esse espaço privilegiado de produção de conhecimento e de troca de ideias, que é a universidade pública.

À minha orientadora Cida Golin, pelo acolhimento, confiança e parceria na realização da minha pesquisa. Também pela compreensão nos momentos difíceis e por acreditar na minha capacidade até quando eu mesma não acreditava.

Aos professores e colegas do PPGCOM, que enriqueceram minha constituição intelectual e profissional.

Aos colegas do Núcleo de Estudos em Jornalismo e Publicações Culturais do Laboratório de Edição, Cultura e Design (Lead), por renovarem meu entusiasmo a cada encontro. Em especial, à Anna e ao Rafa, por compartilharem ideias, mas também seus anseios e angústias.

Às professoras Elisa e Marcia, que através da sua competência e carinho valorizaram os percursos desta pesquisa.

Ao amigo e colega Stéfano, pelas trocas de turno no trabalho, mas também pelos conselhos e pelos mates amargos.

Ao amigo Luís, pelo empréstimo de livros, pela parceria na revisão, pela amizade e pela inspiração da sua trajetória.

À minha família, pelo apoio e dedicação.

À amiga Helena, por compartilhar comigo o desejo da mudança.

Aos amigos da Anú Laboratório de Jornalismo Social, pelo aprendizado, pelas trocas sinceras e pelo brilho no olhar.

À Nabila, Carol, Omar e Alix, refugiadas e imigrantes que escolheram o Rio Grande do Sul como sua nova casa, pela inspiração para esse trabalho e pelo arrebatamento que levo para a vida.

A todos os Outros que me constituíram e que ainda irão me constituir.

RESUMO

A partir do pressuposto de que representamos o diferente por meio de sentidos e linguagens estabelecidos pela cultura na qual estamos inseridos e de que o jornalismo é também responsável por projetar significados, esta dissertação investigou como o espaço do Outro é representado pela narrativa jornalística nas reportagens sobre imigrantes e refugiados do jornal *Zero Hora*. À luz dos Estudos Culturais, de elementos da teoria pós-colonial, de argumentos da Geografia crítica e dos estudos da narrativa associados ao jornalismo, propomos que é diante da presença do Outro que ocorre a marcação da diferença e a produção das identidades e das formas da linguagem presentes na cultura. Sendo as espacialidades também um processo relacional, a pesquisa busca problematizar teoricamente as hierarquias do espaço social construídas pela narrativa jornalística no (des) encontro com a alteridade. Identificado tal contexto inconsciente de formação da subjetividade, reflete-se acerca da prática jornalística como possibilidade de apreensão do Outro, já que o jornalismo está postulado na crença de critérios objetivos na construção da realidade. O estudo analisou quatro grandes reportagens publicadas pelo jornal *Zero Hora* entre agosto de 2014 e outubro de 2015, período em que se acentuou o movimento migratório no país. Por meio do método da análise narrativa, a pesquisa objetivou responder que estratégias de objetivação e subjetivação são produzidas pelo jornalismo ao representar as espacialidades físicas e simbólicas nas reportagens sobre migração, identificar *quem fala* e *quem vê* e apontar quais os conflitos e as aproximações presentes nas espacialidades da narrativa. Nessas narrativas jornalísticas, foi possível observar a condição de mão de obra do imigrante e a busca pela ascensão econômica por meio do trabalho. Já na disposição de o repórter deslocar-se do seu lugar, há uma maior abertura no seu texto à complexidade da travessia das fronteiras físicas e simbólicas.

Palavras-chave: **Jornalismo e alteridade. Representação cultural. Espaço. Narrativa. Migrações.**

ABSTRACT

Based on the assumption that we represent the different, through meanings and languages, established by the culture in which we are inserted, and that journalism is also responsible for projecting meanings, this dissertation investigated how the space of the Other is represented by the journalistic narrative in the *Zero Hora* newspaper on immigrants and refugees. In the light of cultural studies, elements of postcolonial theory, arguments of critical geography and narrative studies associated with journalism, we propose that it is before the presence of the Other that the marking of difference, the production of identities and forms of language present in the culture occur. Being the spatiality also a relational process, the research seeks theoretically problematize hierarchies of social space built by journalistic narrative in (dis)encounter with otherness. Identifying such an unconscious context of subjectivity formation, is reflected on journalistic practice as a possibility of apprehension of the Other, since journalism is postulated in the belief of objective criteria in the construction of reality. The study analyzed four major reports published by *Zero Hora* newspaper from August 2014 to October 2015, during which the country's migratory movement was intensified. Through the method of narrative analysis, the research aimed to answer that objectivation and subjectivation strategies are produced by journalism by representing physical and symbolic spatialities in migration reporting, identifying who speaks and who sees and points out the conflicts and approaches present in the spatialities of the narrative. In these journalistic narratives, it was possible to observe the condition of the immigrant's workforce and the search for economic ascent through work. As for the reporter's willingness to move from his place there is a greater openness in his text to the complexity of crossing physical and symbolic boundaries.

Keywords: Journalism and otherness. Cultural representation. Space. Narrative. Migrations.

*Como ser neutro se acabou de chover e a terra cheira
e o asfalto cheira
e as árvores estão lavadas com suas folhas
e seus galhos
existindo?*

*Como ser neutro, fazer
um poema neutro
se há uma ditadura no país
e eu estou infeliz?*

Ferreira Gullar

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: capa de <i>Zero Hora</i> 17 agosto de 2014	62
Figura 2: sequência de fotos apresenta um ritual muçulmano em uma fábrica. Página 16 de <i>Zero Hora</i> 17 de agosto de 2014.....	64
Figura 3: sequência de fotos apresenta um ritual muçulmano em uma fábrica. Página 17 de <i>Zero Hora</i> 17 de agosto de 2014.....	64
Figura 4: sequência de fotos apresenta os rostos dos novos imigrantes no RS. Página 13 de <i>Zero Hora</i> 17 de agosto de 2014.....	66
Figura 5: foto na página 14 de <i>Zero Hora</i> 17 de agosto de 2014.....	66
Figura 6: capa de <i>Zero Hora</i> 07 de junho de 2015.....	73
Figura 7: fotografia no alto da página traz a imagem da chegada dos imigrantes a São Paulo. Página 12 de <i>Zero Hora</i> 07 de junho de 2015.....	74
Figura 8: imagem sob o título “Olhares miram São Paulo e suas chances”. Página 19 de <i>Zero Hora</i> 07 de junho de 2015.....	74
Figura 9: foto na página 15 de <i>Zero Hora</i> 07 de junho de 2015.....	77
Figura 10: foto página 15 de <i>Zero Hora</i> 07 de junho de 2015.....	78
Figura 11: ilustração apresenta a rota de deslocamento dos imigrantes. Página 18 de <i>Zero Hora</i> 07 de junho de 2015.....	79
Figura 12: foto apresenta a diferença dos adereços religiosos. Página 16 de <i>Zero Hora</i> 07 de junho de 2015.....	80
Figura 13: capa de <i>Zero Hora</i> 04 de outubro de 2015.....	85
Figura 14: página 12 de <i>Zero Hora</i> 04 de outubro de 2015.....	86
Figura 15: página 12 de <i>Zero Hora</i> 04 de outubro de 2015.....	87
Figura 16: capa de <i>Zero Hora</i> de 11 de outubro de 2015.....	93
Figura 17: fragmento de uma fotografia que mostra a relação na fronteira. Página 13 de <i>Zero Hora</i> 11 de outubro de 2015.....	96
Figura 18: mapas e infográfico na páginas 8 e 9 de <i>Zero Hora</i> 11 de outubro de 2015.....	97
Figura 19: Razan, esposa de Ghazi, tem espaço destacado nas imagens enquanto personagem, mas não há descrições sobre ela.....	100
Figura 20: Razan, esposa de Ghazi, tem espaço destacado nas imagens enquanto personagem, mas não há descrições sobre ela.....	100

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 O ENCONTRO COM A DIFERENÇA.....	17
2.1 Representação cultural: a marcação da <i>diferença</i> nos sistemas da linguagem e de identidade	17
2.2 <i>Olhar e dizer</i> o Outro	22
2.3 Espaço e espacialidades do Outro	28
2.4 Diferença à brasileira: uma herança colonial	34
3. NARRATIVA, JORNALISMO E ALTERIDADE.....	40
3.1 Narrativa e jornalismo	40
3.2 Jornalismo como possibilidade de apreensão do Outro	47
3.3 Narrativas da imigração	52
4 PERCURSO METODOLÓGICO: análise das reportagens de <i>Zero Hora</i> sobre imigrantes e refugiados.....	58
4.1 Os Novos Imigrantes	61
4.2 Inferno na terra prometida.....	72
4.3 Destino Incerto	84
4.4 Refugiados: Uma história.....	93
4.5 Cruzamento das travessias e fronteiras	104
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	108
6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	111
ANEXOS: reportagens Os Novos Imigrantes, Inferno na terra prometida, Destino Incerto e Refugiados: uma história.....	115

1 INTRODUÇÃO

Publicado em 2018 pela Organização Internacional para as Migrações (OIM), o relatório *World Migration Report*¹ revelou que, entre 2010 e 2015, a população de migrantes que vive no Brasil cresceu 20%. São 713 mil estrangeiros residindo no país, dos quais 207 mil vêm de outros Estados sul-americanos – tendo a presença dos estrangeiros vindos desse subcontinente também aumentado 20%. Apesar de nosso país ser fundamentalmente formado por migrantes de diversos lugares, a chegada desses estrangeiros é, muitas vezes, vista como uma ameaça.

O espaço gerado pela aproximação com os nativos é permeado por estranhamento e até mesmo desinformação. Mas o aprofundamento de nosso olhar nos dá a dimensão de que essas pessoas carregam mais do que marcas de fuga. Tais narrativas não são só de dor: são de famílias, paixões, laços, saudades, derrotas e vitórias. Para compreendê-las, é necessário ir muito além do estigma de uma palavra, seja ela qual for: refugiado, imigrante ou estrangeiro.

Assim, a motivação inicial deste trabalho surge do interesse pessoal em compreender as produções de sentido construídas pelo jornalismo sobre aqueles que são diferentes ou vivenciam realidades distintas dos grupos privilegiados econômica e socialmente. E reforçada pela minha atuação profissional como jornalista. Atuação que proporcionou o contato com pessoas de diferentes gêneros e classes sociais, e que gerou e ainda gera inquietações acerca da consciência da necessidade de se pensar a representação de outras culturas.

A iniciação nos estudos sobre as relações subjetivas do jornalismo deu-se durante o desenvolvimento do meu Trabalho de Conclusão de Curso de graduação, o qual também significou o primeiro contato mais aprofundado com a pesquisa acadêmica. Após analisar a representação de uma comunidade quilombola de Porto Alegre na produção de um documentário jornalístico independente, as questões de identidade, diferença e a crença na importância da valorização da alteridade no jornalismo instigaram-me a dar seguimento às reflexões sobre essas relações.

Já o contato com a temática de imigrantes e refugiados nas reportagens deu-se por meio da matéria especial de *Zero Hora*, “Os Novos Imigrantes”, na qual é prometido ao leitor conhecer os novos rostos de imigrantes que estavam modificando o cenário do Rio Grande do Sul naquele período. A partir desta matéria e da compreensão da chegada de imigrantes haitianos, que podíamos testemunhar nas ruas da cidade, surgiu a vontade de conhecer mais

¹ Fonte: <https://www.iom.int/wmr/world-migration-report-2018>. Acesso em: 17 dez de 2018.

sobre essas vidas supostamente marcadas por histórias de fugas, desastres, guerras e lutas. Posteriormente, com a realização de um documentário audiovisual intitulado “Quem vem de lá”², me aproximei das discussões sobre a situação de imigrantes e refugiados no Rio Grande do Sul também por meio da minha atuação profissional.

Diante de um cenário em que as notícias sobre a crise migratória tomam conta dos jornais, busquei aprofundar algumas leituras a partir dos Estudos Culturais, acompanhar os conteúdos jornalísticos produzidos sobre a temática e enfim, realizar um estudo que contemple o conceito de alteridade no jornalismo, principalmente com perspectivas teóricas que reflitam a prática jornalística, tendo como objeto de estudo a reportagem.

O momento a ser explorado no presente trabalho diz respeito ao período de maior entrada de estrangeiros no Brasil na última década: os anos de 2014 e 2015. Logo, iremos verificar como estão sendo contadas um pouco dessas vidas em um dos jornais de maior circulação do Brasil e também principal periódico local, o jornal *Zero Hora*. Nossa análise se dá por meio de grandes reportagens, para entendermos como são produzidas as representações da cultura de sujeitos que agora fazem parte da vida da cidade, do país, de nosso povo. Sobretudo, de uma nova migração caracterizada pela vinda de homens negros caribenhos ou oriundos do continente africano, como haitianos e senegaleses.

É sabido que jornalismo cumpre uma função importante como ferramenta para difundir conceitos e visões do que não é conhecido, e contribui para a formação da opinião pública. Além disso, quem fala através dos meios de comunicação é aquele que se coloca como legítimo para informar e propagar a verdade. Esta mediação insere o jornalista em uma posição de poder que tem a possibilidade de contribuir para o reconhecimento da diferença e compreendê-la ou apenas desqualificá-la³.

As notícias selecionadas para o público envolvem uma visão de mundo que é subjetiva. Não se pode descartar a bagagem ideológica do jornalista durante a mediação, nem a importância que o jornalismo conquistou ao longo das sociedades, como instituição socialmente aceita para narrar a realidade. No entanto, o produto final da prática jornalística é considerado decorrente de um processo complexo que se inicia em uma escolha e seleção sistemática de acontecimentos, justificadas e embasadas por critérios que postulam crenças na

² Documentário com depoimentos de imigrantes e refugiados que vivem no Rio Grande do Sul. Produzido pela Anú Laboratório de Jornalismo Social em 2017. Menção Honrosa no Prêmio Direitos Humanos de Jornalismo de 2017.

³ “Os discursos jornalísticos tornam-se expressões máximas do que é verdadeiro; e é com eles, vale dizer, que construímos os nossos modos de compreender e ver o mundo, visões que tecem nossa percepção do outro e nossa maneira de lidar com o diferente ou o semelhante” (RESENDE, 2007, p. 83).

objetividade e na neutralidade. Dessa maneira, as relações subjetivas necessitam ser elucidadas para que esses tópicos também sejam compreendidos como um conjunto de categorias social e culturalmente construídas.

A partir da reflexão e do entendimento de que o desenvolvimento da reportagem jornalística parece ser a principal ferramenta do campo para promover o encontro de sujeitos distantes, este estudo se propõe a buscar dentre as principais características do gênero – como a verificação, o tempo de pesquisa e a busca por uma multiplicidade de vozes – se há a possibilidade de um exercício de alteridade na representação de diferentes culturas. Logo, reforçamos que compreender a diferença e o modo como os jornalistas a retratam é relevante em uma sociedade na qual a diversidade ganha mais visibilidade e na qual o jornalismo se constitui como uma atividade formadora de opinião. Assim, procuramos trabalhar de forma interdisciplinar com autores fundantes dos Estudos Culturais que buscam explorar a criação de significados e a sua propagação cultural nas sociedades atuais. Ao mesmo tempo, buscamos perceber o quanto áreas como a Antropologia, a Sociologia, a Filosofia e a Geografia podem contribuir para o campo da Comunicação no que se refere às questões do sujeito, da identidade e da diferença.

Dessa forma, o estudo irá traçar aspectos de uma relação historicamente marcada pelo estranhamento: quando olhamos *o Outro*⁴. E a partir disso, procurar compreender o reconhecimento e a consciência da nossa própria existência, já que é ao olhar o outro que identificamos a diferença. Somado a isso, trataremos de um caso extremo do diferente: a relação com o imigrante, o contato com aquele que vem de fora, e portanto, mais facilmente identificado como estrangeiro. Assim, a figura de imigrantes e refugiados contemporâneos pareceu-me interessante para pensarmos as relações subjetivas estabelecidas na representação do espaço do outro pelo jornalismo, e se há, realmente, por parte do jornalista a percepção desta relação frente ao tempo que vivemos.

As questões da identidade e da diferença estão, hoje, no centro da teoria social e da prática política, pois diferentes grupos sociais e culturais estão buscando afirmar suas identidades e lutando por visibilidade. São as chamadas minorias em busca por mais representatividade em sociedades nas quais diferentes indivíduos são retratados. A partir

⁴A grafia com as iniciais maiúsculas parte do acionamento das teorias psicanalíticas que são utilizadas neste trabalho e que decorrem da concepção lacaniana que situa o *eu* como instância das relações duais com o *outro*. O outro antecede o sujeito, que apenas é constituído por meio deste.

disso, os estudos em Jornalismo estão empenhados na tentativa de discutir as relações construídas entre a atividade, os profissionais e aqueles que são representados pelos produtos comunicacionais. No entanto, essa produção está concentrada na última década, o que demonstra que as reflexões acerca da representação cultural do outro e da alteridade são um interesse recente nas pesquisas do campo.

Considerando a chegada desses migrantes na cidade, como questão principal também apresentamos em nossa pesquisa tópicos que envolvem uma reflexão acerca das espacialidades fabricadas, já que o desenvolvimento histórico também reflete o espaço contemporâneo. A expansão territorial, o imperialismo, a globalização, as ondas migratórias; não só reordenam o espaço geográfico, como também reinventam as manifestações do campo cultural, com disputas simbólicas e comunicacionais, uma vez que o cenário das cidades é transformado pela crescente presença do estrangeiro. Dessa maneira, nossa proposta é ponderar e incluir a relação social do espaço no diálogo com o outro.

Dada a compreensão de que os conceitos e definições que são representados para nós advêm de uma cultura, de que o jornalismo é também responsável por projetar significados (HALL, 1999; 2001) e de que a reportagem é por excelência o gênero narrativo jornalístico, nosso **objetivo geral** é investigar como o jornalismo representa o espaço do outro na narrativa das reportagens sobre imigrantes de *Zero Hora*. Por conseguinte, foram estabelecidos como **objetivos específicos**:

- Identificar que estratégias de objetivação e subjetivação são produzidas pelo jornalismo ao representar as espacialidades físicas e simbólicas;
- Verificar *quem fala e quem vê* na narrativa;
- Apontar quais os conflitos e as aproximações presentes nas espacialidades.

A metodologia que adotamos para este trabalho é a Análise da Narrativa proposta por Motta (2013) para estudos em jornalismo, além das contribuições da teoria narrativa sistematizada por Culler (1999), para que tenhamos um método de análise das práticas culturais, privilegiando compreender como o narrador se coloca diante de seu representado e de como as narrativas geram significações.

No segundo capítulo, sob a perspectiva teórica dos Estudos Culturais, apresentamos como o encontro com a diferença produz sentidos subjetivos. Partimos de bases conceituais que demonstram a cultura como espaço de conflito, no qual a marcação da diferença nos sistemas da linguagem e de identidade é regulada pelas práticas sociais. As definições que são instauradas, o diálogo entre os diferentes atores sociais e a fabricação das identidades por

meio da interação com o outro, também são influenciadas pelas transformações culturais (HALL, 1997; 2003; 2006; 2016; BAKHTIN, 1997; WOODWARD, 2003).

A partir de argumentos das teorias psicanalíticas, discorremos sobre a consciência da nossa própria existência em decorrência do encontro com o outro e da necessidade que temos de nos diferenciarmos dele. Nossa subjetividade é formada por essa interação problemática, na qual o estrangeiro, o dessemelhante, o outro, nos causa incômodo e estranhamento. Assim, produzimos a naturalização de comportamentos ancorada em representações estereotipadas, executadas pelo grupo que exerce o poder de classificação (HALL, 1997; 2016; KRISTEVA, 1994; LANDOWSKI, 2002). Também procuramos nos abrir à complexidade do lugar de fala do outro, que revela que mesmo quando buscamos assimilar o diferente, corremos o risco de falar por ele, fazendo com que os grupos subalternos não tenham direito à voz (SPIVAK, 2012; RIBEIRO, 2017).

Diante da diversidade de um mundo em transformação, a reflexão sobre as relações espaciais onde se dão os domínios sociais, culturais e políticos demonstra que o espaço é sempre uma relação social (BOURDIEU, 2007; HARVEY, 1999; SANTOS, 1988), na qual as hierarquias e as formas de se relacionar com a sociedade se refletem no lugar e na identidade do sujeito. O estabelecimento de significados da cultura e do espaço também apresentam suas influências ao longo dos períodos históricos e de processos sociais que produziram outras espacialidades acerca do contato com a diferença. No caso do Brasil, uma nação marcada pelo colonialismo e pela escravidão, os valores vigentes são permeados pelos efeitos do fator raça (RIBEIRO, 1995; ALMEIDA, 2018).

Já o terceiro capítulo é dedicado às discussões do jornalismo enquanto narrador dos fatos ocorridos na sociedade, de forma a contextualizar a prática que constrói nosso objeto. Baseada nos princípios da verdade e da objetividade, a atividade jornalística se constitui como um espaço privilegiado para narrar o outro, no qual os profissionais ainda necessitam uma nova forma de olhar a alteridade (RESENDE, 2007; LAGO, 2010; VEIGA, 2015). A fim de aprofundarmos a contextualização do nosso objeto, o último tópico do capítulo discorre acerca de como as narrativas jornalísticas sobre as migrações caracterizaram e ainda caracterizam o cenário mundial e local contemporâneo.

O caminho para uma análise das reportagens selecionadas é delineado no quarto capítulo. Nesta parte, é apresentada como se deu a escolha dos textos e de que forma foi estabelecido o recorte de pesquisa. Também são apontados os procedimentos da metodologia e definidas as categorias para o estudo do conjunto das narrativas. Neste capítulo também é

realizada a análise narrativa individual de cada reportagem. Depois, apresentamos alguns cruzamentos com o objetivo de tecer alguns pontos de aproximação e de contraste entre elas.

Por fim, cabe ressaltar que ao pensar as relações construídas pelo jornalismo, esse trabalho tem a pretensão de compreender como é esse encontro com o diferente e, talvez, contribuir na discussão sobre a subjetividade da profissão, fundamentando a pesquisa em um olhar interdisciplinar e analisando um objeto empírico que caracteriza o contexto mundial da nossa atualidade: as migrações.

2 O ENCONTRO COM A DIFERENÇA

Acolhida ou hostilizada, a diferença sempre despertou estranhamento ao longo da história da humanidade. Ainda que o ser humano não consiga viver isoladamente, o contato com o indivíduo diferente sempre carrega o potencial de gerar conflitos, já que durante nosso desenvolvimento como sujeito acabamos por integrar determinados grupos sociais e culturais.

É por meio dessas relações que também estabelecemos os sentidos a respeito da diferença, pois o sentido é algo em construção e é diante da presença do outro que atribuímos significado a partir de certos dispositivos e linguagens (LANDOWSKI, 2012). De acordo com Stuart Hall (2016), o contato com o diferente propicia que pensemos a produção de sentidos na cultura e nos valores sociais vigentes, sendo a diferença fundamental não só para compreensão da alteridade, mas também da nossa própria presença, através da mediação do outro. Sendo assim, em um processo inconsciente da formação da subjetividade, a marcação da diferença é o que fabrica as identidades e as formas da linguagem presentes na cultura.

Frente à um mundo globalizado como o que temos hoje, as expressões culturais tornam o conceito de cultura cada vez mais amplo. Da mesma maneira, o conceito de espaço também é vasto e abordado por diferentes áreas do conhecimento. Assim, nosso trabalho não tem a pretensão de elucidar esses conceitos, mas sim de buscar neles instrumentos que nos auxiliem a visualizar as estruturas presentes na sociedade e as formas como nos relacionamos com ela e com o diferente.

Pensar o espaço da sociedade brasileira também requer uma reflexão acerca de que diferenças constituem a formação do Estado brasileiro, uma vez que é neste espaço que estão localizados aqueles que detêm os mecanismos de representação sobre o outro: no caso das reportagens, os jornalistas. Ademais, compreender origens históricas e políticas dessa composição contribui para pensarmos os processos de migração atuais: de pessoas negras, não brancas, não ocidentais nos termos pós-colonialistas.

2.1 Representação cultural: a marcação da *diferença* nos sistemas da linguagem e de identidade

Diante da diversidade de manifestações culturais que o mundo apresenta, acreditamos que as práticas sociais que envolvem os diferentes aspectos da cultura precisam ser observadas a partir do contexto social e das relações de poder, já que elas comunicam significados. Sob a perspectiva teórica dos Estudos Culturais, os quais apresentam a

capacidade de contextualizar e extrair a dimensão política do objeto, nossa reflexão também se dá por meio do âmbito cultural que nos encontramos. Em razão da interdisciplinaridade do campo e por incentivar estudos etnográficos que acentuassem os modos e as condições de vida dos atores sociais, entendemos que o trabalho de Stuart Hall nos auxilia a investigar o caráter mais antropológico da cultura.

Para Hall (2001), a cultura é dinâmica e a sua “centralidade” significa a forma como ela penetra na vida social contemporânea, mediando e constituindo um campo de lutas em torno da significação social. A dinâmica deve-se às transformações históricas, que também representam mudanças no cotidiano da vida das pessoas. A expansão do imperialismo⁵ a partir do século XVII, por exemplo, estabeleceu uma relação de poder vertical, principalmente entre brancos e negros. Edward Said (1995) também discorre sobre como o imperialismo influenciou e influencia a política e a cultura ocidentais, expondo que a capacidade de representar algo ou alguém é cultural e socialmente regulada. Assim, as culturas não são homogêneas: “na verdade, mais adotam elementos ‘estrangeiros’, alteridades e diferenças do que os excluem conscientemente” (SAID, p. 46).

Ainda que o entendimento desse caráter multicultural das sociedades e seu sincretismo também passe pelas migrações causadas pela guerra, pela miséria e pelas dificuldades econômicas do final do século XX, nos países colonizados foi o período de colonização que deixou as marcas mais fortes. A título de ilustração, quem no Brasil consegue distinguir o que é a herança cultural, do que é de fato brasileiro? Para quem tem um passado colonial, o imperialismo é determinante em sua formação (SAID, 1995) – além de permitir que mesmo com a mescla de culturas, as pessoas tenham a percepção de que distintas manifestações façam parte de uma única cultura.

Assim, a apreensão coletiva de uma cultura unitária regula as práticas sociais que originam os significados de forma subjetiva, mas que estão presentes concretamente nas ações e nas instituições das sociedades.

Os seres humanos são seres interpretativos, instituídos de sentido. A ação social é significativa tanto para aqueles que a praticam quanto para os que a observam: não em si mesma, mas em razão dos muitos e variados sistemas de significado que os seres humanos utilizam para definir o que significam as coisas (HALL, 2001, p. 16).

⁵ “Num nível muito básico, o imperialismo significa pensar, colonizar, controlar terras que não são nossas, que estão distantes, que são possuídas e habitadas por outros. Por inúmeras razões, elas atraem algumas pessoas e muitas vezes trazem uma miséria indescritível para outras” (SAID, 1995, p. 37).

Consciente ou inconscientemente, os conceitos e definições que nos são representados advêm de uma cultura e do nosso próprio desejo de responder aos significados. Além disso, é fundamental a consciência de que já nascemos interpretando o mundo de acordo com uma determinada cultura e suas ações. Nestas ações sociais está incluído o fenômeno da linguagem, algo que não pode ser individual, visto que não podemos fazer as regras da linguagem individualmente. Ela também se torna indispensável, uma vez que opera como um sistema de representação e os significados só podem ser compartilhados pela comunicação (HALL, 1997; 2001; 2016) .

Sobretudo, há uma questão chave para pensarmos a produção de sentidos na cultura e os valores sociais: a abordagem da importância da “diferença”. Stuart Hall aborda a questão da Linguística, por meio dos estudos de Saussure, para exemplificar o processo relacional de “significação”. O vermelho não é vermelho por sua “vermelhidão”, mas porque é diferente do verde, e é a relação com os outros membros do sistema de cores que o faz diferente. Assim como o preto é preto porque podemos contrastá-lo com o branco (HALL, 1997). Ou seja, sendo o significado um processo relacional, ele não existiria sem a diferença. No entanto, o autor destaca que mesmo sendo necessária, a diferença é um tanto perigosa, uma vez que as oposições binárias são muito simplificadoras. Em linha com o pensamento de Derrida, Hall (2016) enfatiza a relação de poder entre os extremos de oposições binárias: *homem/mulher*; *classe alta/classe baixa*, sendo um deles o principal.

Igualmente relevante, ainda nas teorias da linguagem, está a contribuição dos estudos de Bakhtin (1997) sobre o desenvolvimento da língua. A língua é, como para Saussure ,um fato social, cuja existência se funda nas necessidades da comunicação (HALL, 2016). No entanto, aqui a abordagem é sobre um significado dialógico, com a valorização da fala e da enunciação sob uma perspectiva social, no qual o ponto de partida para o surgimento dos significados está no diálogo entre os diferentes atores sociais. Além dessa interação, a expressão verbal está imbricada nas práticas discursivas na comunicação da vida cotidiana. Segundo Bakhtin a palavra é o material privilegiado, onde a conversação e as formas discursivas se situam:

Esse aspecto semiótico e esse papel contínuo da comunicação social como fator condicionante não aparecem em nenhum lugar de maneira mais clara e completa do que na linguagem. A palavra é o fenômeno ideológico por excelência (BAKHTIN, 1997, p.36).

No caso da palavra nativa, ela é percebida como conteúdo familiar, em que os indivíduos habitualmente se identificam. Já a palavra estrangeira apresenta um papel

organizador ao longo dos períodos históricos, pois fez com que na consciência dos povos ela fosse relacionada com o poder e com a força. Uma vez que “a palavra estrangeira foi, efetivamente, o veículo da civilização, da cultura, da religião, da organização política” (BAKHTIN, 1997, p. 101), por exemplo, ela teve um grande papel ideológico.

Um produto ideológico, segundo o autor, faz parte de uma realidade natural ou social. Mas ao contrário do produto de consumo, também reflete uma realidade exterior, já que aquilo que é ideológico possui um significado e remete a algo fora de si mesmo (BAKHTIN, 1997). Assim como a cultura, o locutor não se utiliza da língua como um sistema de normas, mas sim como algo que está introjetado no inconsciente, pois “tal sistema é uma mera abstração, produzida com dificuldade por procedimentos cognitivos bem determinados” (BAKHTIN, 1997, p. 92). Ou seja, as relações entre linguagem e sociedade são efeitos das estruturas sociais, e a fala está ligada às condições de comunicação – que por sua vez, está condicionada à estrutura do espaço social.

De acordo com Bakhtin (1997), não são somente as formas morfológicas e sintáticas da enunciação que determinam o tema, mas também os elementos não verbais que envolvem a situação. A capacidade de atribuir nomes a coisas ou pessoas, definir práticas culturais por meio de uma língua, e rotular comportamentos individuais, integra um processo comunicacional intrínseco às narrativas, enunciados e representações construídos nas sociedades. Assim, ao aferirmos tais significados, instituímos um processo de representação através da linguagem, no qual alguns autores também vão abordar a difusão das identidades (HALL, 2001; WOODWARD, 2003).

Para Kathryn Woodward, “só podemos compreender os significados envolvidos nesses sistemas se tivermos alguma ideia sobre quais posições-de-sujeito eles produzem e como nós, como sujeitos, podemos ser posicionados em seu interior” (WOODWARD, 2003, p. 17). Dessa maneira, o entendimento dos significados provocado pelas representações é o que dá sentido ao que somos e à nossa experiência de mundo, que inclui não só as classificações feitas pela linguagem, mas também às nossas memórias e nossos modos de vida. Experiência que advém da nossa cultura, na qual está inserida um sistema próprio de classificação que irá construir os significados.

É pelo fato de as identidades estarem dentro do discurso que Stuart Hall (2003) atesta a necessidade de compreendê-las como produzidas em locais históricos específicos e por estratégias específicas. A definição discursiva e linguística está sujeita a relações de poder, o que significa que as definições também serão impostas. No que se refere ao contexto das relações sociais e culturais, há a tentativa de homogeneização dessas identidades, ao mesmo

tempo em que se prega uma tolerância ao diferente. No Brasil, podemos pensar a respeito da migração forçada de negros vindos da África, que foram escravizados por séculos, e que constituiu um país miscigenado, sob a ideia de uma identidade nacional. No entanto, essa “identidade única” provoca manifestações de desigualdade e desvalorização da diferença.⁶

Para os Estudos Culturais a concepção de identidade é relacional, pois, assim como a linguagem, a identidade também é fabricada por meio da marcação da diferença. Segundo Woodward (2003) essa marcação ocorre tanto por meio de sistemas de classificação, quanto por meio de formas de exclusão social. “A identidade, pois, não é o oposto da diferença: a identidade depende da diferença” (WOODWARD, 2003, p.40). Woodward ainda diz que essa produção é consolidada por aquilo que é “deixado de fora”, uma vez que dizer o que somos significa também dizer o que *não* somos. Com base nos estudos psicanalíticos, Hall apresenta o pressuposto de que a construção do “eu” depende do olhar do Outro. Sou o que sou, porque me reconheço na diferença do Outro; algo que Freud denomina de “a mais remota expressão de um laço emocional com outra pessoa” (HALL, 2003). Assim, a interação do “eu” com a sociedade é responsável pela formação da identidade do sujeito.

Além disso, o fenômeno da identidade está submetido a diversas áreas disciplinares, nas quais se destaca o processo inconsciente da formação da subjetividade a partir do encontro com o outro. A mudança também está relacionada às transformações da modernidade, como a globalização e a migração, argumenta Hall. A maioria das nações resultam de culturas que foram unificadas através de processos violentos de conquista, o que põem em xeque a ideia de uma identidade nacional. Em relação à cultura e às transformações históricas, o entendimento é que elas são ponto em comum na construção da identidade (HALL, 2003, 2006). A concepção identitária não pode ser assinalada como algo estável, como muitas culturas têm a pretensão de estabelecer. Por conseguinte, a identidade do sujeito também é moldada pelo mundo pós-colonial⁷ em que vivemos.

Partindo de seu caso pessoal, de jamaicano que viveu e atuou no Reino Unido⁸, Hall explica como essa busca identitária implica movimento. No caso do migrante, a identidade é

⁶ Sob o argumento da identidade miscigenada da nação, ainda há quem diga que não existe racismo no Brasil. Talvez este seja o mais perigoso tipo de discriminação, já que tira do negro o direito de se expressar contra a injustiça e de destacar nossas diferenças.

⁷ O termo é utilizado por teorias conhecidas como pós-colonialistas, que analisam os efeitos políticos, filosóficos e artísticos deixados pelo colonialismo nos países colonizados, tecendo críticas às narrativas eurocêntricas.

⁸ “Tendo sido preparado pela educação colonial, eu conhecia a Inglaterra a partir de dentro. Mas eu não sou e nunca serei ‘inglês’. Eu conheço ambos os lugares [Jamaica e Inglaterra] intimamente, mas eu não sou completamente de nenhum desses lugares. E isso é exatamente a experiência diaspórica, distante o suficiente

afetada por essa experiência, uma vez que a mudança de lugar e a inserção em uma nova cultura não pode ser desconsiderada. Essas personalidades diferentes são denominadas pelo autor como identidades diaspóricas, ou seja, nos permite compreender que não são fruto apenas de uma única cultura.

Também a partir da sua inscrição em duas culturas distintas, Homi Bhabha (1998) reflete sobre essa identificação plural e ao mesmo tempo parcial na qual se constituem os sujeitos culturais híbridos. Assim, a enunciação da cultura, cujo processo introduz uma quebra no presente performativo do reconhecimento cultural e o afastamento de singularidades, revela a identidade como algo resultante do confronto de sistemas culturais que se relacionam (BHABHA, 1998). Segundo o autor, o “estranho” é uma condição colonial e pós-colonial paradigmática e “cada vez mais, as culturas nacionais estão sendo produzidas a partir da perspectiva de minorias destituídas” (BHABHA, 1998, p. 25).

No que se refere à representação do espaço de imigrantes e refugiados, compreendemos que em um período no qual a onda migratória se acentua pelo mundo, diferentes culturas estão mais próximas, permeando o encontro do Eu com o Outro e, assim, moldando diferentes identidades e ocasionando choques culturais que promovem discursos de ódio também. No que diz respeito ao domínio da linguagem e das relações de poder, ao comunicar significados pré-estabelecidos, observamos que a instituição jornalística ocupa um lugar privilegiado no encontro com a diferença, já que pode construir aquilo que será dito sobre o outro.

2.2 Olhar e dizer o Outro

A partir de autores de áreas distintas como os Estudos Culturais, a Filosofia e a Semiótica, mas que em comum empregam argumentos das teorias psicanalíticas, percebemos que é quando olhamos o outro, que temos o reconhecimento e a consciência da nossa própria existência, já que é ao olhar o outro que identificamos a diferença.

A filósofa e psicanalista Julia Kristeva (1994), em *Estrangeiros para nós mesmos*, discorre sobre essa relação: o outro é aquele que não faz parte do grupo. A autora traça diferentes momentos da história ocidental e do pensamento moderno para pensarmos como o estrangeiro foi acolhido ou hostilizado pelas pessoas, sempre provocando estranhamento e revelando a face da nossa própria identidade, a partir do confronto do homem nativo com a

para experienciar o sentimento do exílio e perda, próximo o suficiente para entender o enigma de uma ‘chegada’ sempre adiada” (HALL *apud* ESCOSTEGUY, p. 142).

diversidade. Para ilustrar esse encontro, a autora busca argumentos por meio das respostas jurídica e política, junto também às concepções filosóficas. “Se voltarmos no tempo ou nas estruturas sociais, o estrangeiro é o outro da família, do clã, da tribo. Inicialmente, ele se confunde com o inimigo” (KRISTEVA, 1994, p. 100).

Kristeva (1994) remonta o contexto da Grécia desde os tempos homéricos, uma vez que o período marca um mundo permanentemente fechado em si e com manifestações de preconceitos contra o estrangeiro. Nos atentamos para os chamados “metecos”, os estrangeiros domiciliados na cidade, que eram de certa forma tolerados pelos nativos, porque seu comércio e seus artesanatos eram úteis às cidades. Um cenário que situa a oposição ao homem político, que é o cidadão (KRISTEVA, 1994). Se pensarmos sobre essa utilidade econômica do estrangeiro, nossa percepção indica que o meteco é, hoje, o trabalhador imigrado na sociedade capitalista, que em troca de um lugar para viver tem de comprovar o seu interesse pelo trabalho e vender a sua mão de obra.

Já a denominação “bárbaros” foi o termo encontrado para designar os não-gregos, pessoas estrangeiras e cuja língua materna não era a grega. Uma vez que apresentavam uma fala “pesada e lenta”, eram, basicamente, incompreensíveis. Como é sabido, ao longo da história, o termo “bárbaros” seguiu durante a expansão territorial para classificar os povos recém conhecidos. Para além da diferenciação por meio da linguagem, com a formação dos estados-nação temos uma definição moderna: o estrangeiro é aquele que não tem a mesma nacionalidade, de acordo com a autora. Há de se considerar também que pertencer ao mesmo grupo pode estar associado à cultura como instrumento de segregação pela sociedade. “Para Sócrates, a palavra grego não designa uma raça, mas aquele de cultura e chamamos de gregos mais aos que participam da nossa educação dos que aos que têm a mesma origem que nós” (KRISTEVA, 1994, p.58). Ademais, o estrangeiro pode ser os excluídos, os marginais, os dessemelhantes.

Da mesma forma, o Outro desqualificado enquanto sujeito está presente na abordagem semiótica de Eric Landowski (2002). E é justamente na sua presença e na sua interação que estão as noções essenciais dos discursos verbais ou não-verbais do grupo de referência, que tende a atribuir à alteridade uma definição negativa. Além disso, se foca pontualmente em diversas manifestações que fixam um sistema de estereótipos para diferenciar-se do Outro, seja para supervalorizar, seja para depreciar por si mesmas, sem a preocupação com o lugar que elas ocupam.

O que dá forma à minha própria identidade não é só a maneira pela qual, reflexivamente, eu me defino (ou tento me definir) em relação à imagem que outrem me envia de mim mesmo; é também a maneira pela qual, transitivamente, objetivo a *alteridade do outro* atribuindo um conteúdo específico à diferença que me separa dele (LANDOWSKI, 2002, p. 4).

Por outro lado, além da necessidade de diferenciar-se do outro, comumente deparamo-nos com um processo que busca “aceitar” o diferente, ao qual o autor denomina de assimilação. Neste caso, o acolhimento do diferente passa por integrá-lo ao grupo que pertencemos, como se não houvesse diferença e fôssemos todos iguais, ainda que inúmeras individualidades nos separem. Assim, a assimilação atua para que o estrangeiro faça parte de nós e para que perca a condição de Outro.

É preciso salientar, ainda, que as representações estão sustentadas por uma “falta”. O conteúdo que remete à falta é “o complementar indispensável e inacessível, imaginário ou real” (LANDOWSKI, 2002), cuja sensação provocada no indivíduo é de uma incompletude. Assim, diante dos outros, a parte que nos falta é permanente, e estaremos sempre à espera de nós mesmos. Por meio dos argumentos de Lacan, Stuart Hall (2016) também segue a linha da abordagem psicanalítica, desde o exemplo da criança com a mãe para o reconhecimento do sujeito enquanto sexuado, até o desvelamento dos elementos comuns que dão ao Outro a subjetividade surgida através da relação psíquica. Primeiramente, o sujeito somente será sujeito ao olhar-se no espelho⁹ ou ao ver-se refletido no olhar da mãe, que é o primeiro olhar do outro.

Nossa subjetividade é formada por este diálogo problemático, nunca concluído e inconsciente com o “Outro” - com internalização do “Outro”. É formada em relação a algo que nos completa, mas que - por se encontrar fora de nós -, de certa forma, sempre nos falta (HALL, 2016, p. 159).

Se a definição da identidade do sujeito passa por aquilo que não é — jamaicano, uma vez que não é britânico, por exemplo -, os “nãos” e as faltas são o que constituem o ser. O indivíduo segue assim por toda sua vida, dependendo de uma relação inconsciente com os outros significantes para ter consciência do que é. É, assim, constituído por todos os outros que experienciou quando desse encontro contrastante e problemático.

No que diz respeito à falta, se pensarmos nos polos de oposição binária nos quais a diferença poderá ser negativa e um dos extremos o polo dominante, a percepção é de que para o preto, falta ser branco; para a mulher, falta ser homem; para o homossexual, falta ser

⁹Metáfora Lacaniana, o Estágio do Espelho corresponde ao sujeito psíquico da Psicanálise, no qual ele se reconhece através do Outro. Não se refere necessariamente à experiência concreta da criança frente ao espelho, mas de sua identificação plena por meio da transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem.

heterossexual. No caso de uma mulher negra e lésbica, a sua identidade é constituída por diversas faltas em contraste ao grupo hegemônico dos polos binários, pois o dominante inclui o outro dentro da sua área de ações. Ou seja, os grupos subalternos estão marcados por inúmeras faltas: não branco, não homem, não nativo, não heterossexual.

Diante da diversidade, a pergunta que Hall (2016) nos lança é: “Como representamos as pessoas e os lugares que são significativamente diferentes de nós?”. Além de nos instigar a explorar reflexões acerca do interesse dos indivíduos por essa diferença, o autor demonstra que tal interesse, por vezes, acaba tornando o diferente como exótico e promovendo sua representação como algo espetacular. Dessa maneira, assim como explicitou Landowski (2002), é necessário darmos atenção especial aos procedimentos de representação que atingem a estereotipagem.

Nesse sistema, Hall nos indica como é produzida a identificação do Outro para firmar significados. Uma vez que a cultura é cambiante, será produzida, então, a naturalização do indivíduo, na qual suas características passam por uma fixação para atestar que elas não mudam, são permanentes. “A “naturalização”¹⁰ é, portanto, uma estratégia representacional que visa fixar a “diferença” e, assim, ancorá-la para sempre. É uma tentativa de deter o inevitável “deslizar” do significado para assegurar o “fechamento” discursivo ou ideológico” (HALL, 2016, p. 171).

Ao reduzir a prática cultural do outro e naturalizar a sua diferença, percebe-se que o discurso estereotipado está fundado nas oposições binárias as quais discutimos anteriormente, uma vez que mostra-se como prática representacional executada pelo grupo que detém o poder e exerce a exclusão. Ao mesmo tempo, a subjetividade desse discurso está ancorada em um sentimento de recusa do Outro, do dessemelhante. Para ilustrar como se projeta esse sentimento, Hall (2016) cita Frantz Fanon¹¹, que argumentava que, no caso do racismo, ele surgia a partir da recusa do branco em reconhecer do ponto de vista do outro a pessoa negra.

Por outro lado, também é fundamental destacar que o poder não está somente relacionado à coerção física ou econômica. A violência simbólica, causada pelo poder de definir e marcar, ou seja, o poder na representação (SAID, 1995; HALL, 2016), está ligada ao estabelecimento de uma hegemonia de quem possui o conhecimento seja nas artes, na

¹⁰ Um exemplo é o contato ocorrido após a expansão do imperialismo e a partilha da África para justificar a escravização de negros capturados, no qual o “conquistador” alegava a dificuldade genética do negro em ser civilizado (HALL, 2016). Assim, a estereotipagem atribuía ao negro o lugar de selvagem, objeto de estudo; e ao branco o de civilização.

¹¹ Filósofo francês que abordava o racismo e o pensamento descolonial, analisando os processos de colonização a partir de aspectos sociológicos, filosóficos e psiquiátricos.

literatura ou na comunicação. Até mesmo o movimento abolicionista ao apresentar suas campanhas em favor da libertação dos negros, demonstrava os vestígios dos estereótipos, uma vez que não enfatizava a diferença, mas a “humanidade em comum” (HALL, 1997).

Na condição de a estereotipagem tender a ocorrer onde está localizada a desigualdade de poder, tanto econômica, como no conhecimento, mais do que conquistar o espaço de representação, teria o Outro também que conquistar o direito de narrar-se, fugindo assim, de uma possível abordagem paternalista? Tendo em vista essa relação, ainda que busquemos construir um discurso de valorização da diferença e combate à desigualdade, debruçar-se no difícil reconhecimento de um lugar privilegiado de fala também tem se mostrado um desafio para os movimentos sociais e para os intelectuais. Para isso, uma das principais autoras do movimento pós-colonialista, Gayatri Spivak, nos auxilia a compreendermos a incongruência de tentar explicar o mundo a partir de um ponto de vista do grupo dito como de referência. É nessas circunstâncias que Spivak (2012) tensiona: *Pode o subalterno falar?* Sem considerar o sentido literal da expressão, mas sim a ausência do diálogo na fala dos grupos subalternos, uma vez que eles não podem falar e quando tentam fazê-lo não encontram meios para se fazer ouvir (SPIVAK, 2012). Em uma sociedade patriarcal e racista, o discurso legitimado é o do homem branco heterossexual, ou seja, os “outros” que não são a norma são impedidos de falar em um regime de autorização discursiva.

A autora faz críticas¹² às concepções de soberania do sujeito, que são teorizadas pelos intelectuais, inclusive aos trabalhos de Deleuze e Foucault, interrogando os fundamentos da ciência e da filosofia europeias à luz das experiências e dos saberes provenientes dos sujeitos subalternos dos territórios coloniais, tendo em vista que a ideia de um sujeito autônomo é uma concepção específica do Ocidente. Assim, a apreensão do Outro a partir de referenciais culturais distintos, seria inacessível. A ideia de uma cultura estanque que origina um sujeito coletivo homogêneo é problemática, visto que o discurso intelectual também precisa refletir a heterogeneidade dos movimentos. Para isso, combater a subalternidade se efetivaria não falando pelo, mas criando mecanismos para que o subalterno¹³ se articule e seja ouvido (SPIVAK, 2012). Nesse sentido, ao teorizar a realidade, falta para o intelectual uma discussão mais aprofundada sobre as questões de representação, pois a fala do subalterno é

¹²Sob o contexto do “sacrifício de viúvas” na Índia e do relato da história do suicídio de uma jovem indiana que não pode se autorrepresentar fora do contexto patriarcal e pós-colonial, por ser mulher e pela condição de viuvez.

¹³ A autora define subalterno como as “camadas mais baixas da sociedade constituídas pelos modos específicos de exclusão dos mercados, da representação política e legal, e da possibilidade de se tornarem membros plenos no estrato social dominante” (SPIVAK, 2012, p.13).

atravessada por inúmeras subjetividades que podem não transparecer o desejo genuíno do sujeito.

Não é possível desconsiderar, também, que os centros hegemônicos têm a capacidade de se apropriar dos discursos e, assim, tratar o sujeito como excepcionalidade. Tal leitura parte da consciência de que as classes hegemônicas têm o poder de criar a sua representação e o seu discurso. Além de reafirmar o compromisso com uma escrita que privilegie a diversidade, é preciso questionar também se os grupos de referência estão dispostos à abertura pela compreensão do discurso do outro, ou apenas se valem dele para a sua própria necessidade de legitimação de fala.

Para a filósofa Djamila Ribeiro (2017), Spivak também é uma autora importante para se pensar o lugar de fala, já que ela expõe como os grupos subalternos “não têm direito à voz, por estarem num lugar no qual suas humanidades não foram reconhecidas” (RIBEIRO, 2017, p.74). Por outro lado, Ribeiro (2017) questiona se o subalterno não consegue romper o silêncio em algum momento. Com base nas leituras das autoras Patricia Hill Collins e Grada Kilomba, a filósofa tensiona o silêncio do subalterno, caso ele seja uma afirmação absoluta. Pois sendo assim, estaria sendo legitimada a norma colonizadora.

O direito à voz, no sentido de existência, está atrelado ao lugar social imposto que dificulta e, por vezes, impede a possibilidade de transcendência. Essa localização de poder dentro da estrutura serve para discutir como o grupo social subalternizado, que compartilha experiências em comum, é atravessado pela matriz de dominação que impossibilita que esse grupo exista em determinados espaços (RIBEIRO, 2017). A autora explica que o grupo localizado no poder não se entende como específico, mas sim como universal. Ao mesmo tempo, há uma confusão acerca do lugar de fala com a representatividade, pois muitas pessoas acreditam, por exemplo, que brancos não podem discutir racismo. Ao contrário dessa visão essencialista, Ribeiro (2017) afirma que todo mundo tem lugar de fala, uma vez que está localizado socialmente. O ponto fundamental é pensar como falar a partir do seu lugar sobre outras questões, para assim, refletir de uma maneira ética e se responsabilizar na contribuição para uma sociedade menos desigual.

Dessa maneira, é essencial o exercício da escuta por parte de quem sempre foi autorizado a falar. A dificuldade do grupo hegemônico em ouvir revela o incômodo que é gerado a partir da ruptura com a voz única e do conteúdo trazido por vozes silenciadas, que provocam sentimentos como ansiedade, culpa e vergonha, mas, mais do que isso, que provocam conflitos em relação à mudança (KILOMBA *apud* RIBEIRO, 2017).

Considerando a alteridade como uma relação de contraste do encontro entre *um eu e um outro*, na qual o sujeito teria a capacidade de, a partir de reconhecer-se num grupo social, deslocar-se para tentar compreender o outro, quais seriam as vozes presentes na narrativa para não transformar a diferença em desigualdade e fixar estereótipos? Ao trabalhar as questões de subjetividade na narrativa jornalística, precisamos compreender também as estruturas desse espaço social onde se encontram essas vozes e as espacialidades produzidas pelas narrativas do jornalismo, para refletirmos sobre como o jornalista se coloca diante de seu representado.

2.3 Espaço e espacialidades do Outro

A partir da compreensão de um mundo em transformação e de autores que realizam uma análise crítica ao sistema de produção capitalista, percebemos que próximo ao conceito de cultura, também está o de espaço. Nesse sentido, é necessário ressaltar que as noções de espaço aparecem sempre atreladas às noções de tempo para pensarmos sobre como se dão os processos sociais, culturais e políticos.

De maneira geral, os autores apresentam esses conceitos como sendo constituídos pelas práticas humanas (trabalho, lazer, mobilidade, comunicação, etc), pois são categorias básicas para o entendimento acerca dos domínios na sociedade e da busca incessante pelo capital. Para além dos elementos topográficos e físicos, o espaço também é o território socialmente construído, no qual envolve questões subjetivas e culturais e onde as interações dos indivíduos imprimem suas marcas no cotidiano. Ou seja, o espaço é sempre uma relação social (BOURDIEU, 2007; HARVEY, 1999; SANTOS, 1988). Dessa maneira, as práticas espaciais não podem ser compreendidas independentemente da ação social e das relações de poder (HARVEY, 1999).

Harvey (1999) tensiona os dilemas do modernismo e do pós-modernismo pensando o tempo e o espaço de acordo com cada modo de produção ou formação social, uma vez que cada um deles irá incorporar práticas distintas. Nesta visão marxista, ao mesmo tempo em que o capitalismo tem seus processos materiais em constante mudança, a luta de classes aparece como um dos agentes que modificam a relação espaço/tempo (HARVEY, 1999). A busca dos trabalhadores das fábricas por seus direitos e melhores condições de trabalho em detrimento de uma carga horária e de um meio que visavam somente o lucro, é um exemplo.

Milton Santos (1988) explica que por bastante tempo confundia-se a designação de espaço com a *paisagem*¹⁴. A paisagem está ligada à percepção, sendo o que vemos, mas também o que sentimos (volumes, sons, odores). Assim, mesmo que as formas permaneçam iguais, elas podem nos oferecer espaços diferentes em uma sociedade que é mutável. Para o autor, a paisagem é relativamente permanente, enquanto a espacialização é circunstancial, é produto de uma mudança de estrutura ou função, um momento da inserção territorial dos processos sociais (SANTOS, 1988).

Já o espaço é mais do que isso, pois, segundo Santos (1994), ele é, em todos os tempos, o resultado do cruzamento entre sistemas de objetos e sistemas de ações. Desde a modernidade, por exemplo, as noções de tempo e espaço estiveram atreladas às tecnologias do transporte mecânico, uma vez que a introdução de uma nova tecnologia, além de nos fazer repensar as dimensões de espaço, também gerou novas espacialidades, criando diferentes relações entre as pessoas. Identifica-se, em todos os períodos históricos, que o homem construiu seu espaço de acordo com a sua relação com a natureza e com as técnicas que inventava para sua própria sobrevivência. A partir das suas necessidades, cada grupo humano organizava, assim, a sua vida e o seu espaço (SANTOS, 1994). Ainda conforme Santos (1988): “quando todos os lugares foram atingidos, de maneira direta ou indireta, pelas necessidades do processo produtivo, criam-se, paralelamente, seletividades e hierarquias de utilização com a concorrência ativa ou passiva entre os diversos agentes” (SANTOS, 1988, p.11).

Uma questão importante a ser considerada é o progresso, já que ele implica a conquista do espaço (HARVEY, 1999). Não à toa, em diferentes períodos históricos, por vezes, foi utilizado como argumento para o investimento em novas tecnologias e para a exploração de novos territórios. Da partilha da África à corrida do homem para chegar à Lua, a busca pelo domínio do espaço mostra que, se a lição é de que “tempo é dinheiro”, território é poder, uma vez que “quem domina o espaço sempre pode controlar a política de lugar, mesmo que, e isso é um corolário crucial, primeiro assuma o controle de algum lugar para controlar o espaço” (HARVEY, 1999, p. 213). No jogo social, quem domina o dinheiro, domina o tempo e o espaço: logo, detém a manutenção do poder político.

Milton Santos (2006) também ressalta a disputa pelo uso do espaço: “o espaço se dá ao conjunto dos homens que nele se exercem como um conjunto de virtualidades de valor desigual, cujo uso tem de ser disputado a cada instante, em função da força de cada qual”

¹⁴ Paisagem, espaço, local, lugar, território são termos que apresentam distinções na Geografia, mas são usados aleatoriamente pelo senso comum.

(SANTOS, 2006, p. 215). Considerando também os efeitos da globalização, o autor exemplifica que as tentativas de construção de um mundo unificado sempre conduziram a conflitos, porque aquilo que globaliza acaba por destruir e não unir. As grandes cidades são os lugares que mais propiciam os encontros, inclusive a própria divisão do trabalho dentro das cidades é o resultado da conjugação desses fatores. Se o lugar da tribo promovia a união pela semelhança dos sujeitos, o *lugar* é o espaço de cooperação na diferença (SANTOS, 1994).

A cidade é o lugar em que o Mundo se move mais; e os homens também. A co-presença ensina aos homens a diferença. Por isso, a cidade é o lugar da educação e da reeducação. Quanto maior a cidade, mais numeroso e significativo o movimento, mais vasta e densa a co-presença e também maiores as lições e o aprendizado (SANTOS, 1994, p. 40).

Para o sociólogo francês Pierre Bourdieu (2007), o espaço físico é o símbolo do espaço social e também motivo de conflito. Com a chegada do outro no espaço, instala-se, assim, um choque de significados e uma busca por novas interpretações. Como qualquer um dos sujeitos contemporâneos que vivem nas grandes cidades modernas, os imigrantes também possuem suas incertezas diante do futuro, sobretudo porque “quando o homem se defronta com um espaço que não ajudou a criar, cuja história desconhece, cuja memória lhe é estranha, esse lugar é a sede de uma vigorosa alienação” (SANTOS, 2006, p. 222).

Ainda que na diáspora as cidades sejam compostas por muitos povos, esse deslocamento moderno, como aponta Hall (2003), ainda traz a sensação de que não é preciso ir muito longe para não “sentir-se em casa”. Presume-se que a identidade cultural seja fixada no nascimento e a experiência de vivenciar um outro espaço social causa no indivíduo o sentimento de estar “deslocado” e o desejo do regresso. A falta de oportunidades faz as pessoas migrarem, “mas cada disseminação carrega consigo a promessa do retorno redentor” (HALL, 2003, p.28).

Em consonância com a ideia de que a identidade cultural passa por um sentimento de pertencimento comum em relação ao espaço social e, por consequência, recebe influência do território onde o indivíduo se encontra como base significativa, Rogério Haesbaert (1999) explica que as expressões “identidade” e “território” estão relacionadas. Dessa maneira, exercemos domínio sobre o espaço tanto para realizar funções quanto para produzir significados. Em meio às várias abordagens da complexidade do conceito de território, o autor trabalha com uma perspectiva simbólico-cultural para exprimir a relação entre cultura e espaço, fundada em valores e significados que contribuem para a construção de uma

identidade (HAESBAERT, 1999). Hall (2003) acrescenta, por exemplo, que a globalização cultural é desterritorializante em seus efeitos, já que mesmo as culturas tendo seus locais, não é fácil dizer de onde elas se originam. Logo, há uma configuração sincretizada de muitas identidades culturais nos territórios.

De acordo com Haesbaert (2004), o território pode ser compreendido como recurso para o lucro e o controle físico, mas também como símbolo de uma segurança afetiva, significando abrigo e lar. Portanto, perder seu território é como desaparecer. O território, neste caso, “não diz respeito apenas à função ou ao ter, mas ao ser” (HAESBAERT, 2004, p. 4). As razões do controle social pelo espaço variam conforme a sociedade ou a cultura, mas o fato é que controla-se a área geográfica visando afetar, influenciar ou controlar as pessoas. No caso dos dominantes, o caráter funcional e mercantil é priorizado, enquanto para os dominados o território é a garantia de sua sobrevivência cotidiana (HAESBAERT, 2004). Com esta dominação territorial, ficam alijados das fronteiras os forasteiros, impedidos de entrar.

Assim, o espaço é um dos lugares onde o poder se afirma e se exerce (BOURDIEU, 2007) e as manifestações culturais desenvolvidas pela sociedade também compõem o espaço que o homem constrói como o seu lugar.

Não há espaço, em uma sociedade hierarquizada, que não seja hierarquizado e que não exprima as hierarquias e as distâncias sociais, sob uma forma (mais ou menos) deformada e, sobretudo, dissimulada pelo efeito de naturalização que a inscrição durável das realidades no mundo natural acarreta (BOURDIEU, 2007, p.160).

O efeito de naturalização a que Bourdieu (2007) se refere, corresponde às relações sociais do espaço que naturalizamos ao longo da vida, da mesma forma que agimos de acordo com determinada cultura na qual nascemos inseridos. Ou seja, há um tempo e lugar para tudo na sociedade, na qual estruturas sociais e mentais se manifestam em elementos de distinção até mesmo na linguagem (BOURDIEU, 2007). Para Harvey (1999), o espaço também é tratado como um fato “naturalizado”, do cotidiano, que pode até ser medido, pois há lugares definidos para certas atividades e onde certas interações sociais prevalecem. Assim, todo sistema de representação é uma espécie de espacialização. A maneira como representamos o espaço afeta o modo como vemos e interpretamos o mundo e como agimos em relação a ele. “A própria palavra escrita abstrai propriedades do fluxo da experiência e as fixa em forma espacial” (HARVEY, 1999, p. 191).

Para Bourdieu (2007), é preciso desconstruir a naturalização e desenvolver uma análise rigorosa das relações entre as estruturas dos espaços social e físico, já que os agentes sociais¹⁵ são constituídos pelo social e o *lugar* pode ser definido como o ponto físico onde um agente se encontra situado, considerando a perspectiva do pertencimento.

O conceito de lugar também apresenta diferentes pontos de vista, podendo ser relacionado às experiências, aos afetos, ao pertencimento e a uma construção. No que se refere à Geografia Humanística, na maioria das vezes o lugar está associado ao espaço vivido, já que é uma possibilidade de explicar a construção do mundo, marcado pela experiência e percepção. Assim, “o lugar não pode ser compreendido sem ser experienciado” (TUAN *apud* MOREIRA, 2007, p. 51). Por outro lado, segundo Moreira (2007), a corrente crítica da Geografia incorpora a ação dos fenômenos externos. O lugar deixa de ser apenas espaço vivido e passa a ser também uma construção socioespacial.

No que se refere ao lugar de fala, mais do que experiências individuais, ele trata de experiências comuns que resultam do espaço social. De acordo com a filósofa Djamilia Ribeiro (2017), a origem da expressão *lugar de fala*, por exemplo, não é precisa, mas vem sendo utilizada a partir da discussão feminista que busca evidenciar a diversidade, a teoria racial e o pensamento descolonial. No caso da população negra, o lugar social impede que ela acesse determinados espaços. Dessa maneira, o movimento social contemporâneo, no intuito de se colocar contra uma autorização discursiva, utiliza o termo para entender como o lugar social que certos grupos ocupam os restringem de oportunidades (RIBEIRO, 2017).

Não poder acessar certos espaços, acarreta em não se ter produções e epistemologias desses grupos nesses espaços; não poder estar de forma justa nas universidades, meios de comunicação, política institucional, por exemplo, impossibilita que as vozes dos indivíduos desses grupos sejam catalogadas, ouvidas (RIBEIRO, 2017, p. 64).

A estrutura do espaço social se manifesta nos contextos mais diversos, sob a forma de oposições espaciais, com o espaço habitado funcionando como uma espécie de simbolização espontânea do social (BOURDIEU, 2007). O acontecer do cotidiano e o uso do espaço estão vinculados aos ritmos de vida. No caso da mobilidade dos sujeitos, podemos notar que as relações ficam marcadas pela transitoriedade. No que se refere às migrações, a nova cidade, os percursos, as pessoas que serão conhecidas, tudo marca uma espacialidade de encontro

¹⁵ O conceito de agente social de Bourdieu tem o objetivo de superar a noção de sujeito do estruturalismo, já que o agente não é estático, é aquele que age e luta.

cultural e também suscita o espaço da experiência, fazendo com que o estrangeiro remonte a memória do seu lugar anterior. Logo, os usos instituem os significados dos espaços.

Santos (1994) lembra que as ações são envolvidas por uma racionalidade que na maioria das vezes está a serviço do grupo hegemônico. Uma ação intencional que pensa e reconstrói as mudanças espaciais de modo a interferir na vida das pessoas, mesmo que ocorra de longe. As transformações socioespaciais que a contemporaneidade trouxe, enquanto produto dessas interações e representações, portanto, fabricam a configuração atual do espaço habitado. A maneira como a humanidade se expandiu e se distribuiu acarretou sucessivas mudanças demográficas e sociais em cada país, mas também em cada região. Essa evolução dinâmica da população mundial é entendida a partir da distribuição da população entre as diversas áreas do globo, levando em conta as migrações cada vez mais frequentes e como as porções de território ocupadas pelo homem vão desigualmente mudando (SANTOS, 1988).

Se pensarmos nos conflitos pós-coloniais, enquanto manifestação desse tempo, percebemos que eles originaram muitos imigrantes e refugiados, acentuando assim, uma das características do espaço habitado que é a sua heterogeneidade. Desde os primeiros deslocamentos da humanidade, o encontro de culturas acarretou uma hibridização, mas ao mesmo tempo a divisão das pessoas e, conseqüentemente, de territórios. Bairros separados por classes sociais e lugares valorizados pelos tipos de pessoas que os habitam são muros invisíveis das cidades que demarcam identidades e diferenças, regulando a conduta social. Assim como as fronteiras, que não são físicas e sim carregadas de significados. Logo, a exclusão também constitui o espaço (BOURDIEU, 2007). Bauman (2009) lembra que o medo de viver nas cidades com esses estrangeiros implica na obsessividade das pessoas em traçar fronteiras. Quanto mais o espaço se reduz, mais as pessoas buscam emergir as diferenças para legitimar as fronteiras.

As diferenças que se tornam significativas e importantes em decorrência da natureza da fronteira, e as intenções que estão por trás dessa fronteira, são diferenças atribuídas a pessoas que demonstram a indecente tendência a ultrapassar as fronteiras e aparecer de surpresa em locais para os quais não foram convidados (BAUMAN, 2009, p. 77).

O lugar de origem do indivíduo é tão relevante que a mobilidade espacial é o que torna facilmente a demarcação do imigrante como estrangeiro para o grupo. A desordem que a chegada do outro gera no espaço faz com que crianças sejam separadas dos pais, com portos sejam fechados e com que muros físicos sejam erguidos apressadamente – medidas que

passam a ser defendidas em diversos países e assistidas de maneira passiva diante dos noticiários.

As pessoas buscam informação em um espaço dado e já consolidado, por meio dos jornais, revistas, sites, televisão e rádio. Mas as narrativas jornalísticas que apresentam essa travessia de fronteiras, assim como demarcam as características de hierarquia do espaço, também são compreendidas por uma hierarquização, a qual privilegia fontes e define aquilo que será representado. Integrada às lógicas capitalistas, a mídia desempenha o papel de informar e de representar toda uma sociedade, organizando o registro de um tempo. A intervenção do migrante no espaço é representada por sua presença corporal e o jornalismo evita comunicar que esses corpos tomam a cidade por meio de uma possessão. É recorrente nas reportagens o lugar hierarquizado de mão de obra ocupado pelo estrangeiro (COGO, 2015a). Uma vez que narrar é uma forma de organização discursiva, aqui a comunicação aparenta utilizar estratégias de representação da mobilidade apenas como espaço da busca pelo trabalho.

Por meio dessa perspectiva, podemos refletir sobre quais espacialidades da imigração são produzidas pela mídia e pensar como a mobilidade do outro é constituída em um espaço hierarquizado, já que ao falar de um lugar distante (de um texto, de onde a gente lê, de onde escreve) podemos acabar por criar não realidades (BOURDIEU, 2007). No caso da vinda de haitianos para o Brasil, por exemplo, as disputas de sentidos da nova imigração instauradas pela mídia “colaboram para reafirmar que os espaços midiáticos são lugares de construção e proposição de modos de vivenciar a alteridade representada pelos imigrantes” (COGO, 2015a, p. 12). Nesse sentido, o espaço dado à diferença também corresponde ao sistema de valores vigente na cultura do Brasil que, por conseguinte, influenciará os saberes dominantes acerca desses sujeitos que atravessam fronteiras físicas e culturais e que geram novas espacialidades nas formas de se relacionar e se orientar.

2.4 Diferença à brasileira: uma herança colonial

É comum percebermos narrativas de um país miscigenado sobre o Brasil, onde a formação de um povo com tanta diversidade cultural teria possibilitado uma relação mais solidária e harmoniosa com as diferenças. No entanto, as marcas de uma histórica exploração e dominação da mão de obra do dito diferente demonstra que essa relação é conflituosa até a contemporaneidade e que os marcadores sociais presentes na formação do estado brasileiro também ditam o acesso a determinados espaços pelos sujeitos. Em *O povo brasileiro: a*

formação e o sentido do Brasil, por meio de uma explanação histórico-antropológica, Darcy Ribeiro (1995) apresenta as configurações que o povo brasileiro foi tomando ao longo dos séculos para compreendermos o que somos hoje. Foi a partir do encontro dos portugueses com os índios pelas praias brasileiras, que teve início o choque de concepções de mundo não só diferentes, como também opostas (RIBEIRO, 1995).

O período de colonização é igualmente marcado pela construção de uma imagem dos indígenas associada à indolência ou à preguiça pelas frentes colonizadoras diante da resistência dessas populações em ocupar a posição de escravos ou subalternos. Da mesma forma, o autor cita a expansão do domínio português sobre as terras brasileiras sob a atuação do que ele denomina “brasilíndios”, os filhos gerados por homens brancos e mulheres indígenas, e que em nome da prosperidade avançavam mata adentro em busca de uma mercadoria valiosa: índios para a venda. “Os brasilíndios foram chamados de mamelucos pelos jesuítas espanhóis horrorizados com a bruteza e desumanidade dessa gente castigadora de seu gentio materno” (RIBEIRO, 1995, p. 107).

Dizimados pela violência e pelas doenças do colonizador, os índios foram submetidos a um processo de aculturação por meio desse convívio. Ainda assim, as diversas etnias indígenas no Brasil conseguiram resistir na preservação de suas tradições. Logo, a identificação tribal delas foi reconhecida pela sociedade nacional, que pelo desejo de diferenciar-se e demarcar superioridade diante dos indígenas começa a reconhecer-se como “brasileiro” a partir da percepção de estranheza que provocava no lusitano (RIBEIRO, 1995).

Já a diversidade cultural e também linguística dos negros introduzidos no Brasil ¹⁶teve importância crucial nessa formação. Além da presença como massa trabalhadora que produziu quase tudo que aqui se fez, o negro marcou com sua cor mais forte a nossa mistura racial e cultural. Sobretudo, a exploração e a violência que sofreu ao ser escravizado determinaram a atual segregação social a que estão subjugados os negros na sociedade brasileira. Ao serem libertos após a Abolição¹⁷, a mais tardia da história, os negros que haviam sido escravizados rumaram pelas estradas em busca de locais para ficar, mas eles não podiam estar em lugar algum e caíram, então, em uma condição extrema de miserabilidade. “A análise do crescimento da população brasileira e de sua composição segundo a cor é

¹⁶ Com o início da produção de açúcar na primeira metade do século XVI, os portugueses trouxeram mulheres e homens africanos de suas colônias na África para utilizar como mão de obra escrava nos engenhos do Nordeste.

¹⁷ À medida em que o Abolicionismo se fortalecia no país, em 13 de maio de 1888, há 130 anos, o Senado do Império do Brasil aprovava uma das leis mais importantes da história brasileira, a Lei Áurea, que foi assinada pela Princesa Isabel e extinguiu a escravidão. Um processo que foi conduzido pelas elites brasileiras de uma maneira conservadora, sem reforma agrária e sem reparação aos negros escravizados.

altamente expressiva das condições de opressão que o branco dominador impôs aos outros componentes” (RIBEIRO, 1995, p. 228). Ontem escravos, hoje ainda vítimas do racismo e compondo a linha mais ampla das classes sociais brasileiras, na qual a grande massa oprimida é a população negros moradores das favelas e periferias (RIBEIRO, 1995).

Os efeitos do fator raça e do período de escravidão também deixaram uma herança subjetiva presente na nação, como destaca Darcy Ribeiro.

Nenhum povo que passasse por isso como sua rotina de vida, através de séculos, sairia dela sem ficar marcado idelevelmente. Todos nós, brasileiros, somos carne da carne daqueles pretos e índios supliciados. Todos nós brasileiros somos, por igual, a mão possessa que os supliciou. A doçura mais terna e a crueldade mais atroz aqui se conjugaram para fazer de nós a gente sentida e sofrida que somos e a gente insensível e brutal que também somos. Descendentes de escravos e de senhores de escravos seremos sempre servos da malignidade destilada e instalada em nós, tanto pelo sentimento da dor intencionalmente produzida para doer mais, quanto pelo exercício da brutalidade sobre homens, sobre mulheres, sobre crianças convertidas em pasto de nossa fúria.

A mais terrível de nossas heranças é esta de levar sempre conosco a cicatriz de torturador impressa na alma e pronta a explodir na brutalidade racista e classista. Ela é que incandesce, ainda hoje, em tanta autoridade brasileira predisposta a torturar, servir e machucar os pobres que lhes caem às mãos (RIBEIRO, 1995, p. 120).

Além disso, Ribeiro (1995) explica que a característica distintiva do racismo brasileiro está relacionada com a cor da pele do sujeito e não exatamente com sua origem racial. Nesta linha, para autores como Stuart Hall (2003), a *raça* é uma construção política e social. Ao discorrer sobre as duas maiores comunidades pós-migratórias não brancas da Grã-Bretanha, por exemplo, o pesquisador problematiza a ideia oriunda da biologia de que a raça traduz a experiência afro-caribenha por causa da cor da pele, pois fornece um mapeamento grosseiro dessas comunidades em sua constituição multicultural. Para o autor, raça funciona como “a categoria discursiva em torno da qual se organiza um sistema de poder socioeconômico, de exploração e exclusão - ou seja, o racismo” (HALL, 2003, p. 66).

Nesse mesmo sentido, Silvio Almeida (2018) argumenta que a noção de raça é um fator político que serve para naturalizar a segregação de grupos sociologicamente minoritários. O significado de raça está ligado ao ato de estabelecer classificações, pois é um fator que opera:

- 1) como **características biológicas**, em que a identidade racial será atribuída por algum traço físico, como a cor da pele;
- 2) como **característica étnico-cultural em que a identidade é associada à origem geográfica**, à religião, à língua ou outros costumes, a uma certa forma de existir (ALMEIDA, 2018, p. 24).

Além de tornar a raça um marcador da diferença, a expansão econômica mercantilista e a descoberta de novos territórios contribuíram para a base material das reflexões renascentistas, que mais tarde criou o ideário filosófico do europeu como homem universal e os outros povos e culturas em menos evoluídos (ALMEIDA, 2018).

Por isso, no Brasil, o período de substituição da mão de obra escravizada de pessoas negras pela política de incentivo de migração de pessoas brancas de origem europeia representa uma tentativa de inserir no país uma “cultura mais evoluída”. Representa, principalmente, um projeto de estado-nação que passa pelo processo de “branquização” da população. O papel do imigrante europeu foi fundamental como formador de conglomerados regionais na região sul do país, criando paisagens com características europeias e populações predominantemente brancas (RIBEIRO, 1995).

Nesse projeto de nação, os negros eram vistos como ameaças à ordem e ao progresso e começaram a ser associados ao desvio e à anormalidade, de modo que assim fossem justificadas as diferenças sociais e culturais em termos biológicos, criando um efeito de naturalização para transformar a diferença racial em um “fato científico”, como já explicou Hall (2003). Da mesma forma, diante desse determinismo biológico, Almeida (2018) acrescenta que a corrente filosófica do positivismo surgida no século XIX transformou as indagações sobre as diferenças humanas em indagações científicas, e assim, de objeto filosófico o homem passou a ser um objeto científico. Logo, o positivismo incidiu nas noções políticas e nas formas de produção do conhecimento – contribuindo para as noções de normalidade e de credibilidade acerca dos sujeitos a partir de seus marcadores sociais.

Segundo Almeida (2018), inúmeras pesquisas demonstram que a raça é um marcador determinante da desigualdade econômica e social no Brasil e que o racismo traz marcas do período da escravidão e do colonialismo, além de ser um elemento constitutivo da modernidade e do capitalismo. Para além dos menores salários e da baixa representatividade nos espaços de poder, a desigualdade racial no Brasil também se expressa na violência letal. De acordo com o Atlas da Violência 2018, os assassinatos de pessoas negras aumentaram em 23%, ao passo que para os brancos houve redução nos índices¹⁸. A tese de Almeida (2018) é de que o racismo é sempre estrutural, já que integra a organização econômica e política da sociedade e corresponde a um “processo em que condições de subalternidade e de privilégios se distribuem entre grupos raciais” (ALMEIDA, 2018, p. 27).

¹⁸Fonte:

https://brasil.elpais.com/brasil/2018/06/05/politica/1528201240_021277.html?fbclid=IwAR1ebfPJeeNuC9NE2mPf92YEFUYjxcsKTIhjkYDSCnhBdPyEEzGfsS-dnDU Acesso em: 21 Jul 2018.

Assim, é necessário mencionar que os conflitos raciais também fazem parte das instituições, já que elas refletem a estrutura das sociedades. No espaço institucional está a atividade jornalística, por exemplo, e suas relações com as outras redes de poder, – através das quais o jornalismo criou uma produção de conhecimento própria, com base em valores normativos para a construção de narrativas sobre o outro. Narrativas que irão definir significados e definirão quem são aqueles que importam. A desigualdade racial é uma característica da sociedade, “fundamentalmente porque as instituições são hegemônicas por determinados grupos raciais que utilizam mecanismos institucionais para impor seus interesses políticos e econômicos” (ALMEIDA, 2018, p. 30).

Essa hegemonia está atrelada a uma herança colonial que difere o tratamento entre sujeitos de povos distintos e que permite a continuidade das formas coloniais de dominação pelas culturas e pelas estruturas do sistema capitalista. Ramón Grosfoguel (2008) argumenta que o século XX está marcado pelo ideário de que o fim das administrações coloniais conduziria à descolonização do mundo, originando o que ele chama de “mito de um mundo pós-colonial”. De maneira geral, o autor demonstra que os povos não-europeus continuam a viver sob a exploração e dominação europeia e euroamericana. A denominada colonialidade nos permite compreender que mesmo após o fim das administrações colonizadoras, um processo de estruturação do sistema-mundo moderno/colonial articula a opressão cultural, política, sexual e econômica de grupos étnicos/racializados subordinados por parte de grupos étnico-raciais dominantes (GROSGOUEL, 2008). O autor apresenta discussões a partir do trabalho do sociólogo peruano Aníbal Quijano, que aponta a perspectiva da “colonialidade do poder”. Nessa perspectiva, os pesquisadores indicam que é necessário nos libertar das formas estreitas de pensar as relações coloniais, que influenciam a produção de subjetividades e de conhecimento sobre os lugares periféricos. Em consonância com esses autores, ao olhar para o jornalismo, a pesquisadora Marcia Veiga (2015) também desenvolve a perspectiva dos estudos pós-coloniais para compreendermos os sistemas políticos e econômicos da sociedade ocidental, nos quais está integrada a atividade jornalística e que constitui os saberes sobre as culturas subalternas, acabando por transformar as diferenças em desigualdades. A autora destaca dessa compreensão as divisões hierarquizadas e autoritárias, que passam pela divisão internacional do trabalho até outras hierarquias como as etnoraciais, sexuais, de gênero e até mesmo linguísticas, que se privilegiam como superiores e acabam por constituir o não ocidental como o outro cultural (VEIGA, 2015). Logo,

pode-se perceber como foram tecidas - política, histórica e geoculturalmente - as razões pelas quais são constituídas as formas de classificação (e assujeitamentos) vigentes na contemporaneidade, integradas aos sistemas de poder-saber que fundam as desigualdades sociais, em especial nos países colonizados, como é o caso do Brasil (VEIGA, 2015, p. 36).

Assim, os valores que constituem, desde o período de colonização, o espaço do Estado brasileiro passam pela lógica do homem europeu universal a partir da expansão mercantilista, sendo marcados pelo sistema escravagista que explorou de forma cruel e desumana a mão de obra do diferente, considerado “outro”. Além de ter seus saberes e hierarquias influenciados pela corrente positivista e estruturados pela diferença racial.

A diferença racial, portanto, está no cerne dos modelos político e cultural brasileiros para estabelecer os sujeitos diferentes como subalternos e como mão de obra explorada. Soma-se a isso, o fato de que esses modelos ditarão os sujeitos relevantes e os saberes dominantes que até hoje perpassam os valores hegemônicos, embasados na ideologia do racismo.

Visualizar essa estrutura naturalizada pelas instituições mostra-se expressiva na tentativa de compreender porque há distinção no tratamento entre os imigrantes europeus e os imigrantes negros contemporâneos, uma vez que os marcadores dessa estrutura vigente no Brasil têm relação com a nossa compreensão sobre o outro. Sobretudo, porque nossa compreensão se constrói a partir dessas bases – e no caso do jornalismo, irá estabelecer significados e construir narrativas para a formação de opinião.

3. NARRATIVA, JORNALISMO E ALTERIDADE

Neste capítulo, apresentamos os conceitos teóricos que irão relacionar a função das narrativas com a atividade jornalística, bem como sua construção social, potencialidades e limitações para um exercício de alteridade. Iniciamos com os apontamentos de Jonathan Culler (1999) sobre as questões referentes às definições da narrativa. Para além de uma abordagem estruturalista das correntes mais influentes da literatura, Luiz Gonzaga Motta (2013) sugere um método com abordagem mais antropológica e cultural. Segundo o pesquisador, o significado também seria relacional e o narrar seria um fato cultural, já que “a narrativa é apenas o nexo de uma relação entre interlocutores, e são os aspectos dessa relação que interessa compreender” (MOTTA, 2013, p. 120). No que se refere à relação entre interlocutores na narrativa jornalística, ela funcionaria como a constituição de um mundo para alguém, em um dado momento, em um certo período de tempo.

As circunstâncias do surgimento da atividade profissional do jornalista ocorreram em um cenário de urbanização. Esse cenário e a sua configuração econômica, moldaram o jornalismo para a construção de narrativas sobre as cidades. Mais do que comunicar as relações políticas e do comércio na metrópole, a notícia se tornava uma mercadoria. Logo, também precisava atrair seu leitor pela curiosidade (TAMBOSI, 2004), sendo necessária a produção de histórias, pautas, temas. No final do século XV, Tobias Peucer já sistematizava os principais conceitos da imprensa recém-nascida, uma vez que os periódicos que surgiam destacavam que a difusão de coisas novas deveriam ser acompanhadas de atualidade e utilidade (TAMBOSI, 2004), baseadas nos princípios da verdade e da objetividade.

Diante da compreensão de que todo conhecimento, inclusive o jornalístico, deve ser pensado em suas relações mais amplas com a cultura e com o poder (VEIGA, 2015), buscaremos refletir acerca das bases desses princípios, já que com toda a trajetória histórica do jornalismo na democracia, esses valores constituem as redações até hoje. Embora a imprensa esteja inserida em um modelo de negócios que visa o lucro, os profissionais buscam atender aos valores históricos do campo, em nome da chamada credibilidade jornalística. Pensaremos também a grande reportagem como esse lugar de narratividade, no qual os jornalistas enxergam sua profundidade como uma renovação do fazer jornalístico (LOBATO, 2017), que possibilita uma contextualização mais ampla da notícia.

3.1 Narrativa e jornalismo

As narrativas permeiam a existência humana desde sempre, seja na vida individual ou coletiva, levando o conhecimento do mundo por meio de relatos factuais ou ficcionais nos atos de fala, nos livros, nos filmes, nas telenovelas. A necessidade de organizar o cotidiano e de ser ter um registro do passado e do presente, fazem com que o ser humano queira compartilhar e contar as situações e suas experiências de vida.

Culler (1999) argumenta que as teorias literária e cultural cada vez mais têm afirmado a centralidade cultural da narrativa, já que ela é considerada como uma forma de entendimento do mundo e de nós mesmos. Ao reler a contribuição de diversos autores, Culler (1999) explica que a narrativa é um texto organizado a partir da constituição de uma história, com os acontecimentos, os personagens e os cenários; e também por um discurso, que será a maneira como a história será narrada. Além disso, as narrativas são mecanismos poderosos de internalização das normas sociais, no entanto, não deixam de surgir também como crítica social.

A expressão por meio das narrativas humaniza o tempo, uma vez que sua passagem pode ser contada a partir de um enredo. O enredo seria o elemento básico da narrativa, exibindo momentos de apresentação, complicação, clímax e desfecho (CULLER, 1999) para conquistar nossa atenção para o desenvolvimento da história. No enredo, as configurações espaciais e temporais são entrelaçadas para que a obra tenha sentido, para que se entenda como uma coisa leva a outra. No espaço das cidades contemporâneas, por exemplo, muitos dados narrativos serão trazidos do ponto de vista do narrador, mas de modo a provocar no sujeito uma topografia do ser/estar no modo urbano, revelando imagens das lembranças, dos desejos, dos sonhos, podendo tornar para cada indivíduo o espaço da cidade de uma maneira distinta, seja como espaço acolhedor ou de instabilidade. Assim, o enredo dá forma aos acontecimentos de uma história, que será capturada por meio de olhares que podem mudar, dependendo do discurso. De certa maneira, é por meio dos diferentes pontos de vistas que as pessoas identificam-se e se reconhecem enquanto sujeitos. Logo, a narrativa literária também contribui para a construção da identidade dos leitores, já que o contato com alteridades proporcionaria ao sujeito/leitor essa capacidade (CULLER, 1999).

Já a narração dos acontecimentos, conforme Culler (1999), pode ser focalizada por um narrador que se coloca fora da história ou um personagem que esteja dentro dela. Quem narra, fala em primeira ou terceira pessoa. Na primeira pessoa, podemos ter a narração de alguém que rememora um fato, descreve uma ação própria ou até mesmo analisa uma situação vivenciada, sendo protagonista ou não. Neste caso, há a existência de um “eu”, mesmo que ele acabe somente introduzindo uma história e sumindo ao longo dela. Se

pensarmos a respeito da narrativa jornalística, percebemos que a narração ocorre quase que exclusivamente em terceira pessoa, uma vez que presume-se a não existência de um “eu”. Aqui todos os personagens do enredo serão descritos por seus nomes, ou pelos pronomes “ele” e “ela”. Ou seja, o narrador será apenas um observador dos fatos. Se na literatura esse tipo de narração se configura como um modo de narrar, no jornalismo, como veremos adiante, ele se estabelece a priori como regra, uma vez que a intenção é produzir ao leitor um efeito de realidade.

Há de se considerar também, como ressalta Luiz Gonzaga Motta (2013), que as estratégias narrativas no jornalismo apresentam uma relação própria entre seus interlocutores. Na comunicação jornalística encontra-se uma sobreposição de vozes e, em geral, pelo menos três narradores: o veículo, o jornalista e o personagem. No decorrer desse processo de enunciação, cada assunto terá uma negociação política e simbólica entre esses narradores pelo poder de voz. Por mais que este estudo busque compreender como se coloca o narrador-jornalista, é importante mencionar a existência da subjetividade do discurso do narrador-veículo que integrará a narrativa, assim como as expectativas e visão de mundo do público do jornal, já que todos são narradores.

As narrativas como formas de expressão humana pontuam a percepção que temos das fronteiras da diferença e da nossa própria existência. Ao mesmo tempo, essas experiências estão sendo cada vez mais mediadas. Através dessas mediações, estamos experimentando a realidade muito mais por meio de representações virtuais e discursivas (MOTTA, 2013). As narrativas se proliferam na mídia, seja por meio de filmes, séries, redes sociais e do jornalismo. De acordo com o autor, ainda que não sejam mais tradicionais, as narrativas permanecem criando sentidos de pertença. Esses sentidos são significados interpretados a partir de narrativas que têm o potencial de se sobrepor umas às outras, de serem questionadas e até substituídas. Assim, a textura social é constituída de enredos e personagens, com os quais nos identificamos ou rejeitamos (MOTTA, 2012).

Sob a hipótese das narrativas como formas de experimentação da realidade, Motta (2012) considera que, uma vez que os seres humanos criam e moldam suas vidas a partir de uma constante interação, é no cotidiano que buscamos referências para a produção do senso comum, identificado como uma “cortina de narrativas”. À medida em que essas narrativas apresentam e reapresentam a realidade imediata do mundo para as pessoas, elas possuem um caráter simbólico e reflexivo. “Elas explicam, ensinam, instituem provisoriamente o mundo, nosso mundo que refazemos sem cessar” (MOTTA, 2012, p. 235). A narrativa jornalística é um caso exemplar de experimentação da realidade porque permite apreender rapidamente a

complexidade do mundo imediato e configurá-lo em enredos minimamente coerentes. Sobretudo, porque elas permitem explorar nossa experiência temporal, organizando calendários e compondo enredos que nos fazem compreender quem somos e onde estamos. Assim, o modo como o mundo é redescoberto e refeito pelas pessoas irá configurar a narrativa jornalística, a qual permitirá que a experiência temporal seja permanentemente explorada na criação dos enredos.

Ao mesmo tempo, para entender as experiências cognitivas que elas proporcionam, é preciso questionar onde está o narrativo no texto jornalístico, uma vez que essa identidade não é clara na linguagem dos noticiários. No jornalismo, muitas vezes, a narrativa que se caracteriza em uma reportagem, apresenta nas notícias um enxugamento de manifestações subjetivas. No estilo *soft news*¹⁹, há a possibilidade de uma maior subjetividade, pois o repórter possui mais liberdade para construir o seu relato. Nas notícias mais duras, temos dificuldade na percepção da lógica narrativa, já que o jornalismo trata de um tempo presente, imediato. O *lead*²⁰ jornalístico, como é chamado, dificulta a análise do estilo narrativo ao tornar o texto mais seco e sem a composição de intrigas. Para Motta (2013), a lógica narrativa das notícias se revela se observarmos como ela organiza a questão temporal. Esse tempo é invertido e difuso, pois as notícias quase sempre começam pelo final da estória, trazendo o ponto mais alto no início, para depois apresentar a cronologia dos fatos e contextualizar o episódio. No entanto, ainda que a linguagem das notícias seja objetiva, as reportagens carregam conquistas, acidentes e conflitos humanos que tornam os relatos mais dramáticos, com efeitos de sentido que geram comoção, sentimentos, subjetividades; fazendo com que a característica narrativa seja possivelmente identificada.

A partir de representações mentais próprias, o leitor busca dar coerência à estória que lê, vê ou escuta. O sentido narrativo se estabelece pela construção feita pelo narrador-jornalista integrada aos conceitos culturais e sociais, bem como pelo espaço referenciado pelo leitor. Assim, ele busca nas notícias interpretar os significados, conectando-os com o seu próprio mundo. Por outro lado, entende-se que a produção de experiências pelo jornalismo também projeta a realidade social, mediando temporalidades e espacialidades. As narrativas são representações e construções discursivas acerca da realidade, pois, ao narrar, “alguém

¹⁹ Estilo conhecido por tratar de assuntos mais “leves”. Em uma análise pragmática, Motta concluiu que além das informações banais, o gênero ativa excedentes de significação que superam a informação. É conhecido também como *fait divers*.

²⁰ É “onde o repórter relata em linguagem direta o quê, quem, onde, quando, como e porquê do incidente reportado” (MOTTA, 2013, p. 96).

está explorando na sua imaginação possíveis desenvolvimentos (reais ou ficcionais) das condutas e comportamentos humanos, que os teóricos chamam de atividade mimética (ou imitação)” (MOTTA, 2013, p. 72). Segundo Motta, esse conceito significa, originalmente, imitação ou recriação do mundo por meio de alguma configuração. Ao configurar, o jornalista acrescenta suas visões e vai além do objeto representado, de modo que ele se apropria daquela realidade.

Considerando então, que a audiência constrói cognitivamente os significados a partir das informações presentes nas notícias, mas também por meio de sua própria cultura e memória, dessa maneira entendemos que essas narrativas “criam significações sociais, são produtos culturais inseridos em certos contextos históricos, cristalizam as crenças, os valores, as ideologias, a política, a cultura, a sociedade inteira” (MOTTA, 2013, p. 121).

Diante da perspectiva relacional, em que o jornalismo se estabelece como instituição que constrói as narrativas para a sociedade, a problemática da representação fica evidenciada, já que o ato de narrar pode revelar valores preponderantes para a compreensão do mundo. Fernando Resende (2009) parte do princípio de que a narrativa jornalística também é um lugar de produção de conhecimento, uma vez que essas narrativas podem se tornar espaço de troca de saberes e visões. Mais do que isso, pensar na tessitura da narrativa traz à tona o caráter dialógico do discurso jornalístico. “Talvez esteja na tessitura da narrativa a chance de nos havermos com as brechas que promovem os encontros” (RESENDE, 2009, p. 32).

Há alguém vivo na cena que nos remete ao local e nos faz ver o que acontece. Nos enunciados que tecem o texto, encontramos-nos próximo ao fato; o discurso indireto, con-trário ao que remete diretamente à fala do outro, dá-nos a certeza de que alguém *olha* a cena e conta o que passa (RESENDE, 2009, p. 41).

Nesse sentido, entrevistas, notícias, reportagens, também recontam e criam espacialidades ao narrar as experiências do homem; portanto, o processo dialógico é inerente à narrativa. A lógica do texto parte desse pressuposto, já que há uma relação de um eu com um outro (RESENDE, 2009). Dessa maneira, as narrativas são lugares nos quais as representações não podem ser apartadas da forma como são mediadas. No campo jornalístico, o esforço é acolher esse espaço de representação a partir da consciência de que lugar suas instâncias enunciativas são produzidas. No caso da reportagem, ela se configura como um tipo de narrativa que possui características próprias estabelecidas desde o surgimento de sua prática. Além disso, o jornalismo detém a função de produzir as narrativas para a sociedade,

muitas vezes partindo de produções feitas por grupos compostos de pouca ou nenhuma diversidade. Assim, as falas da mídia ocupam um lugar político (RESENDE, 2007), que merece ser questionado.

É necessário considerar que o processo de produção das notícias é socialmente construído e envolve critérios de noticiabilidade pré-estabelecidos. Ao traçar um panorama das diferentes abordagens teóricas do jornalismo, Traquina (2012) diz que a função dos jornalistas em definir aquilo que será noticiado contribui para a construção da realidade. Ao longo do tempo, diversas teorias, assim como a visão construcionista, foram apresentadas para apontar porque as notícias são como são. O paradigma construcionista constitui uma oposição à *teoria do espelho*²¹, e conseqüentemente à ideologia jornalística, de que o jornalismo reflete a própria realidade (TRAQUINA, 2012).

Segundo o autor, a realidade construída é seletiva, já que é produzida por meio de inúmeras interações sociais entre os profissionais do campo com três diferentes grupos de agentes, entre eles, as fontes, os outros jornalistas que compartilham a ideologia e a própria sociedade (TRAQUINA, 2012). Por conseguinte, a partir do desenvolvimento do jornalismo como instância social, entendemos como a sua caracterização é definida por normas, princípios e papéis sociais. Logo, entendemos aqui as notícias como um espaço de construção social.

A partir das suposições sobre o que é a sociedade e como ela funciona, o jornalismo constrói um tempo social e projeta significados inseridos num determinado contexto, já que compartilhamos conhecimentos comuns ao fazermos parte da mesma sociedade (HALL et. al., 1999). Essas identificações culturais, os chamados mapas de significados, são o que dão sentido aos acontecimentos noticiados pelos jornalistas. No tipo de sociedade que estamos inseridos é como se existisse uma única perspectiva cultural, sem qualquer discrepância nos mapas de significados e nos interesses, fazendo com que a mídia seja uma instituição cuja prática está amplamente baseada em um consenso, no qual supõe-se que todos nós entendamos a forma como os acontecimentos são enquadrados e narrados (HALL et. al., 1999).

Nesse processo social, com a necessidade intrínseca do ser humano de saber o que acontece, o jornalismo está legitimado para identificar, classificar e contextualizar os acontecimentos noticiosos. O papel institucionalizado da mídia faz com que as pessoas deleguem aos profissionais que trabalham nos veículos de comunicação a missão de lhes

²¹ É a teoria mais antiga, inspirada no Positivismo do filósofo francês Auguste Comte (1798-1857). A teoria acredita e defende a ideia de objetividade no jornalismo.

narrar/dizer o que é relevante. Ao mesmo tempo que define para a população quais fatos que são significativos, a mídia também oferece as interpretações acerca desses fatos, já que muitas vezes eles são inesperados e as informações são apresentadas pela primeira vez (HALL et. al., 1999). Ou seja, o jornalismo ocupa um lugar privilegiado para narrar as histórias.

Na pretensão de construir narrativas sobre o cotidiano, o jornalismo constituiu a grande reportagem como um gênero discursivo com regras próprias para desdobrar as perguntas clássicas da notícia, pois “a reportagem oferece detalhamento e contextualização àquilo que já foi anunciado, mesmo que seu teor seja predominantemente informativo” (FERRARI e SODRÉ, 1986, p.18). Essa forma de narrar também ganha impulso nos Estados Unidos, na década de 1960, com os escritores Tom Wolfe e Truman Capote, no chamado movimento New Journalism²², cujo objetivo era levar mais emoção à narrativa jornalística combinada com o texto objetivo do *lead*. Além do formato narrativo, a grande reportagem se destaca por outras características, como a humanização do relato e as possibilidades diversas de construção, já que depende da perspectiva e da sensibilidade de quem escreve (KOTSCHO, 2000).

Na tentativa de “explicar” distintas realidades e diferentes vivências dos indivíduos, a reportagem requer um tempo de pesquisa e apuração maior para reportar e aprofundar a informação. Devemos considerar que se a atividade é exercida em sua essência, ela proporciona processos imersivos importantes ao jornalista (LOBATO, 2017). Ademais a grande reportagem ou reportagem especial mostra-se como um espaço privilegiado, pois além da definição de temas – históricos, políticos, sociais, culturais – que não se limitam ao momento e circunstância, ou seja, sem a necessidade factual; também possibilita a visibilidade de histórias e indivíduos anônimos, mostrando que existem contextos que só podemos buscar através de quem os protagoniza. Não à toa, são as grandes reportagens que fazem com que o jornalismo se diferencie enquanto narrador e os profissionais se tornem relevantes no cenário nacional. A narratividade da reportagem potencializa os recursos do jornalismo e significa ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos e das fontes ditas institucionalizadas (LOBATO, 2017).

No entanto, há jornalistas que consideram que cabe ao profissional dar o rumo da humanização ao seu trabalho. No livro *Repórteres*, de Audalio Dantas, renomados repórteres contam suas experiências, revelando aspectos técnicos para uma boa reportagem e emoção

²² Movimento que aproximou/potencializou o jornalismo da literatura, tendo como sinônimos Jornalismo Literário ou Jornalismo em profundidade.

que a procura da objetividade acaba por “sufocar”. No texto de Caco Barcellos, o jornalista traz a cobertura feita durante um conflito agrário entre indígenas e colonos, na Reserva Cacique Nonoai, no norte do Rio Grande do Sul. Caco comenta que em um primeiro momento torcia para os índios, mas as circunstâncias o levaram a reconhecer que, na realidade, aquilo se tratava de uma guerra entre “maltrapilhos e “esfarrapados”. Mesmo que se reconheça a importância da imersão do jornalista no contexto que pretende reportar, esse tipo de relato não é comum ao repórter na produção da sua narração, pois seu trabalho não funciona a partir de um olhar subjetivo próprio, e sim do lugar de um observador objetivo da notícia.

Atualmente, outra questão está colocada para o processo de maior contextualização na apuração jornalística: a busca pela instantaneidade das notícias e a lógica da produção constante de conteúdo têm transformado o perfil das redações. Um desafio imposto pelo surgimento das mídias digitais, ao qual as empresas noticiosas ainda tentam se adequar. O jornalista precisa saber trabalhar com as linguagens de áudio, de texto e de vídeo. Em períodos de crise econômica, ainda há que considerar que uma reportagem especial requer maior tempo de produção e maiores investimentos, seja para bancar os custos de deslocamento ou para cobrir o tempo que o repórter enviado irá dedicar a um único trabalho. Diante desse imperativo da pressa, também nos parece cada vez mais difícil que o profissional tenha empenho em aprofundar aquilo que reporta, reconhecendo as diferenças e as compreendendo na construção de suas narrativas.

3.2 Jornalismo como possibilidade de apreensão do Outro

Em geral, o argumento implícito é de que nenhum jornal ou jornalista é neutro. No entanto, os profissionais estão constantemente em busca da neutralidade para reafirmar o compromisso do jornalismo com a democracia e com sua finalidade, definida pela função que as notícias exercem na vida das pessoas. O desafio atual é fornecer informações aos cidadãos de forma independente, já que hoje além da possível censura de governos, existe o interesse comercial. A ideia de que é preciso independência no que se refere ao papel da imprensa, é algo presente ao longo dos séculos, defendido tanto pelos jornalistas, como pelos revolucionários que lutavam pelos princípios democráticos (KOVACH e ROSENSTIEL, 2003).

Com base na avaliação do público e em centenas de entrevistas com jornalistas sobre o que deve ser o jornalismo, além da independência, o trabalho de Kovach e Rosenstiel

(2003) identifica que a primeira obrigação do jornalismo seria com “a verdade”. Apesar de um conceito confuso, a verdade cria uma sensação de segurança e está na essência das notícias; assim, a busca da exatidão pelo jornalista nunca termina. Embora haja diversas conceituações sobre “qualidade”, o ofício jornalístico, historicamente, é visto também como comprometido em fornecer informação de qualidade, fiscalizar os poderes e verificar. Dessa forma, essa missão democrática e o papel guardião, oriundos dos valores do campo, fazem com que a imprensa contribua na definição das nossas comunidades, nossa linguagem e nosso conhecimento comum.

Embora a prática jornalística seja compreendida por técnicas objetivas, alguns autores demonstram que quem se detém apenas a elas pode acabar na superficialidade (FERRARI e SODRÉ, 1986; KOTSCHO, 2000; MEDINA, 2008), pois o jornalismo requer mais: “a área de interação social envolve, além da técnica, um compromisso com a comunicação coletiva. Deixa-se o terreno exclusivo do desempenho individual do técnico, para se valorizar seu papel social” (MEDINA, 2008, p. 29). Dizem que o bom jornalismo é a arte de se contar histórias. Ao ver, ouvir, sentir e deixar falar este outro, o jornalista possibilita, muitas vezes, que personagens anônimos tenham voz. Logo, a produção de uma reportagem jornalística sobre a vida de alguém é vista com a potência de representar pessoas marginalizadas pela sociedade e torná-las protagonistas da sua própria história.

Mas, ainda que o campo carregue o papel de guardião da democracia, não é possível assegurar uma independência no tratamento dos fatos, já que, muitas vezes, estamos nos referindo a grandes conglomerados econômicos da imprensa e, sobretudo, como esta pesquisa observa, de subjetividades na prática jornalística. Por conseguinte, a produção de textos e imagens pautados por uma classificação prévia significa dar forma ideológica e cultural às informações (RESENDE, 2007).

A configuração predominante é de que o poder, seja ele político, econômico ou cultural, está legitimamente representado pela instituição do jornalismo, uma vez que há uma unilateralidade da informação (MEDINA, 2008). As fontes ditas oficiais ou especialistas detêm o maior espaço nas narrativas, pois até mesmo quando os sujeitos marginalizados são o foco da notícia, é recorrente a necessidade da presença de uma dessas ditas fontes para legitimar o discurso. O problema da homogeneização das narrativas, em um campo de mediação como o do jornalismo, passa a ser a representação de uma cultura ou alguém por apenas uma única história, que será identificada como realidade e tem o potencial de formar opinião.

Claudia Lago (2010) destaca que o jornalismo exerce um papel determinante na construção e ampliação da democracia e da cidadania, no entanto, a busca por pluralidades de vozes é muito mais complexa. “A ideia de pluralismo é bem mais profunda e implica em contemplar e incorporar o Outro, esta abstração que merece ser explicitada” (LAGO, 2010, p. 167). As reportagens que buscam retratar causas ou movimentos sociais – tratando de raça e etnicidade, por exemplo –, mesmo que apresentem a intenção de visibilizar o Outro, para compreendê-lo e para que a prática representacional não atinja a estereotipagem, também precisam ser o resultado de reflexão e análise de uma ideia, com uma nova forma de olhar. A alteridade, nesse processo, está dividida em vias distintas e não em uma única, já que a narrativa será estruturada pelo texto do jornalista, mas também pela perspectiva do público que a recebe. Sobretudo, devem ser evidenciados tanto a identidade do sujeito narrado quanto o lugar de fala do narrador, para que haja a consciência dessa complexidade, sem a naturalização de características que possam gerar sentidos estereotipados.

Outro ponto é que tanto os veículos mais conservadores quanto aqueles de ideias mais progressistas e independentes possuem pouca diversidade em suas equipes. O perfil dos jornalistas brasileiros, segundo o relatório “Quem é o jornalista brasileiro?”, produzido pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da UFSC em parceria com a FENAJ²³, demonstra que o percentual de negros jornalistas, por exemplo, era inferior à metade da presença de pretos e pardos no Brasil. Até o ano de 2012, 72% dos jornalistas do país correspondiam à raça branca. Assim, aqueles que ocupam os lugares de representação ainda pertencem ao grupo de hegemonia e aparentam ser autorreferentes, ou seja, partem de seus próprios valores para descrever o outro. Os Outros continuam tendo suas vivências descritas a partir da ótica dos Mesmos e pensadas para os Mesmos (LAGO, 2010). Os Mesmos representam as identidades hegemônicas e fazem parte do público ideal (as camadas médias e altas da população, sobretudo brancas).

Na prática jornalística, se observa um grande enfoque na condição de objetividade do trabalho – mas muitas vezes o que aparentemente é percebido é que a subjetividade do jornalista que constrói narrativas dificilmente é considerada. Pode-se atribuir isso ao fato que “o jornalismo sistematiza sua autocompreensão fenomenológica há pouco tempo. [...] Estamos, no Brasil, em patamar de artífices pouco conscientes de suas próprias possibilidades” (MEDINA, 2008, p. 20). Algo que demonstra a importância de se pensar as subjetividades da profissão e não ficarmos somente no “faro” ou no “jogo de cintura”

²³ Fonte: <http://perfildojornalista.ufsc.br/files/2013/04/Perfil-do-jornalista-brasileiro-Sintese.pdf>

nestemomento de complexidade que é o encontro e o diálogo. Desse modo, é preciso olharmos para as influências do fenômeno da condição de objetividade no campo do jornalismo, a fim de compreender as dificuldades de reflexividade dos agentes no desenvolvimento da atividade jornalística.

Como observado anteriormente, a representação é um processo, uma prática central da cultura e está estreitamente relacionada com uma herança colonialista, na qual a disputa de poder envolve a produção de sentidos e discursos por aqueles que ocupam os espaços de hegemonia. No caso do jornalismo, essa disputa compreende a narrativa estabelecida sobre os fatos e os personagens. Mesmo que os processos de contato com a diferença e de representação cultural demonstrem que esse encontro seja atravessado pela subjetividade dos sujeitos, o jornalismo opera na construção da narrativa sob a influência da vertente do pensamento científico. Como vimos no capítulo anterior, a corrente filosófica do positivismo surgida no século XIX transformou as indagações sobre as diferenças humanas em indagações científicas. Desde o contexto da Revolução Científica, aspectos que abrangem a atividade jornalística – como a busca pela verdade, a objetividade e o serviço ao público – já eram percebidos.

O que se percebe ainda hoje é que a objetividade e a neutralidade, bases do cientificismo, são valores que aparentam predominar o fazer jornalístico (VEIGA, 2015). Adelmo Genro Filho (1987) compreende a objetividade jornalística como uma relação com os modos de produção do conhecimento postulados no paradigma moderno, e influenciado pela noção de verdade do cientificismo, como forma de assegurar o valor de credibilidade dos discursos e representações produzidos pelo jornalismo. Assim, ao narrar, o jornalismo atua em uma posição privilegiada no que se refere à verdade, uma vez que “foi entendido como um tipo de conhecimento social que pode ser pensado em analogia às formas de produção do conhecimento científico” (VEIGA, 2015, p. 39).

Diferentes autores apresentam críticas à crença da objetividade, mas de acordo com Genro Filho (1987), a maioria deles mesmo ao reconhecer que a objetividade plena é impossível no jornalismo, o fazem como se isso fosse uma limitação humana diante da própria subjetividade. Além disso, o autor aponta que há uma ideologia nesse contexto, que implica em uma nova modalidade social do conhecimento, além de reproduzir e confirmar as relações capitalistas. Sendo o jornalismo um tipo de conhecimento social que é produzido a partir de uma racionalidade perpassada por essas verdades e condicionado historicamente pelo desenvolvimento do capitalismo (GENRO FILHO, 1987), ao negarmos a subjetividade, potencializa-se a reprodução de visões de mundo hegemônicas. Ao mesmo tempo, tanto a

racionalidade objetiva do jornalismo, quanto as compreensões dos jornalistas sobre suas atuações, são produtoras de universalismos.

Como explica Grosfoguel (2012), o universalismo é a concepção eurocêntrica que estabelece que somente a partir de uma epistemologia se realizam as perguntas e se encontram as soluções para todos no planeta. Ou seja, há uma tentativa de reafirmar um tratamento igual para tudo e para todos, sem considerar as diferenças que nos constituem. De acordo com Grosfoguel (2012), o “de que lugar” se está pensando vai condicionar as experiências que se visibilizam e as que se invisibilizam.

A homofobia, o racismo, o sexismo, o heterossexismo, o classismo, o militarismo, o cristianocentrismo, o eurocentrismo são todas ideologias que nascem dos privilégios do novo poder colonial capitalista, masculinizado, branqueado e heterossexualizado. Não se pode pensar estas ideologias separadas umas das outras. Todas integram a matriz de poder colonial que em nível global ainda existe (GROSFUGUEL, 2012, p.343).

Veiga (2015) também aponta que é na universalidade que as visões de mundo hegemônicas acabam sendo mais amplamente circulantes na cultura, já que ela é matéria-base sobre a qual a realidade é compreendida e simbolicamente produzida. Para a autora, as formas preeminentes de conhecer a realidade que são compartilhadas pelo jornalismo necessariamente deveriam ser reconhecidas para serem problematizadas. Só assim poderíamos incidir nos modos como os sentidos de verdade são compreendidos e reproduzidos “neste processo que é mediado pelos jornalistas e que, por fim, resulta num conhecimento precário do mundo, reproduzidor de hegemonias, na forma do conhecimento social das notícias” (VEIGA, 2015, p. 53).

Lembramos que para um exercício de alteridade é fundamental que haja o reconhecimento de um Eu, ou seja, de uma subjetividade agindo na leitura e na representação sobre o Outro. Contudo, em decorrência das práticas jornalísticas terem como paradigma o moderno-positivista, ocorre até hoje uma histórica negação da existência da subjetividade. Adota-se a noção de Olho de Deus, típica do cientificismo, e suas estratégias de apagamento do sujeito cognoscente na leitura da realidade – neste caso, o jornalista (VEIGA, 2015). A escrita na terceira pessoa, os tipos de fontes e a linguagem adotada são algumas das estratégias utilizadas que, na busca pela objetividade, acabam delineando os temas de maneira reducionista e simplista, até mesmo para pautas mais complexas que envolvem a sociedade.

A tese de Veiga (2015) destaca que em função da noção de tempo dominante no fazer jornalístico, aliado ao fato da negação do Eu, as condições de reflexividade acerca das práticas jornalísticas ficam impossibilitadas. “Não sendo a objetividade (bem como a imparcialidade) suficientemente problematizada e complexificada a partir de outros vieses de pensamento, restringe-se à percepção dos processos cognoscentes que cercam a produção do conhecimento social do jornalismo” (VEIGA, 2015, p. 48).

Segundo a pesquisadora, há indicativos dessa impossibilidade não só no mercado de trabalho, como também no processo de ensino-aprendizagem em que o saber jornalístico é ensinado (VEIGA, 2015). E para que se possa transformar a prática, é fundamental reconhecer que há a presença de um Eu que constrói um Outro. Um Eu cuja condição de reflexividade sobre sua cultura e seu espaço é peça chave para uma dimensão ética e um avanço no que se refere à questão da alteridade no fazer jornalístico.

O século 21 está marcado pela grande crise migratória que vivemos na atualidade, na qual milhares de pessoas do Oriente Médio e da África morreram tentando chegar à Europa para escapar de guerras, de perseguições e da pobreza. Logo, a entrada de refugiados e imigrantes em diversos países ocasiona choques culturais, fazendo com que o encontro entre o Eu e o Outro seja permeado por estranhamento e variadas opressões. Diante da necessidade de se compreender outras culturas, os meios de comunicação desempenham papel importante nesse processo, uma vez que participam de um sistema de mediação. O crescente número de imigrantes e refugiados, bem como as diversas medidas que vêm sendo discutidas pelos países que os recebem, ocupam grande espaço no noticiário nacional e internacional.

3.3 Narrativas da imigração

Há certa confusão sobre a definição do conceito de imigrante e refugiado. De maneira geral, o imigrante se desloca de forma voluntária, por razões econômicas, em busca de novas oportunidades. De acordo com a ACNUR²⁴, agência da Organização das Nações Unidas (ONU) que cuida dos refugiados, o conceito de refugiado inclui pessoas que deixam seus países em razão de perseguição por motivos de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas, ou ainda, que estejam sujeitos à violação de direitos humanos.

Em 19 de setembro de 2016, o então presidente Michel Temer afirmou em seu discurso na ONU que o Brasil já havia recebido “95 mil refugiados”. Mas, dados do próprio

²⁴ ACNUR: Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados.

governo mostravam que havia no país cerca de 9 mil refugiados, conforme o Comitê Nacional para os Refugiados (Conare)²⁵. Os refugiados são titulares dos mesmos direitos inerentes a qualquer outro trabalhador no Brasil. Podem tirar carteira de trabalho e trabalhar formalmente. Têm livre trânsito pelo território brasileiro e podem frequentar escolas públicas e receber atendimento do Sistema Único de Saúde (SUS).

Em 2014, o Brasil apresentou na Conferência Cartagena+30, um plano prevendo conceito de refugiado também aos deslocamentos motivados por desastres naturais, causas climáticas e ação do crime organizado. É nessa perspectiva, segundo o governo, que o Brasil concede vistos humanitários a haitianos que buscam abrigo no país após o terremoto de 2010, o que configura um tipo de visto existente somente no território brasileiro.

Independentemente de classificações, as migrações fazem parte do desenvolvimento histórico da humanidade. Mudanças climáticas, catástrofes, guerras, conquistas territoriais estão dentre os tantos acontecimentos que motivaram o homem a migrar. Mas, as migrações ditas em massa têm seu início com a Revolução Industrial nos séculos XVIII e XIX, na qual muitas pessoas ficaram desempregadas devido às novas tecnologias que foram implantadas; e com a Segunda Guerra Mundial já no século XX, na qual houve um crescimento expressivo no número de pessoas refugiadas, fazendo com que os países da Europa e os Estados Unidos começassem a regulamentar a entrada em seus territórios. Assim, no final do século XIX, com o surgimento de fronteiras políticas e administrativas, define-se a migração moderna, que representa justamente a travessia dessas fronteiras reconhecidas e regulamentadas pelos países.

No que diz respeito ao Brasil, da República Velha até a atualidade, as políticas brasileiras de migração passaram por diferentes aberturas e restrições. Após a Abolição, a preferência foi pelo fluxo europeu para branqueamento da população; na Era Vargas, com a utilização da Lei de Segurança Nacional, a entrada de imigrantes era limitada por cotas; no Pós-Segunda Guerra havia o incentivo para a entrada de refugiados que pudessem auxiliar no desenvolvimento econômico do país; e na Ditadura Militar o país se fechou às migrações internacionais ao se afastar das políticas de direitos humanos. Já o processo atual de migração foi marcado pela busca do imigrante pela sobrevivência e por uma demanda real de empresas por mão de obra (ZAMBERLAM, 2014). Em 2015, os haitianos lideraram o ranking de entrada no país, seguidos por bolivianos e colombianos. Há no Brasil, hoje, cerca de 53 mil imigrantes vindos somente do Haiti. Ou seja, uma onda migratória que se difere dos rostos da

²⁵ Fonte: <http://www.itamaraty.gov.br/pt-BR/component/tags/tag/conare-comite-nacional-para-os-refugiados>
Acesso em: 25 abr 2018.

imigração até o início da década de 1960, que eram predominantemente de europeus: italianos, alemães, portugueses e espanhóis.

O estado do Rio Grande do Sul foi fortemente marcado por essas imigrações, desde o início da colonização europeia em 1824, na qual as famílias se fixaram em matagais despovoados na Serra, dando início às principais colonizações do Estado; até a nova onda migratória de africanos, asiáticos e caribenhos trazidos para cidades como Caxias do Sul, Lajeado e Passo Fundo, para suprir a carência de mão de obra. Estima-se que os primeiros haitianos já haviam chegado ao estado no ano de 2006 em busca de trabalho e estudo. No entanto, com a crise econômica brasileira, muitos acabaram ficando sem os empregos e o destino foi o centro das grandes cidades, onde eles sobrevivem no mercado informal.

A chegada de imigrantes europeus ao Rio Grande do Sul está localizada em um contexto histórico amplo, que provocou o deslocamento de milhares de pessoas para as Américas. Dentre as motivações, o alto crescimento populacional e as diversas mudanças políticas e econômicas que ocorreram na Europa no século XIX (DECKER, 2017). As terras em abundância e as políticas governamentais de incentivo à imigração contribuíram para que os imigrantes europeus enxergassem aqui uma oportunidade próspera. Como explica Decker (2017), antes mesmo da Independência do Brasil, havia um projeto de colonização europeia com a promulgação da chamada Ordenança de 08 de fevereiro de 1817, que regulava a entrada e a expulsão de estrangeiros no território.

Embora a categoria “imigração” não fizesse parte do léxico oficial, ela estava pressuposta nas terminologias utilizadas à época: “colono” e “civilização”. Nesta primeira fase, dom João VI estabeleceu que a “civilização” do Reino do Brasil deveria ser estimulada pela vinda de uma população dotada de algum tipo de habilidade, principalmente agrícola; “colono” adquiria, assim, a conotação de imigrante, e “civilização” evocava exclusivamente a sociedade europeia (DECKER, 2017, p.100).

Os critérios de distribuição dos imigrantes em solo brasileiro têm origem no desejo de branqueamento da população, assim como nos interesses econômicos. Com a iminência da proibição do comércio de escravos, foi estimulada a vinda de camponeses europeus. Após a Independência, a questão racial se dá principalmente com os imigrantes alemães no Rio Grande do Sul. Um documento oficial de 1824 reconhecia “a vantagem superior do emprego de povos brancos, tanto nas artes, quanto na agricultura”. É durante esse mesmo período que surge a Colônia de São Leopoldo, localizada em uma região demograficamente “vazia” e “sob a constante ameaça” dos vizinhos argentinos (DECKER, 2017). O Rio Grande do Sul era o destino preferencial para a colonização alemã, pois a proximidade com a capital, o

excedente agrícola e o comércio permitiram grandes investimentos na produção do Vale dos Sinos.

Já na Serra, a colonização concentrou-se na chegada de colonos italianos. Para eles, foi realizada a venda de lotes através de valores mais reduzidos e a aquisição se deu mediante incentivos governamentais. Em 1875, já existiam na serra gaúcha as colônias de Dona Isabel, Conde D'Eu e Caxias. Apenas dez anos depois, outras três emergiram: Alfredo Chaves, São Marcos e Antonio Prado. Dentre as cidades mais reconhecidas como polo da imigração italiana, está Caxias do Sul. A história oficial da cidade começa com a vinda desses imigrantes. Este início é marcado pelo desmatamento da mata virgem pelos colonos, que construíram suas lavouras. Além disso, vários grupos indígenas foram violentamente expulsos pelas mãos dos chamados “bugreiros”. Até hoje esse processo é visto como um exemplo de construção do progresso, fortemente cultuado pela mídia e pela população. Assim, diante do movimento de exaltação da italianidade, atrelou-se ao sentido identitário do lugar uma homogeneidade, ainda que a região apresente diversidade cultural e étnica (DECKER, 2017).

No Rio Grande do Sul, a imigração ficou marcada pela forte presença de italianos e alemães nos matagais da Serra, no norte do Estado e no Vale do Taquari, justamente as regiões que receberam os imigrantes africanos e caribenhos no processo contemporâneo de migrações. De acordo com Decker (2017), mesmo que o processo migratório atual não seja contemplado com um programa oficial de incentivo, o Brasil foi um dos principais destinos dos novos imigrantes em virtude da facilitação da permanência e por meio do interesse do empresariado gaúcho em tê-los como mão de obra.

O grupo de imigrantes que hoje ocupa o território gaúcho está voltado ao mercado de trabalho e tem de enfrentar a ausência de políticas públicas e as dificuldades na inserção cultural das cidades (ZAMBERLAM, 2014). O espaço da cidade, a autoidentificação étnica por oposição aos locais e as definições de fronteiras sociais são essenciais para o entendimento dos processos migratórios urbanos, visto que as ações dos sujeitos ressignificam os cenários, as dinâmicas de apropriação do outro e do espaço urbano (DUTRA; RUSSI, 2015).

De acordo com a pesquisadora Denise Cogo, a sociedade precisa rever o viver transnacional dos migrantes atuais. As migrações transnacionais são muito mais variadas do que apenas remessas econômicas. Apresentar essa variedade é uma forma de valorizar a capacidade de agência dos migrantes, sem que os fatores econômicos sejam os propulsores quase que exclusivos das migrações (COGO, 2015b). A autora afirma que alguns modos do

viver transnacional contribuíram para legitimar as formas excludentes, principalmente “a exploração de mão de obra provedora de oportunidades para uma maior expansão do capitalismo e para a reprodução de desigualdades sociais” (COGO, 2015b, p. 152). Para o pesquisador indo-germânico Homi Bhabha, que estuda os fenômenos de hibridização cultural considerando sua própria experiência, os migrantes transnacionais são o resultado do sistema capitalista e de um processo de empobrecimento. Por outro lado, a natureza dos migrantes é ambivalente, pois ao mesmo tempo que ocupam lugares à margem nas sociedades, estão cumprindo funções centrais na vida social, como cuidar da casa e dos filhos das pessoas (BHABHA, 2013). Zygmunt Bauman (2009) também destaca que o livre mercado obrigou os indivíduos a se deslocarem depois de perderem seus meios de sustento, criando um enorme fluxo de imigrantes. Para o autor, a modernização é um estilo de vida que produz “gente supérflua”, uma vez que as cidades já estão repletas delas, de pessoas que o progresso econômico exclui para as periferias.

Assim, o estrangeiro chega e se depara com diversas barreiras burocráticas do meio do trabalho, por exemplo, como a regularização, revalidação de diplomas e a questão linguística; além do racismo presente na sociedade brasileira (COGO, 2017). Denise Cogo explica que a partir do maior volume da imigração haitiana para o Brasil, em 2010, criou-se uma expectativa do lugar de migração e chegando aqui os migrantes encontraram outra realidade, com salários baixos e pouca oportunidade. Há casos de haitianos em que foi necessário até mesmo refazer o ensino médio, já que o certificado do Haiti não foi reconhecido. Para a pesquisadora, no mundo todo o imigrante é visto como essa mão de obra precária, fazendo o serviço que os nacionais não querem fazer (COGO, 2017).

Sobretudo, o imigrante é o tipo de estrangeiro que mais assusta as cidades contemporâneas, visto que são facilmente demarcados como portadores de diferenças (BAUMAN, 2009). No livro *Estranhos à nossa porta*, Bauman (2017) traz uma reflexão atual sobre a crise de refugiados na Europa, na qual podemos observar o crescimento de muros erguidos e ações reacionárias. Desde os tempos modernos, refugiados dos regimes de violência arbitrária aumentam o contingente de migrantes e causam medo por serem diferentes. Em um contexto de precariedade social em que se encontra a massa da população, esse influxo gera ainda mais estranhamento e competição, como no mercado de trabalho, por exemplo.

Para quem está “por trás das portas”, a visibilidade do impacto dessa convivência chega através dos meios de comunicação. Para Cogo (2015a), que analisa especificamente a migração de haitianos para o Brasil,

a mídia brasileira pode ser pensada como resultado e ao mesmo tempo instância que vai evidenciar e (re) atualizar esses enlaces geopolíticos e imaginários simbólicos entre Brasil e Haiti que operam como antecedentes e também impulsionadores dos fluxos migratórios de haitianos para o país (COGO, 2015a, p. 5).

A partir da chegada mais significativa de imigrantes no norte do território brasileiro, a autora observa que nos principais jornais surgem narrativas que apontam a existência de “um excesso de imigrantes ilegais”, e já em 2011, identificavam-se diversas reportagens a destacar o viés da quantidade e da ilegalidade do fluxo de haitianos (COGO, 2015a). Além disso, as matérias evidenciavam que o Brasil se tornava parte da rota da diáspora haitiana em busca de emprego. “É o caso do jornal *Zero Hora*, que qualifica esta imigração como uma ‘onda de migrantes’ que ‘não para’, uma ‘nova maré migratória clandestina’” (COGO, 2015a, p. 7).

4 PERCURSO METODOLÓGICO: análise das reportagens de *Zero Hora* sobre imigrantes e refugiados

Ao investigarmos como o jornalismo representa o espaço do outro na narrativa das reportagens sobre imigrantes e refugiados de *Zero Hora*, e frente às múltiplas possibilidades de significados que podem determinar uma visão sobre aquele que será representado, entendemos que o método de pesquisa da Análise da Narrativa seria o mais adequado ao presente estudo. Uma vez que as estruturas narrativas estão em toda parte (CULLER, 1999) e que narrar está presente na nossa ancestral herança cultural de relatar histórias (MOTTA, 2013), investigar narrativamente as reportagens jornalísticas nos oferece procedimentos práticos de análise.

Motta (2013) também ressalta o caráter criativo da metodologia da análise pragmática da narrativa, ao aferir que todo analista deve trazer abordagens e procedimentos próprios, desde que bem justificados e coerentes em relação ao objeto. Não se trata de formar prévio juízo de valor, mas de assumir uma atitude analítica por meio de processos que permitam relacionar o objeto de pesquisa ao seu contexto de produção. O trabalho jornalístico, como vimos, produz narrativas a partir de critérios estabelecidos objetivamente, mas que são atravessadas por diversas subjetividades. Neste contexto, até mesmo a crença na construção de uma narrativa objetiva passa pela naturalização desses critérios por parte do próprio narrador, ou seja, uma naturalização que é subjetiva.

Diante das diversas perspectivas relacionais apresentadas anteriormente por nossa fundamentação teórica, definimos algumas ideias e alguns procedimentos indicados por Motta (2013), como: **compreender os efeitos do real na narrativa** e **compreender o paradigma narrativo**. Por meio desses movimentos, os fatos culturais e sociais explicitados pelo jornalismo podem ser observados a partir das estratégias textuais e expressões do narrador, que provocam no leitor a interpretação dos fatos como se eles falassem por si, caso das representações culturais e dos efeitos de naturalização do espaço, por exemplo. As técnicas de objetivação e subjetivação que representam os lugares físicos e simbólicos utilizam recursos para referenciação. Desse modo, é esperado o entendimento do receptor a partir de modelos pré-estabelecidos, que configuram o que ele considera como a realidade.

Motta (2013, p. 147) também destaca que “a narrativa é utilizada para atrair, seduzir, persuadir, convencer, obter resultados, efeitos de sentido, satisfazer a um desejo e a um projeto discursivo do narrador”. Em uma perspectiva mais profunda, o pesquisador pode observar elementos e recursos de linguagem utilizados de forma consciente ou inconsciente

pelo narrador no plano da expressão. Assim, a performance do narrador no plano da estória destacará o enredo apresentado, além de mostrar se há um exercício de encontro com a diferença.

No que se refere ao enredo, Culler (1999) diz se tratar do material que é apresentado ao público a partir de um ponto de vista. No enredo há diferentes versões da história e para entendermos as diferentes maneiras de sua configuração, o autor nos apresenta as seguintes variáveis: Quem fala? Para quem? Quem fala quando? Quem fala que linguagem? Quem fala com que autoridade? Quem vê? Pensando na oferta de diferentes pontos de vistas com os quais os leitores se identificam e se reconhecem enquanto sujeitos, essas questões nos ajudam a nortear a reflexão sobre a produção de sentidos na narrativa sobre os imigrantes. Assim, **apontar quem fala (narrador) e quem vê (vozes presentes na narrativa)** nos auxilia a entender o espaço do outro e a representação de culturas e indivíduos ditos subalternos no jornalismo.

As vozes presentes correspondem às ditas fontes jornalísticas. Citações diretas ou indiretas das fontes são muito utilizadas para darem a noção de que não há intervenção do jornalista e que são as pessoas reais que falam. No entanto, construídas sob normas que postulam a neutralidade e a objetividade, as narrativas do jornalismo também se estabelecem sob condições de hierarquia. Por isso, é importante considerar o texto analisado como um ponto de ligação entre o interlocutor e esse alguém que, por meio de estratégias argumentativas, busca induzir a interpretação dos fatos (MOTTA, 2013). Dessa maneira, o analista necessita perceber que cada situação de comunicação implica uma correlação social e comunicativa própria. Ou seja, quem narra tem o poder e o espaço de voz.

Para chegar ao *corpus* estabelecido para esta pesquisa, optamos por mapear as chamadas grandes reportagens ou matérias especiais publicadas no período de maior entrada de estrangeiros no Brasil na última década, que diz respeito aos anos de 2014 e 2015. No principal jornal do Rio Grande do Sul, o *Zero Hora*, em um mapeamento quantitativo foram encontradas **22 matérias** que aprofundam as informações sobre a crise migratória atual e a situação de imigrantes no Brasil e no estado do Rio Grande do Sul²⁶. O enfoque das reportagens está na jornada enfrentada pelos migrantes na busca de emprego e por um novo lar. As reportagens especiais correspondem a **quatro títulos**: *Os Novos Imigrantes (2014)*,

²⁶ Inicialmente, tínhamos a intenção de incluir o jornal de maior circulação no Brasil, o jornal *Folha de São Paulo*. Em um mapeamento quantitativo do mesmo período, foram encontradas 38 reportagens na *Folha* com características de maior contextualização sobre a temática envolvendo imigrantes e refugiados. Dessas, duas grandes reportagens: “O Haiti é aqui” e “Velho recomeço”. Porém, em debate com a banca de qualificação, ponderamos que focar nas narrativas de *Zero Hora*, buscando entender as dimensões singulares da experiência migratória no sul do Brasil, poderia ser mais produtivo dentro do escopo de uma dissertação de mestrado.

que destaca o novo processo migratório que começa a vingar no Rio Grande do Sul; *Inferno na terra prometida* (2015), que acompanha a viagem dos haitianos que entram no Brasil pelo estado do Acre; *Destino Incerto* (2015), que, após um ano, revisita os novos imigrantes que foram entrevistados na reportagem de 2014; e *Refugiados: Uma História* (2015), que traz o caminho percorrido por uma família síria para fugir da guerra.

No período de publicação das matérias em 2014, o Brasil ainda apresentava crescimento²⁷ na economia. Ainda que fosse um crescimento pequeno, o país não sofria fortemente os efeitos da crise econômica mundial oriunda de 2008 e se preparava para sediar a Copa do Mundo de futebol. As obras para o evento, inclusive, concentraram a mão de obra imigrante para a construção de estádios e melhorias da infraestrutura nas cidades. No Rio Grande do Sul, houve uma retomada do crescimento, com índices acima da média nacional. Mas, de um ano para o outro, as dificuldades econômicas se acentuaram e o ano de 2015 foi dominado por números negativos na grande maioria dos indicadores²⁸, havendo queda também no PIB gaúcho.

Além disso, em 2015, o número de migrantes internacionais chegou a 244 milhões de pessoas, dos quais 20 milhões eram refugiados²⁹, segundo dados da ONU. O ano de 2015 também foi emblemático para a crise migratória atual. Somada às constantes notícias envolvendo encontros dos líderes mundiais para discutir a questão, uma imagem chocou o mundo: a foto do menino sírio Aylan³⁰, de três anos, morto em um naufrágio e encontrado em uma praia turca. As imagens viraram símbolo da crise, que já matou milhares de pessoas do Oriente Médio e da África que tentam chegar à Europa.

Neste contexto político e social, em geral, as reportagens analisadas a seguir apresentam em comum histórias de como funcionam as travessias e de como os estrangeiros modificaram o cenário do local que escolheram para viver. As nacionalidades mais

²⁷ Economia brasileira cresce 0,1% em 2014, diz IBGE. Fonte: <http://g1.globo.com/economia/noticia/2015/03/economia-brasileira-cresce-01-em-2014-diz-ibge.htm>. Economia gaúcha retoma crescimento em 2014 <http://www.agricultura.rs.gov.br/economia-gaucha-retoma-crescimento-em-2014> Acesso em: 01 nov 2018.

²⁸ Economia em 2015: o ano em que o Brasil andou para trás <http://g1.globo.com/economia/noticia/2015/12/economia-em-2015-o-ano-em-que-o-brasil-andou-para-tras.html>. RS mantém a quarta posição na economia nacional, em 2015, apesar da queda de 4,6% do PIB gaúcho <https://www.fee.rs.gov.br/noticias/rio-grande-do-sul-mantem-quarta-posicao-na-economia-nacional-em-2015-apesar-da-queda-de-46-do-pib-gaucha/> Acesso em: 01 nov 2018.

²⁹ 244 million international migrants living abroad worldwide, new UN statistics reveal <https://www.un.org/sustainabledevelopment/blog/2016/01/244-million-international-migrants-living-abroad-worldwide-new-un-statistics-reveal/> Acesso em: 25 abr 2018.

³⁰ Foto chocante de menino morto revela crueldade de crise migratória. Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/09/foto-chocante-de-menino-morto-vira-simbolo-da-crise-migratoria-europeia.html> Acesso em: 25 abr 2018.

recorrentes são as de migrantes haitianos e senegaleses. Sobretudo, a condição de mão de obra e a busca pela ascensão econômica por meio do trabalho é o que aparentemente marca as narrativas jornalísticas encontradas.

Para verificar essa tendência, nosso objetivo é investigar como o jornalismo representa o espaço do imigrante na narrativa das reportagens. Após a definição do método de análise, chegamos aos elementos fundamentais investigados pela pesquisa e à apresentação da análise destes elementos. Como o jornalismo representa as espacialidades físicas, culturais e simbólicas, bem como os conflitos e aproximações com o diferente, serão apresentados em três eixos distintos: **estratégias de objetivação e subjetivação** presentes no texto; **quem fala e quem vê** na narrativa e **conflitos e aproximações nas espacialidades**.

4.1 Os Novos Imigrantes

A primeira reportagem selecionada para análise é a matéria especial de *Zero Hora*, “Os Novos Imigrantes”, publicada em oito páginas da edição impressa do jornal, no dia 17 de agosto de 2014. A publicação promete apresentar informações acerca do novo processo migratório que vivemos após 2010, “sobretudo formado por africanos e caribenhos”. A produção é dos jornalistas Carlos Rollsing e Humberto Trezzi, com fotografias de Diego Vara. Cabe ressaltar que a reportagem foi vencedora do Prêmio do Ministério Público do Trabalho (MPT), em 2015.

A apresentação da reportagem inicia relacionando a migração de 2014 com a antiga migração europeia ao estado do Rio Grande do Sul, sob a cartola³¹ “um lugar ao sul”, que também aparece como manchete na capa do jornal. Os primeiros personagens aparecem nos locais de trabalho, como fábricas e construções, passando pelos locais de abrigos mantidos por voluntários, até chegarmos nas últimas páginas com imigrantes que aparecem nas suas casas.

O percurso dos repórteres se dá por oito cidades gaúchas: Caxias do Sul, Bento Gonçalves, Lajeado, Encantado, Marau, Passo Fundo, Erechim e Gravataí. Para ilustrar esse percurso, nas primeiras páginas encontramos gráficos e um mapa do estado que indicam o número de imigrantes e por onde estão espalhados. A localização no mapa e o número de imigrantes em cada região é diferenciado pelas bandeiras dos respectivos países de origem.

³¹ Expressão jornalística usada para definir o assunto da matéria. Aparece sobre o título do texto.



Figura 1: capa de *Zero Hora* 17 agosto de 2014.

A matéria também inicia com entrevistas de fontes especializadas, como pesquisadores de relações internacionais e de migrações, que explicam como se constitui o novo processo migratório. Ainda é necessário observar que a primeira parte da matéria destaca graficamente com letra em caixa alta as frases no início dos parágrafos. São as seguintes frases: “François Petit Compere, 27 anos, já se considera um vencedor”, “ZH visitou oito das cidades gaúchas onde se concentram os novos imigrantes”, “A maioria dos novos imigrantes vem por conta própria, de forma ilegal”, “Enquanto América do Norte e Europa, premiadas por altas taxas de desemprego, fecham suas fronteiras, o Brasil vem se tornando referência internacional na acolhida”, “A primeira coisa que os estrangeiros fazem, após conseguir serviço, é mandar dinheiro aos que ficaram no seu país”, “Após a chegada de milhares de estrangeiros, as vagas de emprego no interior diminuíram” e “A nova migração é um movimento recente, mas suficientemente forte para causar modificações econômicas, étnicas e culturais no interior gaúcho”.

Após essa contextualização introdutória, ao longo da reportagem, os personagens são apresentados por subtítulos, que narram dificuldades no novo lugar, as relações com o trabalho e a ajuda que voluntários locais prestam aos recém-chegados. Os subtítulos são: “Senegaleses rezam a Maomé em fábrica de móveis”, “Caribenhos são protegidos por igreja”, “Ganeses acampam em seminário”, “Natan tinha casa melhor no Haiti”, “Ibrahim precisa de duplo emprego: operário e camelô”, “Pirulito, o pagodeiro de Gravataí”, “Mazinho já nasceu

gaúcho”, “Jean Daniel será frei capuchinho”, “Babu Gai montou ateliê de alfaiate e ganhou fama” e “Simon trabalha na prefeitura”.

Após destacarmos esses títulos e entretítulos, seguimos na observação das **estratégias de objetivação e subjetivação** do narrador, que discorre sobre os dados estatísticos da migração na cidade de Encantado, onde os 400 estrangeiros que chegaram representam cerca de 2% dos 20 mil habitantes locais.

O ritual [descrição da religião muçulmana] se repete cinco vezes ao dia na fábrica de móveis Saccaro, em Caxias. Um por vez, os senegaleses se dirigem ao banheiro e começam a lavar mãos e pés, nas pias. É a purificação antes do encontro com os ensinamentos do Profeta, como chamam Maomé (“Os Novos Imigrantes”, Zero Hora, agosto de 2014, p. 16).

Esses trechos que apresentam a chamada da reportagem “Os Novos Imigrantes” e descrevem um novo comportamento no ambiente de trabalho, demonstram que a cada nova manifestação cultural, as espacialidades geradas reinventam o espaço (SANTOS, 2006). Além disso, ao identificar a migração haitiana para a cidade de Encantado, o texto relata que “o município já comemora, em maio, o Dia da Bandeira Haitiana”.

As expressões descritivas presentes e os recursos de linguagem que buscam dar objetividade ao relato do presente, são estratégias do narrador para a busca da veracidade, produzindo assim, o efeito do real (MOTTA, 2013). Descrições e apresentação de dados são comuns nas reportagens como estratégias textuais principais, mas o que fica implícito, a partir dessa representação simbólica na narrativa jornalística, é que agora além de representarem parte da população local, os modos de vida dos imigrantes ressignificam o uso do espaço.

Os murmúrios vão crescendo, deixando escorrer entre os dedos as contas do masbaha, equivalente muçulmano a um rosário católico. Pedem perdão pelos pecados, sob olhar curioso – e respeitoso – dos colegas brasileiros (“Os Novos Imigrantes”, Zero Hora, agosto de 2014, p. 16).

Ou seja, o local da fábrica que pressupomos ser onde se produzem móveis, por exemplo, agora também é cenário para a prática religiosa. Uma sequência de três fotos mostra um homem negro ajoelhado sobre um tapete e depois curvado. Os elementos descritivos e a explicação sobre o *masbaha* buscam dar objetividade ao relato, ao mesmo tempo em que é produzida a representação da manifestação cultural de forma subjetiva pelas imagens.



Figuras 2 e 3: sequência de fotos apresenta um ritual muçulmano em uma fábrica. Páginas 16 e 17 de *Zero Hora* 17 de agosto de 2014.

Também podemos observar o espaço retratado em *ZH* a partir da classificação dos lugares que a reportagem visitou: “as principais cidades gaúchas onde se concentram os novos imigrantes: Caxias, Bento Gonçalves, Lajeado, Encantado, Marau, Passo Fundo, Erechim e Gravataí”. As cidades mencionadas são aquelas em que os imigrantes europeus se instalaram no século 19. “Muitas daquelas famílias europeias se fixaram em matagais despovoados”, diz o texto de abertura. Assim, o significado de contraste construído pela narrativa para esses cenários, passa pelas mudanças causadas após a imigração europeia.

Muitas daquelas famílias europeias se fixaram em matagais despovoados na Serra, no Vale do Taquari e no Norte, dando início às principais colonizações do Estado. As regiões cresceram, cidades como Caxias do Sul, Lajeado e Passo Fundo se tornaram pujantes polos industriais (“Os Novos Imigrantes, *Zero Hora*, agosto de 2014, p. 14).

Esse trecho define o território da serra gaúcha como um espaço construído pelo imigrante europeu. A narrativa constrói a *realidade* a partir da afirmação de que seriam esses imigrantes europeus que agora recebem os negros para conceder a eles o trabalho que precisam para mudar de vida. Um tipo de trabalho, aliás, que os nativos já não procuravam mais, de acordo com a reportagem.

Nesses locais, o espaço físico representado pela narrativa é, predominantemente, o das fábricas que empregam os imigrantes, demarcando o lugar da mão de obra para o estrangeiro recém-chegado. As classes são diferenciadas pelo aspecto simbólico de quem detêm os meios de produção e o espaço é demarcado pelo uso dos bens. O percurso do repórter é traçado pelos locais de trabalho dos personagens, os seminários que abrigam os imigrantes e ao final,

três residências onde eles moram. As expectativas, os medos e os sonhos são localizados simbolicamente no campo do trabalho.

François Petit Compere, 27 anos, já se considera um vencedor. Saiu do Haiti de avião há três anos e cinco meses, rumo a Manaus. Passou horrores na jornada, dormiu ao relento, migrou para Bento Gonçalves, conseguiu emprego e hoje se diz "rico" para os padrões de seu país [...]. Alcançar o status de haitianos como François é o anseio dos ganeses, que começam a chegar em caravanas ao Brasil [...]. O sonho de todos é o mesmo dos colonos que chegaram há quase 200 anos: conseguir um lugar ao sol. Produzir. Vencer no Brasil (“Os Novos Imigrantes, Zero Hora, agosto de 2014, p. 13 e p. 14).

Mais uma vez, observa-se que a migração significa que quem atravessa fronteiras tem o objetivo de mudar sua vida pelo acesso ao trabalho, para produzir, e que o caminho percorrido sempre é difícil. Os “horrores” pelos quais François passou não são mencionados, exceto dormir ao relento, o que ilustra a primeira experiência com a nova cidade. Para além, a reportagem afirma que François já alcançou o espaço dado à imigração: o trabalho.

Já a área urbana é evocada pelas descrições das travessias que provocam o imaginário do leitor. “Para quem ficou dormindo em banco duro de rodoviária, atordoado pelo barulho de veículos, passando frio e fome, o seminário em Caxias do Sul, lembra um paraíso.” Apenas o imigrante Ibrahim aparece em imagem no espaço da cidade, onde trabalha como camelô em Passo Fundo.

Quanto às imagens presentes na reportagem, são ao todo 19 fotografias que remetem aos novos rostos presentes no território gaúcho, fotografados nas funções que desempenham como operários das indústrias ou camelôs na rua. A fotografia, no jornalismo, procura ilustrar e autenticar o fato que está sendo relatado. No entanto, mostra-se como uma técnica objetiva e também como uma estratégia subjetiva, já que o que será enquadrado e selecionado também parte do narrador. As primeiras imagens, por exemplo, são focadas nos rostos, mas trazem acessórios dos uniformes que as pessoas utilizam. As imagens seguintes trazem planos mais abertos que identificam as fábricas ou as casas das pessoas. As legendas descrevem a nacionalidade do personagem e as atividades que executam. De acordo com Hall (2016), as fotografias também carregam significados que não se restringem à imagem, mas na soma dela com o texto. “São necessários dois discursos - o discurso da linguagem escrita e o da fotografia - para produzir e ‘fixar’ o significado” (HALL, 2016, p. 144).



Figura 4: seqüência de fotos apresenta os rostos dos novos imigrantes no RS. Página 13 de *Zero Hora* 17 de agosto de 2014.



Figura 5: foto na página 14 de *Zero Hora* 17 de agosto de 2014.

As espacialidades da imigração estão, sobretudo, nos relatos de pertencimento aos países de origem, nas travessias e na busca pelo trabalho. As estratégias de objetivação (dados, infográficos, fontes especialistas) e subjetivação (comparação com a imigração europeia, destaque para as fábricas) fazem com que a narrativa opere no sentido de mostrar que essa travessia de imigrantes mudou o cenário do Rio Grande do Sul, em um período em que era necessária a recepção para esse tipo de mão de obra. Além disso, a naturalização desses espaços se configura pelo que já é esperado pelo leitor, ou seja, o imigrante vem mesmo em busca de trabalho. Mas por outro lado, revela espacialidades produzidas pelos novos usos do espaço, a partir do momento em que o estrangeiro ocupa esses lugares e revela possíveis conflitos entre os diferentes.

Em relação às vozes presentes, quando perguntamos **quem fala na narrativa**, entramos na problemática do narrador e de como ele se coloca diante de seu representado. No que se refere ao narrador jornalista, é como se não existisse um “eu”, já que o jornalismo se

coloca como observador dos fatos. Esse narrador que observa, segundo Culler (1999), tem a função de descrever as coisas para nós. No entanto, a narração em terceira pessoa, como o que ocorre na reportagem, evidencia o espaço de poder de alguém que ao narrar pode *dizer sobre o Outro*.

Uma questão importante é a percepção de que a complexidade do fenômeno é abordada de maneira generalista por *quem fala*. Imigrantes são descritos como refugiados em um infográfico, quando na verdade a nomenclatura possui diferentes significados, de acordo com a ACNUR, agência da ONU responsável por migrantes e refugiados. São considerados refugiados pela lei quem provar sofrer perseguição por motivo de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas em seu país. Além de não explicar as diferentes definições, o infográfico apresenta a informação de que muitos migrantes não aderem ao pedido de refúgio e “ficam na clandestinidade”.

Refugiados no Brasil: Especialistas ressaltam que os números abaixo são os oficiais de solicitação de refúgio na Polícia Federal, mas o número de migrantes no Brasil é maior, considerando que muitos não aderem ao procedimento e ficam na clandestinidade. Outros milhares entram no país com visto de trabalho, pelos aeroportos, o que torna desnecessário o pedido de refúgio (“Os Novos Imigrantes, Zero Hora, agosto de 2014, p. 15).

Em geral, as informações presentes na reportagem estão nas afirmações ditas pelo narrador. “A primeira coisa que os estrangeiros fazem, após conseguir serviço, é mandar dinheiro aos que ficaram no seu país”. A matéria descreve que os haitianos, dominicanos, senegaleses, ganeses, gambianos e bengaleses que vieram para cá são de “uma certa classe média urbana”, e muitos têm ensino médio ou “até superior completo”. Frases como “Iabo era universitário, estudante de Administração de Empresas, mas aqui está disposto a fazer qualquer coisa para sobreviver”, demonstram que as comparações feitas pelo narrador têm a capacidade de atribuir ao indivíduo um certo tipo de comportamento. Ao definir as práticas culturais do outro por meio da narrativa, o jornalismo demarca a diferença.

Aqui o narrador se coloca fora da história, como sugere a prática jornalística, e é ele quem se coloca no papel de reafirmar que “a nova migração é um movimento recente, mas suficientemente forte para causar modificações econômicas, étnicas e culturais no interior gaúcho”.

Tendo em vista como se dá a construção do jornalismo na sociedade e de como os seus agentes desempenham a narração dos fatos a partir de critérios pré-estabelecidos, sabemos que esse tipo de reportagem, como a de *Zero Hora*, não se propõe a ser uma

narração feita pelo outro, ainda que muitas vezes escutemos que o jornalismo busca “dar voz” a quem não é ouvido. Visto que quem constrói a narrativa é o jornalismo, as discussões sobre a narrativa que envolvem *quem vê* nos auxiliam na análise das vozes presentes e a pensar se os fatos da reportagem estão focalizados pelo narrador a partir da visão de seus personagens.

De forma quantitativa, observamos que ao todo 16 imigrantes de diferentes nacionalidades foram entrevistados para essa reportagem. Eles vêm de países como Haiti, Senegal, República Dominicana, Gana, Índia e Gâmbia. Além deles, mais 13 fontes entre especialistas, voluntários e responsáveis pelas fábricas também são consultados pela reportagem. São seis pesquisadores, quatro voluntários e três administradores de empresas.

A experiência da vivência da migração, muitas vezes, passa pela percepção de quem recebe os imigrantes, já que a personalidade dos africanos e caribenhos é descrita por um tipo de fonte, que *a priori* já ocupa lugar no espaço do jornalismo. “- Eles têm muita facilidade para o trabalho, são honestos, disciplinados e não reclamam. Aprendem rápido, inclusive o idioma - diz a gerente de Relações Humanas da Saccaro, Ana Paula De Zorzi Caon”. Em Gravataí, o discurso se repete: “- São bons funcionários. [...] trabalham bem, reclamam pouco, faltam menos ainda e gozam de boa saúde – resume Raquel Hubner, gerente de Recursos Humanos das Massas Romena”. Além de desfrutar uma posição consolidada das fontes, as citações das gerentes de RH carregam uma teia de significados subjetivos por trás dessas afirmações. Assim como em nosso período de colonização, as entrevistadas associam as características dos sujeitos à força de trabalho e até mesmo os analisam como meros animais ou produtos. Mas, o narrador jornalista evita um tensionamento acerca dessas falas, pois entende que seu papel é captar o relato objetivo, buscando a “pluralidade” de vozes envolvidas em determinado contexto espacial.

Por fim, há um espaço de voz dado para as fontes acadêmicas, que realizam análises; para os gestores de fábricas, que demonstram a importância econômica para os empresários; e os voluntários religiosos, que desenvolvem ações solidárias para os estrangeiros. Logo, a estrutura do espaço social também se revela nas vozes presentes na narrativa. Em geral, o que podemos observar é que a reportagem apresenta vários personagens imigrantes que são entrevistados, mas as chamadas aspas do jornalismo aparecem naqueles momentos em que precisam conferir veracidade à narrativa e comprovar o relato do repórter. De acordo com Motta (2013), as citações são usadas na narrativa jornalística para mostrar que é o outro quem fala. No entanto, é necessário observar que, ao citar, “o jornalista pinça da fala da fonte aspectos que pretende ressaltar dando outra dimensão ao discurso” (MOTTA, 2013, p. 202).

Assim, quando é a vez do operário Jean Nelzy ser apresentado, o narrador destaca que a condição da nova moradia não é algo que agrada o haitiano e a citação selecionada é a seguinte: “Há dias em que choro. E se alguém do Haiti vem me visitar?”. Ainda que a frase literal demonstre a tristeza do personagem, o narrador tenta uma virada e termina dizendo que “apesar da agrura, Nelzy é de sorriso constante”. As estratégias utilizadas, além de buscarem efeitos para a comoção, também tentam dar um caráter positivo à história.

Por outro lado, quando chegamos ao final da reportagem, três personagens aparecem para mostrar que há outros motivos para se migrar, além dos econômicos. Ainda que a narrativa marque fortemente o espaço de mão de obra, a visão apresentada de dois imigrantes do Haiti e um de Gâmbia, produzem uma maior diversidade acerca do fenômeno migratório. Jean Daniel veio ao país para se tornar frei capuchinho, enquanto Simon que é fluente em vários idiomas veio “pela oportunidade de crescimento e não apenas pela sobrevivência”. Há também o personagem Babu Gai, que já tem um ateliê montado e recebe muitos clientes em Erechim e “explica que não veio ao Brasil somente atrás de emprego e dinheiro” e foram os problemas políticos que fizeram o alfaiate migrar. Dessa maneira, outros tipos de especialidades são explorados, revelando traços distintos da migração.

No que se refere **ao contato com a diferença** presente nessa narrativa, a reportagem também nos revela que o encontro com o outro passa pelas ações de caridade realizadas pela igreja católica, nas quais a solidariedade do povo local é evidenciada. Exemplos como de uma descendente de imigrantes que hoje recebe os migrantes negros e de outras voluntárias que ensinam o idioma a eles.

Em cadeiras dispostas em círculos ao ar livre, os ganeses recebiam lições de português de duas voluntárias, a estudante de Relações Internacionais Juliana Camelo e a publicitária Márcia Pessoa. As duas aproveitaram para praticar o inglês com os africanos (“Os Novos Imigrantes, Zero Hora, agosto de 2014, p. 17).

A partir do voluntariado, “Os Novos Imigrantes” igualmente relaciona a migração atual com os mesmos propósitos da migração europeia em direção à serra gaúcha anteriormente. No entanto, não deixa de balizar esse território econômica e culturalmente conquistado pelos imigrantes italianos: “os descendentes desses viajantes formaram famílias, se espalharam pelo território e, hoje, são absoluta maioria na cidade, com domínio sobre a cultura, a política e a economia”. Conforme a reportagem, se antes trouxeram o “progresso” para as cidades, agora são a salvação para aqueles que “fogem da pobreza”.

Mesmo ao narrar essa fuga da pobreza e as diversas dificuldades por que passam africanos e caribenhos que chegaram ao Rio Grande do Sul, o narrador jornalista evita abranger os possíveis espaços de conflito gerados nesse encontro de diferentes.

Com a desaceleração da indústria, a expectativa dos setores produtivos é de que, em breve, os estrangeiros estarão trabalhando nas colheitas da maçã, do fumo e da uva. São setores em que a mão de obra também é escassa. Sem as alternativas de colocação no emprego, o risco é criar uma disputa entre brasileiros e imigrantes, o que já mostrou efeitos nefastos em outros países, como as escaladas de xenofobia na Europa (“Os Novos Imigrantes, Zero Hora, agosto de 2014, p. 15).

Dessa maneira, ao simplesmente só citar a xenofobia e supor a disputa entre os brasileiros e os imigrantes, a espacialidade criada pela narrativa é justamente aquela que reforça o senso comum de que a chegada de imigrantes a um país coloca em risco as oportunidades de emprego para os nativos.

Em outro momento, também nos deparamos com o comentário de uma voluntária da caridade de que havia um receio quanto a manifestações racistas na cidade. “Em Encantado, Ivonete, 61 anos, virou ‘mãe’ dos imigrantes, a quem defendeu de discursos xenófobos e racistas”.

Recentemente, em um dos poucos registros de discriminação na cidade, boatos começaram a se espalhar a partir da Câmara de Vereadores: a criminalidade teria disparado em Encantado após a chegada dos haitianos e negros de outras nacionalidades, mais de 300 deles funcionários do frigorífico da Dália. Gravações com discursos xenófobos percorreram as ruas do município, a polêmica se espalhou pelos arrabaldes e chegou à vizinha Lajeado. Acuados, alguns haitianos chegaram a fazer as malas (“Os Novos Imigrantes, Zero Hora, agosto de 2014, p. 17).

Contudo, essas abordagens são explicitadas como “poucos registros” e as manifestações racistas são tratadas como “polêmica”. Como lembra Julia Kristeva (1994), ao longo da história o estrangeiro, ainda que acolhido ou hostilizado, sempre despertou estranhamento. Assim, ao evitar o aprofundamento dessas questões, possivelmente em decorrência de sua herança cientificista em busca da neutralidade, a narrativa jornalística impede uma discussão mais reflexiva acerca do contato dos nativos com os estrangeiros, deixando de contribuir para o pensamento crítico e para a construção de uma visão mais humana para o fenômeno migratório.

Além do mais, em “Os Novos Imigrantes” há certa tentativa do narrador em integrar aquele que não faz parte do grupo ao “nós”. Algo que nos faz refletir se o outro está sendo respeitado na sua alteridade plena, já que a identidade depende da diferença para se constituir.

Como exemplos estão as manchetes para as histórias de dois haitianos, a de Pirulito, chamado de “pagodeiro de Gravataí”; e a de Mazinho, “que já nasceu gaúcho”. A primeira é de Averdieu, trabalhador das Massas Romena, que aprendeu a gostar de pagode.

Não há quem o desconheça no bairro Mundo Novo, uma área industrial de Gravataí. Com um porte alto e musculoso que lembra o Lothar das histórias em quadrinhos do Mandrake, Averdieu Dumarsais, após dois anos no Brasil, virou Pirulito para os vizinhos [...]. É um dos poucos que se arriscam em bailes na comunidade brasileira. - Gosto mesmo é de pagode - gargalha, malicioso (Os Novos Imigrantes, Zero Hora, agosto de 2014, p. 19).

A segunda, de um casal de haitianos que teve seu filho em solo gaúcho.

Em Marau, acredita-se que Mazinho Calinho Augustin Caseus é o primeiro filho de imigrantes haitianos nascido no Rio Grande do Sul [...]. Nascido no hospital Cristo Redentor de Marau, o menino é um brasileiro nato, conforme previsão constitucional, e seus pais, agora, podem se naturalizar (Os Novos Imigrantes, Zero Hora, agosto de 2014, p. 19).

Dessa maneira, o caráter assimilador do grupo dominante presente na narrativa demonstra a pretensão de um espaço acolhedor para aquele que vem de fora, ao mesmo tempo em que busca livrar o estrangeiro da condição de Outro, para que ele possa ser plenamente integrado ao Mesmo (LANDOWSKI, 2002).

A tentativa de aproximação com os mapas de significados do leitor também pode acabar tornando o diferente como exótico e promovendo sua representação como algo espetacular (HALL, 2016). Na apresentação do personagem Babu Gai, alfaiate e imigrante de Gâmbia, ele é descrito pelo narrador da seguinte maneira: “dedos cobertos por anéis grossos e reluzentes. No pulso, um enorme relógio dourado monopoliza os olhares. Parece um rapper americano”. Cabe ressaltar que a análise dessa reportagem não tem a pretensão de apontar caminhos certos ou errados, mas sim refletir sobre a evocação de mapas de significado do leitor, consolidadas por estereótipos e pelo senso comum, que tendem a formar opinião sobre o outro. Neste caso, o jornalismo deixa de oportunizar uma reflexão e dar espaço de fala ao subalterno, além de desperdiçar uma história diferente. Seriam os anéis apenas adornos de ostentação ou objetos que carregam algum significado para o sujeito representado?

Em síntese, o enredo de “Os Novos Imigrantes, de *Zero Hora*, permite que acompanhem a situação de uma nova configuração nos fluxos migratórios, mas ao mesmo tempo coloca em especial atenção as práticas representacionais, que não somente o jornalismo produz sobre o tema, mas também os produtos culturais, de forma geral. Aqui o

jornalismo se propõe a lançar um olhar objetivo e produzir um relato informativo, “desempenhando o papel de espelho do real” (MOTTA, 2012).

Assim, a representação construída pela narrativa tende a reduzir a imigração ao espaço da busca por uma colocação no mercado de trabalho gaúcho, destacando as dificuldades dessa travessia de fronteiras e as modificações espaciais com a presença do estrangeiro, que possui manifestações culturais distintas das nossas.

4.2 Inferno na terra prometida

Dez meses após a publicação de “Os Novos Imigrantes” e sob a iminente chegada de novos grupos de haitianos vindos do norte do país para o Rio Grande do Sul, em 2015, a reportagem de *Zero Hora* embarca para o estado do Acre para acompanhar o deslocamento desses imigrantes para outros estados brasileiros. A produção que aborda a chegada de imigrantes ao Brasil é do repórter Carlos Rollsing (um dos autores de “Os Novos Imigrantes”) e do fotógrafo Mateus Bruxel. Os dois jornalistas foram à fronteira entre o Acre e o Peru e, depois, acompanharam um grupo de haitianos e senegaleses por 79 horas e quatro mil quilômetros de ônibus em direção ao sul do país. A chamada reportagem em profundidade foi premiada em 2015 com o Grande Prêmio Petrobras de Jornalismo.

Intitulada “Inferno na terra prometida”, a matéria especial ocupa 10 páginas e promete mostrar para o leitor a “saga de imigrantes haitianos e senegaleses que chegam ao país em busca de um sonho e, em lugar da terra prometida, deparam com oportunismo, miséria e solidão”.



Figura 6: capa de Zero Hora 07 de junho de 2015.

A matéria é composta por 16 imagens e os títulos que dividem a reportagem são distribuídos de maneira que conversem com as fotografias principais. “Na chegada ao destino, perplexidade” está sob a imagem de um grupo de haitianos na rodoviária da capital São Paulo, quatro homens e uma mulher. Todos estão com os braços cruzados ou as mãos nos bolsos, com olhos para o horizonte ou cabisbaixos. Outro título que evidencia essa associação de texto e imagem na construção narrativa, por exemplo, é “Olhares miram São Paulo e suas chances”, acima de uma foto que mostra dois homens negros na janela de um ônibus olhando ao longe. Os demais títulos e fotografias seguem a mesma linha, mas de forma mais subjetiva e podendo variar o significado conforme o olhar: “A ilusão encara a realidade”, “Primeiro abrigo inóspito e superlotado”, “A gestação do filho e de um sonho”, “Divididos pela religião, unidos na fé”, “Caminhada de 300 km e de esperança”, “A hora de tomar um rumo”, e, por fim, “Percursos de agruras pelo Brasil”.



Figura 7: fotografia no alto da página traz a imagem da chegada dos imigrantes a São Paulo. Página 12 de *Zero Hora* 07 de junho de 2015.



Figura 8: imagem sob o título “Olhares miram São Paulo e suas chances”. Página 19 de *Zero Hora* 07 de junho de 2015.

A construção narrativa desta reportagem é interessante ao considerarmos suas **estratégias de objetivação e subjetivação**, pois mesmo que a linha de apoio na capa do jornal anuncie que iremos acompanhar o caminho percorrido pelos imigrantes, o texto inicia com a chegada deles, o ponto final da travessia, São Paulo. Ao mesmo tempo, o resumo com o contexto pelo qual passaram os haitianos e senegaleses durante a travessia já no primeiro

parágrafo da reportagem é uma espécie de lide jornalístico. Assim, a introdução atribui um caráter objetivo do jornalista, que pretende apresentar ao leitor do que se trata a história, ao passo que tenta transmitir o sentimento dos imigrantes em relação à chegada.

Passadas 79 horas e quase 4 mil quilômetros de uma viagem desgastante e cheia de imprevistos desde Rio Branco, capital do Acre, um grupo de 18 imigrantes finalmente tinha São Paulo, a tão desejada e idealizada São Paulo, a seus pés, ao seu redor, ao seu olhar.

Depois de penarem por semanas, pulando de um ônibus a outro, cruzando diversas fronteiras, sofrendo roubos e extorsões, passando por humilhações e sacrifícios no precário abrigo acriano, eles haviam vencido. Enfim, estavam na terra prometida, onde, segundo lhes asseguraram teriam um bom emprego, vida nova e prosperidade (Inferno na terra prometida, Zero Hora, junho de 2015, p. 12).

Como todo sistema de representação é uma espacialização, a narrativa nos direciona para aquilo que representa as formas de uso do espaço e a forma de se relacionar desses estrangeiros, que agora se apropriam do espaço geográfico brasileiro, como as estradas e rodoviárias. “Após pegarem as malas no bagageiro, foram se aglomerando em frente ao box 71 da rodoviária”, “Nenhum passo era dado sequer para pedir informações”, “Por medo de sair do local e se perder dos companheiros que falavam o seu idioma, um dos haitianos pegou um recipiente da mochila e urinou ali mesmo”. Dentro desse discurso, as identidades estão sendo fabricadas por meio de locais históricos específicos e por estratégias específicas – e assim, a identidade é produzida pela marcação da diferença.

Inferno, saga, odisseia e via-crúcis são algumas das metáforas que buscam atender a um projeto dramático da construção narrativa, pois são termos que remetem tanto à aventuras e travessias históricas, quanto aos seriados contemporâneos presentes no imaginário popular. Para que, dessa maneira, tenhamos um enredo encenado, com uma concepção por vezes inconsciente, tornando a história mais interessante ao leitor.

Mas, o enredo que acompanhamos apresenta histórias que não saberemos o fim, apenas o começo, já que no caso da narração jornalística trata-se de uma narrativa em movimento. Como o relato sobre o haitiano Bensy Bastiste, que pedia para que ligassem ao seu primo para ir buscá-lo na rodoviária. “Quando o parente foi contatado, a surpresa: ele vivia em Jaraguá do Sul, Santa Catarina. Bensy não tinha a menor ideia das características geográficas do Brasil”. Assim como Bensy, outros imigrantes desconheciam as divisões do mapa político do país. O texto sobre o haitiano ainda encerra acionando os significados consolidados do senso comum em relação à violência e sugerindo possíveis perigos a quem chega em uma grande capital brasileira, pois quem narra dispõe de definições que advém de

uma cultura e que serão representadas para nós, ancoradas em nosso próprio desejo de responder aos significados (HALL, 2001): “Bensy passou a madrugada perdido na rodoviária, sem recursos para seguir viagem e encravado em um meio eivado de assaltantes, golpistas e moradores de rua”.

Diante dos 18 imigrantes que seguem paralisados na rodoviária, chama a atenção a descrição feita pelo narrador a respeito da única mulher que integra o grupo. “Katly Milus, uma negra esbelta, alta, magra e de rosto fino, a única mulher que ousava discutir assuntos em geral com os homens, também estava calada”. A subjetividade desse discurso está ancorada nas oposições binárias que discorremos ao longo de nossa fundamentação teórica, já que a mulher está no extremo dominado pelo pólo principal (*homem/mulher*). O destaque para as suas características físicas, contrastante em relação à descrição dos demais colegas homens, revela uma visão estereotipada, decorrente da prática representacional executada pelo grupo hegemônico: um jornalista homem, branco e heterossexual. Se considerarmos que a informação jornalística tem o objetivo de agregar conhecimento sobre um fato, e é justamente aí que o modelo de produção do jornalismo se autodefine, a declaração sobre Katly ser esbelta ou ousar discutir assuntos com os homens não acrescenta nada para o leitor, apenas se constitui como um adereço que busca fixar significados na narrativa, já que não sabemos nenhuma informação sobre sua história ou sobre quais momentos ela disputou o espaço de voz com os homens.

Já o contexto sobre o significado da “terra prometida” surge na segunda página da matéria com o intuito de agregar informação. Sob o título “A ilusão encara a realidade”, a reportagem explica que o termo é utilizado pelos agenciadores que estimulam as migrações para o Brasil. Além de compreendermos a situação a que estão sujeitos os imigrantes haitianos em seu país, a matéria acrescenta que há também uma intervenção dos próprios governos e empresários no desenvolvimento desse processo. “O fenômeno foi alimentado devido à aproximação entre os governos brasileiro, caribenhos e africanos, além do interesse de grandes industriais em trazer mão de obra que aceite serviço pesado”.

Após esse ponto, os relatos que seguem são bastante descritivos e correspondem ao título que os antecede, como por exemplo “Primeiro abrigo inóspito e superlotado” e “A gestação do filho e de um sonho”. O primeiro aborda a chegada dos imigrantes ao abrigo no Acre e as condições encontradas:

Não há território mais inóspito no abrigo, em Rio Branco, do que os banheiros. Em um corredor longo, as cabines com vasos sanitários estão de um lado. Os boxes com os chuveiros estão em frente. As paredes plásticas que

fechavam a área das duchas estão destruídas e espalhadas pelo chão. Lixo e roupas velhas estão perdidos por ali, mas o pior é o cheiro que verte dos vasos sanitários, com fezes acumuladas até a borda. Também há dejetos pelo chão (Inferno na terra prometida, Zero Hora, junho de 2015, p. 14).

Ainda que a situação do abrigo seja narrada de modo objetivo, a narração divide-se em informações mais duras e comparações para ilustrar a ação dos estrangeiros no uso do espaço, fazendo com que o texto flua mais livre.

A paisagem da chácara foi alterada. Qualquer lugar que possa sustentar roupas ao sol foi convertido em varal. No pátio, uma pequena réplica do Cristo Redentor teve os braços abertos transformados em sustentáculos para roupas, um pé de tênis All star repousava sobre sua cabeça (Inferno na terra prometida, Zero Hora, junho de 2015, p. 14).



Figura 9: foto na página 15 de *Zero Hora* 07 de junho de 2015.

O segundo título que exemplificamos narra a história da haitiana Eloise que, após ser enganada por um coioite³², teve de realizar a travessia pela rota tradicional de imigrantes. Por meio desse caso, a reportagem busca contextualizar como agem os coioites, mas também proporciona que a história pessoal seja a única a ganhar um espaço próprio durante toda a narrativa: a personagem recebe um título e meia página da matéria para ilustrar as dificuldades pelas quais passou com oito meses de gestação, indo de avião até o Equador, seguindo de ônibus e a pé o caminho entre Peru e Brasil, em uma jornada que pode levar de seis a 10 dias. Além disso, percebemos que este é o único trecho da reportagem no qual a

³² Termo popularmente utilizado para identificar os agenciadores que atravessam imigrantes de forma ilegal.

solidariedade de pessoas locais é destacada, algo comumente encontrado em outras narrativas sobre imigração. “Para dar um pouco mais de conforto e afastar o bebê da sujeira, um quarto foi reservado à haitiana. Ela não tinha nada para vestir o menino. Os funcionários do abrigo, pouco numerosos, mas dedicados, se reuniram para arrecadar roupas de recém-nascido”.



Figura 10: foto página 15 de *Zero Hora* 07 de junho de 2015.

Outra questão recorrente nas reportagens que abordam migrações é a utilização de infográficos para situar mapas, percursos e números. Ocupando uma página inteira, o infográfico centraliza o mapa da América do Sul e pelo recurso de linhas contínuas e coloridas demarca o caminho feito por senegaleses e haitianos até chegar ao Brasil. Há também a foto de um imigrante negro em um ônibus, mas o box explicativo se refere a outros personagens envolvidos na travessia, com uma síntese sobre quem são os coites, sobre a função dos governos locais e instituições sociais que recebem haitianos e senegaleses, sobre as extorsões cometidas por policiais peruanos e sobre a responsabilidade de agente públicos que encaminham a documentação de imigrantes.

Desse modo, a representação gráfica produzida confere objetividade à narrativa jornalística, operando como um resumo da travessia; mas também gera a espacialização do fenômeno migratório por meio de símbolos e legendas, que ofertam ao leitor maneiras distintas de interpretar a realidade. Por ser um recurso complementar, o mapa tende a contribuir na visualização da dimensão do processo migratório. Mas, se olhado apartado do conteúdo que integra, oferece uma ideia muito reduzida, visto que pessoas viram símbolos e territórios são transformados em desenhos. Ao mesmo tempo, a noção espacial demarcando

linguagem e da escrita, a experiência será fixada de forma espacial. Assim, nos parece que, mais uma vez, na tentativa de aproximar as características do estrangeiro às referências do público, a narração tende a visões estereotipadas e acaba por falar pelo outro. Ainda que o recurso narrativo possa ter sido utilizado para criar empatia, é o olhar do narrador que define sobre quem é o sujeito que está sendo narrado. Uma relação que evidencia o poder de classificação e de representação, buscando traduzir a diferença através de aproximações dos universos culturais, destacando aquilo que é supostamente compartilhado.



Figura 12: foto apresenta a diferença dos adereços religiosos. Página 16 de *Zero Hora* 07 de junho de 2015.

Outra simbologia utilizada entre as estratégias de subjetivação é a fila representada em “A hora de tomar o rumo”. Neste caso, as espacialidades narradas demonstram, além da falta de infraestrutura do abrigo, a falta de veículos de transporte, que não dão conta da demanda de imigrantes: eram 10 ônibus contratados para levar 440 imigrantes, quando haviam na chácara cerca de 600, somados a média de 40 que chegavam diariamente. Diante desses números e da sensação de espera que as filas nos provocam, o narrador aproxima o leitor do sentimento de ansiedade que permeia essa passagem do texto. “Agoniados, logo começavam a avançar na fila até encostar a barriga e o peito nas costas do imigrante da frente, todos grudados, como se aquilo representasse estar mais perto de sair”. A fotografia que ilustra essa situação está na capa do jornal (figura 6).

Para além, diferentemente de “Os Novos Imigrantes”, desta vez o repórter abrange diversos **conflitos presentes nas espacialidades** geradas pelo fenômeno migratório.

Embora não haja violência, a convivência não tem sido pacífica, com sinais de preconceito e xenofobia despertando. - Esses pretos só vêm para incomodar - disse, furioso, um morador da antes pacata rua do abrigo no dia em que o motorista do ônibus contratado pelo governo para levar imigrantes derrubou parte de sua cerca ao dar ré no veículo (Inferno na terra prometida, *Zero Hora*, junho de 2015, p. 15).

Fora este relato, outros casos de preconceito e conflitos envolvidos no processo de dizer o outro são destacados pela reportagem. De acordo com o secretário de Direitos Humanos do Acre, por exemplo, a vizinhança da chácara está incomodada com o constante fluxo de imigrantes e na área central de Rio Branco os comentários dão conta de um certo temor pela “disseminação de doenças”. No deslocamento de ônibus para São Paulo, ao atravessar o estado de Mato Grosso, a narração segue:

Um dos passageiros que subiram em Cuiabá era contrário à vinda dos haitianos e senegaleses. Para ele, que não cansava de repetir o discurso em conversas em português, o Brasil está à beira de uma guerra civil e “certamente irá surgir um novo Hitler” para massacrar os imigrantes negros. Brown [imigrante haitiano], em dado momento, quis saber o que aquele homem tanto falava, pressentindo que se tratava de alguma referência aos refugiados. Convicto, assegurou que enfrentar eventuais casos de racismo e xenofobia não irá lhe vergar (Inferno na terra prometida, *Zero Hora*, junho de 2015, p. 21).

Ao detalhar as situações de choque com o diferente, observamos que o narrador pretende retratar as singularidades do estrangeiro para sensibilizar o leitor, já que “esses olhos, esses lábios, essas faces, essa pele diferente das outras o destacam e lembram que ali existe *alguém*” (KRISTEVA, 1994, p.11). Por outro lado, o apontamento da xenofobia em outra territorialidade pode exemplificar um tipo de crítica ao tratamento que o *outro confere para o outro*. Ou seja, se no estado do Rio Grande do Sul esse tipo de situação era descrita como “polêmica” ou como “casos isolados”, nesta narrativa há um enfoque bastante claro no que se refere a um possível padrão da recepção dos acrianos e de cidadãos de outros lugares com o sujeito diferente no seu espaço social, que corresponde a um território de fronteira, assim como o território gaúcho.

Em uma outra perspectiva, o narrador descreve uma tensão ocorrida entre jornalistas e imigrantes no ônibus com destino a São Paulo, evidenciando um encontro de um Eu com o Outro. “Ao avistar o equipamento de gravação, um grupo de haitianos, que depois se posicionou nos bancos ao fundo do coletivo, reagiu com hostilidade. - No photo (sem foto) - diziam, emendando uma série de xingamentos em crioulo”. A partir deste trecho, levantamos algumas indagações como: a hostilidade teria sido de forma gratuita em um certo momento? Ou ainda, não teria o imigrante o simples direito de não querer ser fotografado? Ainda que nesse choque entre narrador e personagem haja a presença de uma fixação de significados, já que é atribuído ao outro um determinado comportamento, conferindo a ele uma espacialidade e uma temporalidade, ao mesmo tempo, é bastante significativo o repórter expor os

confrontos havidos, pois a subjetividade da relação do jornalista diante de seu representado é colocada em questão.

Na mesma passagem do texto, tal subjetividade é focalizada pelo narrador novamente quando ele relata uma situação inesperada em uma das paradas do ônibus na madrugada, e um sujeito que é identificado apenas como tal “vestia um calção e estava sujo” se aproximou do fotógrafo Mateus Bruxel.

Pelas costas, ele se aproximava do repórter fotográfico de ZH. Alertado, o jornalista procurou se afastar, mas, em um dos movimentos, o homem viu a câmera fotográfica em posição de descanso e se enfureceu.

NÃO APONTA ESSE TROÇO PRA MIM!!! - esbravejou, tentando iniciar uma perseguição ao fotógrafo que foi ao encontro dos motoristas (Inferno na terra prometida, *Zero Hora*, junho de 2015, p. 20).

Ao analisar esse parágrafo, encontramos uma desconexão com a linha narrativa da reportagem, uma vez que: há uma dificuldade de associar tal situação com os imigrantes; a grafia da fala do desconhecido é em caixa alta em uma espécie de mimetização do diálogo típico das redes sociais; e o final da cena simplesmente se encerra com um afastamento. Mas, reconhecendo até mesmo uma tendência analítica nossa de fixar significados, ponderamos então, que o narrador, consciente ou inconscientemente, retratou sua própria ansiedade diante de um caminho cansativo, de estradas mal iluminadas e esburacadas, em uma experiência nova e desconhecida para ele também. Não à toa, o parágrafo integra o texto “Percurso de agruras pelo Brasil”. Logo, ao sair do espaço da redação o jornalista está mais suscetível a experimentar outros elementos narrativos.

Ademais, os diálogos seguem com os imigrantes. Quanto maior **o espaço de fala** na narrativa para eles, mais somos confrontados com episódios inusitados e tocantes, como o relato do haitiano Brown, formado em Ciências da Computação.

Brown foi um caso raro de refugiado que não enfrentou problemas no Peru. Chegou a um posto policial em Porto Maldonado e os computadores estavam pifados. Instalou antivírus e fez uma limpeza nas máquinas. Ganhou a simpatia dos policiais com fama de carrascos (Inferno na terra prometida, *Zero Hora*, junho de 2015, p. 21).

E a passagem sobre a caminhada de 300 km que 14 imigrantes pretendiam realizar para chegar a Rio Branco. “O senegalês Cher Fall explicou o desenlace da saga: - Andamos por mais quatro horas, estávamos caindo, não tínhamos mais como suportar, até que chegamos em um hotel onde conseguimos táxis para nos trazer ao abrigo”. Como a narrativa jornalística é uma construção discursiva mediada que posiciona os personagens de acordo

com os valores pessoais e profissionais do jornalista, os narradores estão em uma constante negociação com os atores sociais (MOTTA, 2013). Mas, aqui, o poder de voz fluiu a partir do narrador-personagem. Quando o jornalismo tem a capacidade de captá-la de modo que consiga se fazer ouvir institucionalmente, as singularidades do outro podem provocar uma maior reflexão em públicos mais diversos.

Em “Inferno na terra prometida”, o poder de voz opera predominantemente de fora da história, pois em geral, é o narrador quem descreve aquilo que vê e interpreta. No entanto, cabe pontuar a diversidade de fontes encontradas: 20 imigrantes e outras oito pessoas. Dessas, quatro são motoristas de ônibus, um dono de uma hospedaria, um servidor público, o coordenador do abrigo e o secretário estadual de Direitos Humanos, sendo os dois últimos responsáveis pelo posicionamento oficial do Estado. A partir disso, é importante pensarmos se essas vozes complementam sentidos ou apenas servem para ilustrar os argumentos do narrador. Se elas apenas funcionam como declarações genéricas ou abrem discussões para enredos até então não explorados.

No caso de *quem fala* (voz do narrador), assim como em “Os Novos Imigrantes”, quase um ano depois, ainda há presença da definição incorreta de refugiado para os imigrantes haitianos. Contudo, percebemos um narrador muito mais posicionado em relação às dificuldades a que estão sujeitos os estrangeiros. Há forte crítica à sociedade, inclusive: “a comunidade acriana debate diariamente a questão da imigração, mas é gritante o pouco ou nenhum envolvimento dos cidadãos com a rotina do alojamento”. Os motivos dessa falta de envolvimento também são ponderados por meio da explicação de que o estado do Acre é muito pobre e de que a localização da chácara é bem distante do centro das cidades.

Ao mesmo tempo, ao analisar as possíveis simbologias do percurso, o narrador se coloca como alguém legitimado para transmitir aquilo que representa a travessia para o outro. Quando na verdade, está representando a partir de seus próprios valores e referências a respeito do que significa o processo migratório.

A partida do ônibus reúne simbologia especial aos imigrantes. Entrar no Brasil pelo Acre não significa exatamente a conquista planejada. O Estado não é o destino, é apenas uma porta. E, para cruzá-la inteiramente, uma série de dificuldades se impõe. Finalmente, tomar um coletivo rumo às regiões brasileiras mais desejadas, aí sim, é o sinal da consagração, de ter suplantado os ataques da polícia no Peru e a miséria, a doença, a fome e a sujeira no Acre (Inferno na terra prometida, *Zero Hora*, junho de 2015, p. 19).

O padrão se repete no já citado capítulo “Divididos pela religião, unidos na fé”, ao retratar as diferenças entre haitianos e senegaleses e mencionar um suposto conflito entre eles. Embora a citação direta de um imigrante ateste o clima pacífico, o narrador recorre à fala oficial do coordenador do abrigo para afirmar que há um conflito entre eles e demarcar o que de fato seria a “realidade”.

-Não temos problemas com os haitianos, respeitamos eles e as diferenças - diz Bathie Ndao, que ajudava o “presidente” dos imigrantes do Senegal - escolhido para liderar o grupo - a organizar os compatriotas no abrigo.

Apesar da declaração conciliadora de Bathie, a realidade é diferente. O senegalês manifesta suas rejeições em relação ao haitiano, muitas vezes em gozações ou em insultos em francês, praticamente a segunda língua falada nos dois países.

-O senegalês se acha superior ao haitiano. Diz que descende de escravos - conta Antonio Carlos Ferreira Crispim, coordenador do abrigo (Inferno na terra prometida, *Zero Hora*, junho de 2015, p. 16).

Além disso, a narrativa jornalística encerra, como de costume, com o ponto de vista do narrador. “Quando deixaram o inóspito abrigo na Chácara Aliança, no Acre, avistaram uma placa à esquerda, do lado interno do imóvel, que dizia: ‘Obrigado pela preferência’. Mas não era preferência. Era apenas sobrevivência.” O trecho final demonstra que as espacialidades produzidas são aquelas já referenciadas pelo espaço dado a imigração, pessoas em busca da sobrevivência, de uma vida nova, com tom de superação e esperança. No entanto, ao percorrer o país junto a haitianos e senegaleses e presenciar as agruras em um ambiente onde não há respeito pela diferença, esta narrativa acaba sendo atravessada por mais histórias, sensações e posicionamentos que ilustram a potência subjetiva diante da objetividade.

4.3 Destino Incerto

Um ano depois da publicação da reportagem “Os Novos Imigrantes”, *Zero Hora* reencontra os haitianos e senegaleses que entrevistou em 2014 para verificar como está a situação e o que mudou na vida dos imigrantes que chegaram ao Rio Grande do Sul. Como nas duas narrativas anteriores, a matéria especial é produzida pelo jornalista Carlos Rollsing e foi publicada na edição de domingo do jornal, no dia 04 de outubro de 2015.



Figura 13: capa de Zero Hora 04 de outubro de 2015.

Ocupando sete páginas do jornal, já na capa, a manchete “Destino Incerto” nos dá pistas sobre o conteúdo que acompanharemos. A fotografia de mais de meia página apresenta o rosto de um imigrante senegalês que, como aponta a legenda, tem emprego mas “com o dólar alto não consegue enviar dinheiro à família”. Ao lado da fotografia, a chamada para uma outra matéria do jornal traz as seguintes aspas “A crise do momento é sempre a pior”. Assim, **as estratégias de objetivação e subjetivação** que analisaremos já são identificadas logo na montagem do contexto. Ou seja, a crise econômica no Estado e, conseqüentemente, o cenário que os imigrantes atravessam.

Um ano depois da reportagem “Os Novos Imigrantes, Zero Hora reencontra haitianos e senegaleses vivendo uma realidade nova e muito mais dura: a crise faz sumir os empregos, empurra boa parte deles para a periferia da Região Metropolitana e obriga outros a voltarem aos seus países de origem (Destino Incerto, *Zero Hora*, outubro de 2015, capa).

A abertura da narrativa com frases como “Haitianos que migraram ao Rio Grande do Sul em busca do eldorado” e “A crise corroe o sonho brasileiro” sinalizam o estilo do repórter e a espacialidade das reportagens com essa temática. Por meio da linguagem, a estratégia utilizada pelo jornalismo para dizer o outro corresponde àquela que localiza os imigrantes como sujeitos em busca de oportunidades e da superação de uma vida difícil.

O fato de a reportagem ir em busca daqueles chamados novos rostos da imigração, apresentados há um ano, marca a datação como referencialidade temporal, a identificação dos lugares e dos personagens, como referencialidade espacial e, assim, cumpre a função de causar a impressão de que o narrador é preciso (MOTTA, 2013). Os títulos e subtítulos ao longo da reportagem também apresentam uma ideia de precisão, ao passo que alguns são mais subjetivos que outros. “Sonhos partidos”, “Com o desemprego, o desejo de partir”, “Satisfação de chefes mantém empregos”, “Porto Alegre como destino”, “Moradias precárias na periferia da capital”, “Desafio de dar uma boa acolhida”, “Os novos brasileiros”, “Dificuldade de comunicação prejudica tratamentos”, “A fé traz a terra natal para perto”, “Encontros eventuais têm música e pratos típicos” e “Sonhos reafirmados”.

“Sonhos partidos” abre a reportagem para contextualizar a frustração diante das dificuldades no Brasil e o desejo de “partir” da haitiana Oline e dos haitianos Diufene e Sajele, que segundo o texto, “têm mais em comum do que a nacionalidade: estão decididos a ir embora”. Ao todo, a matéria apresenta nove fotografias. Neste trecho, elas trazem a imagem dos rostos de duas mulheres e uma menina, as duas são irmãs e a criança filha de uma delas. A expressão delas aparenta ser de preocupação.



Figura 14: página 12 de Zero Hora 04 de outubro de 2015.

A segunda fotografia é ainda mais sugestiva, já que mostra Diufene com a esposa e os filhos dele ao fundo (uma das crianças está no colo da mãe, a outra debruçada sobre ela), enquanto a mulher parece estar esfregando os olhos após um choro. “Diufene trouxe a mulher e a filha mais velha do Haiti. Tiveram a caçula no Brasil, e agora querem voltar para casa”.



Figura 15: página 12 de Zero Hora 04 de outubro de 2015.

Como a evolução da população é dinâmica e as transformações socioespaciais acabam por produzir a caracterização do espaço habitado (SANTOS, 1988), inevitavelmente, a narrativa tende a relatar essa nova configuração espacial em comparação à reportagem de um ano antes, já que explora os poucos casos de sucesso e os vários casos de imigrantes regressando por causa do desemprego. “Há pouco mais de um ano, quando ZH esteve em Marau para produzir a reportagem Os Novos Imigrantes, Oline tinha a pequena Ana nos braços, recém-nascida, e depositava esperança no sonho brasileiro. Tudo mudou radicalmente em apenas uma porção de meses”.

Além de dar um panorama a respeito da crise e os efeitos dela para os imigrantes, ao analisar a ida deles para Porto Alegre, em um processo de transição para as periferias, a reportagem garante que “o imigrante não consegue mais mandar dinheiro e ajudar a família que ficou para trás — são necessários muitos reais para comprar poucos dólares. E esse sempre foi um dos principais objetivos da aventura no Brasil”. Essa interligação entre os elementos afetivos e de ação, nos indica que a mediação feita pelo narrador e as representações feitas pelo jornalismo contribuem para a construção do real, já que a narrativa demarca o motivo pelo qual os imigrantes estão deixando o território brasileiro. Para isso, o narrador também busca referenciar com componentes objetivos, ao citar pesquisadores, para descrever como era a conjuntura nas cidades menores e o porquê de os estrangeiros terem preferência por elas, ainda que não haja nenhuma citação direta de imigrantes que corresponda a este contexto.

Pesquisadores ainda indicam outro fenômeno: no Interior, haitianos e senegaleses não são “invisíveis”. Se um grupo de negros desce em um município formado por descendentes europeus, certamente será notado. Por mais que alguns torçam o nariz, sempre haverá alguém para acolhê-los. Nos grandes centros, é maior a possibilidade de passarem despercebidos no meio da multidão, esmagados pela indiferença e pela velocidade do cotidiano (Destino Incerto, *Zero Hora*, outubro de 2015, 14).

Este trecho com representações sociais institucionalizadas, pressupõe uma visão reducionista sobre o contato com a diferença, uma vez que transforma uma realidade complexa em algo simples. Além dele, outros relatos da narração apresentam visões compartilhadas pelo senso comum, ideias que um coletivo possui sobre o outro, como a questão da violência nas periferias. “Embora estejam habitando áreas conflagradas para pagar aluguel mais baixo, não há registro de envolvimento de imigrantes com atividades criminosas. O comportamento é pacífico. Os senegaleses, muçulmanos, sequer podem consumir bebidas alcoólicas”. Assim, a indagação que nos acomete é a de qual a relação que teria a possibilidade do envolvimento com crimes por parte de imigrantes pelo fato de estarem morando em áreas periféricas e violentas? Nos parece que há uma tentativa bemintencionada por parte do repórter em levar ao conhecimento do público que os estrangeiros não fazem parte dos índices de criminalidade, mas por outro lado, a reiteração da relação de regiões periféricas com o crime fazem com que os estereótipos acabem parecendo naturais.

Outra naturalização encontrada nas espacialidades é referente às dificuldades de comunicação que deixam os haitianos “perdidos”. De acordo com a reportagem, “essa é outra face cruel da imigração: ingênuos e alheios às labirínticas leis brasileiras, são frequentemente ludibriados”. Se em “Os Novos Imigrantes” o espaço do outro era dado pela busca do emprego, agora a permanência no trabalho é o grande mote da narrativa. Assim, até mesmo a satisfação dos chefes em relação ao trabalho dos imigrantes é ressaltada como garantia do emprego e como uma das “faces positivas” da presença deles no Brasil. “Os empresários estão satisfeitos com o comprometimento dos forasteiros. Assumem serviços pesados que, até então, estavam vagos devido ao desinteresse do brasileiro que conquistou qualificação”. Dessa maneira, o objetivo dessas representações culturais na narrativa jornalística é o de que elas não pareçam modelos de discurso e sim formas de realidade.

Ainda que os elementos objetivos e subjetivos da narrativa tendam para os efeitos de naturalização do espaço e representações estereotipadas, por outro lado esta reportagem consegue explicitar mais as histórias individuais do estrangeiro, com maiores descrições e

maior aproximação com a sua vivência, resgatando informações de outras matérias do repórter, como “Inferno na terra prometida”.

A construção civil é a única semelhança da atividade profissional do imigrante no Interior e na Capital. Em qualquer uma das localidades, há caribenhos e africanos trabalhando em obras. É o caso do haitiano Maxonuy Vertu, que protagonizou uma peregrinação de mais de quatro meses em nome de um emprego. Primeiro, levou 22 dias entre a saída do Haiti e a chegada a Rio Branco, intercalando avião, ônibus e caminhadas. Na capital do Acre, agonizou por mais um mês no desumano abrigo de imigrantes em que convivem com o mau cheiro, banheiros inutilizáveis, umidade, colchões rasgados, superlotação, água escassa e doenças (*Destino Incerto, Zero Hora*, outubro de 2015, 14).

Além desse, são mais cinco parágrafos destinados apenas a um personagem. Mas, ponderamos que ao chegarmos à citação direta do agora funcionário do canteiro de obras da nova ponte do Guaíba, chegamos ao que o narrador deseja indicar: que o haitiano conquistou aquilo que todos almejam: “- Foram quatro meses sem serviço. Agora tenho meu primeiro emprego. Estou contente e acho que estão contentes comigo - comemora o haitiano”.

No que se refere **às vozes da narrativa**, para demonstrar a volta dos imigrantes para a terra natal, o narrador recorre aos registros do último levantamento divulgado pelo Ministério da Justiça à época: “ingressaram no Brasil 45.607 haitianos. Parcela significativa já foi embora”. A voz que reforça o dado é a do diretor do Centro Ítalo-Brasileiro de Assistência e Instrução às migrações (Cibai). “Cerca de 10 mil haitianos deixaram o país. Não necessariamente para voltar ao Haiti, mas para procurar outras nações. Muitos têm ido ao Chile”.

Ao todo 18 imigrantes estão presentes entre os personagens. Mais 15 fontes especialistas, entre professores, sociólogos, padres e agentes de saúde, são entrevistadas para analisar o contexto da imigração no Rio Grande do Sul e até mesmo o comportamento dos imigrantes. Entre as fontes oficiais, o prefeito de Bento Gonçalves e o secretário de Direitos Humanos de Porto Alegre. Tais especialistas, na maior parte, marcam seus lugares de fala e apresentam explicações e justificativas para os contextos diversos levantados na narrativa. “Avaliamos que, entre os imigrantes, o desemprego está em 20% - diz o padre João Cimadon, coordenador do setor de Mobilidade Humana da CNBB no Estado”.

A presença dos imigrantes no Brasil ainda é muito pequena, insignificante. Os principais países receptores têm média de 11% de população estrangeira. Estados Unidos, apesar das críticas, recebe muitos imigrantes. É preciso considerar que o pessoal que está aqui assume trabalhos que os brasileiros não querem assumir. Precisamos dos imigrantes, eles dão uma contribuição

valiosa - avalia Gabriela Mezzanotti, professora do curso de Relações Internacionais da Unisinos e coordenadora da Cátedra Sérgio Vieira de Mello, iniciativa da ONU para refugiados (Destino Incerto, *Zero Hora*, outubro de 2015, 16).

No entanto, há momentos em que o poder de voz não atribuído ao outro permite que as fontes com espaço institucionalizado, em tamanha medida, falem pelos personagens reais das situações tratadas pela reportagem.

Acredito que a redução de imigrantes passa pela frustração deles, até de exercer um serviço pesado para o qual não foram capacitados. Muitos têm formação superior, a gente vê arquitetos e advogados pintando paredes ou na base da indústria. Hoje, existe um movimento de saída da cidade. Para essas pessoas realmente acredito que o sonho não se tornou realidade - diz Guilherme Pasin (PP), prefeito de Bento Gonçalves (Destino Incerto, *Zero Hora*, outubro de 2015, 13).

Chama a atenção na página em que inicia o título “Os novos brasileiros”, na qual é abordado como vivem as crianças filhas de imigrantes no país, que todas as descrições ficam por conta da voz do narrador e de fontes especialistas, como diretoras de escolas e coordenadoras de hospitais “- A aceitação deles é normal. As crianças não distinguem cor de pele, são inocentes”, disse a diretora de uma escola. A respeito das questões de saúde, a reportagem aponta que a dificuldade de comunicação prejudica os tratamentos e ainda revela que a chegada dos imigrantes modificou as taxas de natalidade e mortalidade no interior do estado. “A pequena Encantado ajuda a ilustrar o aumento da natalidade entre os casais da nova imigração. Em meados de setembro, o posto de saúde do bairro Navegantes fazia 22 procedimentos de pré-natal. De todas essas gestantes, 15 eram haitianas”. Além dos índices de natalidade, também é detalhado a questão de mortalidade infantil, com dados do Hospital Santa Terezinha, em Encantado. “Na cidade, em 2014, foram feitos cinco partos em imigrantes, mas dois óbitos ocorreram. Neste ano, dos oito nascimentos, um terminou com o falecimento da criança”.

De acordo com a reportagem, a “postura submissa” da mulher haitiana e senegalesa diante do homem dificulta os atendimentos de saúde, já que elas não recebem agentes em casa se estiverem sozinhas, por exemplo. Além disso, o comportamento também “atrapalharia” o aprendizado do idioma, visto que as mulheres haitianas não saem de casa e acabam não interagindo com os brasileiros. “Eles têm tanto medo de nós, quanto temos dificuldade em atendê-los. E ainda são desconfiados - detalha Dorli [coordenadora de

enfermagem]”. Nenhum desses comportamentos descritos foram questionados aos personagens imigrantes ao longo da narrativa.

Já o trecho que relata o fechamento de um frigorífico em Mata Castelhana, há poucos quilômetros de Marau, do qual os trabalhadores foram demitidos, representa o único espaço onde a voz dos imigrantes é protagonista e sem a intervenção da fala oficial para legitimá-la. A irmã de Oline e a mulher de Sajele estão entre os trabalhadores que foram demitidos. Ainda assim, é o narrador observador quem relata os fatos para o leitor. “Os funcionários foram mandados para casa, sem receber nenhum valor rescisório. Por questões burocráticas, sequer conseguiram encaminhar o seguro-desemprego”.

Ao final, em “Sonhos reafirmados”, o resgate das histórias dos imigrantes do Haiti, Jean Nelzy e Jean Daniel, e de Gâmbia, Babu Gai, que foram entrevistados em “Os Novos Imigrantes”, corresponde a trechos mediados pelo narrador de acordo com a visão dos sujeitos. Jean Daniel, que veio ao Brasil para ser frei capuchinho, foi aprovado no vestibular de Filosofia da Universidade de Caxias do Sul e “se considera um sujeito feliz”. Jean Nelzy, que tinha vergonha da casa onde vivia em Lajeado, conseguiu um emprego de pedreiro e agora tem a chance de embarcar para o Haiti para conhecer a segunda filha, de quatro anos, que não viu nascer. Já Babu Gai, mesmo com sua alfaiataria consolidada e com o crescimento no número de clientes, manifesta preocupação em relação ao aumento da xenofobia. “Os imigrantes brasileiros estão felizes no Exterior. Por que não podemos nos sentir assim aqui no Brasil? - pergunta”.

Desta vez, a construção geral do texto não evita situar **os conflitos presentes nas espacialidades** geradas pelo processo migratório, em comparação à primeira narrativa na qual Carlos Rollsing participou, “Os Novos Imigrantes”. Há uma sistemática de nos situarmos em relação ao outro diante dos conflitos e aproximações relatados. Assim, ao explicitar uma relação desarmônica, a reportagem também traz a reflexão de que as divergências inevitavelmente emergirão, podendo influenciar a produção de sentidos.

Em um lugar especial, ao lado de compatriotas, desabafam. Na igreja, foram diversas as reclamações sobre racismo, xenofobia e desinformação dos brasileiros. Eles ficam ofendidos quando ouvem comentários sobre a suposta “falta de comida” no Haiti, o que negam veementemente (Destino Incerto, *Zero Hora*, outubro de 2015, 17).

Em relação à aproximação, conseguimos perceber o relato de uma integração maior entre brasileiros e estrangeiros, que ultrapassa a relação empregatícia e as avaliações dos gerentes de Recursos Humanos. Com imigrantes mais inseridos no espaço social, a

reportagem agora apresenta desde o indivíduo que habita uma ocupação por moradia até aquele que se envolve na assistência social junto à igreja do bairro para atender os companheiros. As intenções e o sentimento vivenciados entre vizinhos também ganham espaço na matéria. Na Lomba do Pinheiro, por exemplo, a reportagem apresenta o desejo de uma boa acolhida aos novos moradores, com a iniciativa de um almoço coletivo. “Eles [haitianos] foram consultados para elaboração do cardápio e estão escolhendo músicas típicas do seu país para animar a festa”.

Dieuquilce Fils está há 13 meses no Brasil, passou por Belo Horizonte e, no último semestre, é habitante da Ocupação Progresso, na zona norte de Porto Alegre. Nunca conseguiu emprego [...]. Admitiu que, para comer, depende da solidariedade dos vizinhos. Dieuquilce jamais contou à família que ficou no Haiti sobre sua condição miserável no Brasil [...] - Se eu mostro uma foto minha aqui, vão se apavorar (Destino Incerto, *Zero Hora*, outubro de 2015, 15).

A presença das crianças também expõe essa aproximação, ao mesmo tempo em que dá forma à existência semântica da diferença, visto que demarca uma espacialidade e uma temporalidade ao outro. “No início do período imigratório, em 2011, os homens vieram sozinhos. Depois passaram a trazer as mulheres, reunir a família”. O trecho introduz a descrição sobre uma escola infantil de um bairro em Encantado, onde a estimativa é de que um terço seja de crianças descendentes de imigrantes caribenhos. “As tranças rastafari, que delineiam um labirinto no couro cabeludo, esvoaçam. O elétrico garoto é Valdes Esace, de apenas um ano e 10 meses, brasileiro de nascimento e filho de imigrantes haitianos”.

Sendo o território o símbolo de uma segurança afetiva e correspondendo até mesmo ao “ser” do sujeito (HAESBAERT, 2004), sob o título “Fé traz a terra natal para perto”, a narrativa explora “o enraizamento dos caribenhos” na Lomba do Pinheiro e a criação de uma igreja evangélica para atender suas necessidades. Assim, esses espaços desenhados compõem o cotidiano, promovendo uma síntese da existência do outro pela atribuição de ares de familiaridade à diferença. Ao mesmo tempo, ao descrever a religiosidade dos haitianos, busca pontuar o que difere eles dos brasileiros. “O jeito haitiano de orar é diferente do brasileiro, mais comedido. Trajando suas melhores roupas, alguns em vestes sociais, sapatos lustrosos [...]. Os haitianos chegam a ser performáticos”.

Em diversos fragmentos da reportagem é possível observar um movimento de percepção do outro que ressalta aquilo que já nos é familiar ou o que temos com ele em comum. Mesmo que com esta narrativa consigamos uma amostra da relação intercultural, de

como os imigrantes constituíram um novo espaço e como a sua desilusão também passa pelo enfrentamento do preconceito, a linguagem ainda fixa significados ao outro enquanto produto do mercado de trabalho. Como no fragmento que anuncia os casos de sucesso e representa o fechamento da narrativa: “Nem todas as peças do tabuleiro foram derrubadas pela crise econômica do Brasil”. Além disso, os padrões e referências que geram distanciamentos e proximidades, em geral, demonstram que ainda é o narrador e as fontes institucionalizadas que possuem o espaço para falar pelo outro.

4.4 Refugiados: Uma história

Em outubro de 2015, ano considerado emblemático para a crise migratória atual, *Zero Hora* publicou a reportagem especial “Refugiados: Uma história”. Um mês antes, a repórter Leticia Duarte embarcava para a cidade de Bodrum na Turquia, onde o menino Aylan foi encontrado morto em uma praia após um naufrágio, para dali partir para a ilha de Kos, na Grécia, e acompanhar a trajetória de uma família síria até a Alemanha. Em 2015, a reportagem foi vencedora do Prêmio ARI de Jornalismo, principal premiação da imprensa gaúcha, na categoria Reportagem Geral Impresso.



Figura 16: capa de *Zero Hora* de 11 de outubro de 2015.

Publicada em 14 páginas da edição de domingo do dia 11 de outubro (uma semana depois da publicação de “Destino Incerto”), a reportagem é dividida em subtítulos que

procuram antecipar o tema que será destacado. São seis fotografias ao longo de toda a matéria, todas de autoria da repórter Letícia Duarte, que ocupam em média cerca de meia página. Os subtítulos que seguem são: “A pequena grande travessia”, “Um mar de insônia”, “Esperança sobre trilhos”, “Impasse sem fronteiras”, “Protegidos por céu e chuva”, “Territórios de sangue”, “Percurso cumprido” e “Gente de alma grande”.

A começar por esses títulos, percebemos a forte proximidade que o caráter narrativo dessa reportagem apresenta com o gênero literário, desde a escolha das fontes até como se dá o desenvolvimento do enredo. A família escolhida é composta por Ghazi, Razan, Tala e Mohammad: pai, mãe e um casal de filhos. A aproximação com aquilo que é – geralmente – considerado como uma família tradicional, induz o leitor a buscar suas próprias referências e a identificar-se com os personagens. Além deles, outros sete refugiados compõem o grupo de peregrinos, o qual a jornalista se integra para a viagem. O trecho de apresentação após o primeiro título diz:

Ghazi, Razan, Tala e Mohammad: pai, mãe e um casal de filhos partiram de Raqqa, primeira capital de província síria a cair nas mãos do Estado Islâmico, rumo a uma vida nova na Alemanha. Zero Hora os acompanhou nessa moderna odisséia (Refugiados: Uma história, *Zero Hora*, outubro de 2015, p. 2).

Como se estivéssemos abrindo as páginas de um livro, o texto inicia com a frase: “Mohammad vê as lágrimas escorrendo no rosto do pai e se aproxima, como a consolá-lo”. Não há lide jornalístico no primeiro parágrafo e nem ao longo da narrativa, a matéria segue descrevendo o motivo do choro desse pai.

No dia anterior, eu havia estado na praia onde o corpo de Aylan foi encontrado, na Turquia, e comentei com o pai sobre a história, imaginando que lhe fosse familiar. Ao ver a imagem, começou a chorar. Para Ghazi, ela não era apenas um símbolo. Era a encarnação de seus maiores temores (Refugiados: Uma história, *Zero Hora*, outubro de 2015, p. 3).

Então, somos recebidos por esse narrador que se coloca na história, não apenas como observador dos fatos, mas também como um agente no enredo. Ao acompanhar a travessia do grupo de sírios, a repórter de *ZH* opta por se colocar como uma narradora personagem. Ao longo de toda a reportagem, encontramos o pronome na primeira pessoa, “eu”. Nesse início, especificamente, chama a atenção o episódio da história de Aylan e do choro que dá força à abertura da matéria. Como vimos anteriormente, exercemos domínio sobre o espaço também para produzir significados. Assim, ao mostrar a fotografia de Aylan na tela do celular, a narradora cria um contexto no qual **as estratégias de objetivação e subjetivação** de

comunicação podem contribuir para a instauração de uma outra espacialidade. Ou seja, a intervenção da jornalista neste aspecto é direta, de maneira objetiva, mas também subjetiva, não sendo uma mera relatora dos acontecimentos.

Há também neste caso um apelo constante para gerar a sensibilização/comoção do leitor, relacionando a idade do menino Mohammad com a de Aylan. Relação novamente encontrada em trechos como: “A família partiu da cidade natal em 4 de setembro, mesmo dia em que o corpo de Aylan era enterrado, em Kobani”.

No movimento de compreensão do paradigma narrativo proposto por Motta (2013), observa-se que há nas narrativas um projeto dramático de construção da realidade. Justo por isso, sendo a reportagem o gênero jornalístico por excelência, identificar os traços dessa construção mostra-se interessante. Além disso, é necessário destacar que as narrativas são utilizadas para persuadir e convencer (MOTTA, 2013), logo, qualquer que seja o produto cultural que se proponha a narrar o Outro, apresentará tanto para o narrador, como para o leitor, uma tentativa de acessar o universo da alteridade, seja pela reflexão ou por um chamado dramático.

Já as imagens que ilustram a narrativa trazem os longos momentos de espera dos refugiados perante as fronteiras, enquadramentos com pessoas amontoadas frente a policiais e crianças carregadas nas costas. Mas, mesmo o texto da reportagem sendo permeado por fotografias que buscam mostrar uma situação distante, elas também procuram identificar costumes que são comuns no mundo todo, como o registro da travessia sendo feito pelo celular. “É o banal, precisamente, que constitui uma identidade para os nossos hábitos diários” (KRISTEVA, 1994, p.11).



Figura 17: fragmento de uma fotografia que mostra a relação na fronteira. Página 13 de *Zero Hora* 11 de outubro de 2015.

Em geral, o texto apresenta um perfil bastante descritivo e conforme se desenvolve a narração sobre o ambiente e sobre os personagens, a autora aciona diversas referências dos mapas do leitor para aproximá-lo da realidade que está representando.

O pôr-do-sol colore o céu com tiras alaranjadas quando a família de Ghazi e seus amigos se dirigem para o porto de Kos [...]. No caminho, Mohammad abre os braços como se estivesse fazendo aviãozinho, levando nas costas a mochila azul do Homem Aranha que ganhou de voluntários (Refugiados: Uma história, *Zero Hora*, outubro de 2015, p. 4).

O mesmo recurso também funciona para criar contrastes na narrativa. “São pelo menos 800 refugiados acampados neste domingo, 20 de setembro, em Kos, destino turístico de águas cristalinas que viu o tradicional vaivém de barcos e iates luxuosos suplantado pelo afluxo de botes de borracha”. Ao mesmo tempo, as questões objetivas que caracterizam o jornalismo logo tomam espaço na matéria, um modo de demarcar o lugar da fala jornalística, que é apresentar dados, descrições e informações. “Dos 300 mil que já cruzaram o Mediterrâneo rumo à Europa neste ano, o Alto Comissariado da ONU para Refugiados (Acnur) calcula que 2,5 mil morreram ou desapareceram pelo caminho”.

Além dos dados presentes no texto, há uma página inteira com um mapa que ilustra todo o trajeto que os refugiados percorrem desde a Síria, atravessando as fronteiras de até cinco países. Fora o mapa, há ainda gráficos que apresentam o número de refugiados e o

ranking dos países que mais receberam estrangeiros, liderado pela Alemanha. A figura é composta por setas que indicam o trajeto percorrido pelos sírios desde a saída de sua terra natal. Há também duas fotografias inseridas, uma retrata o caso de um caminhão frigorífico em que 71 corpos de refugiados foram encontrados pela polícia austríaca, mas não há detalhes; e a outra, corresponde a imagem de Aylan encontrado morto na praia. O grande esquema está sob o título “Impasse sem fronteiras” e pela linha de apoio “O tamanho da crise pode ser traduzido em números”.

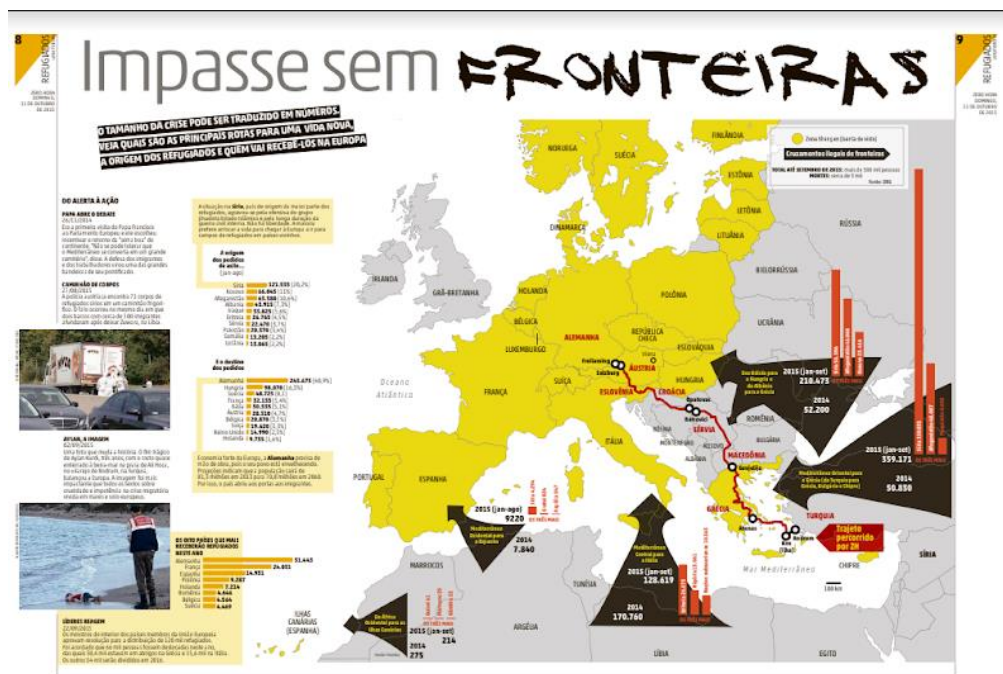


Figura 18: mapas e infográfico na páginas 8 e 9 de Zero Hora 11 de outubro de 2015.

Em meio a essas informações mais duras, há também muitas contextualizações da vida dos personagens principais para situá-los em relação ao conflito vivido pelos sírios.

Ao retornar à Síria [sobre Ghazi] após quatro anos morando fora, encontrou uma cidade sem trabalho para ele, sem escola para os filhos, explosões por todo lado, cabeças cortadas em represália a qualquer desobediência ao código radical imposto por fundamentalistas religiosos (Refugiados: Uma história, Zero Hora, outubro de 2015, p. 3).

É importante destacar que todos os dados e contextualizações estão na fala da narradora e dos personagens, caracterizando **as vozes presentes na narrativa** dessa reportagem. Não há a presença das ditas fontes oficiais. Ao todo, 19 pessoas falam durante a história, seja por citações diretas ou indiretas. Desses, 16 são migrantes e três são voluntárias

croatas. As falas literais, as chamadas aspas, costumam apresentar o sentimento e as expectativas dos sujeitos e são, em grande parte, frases de bastante efeito, como essa de Ghazi: “A Síria está morta. Não há futuro para meus filhos, não há futuro para ninguém”.

A maioria dos personagens é conjecturada a partir do que faziam e pelo motivo pelo qual desejou se arriscar nessa travessia. Após a descrição sobre o chefe de família Ghazi, é a vez do estudante sírio Musa Amohammed, de 23 anos, que integra o grupo de 11 pessoas que a jornalista acompanha. “Na Síria, Musa era estudante de educação física. Passou dois meses na Turquia, trabalhando como carpinteiro, mas diz que desistiu de permanecer lá porque os patrões não pagavam seu salário”. O modelo de apresentação segue com os demais homens do grupo, como o maratonista Mohamed Ali, o estudante de medicina Issa e o jovem Abd, que durante um dos trajetos de barco descreve o caso de um tio que foi decapitado por radicais ao fumar durante o Ramadã, período que os muçulmanos realizam um ritual de jejum. “- Meu tio não era religioso, então prenderam ele. Primeiro cortaram os dedos, depois a cabeça”.

Já diante da fronteira entre a Sérvia e a Croácia, a narradora, mais uma vez, de maneira direta, demonstra a vivência pessoal ao citar sua emoção durante a travessia. Em um espaço em que diversas televisões estão ali para produzir imagens, Letícia é amparada pelos migrantes. “Isto não é nada comparado ao que vivemos na Síria. Lá há sangue por todo lugar, a Síria cheira a morte. Qualquer coisa é melhor do que aquilo - assegura o fisioterapeuta Harem Alhamad, 31 anos, de Aleppo”. Ao ser separada do grupo na Croácia, já que a imprensa não poderia cruzar o mesmo caminho dos refugiados, a jornalista consegue carona com três voluntárias croatas, que são as únicas personagens que não são refugiadas, mas que dão a dimensão de um outro tipo de narração e do possível conflito entre as diferenças. De acordo com uma das voluntárias, muitas pessoas são contra a vinda dos muçulmanos. “Muita gente diz que esses muçulmanos vão invadir a Europa com mesquitas, vão destruir nossas igrejas. Que já temos nossos problemas, nossos necessitados”.

Apesar de uma iraniana que viaja sozinha ser citada e de a repórter conversar com uma outra jovem no caminho, chama a atenção que as duas únicas mulheres do grupo não possuem espaço de voz durante toda a narrativa. A mãe das crianças, Razan, tem fotos de destaque, mas não é mencionado seu comportamento, nem abordado pela reportagem o que ela sente. A jovem Rama, também integrante do grupo de 11 migrantes que a repórter acompanha, apenas é citada no momento da entrada no campo de refugiados de Opatovac.

O irmão da mãe, Adham, 28 anos, e a jovem Rama, 18 anos, que tem um marido a sua espera na Suécia, apresentam-se como um casal aos policiais. Com o vínculo familiar, pensam em facilitar a aprovação de sua entrada. Em poucos minutos, todos têm as cópias de seus passaportes feitas e recebem uma fita para colocar no pulso que dá acesso ao próximo ônibus (Refugiados: Uma história, *Zero Hora*, outubro de 2015, p. 11).

O não questionamento a essas duas mulheres e o seu silenciamento deixam dúvidas quanto à maneira como a narradora se coloca diante de seus representados no que se refere ao comportamento de mulheres muçulmanas e à sua representação cultural. Como vimos, os mecanismos de naturalização do espaço também são produtos de relações de dominação. No que concerne ao senso comum e ao pouco que se conhece sobre o islamismo pela população ocidental, as mulheres ocupam um espaço de expressão limitado frente aos homens. Aqui há um paradoxo, pois ao mesmo tempo em que a presença dessas duas mulheres está visível nas imagens, há uma invisibilidade delas. O que houve neste caso, então? Uma naturalização, um processo de estigmatização do comportamento das muçulmanas? Na verdade, a atribuição de significados por parte de nossa análise também se torna problemática, já que há um absoluto apagamento do perfil dessas duas personagens. No entanto, ressaltamos essa situação incômoda, que muitas vezes, tende a buscar uma explicação objetiva do social, cujos sistemas de relações produzem regularidades que não são capazes de trazer à compreensão a complexidade cultural.



Figuras 19 e 20: Razan, esposa de Ghazi, tem espaço destacado nas imagens enquanto personagem, mas não há descrições sobre ela.

Como salienta Spivak (2012), há sempre o perigo de o subalterno ser construído pelo intelectual que almeja falar pelo outro. Falar por e representar o outro são movimentos intrínsecos, uma vez que a representação também é um ato de fala. A ausência de um espaço dialógico no processo de representação se dá, não no sentido estrito da expressão, já que todos podem falar, mas pela falta de agenciamento do subalterno em falar (SPIVAK, 2012).

Ainda assim, em grande parte, o que percebemos é que *quem fala e quem vê*, do modo que estão dispostos nessa reportagem, apresenta uma variedade de pontos de vista dos ditos subalternos.

Entre uma carta e outra, os moradores de Raqqa contam como é viver na capital do Califado. Se quem é flagrado fumando em público pode ter os dedos cortados, quem ousa vestir jeans ou roupas justas tem as pernas mutiladas a facão. Homens não podem fazer a barba, mulheres devem cobrir o corpo. As escolas foram fechadas porque o Estado Islâmico não aprova o ensino de disciplinas científicas - nada de biologia ou evolucionismo, nada de história, nada de filosofia, esportes ou artes (Refugiados: Uma história, *Zero Hora*, outubro de 2015, p. 4).

De maneira geral, também podemos indagar se a opção da reportagem pela ausência das fontes oficiais não se dá nesse aspecto por se tratar de um estado terrorista, mas por outro

lado, percebemos a mesma definição se repetir em relação aos governos europeus que estão fechando suas fronteiras: “Depois de concluir que seria incapaz de deter o fluxo de migrantes, a Macedônia mudou a estratégia e abandonou a tática de confronto: decidiu liberar a passagem e despachar os visitantes inconvenientes para o país vizinho, a Sérvia”. E também quanto ao tratamento dos guardas em relação aos refugiados no trem que levava a Sérvia: “guardas recolhem o dinheiro e controlam a entrada aos berros, ríspidos: - Em fila! Não saiam da fila! Parados! Os refugiados são tratados como cargas a serem despachadas”.

Mohamed conta que foram relativamente bem tratados no caminho, com exceção de alguns empurrões de policiais e de horas de espera debaixo de chuva na saída da Croácia. Se tivessem passado pela Hungria, possivelmente as recordações seriam piores, como me contaram outros refugiados sírios que encontrei na capital austríaca. - Foi horrível. Batiam na gente com cassetete e diziam o tempo todo: *fuck you, fuck you!* - revelou o sírio Muhamad Bakeer, 24 anos (Refugiados: Uma história, *Zero Hora*, outubro de 2015, p. 13).

Tendo em vista que a autorrepresentação do sujeito pode se tornar ineficaz, uma vez que o subalterno também não é ouvido, o fato de o jornalismo abrir mão das fontes especialistas/oficiais e se ater exclusivamente aos personagens refugiados, demonstra uma tentativa de construir um espaço diferente de legitimação de voz na construção da narrativa, visto que não se pode falar pelo subalterno, mas pode-se trabalhar contra a subalternidade (SPIVAK, 2012).

As espacialidades que permeiam essa narrativa, assim como as demais reportagens analisadas, também dão à migração um tom de superação, de pessoas em busca de uma vida melhor, ressaltando a sua fé e a sua resiliência. Mas, sobretudo, o que a diferencia é o espaço maior dado à subjetividade dos personagens e da própria narradora, que em alguns momentos até surpreende. Os **conflitos e aproximações** existentes que iremos comentar a seguir nos dão uma dimensão desse olhar mais subjetivo.

O espaço social enquanto espaço de interação é onde os sujeitos se percebem, se conhecem e se reconhecem. Como lembra Hall (2016), a capacidade de atribuir significado aos comportamentos individuais integra um processo comunicacional intrínseco às narrativas. Ao descrever um ex-soldado integrante do grupo, que não quis se identificar, a repórter relata que para se distrair o jovem lhe dá aulas de árabe.

Tomo notas do que escuto e repito as frases aprendidas “*Ana asme Letícia, Ana mean al Brazil, Ana sahafea*” (Meu nome é Letícia. Eu sou do Brasil. Sou jornalista). Eles riem do meu sotaque árabe, e involuntariamente viro motivo de diversão para o grupo, enquanto o tempo passa (Refugiados: Uma história, *Zero Hora*, outubro de 2015, p. 5).

A relação desse Eu com esse Outro aparece em diversos momentos em relação à narradora. “- Agora você também é uma pessoa suja”, diz um refugiado a ela. “Sem banho há três dias, rimos juntos”. A todo instante a repórter também descreve sua trajetória, e muitas vezes, demonstra seus próprios sentimentos, como o constrangimento ao compartilhar da comida dos refugiados. Ela comenta da constante iniciativa das pessoas em oferecer alimento a “uma pessoa estranha e com bloquinho na mão”. Talvez, porque mesmo sendo jornalista, Letícia estava vivendo, ainda que por um período, a mesma situação que aqueles indivíduos. Mas, logo entendemos, por meio da explicação da narração, que esse é um costume árabe e que negar a oferta de comida é uma ofensa aos muçulmanos.

A informação jornalística nessa relação de alteridade funciona como ferramenta para a desconstrução daquilo que é apenas suposição e para a aproximação de culturas distintas. O contexto político e social também é apresentado no diálogo com a voluntária croata Sonja que, assim como os sírios, se considera “refugiada” após a guerra que separou a antiga Iugoslávia. “Por causa das memórias da guerra recente em seu próprio país, Sonja tem a impressão de voltar no tempo quando vê as imagens da Síria bombardeada. Ainda hoje se assusta com sirenes e estampidos”.

Outra estratégia narrativa de aproximação com o leitor está no recurso de linguagem. Ainda que as línguas sejam absolutamente diferentes, e neste trecho a diferença seja justamente para evidenciar esse contraste da relação narradora e personagem, a construção do texto busca a referência da língua do leitor para surpreendê-lo:

Sentado à minha frente, o ex-soldado que intercala suas frases com “*fucking*” brinca com Mohammad, sorridente. Depois me conta que ainda tem uma bala alojada na perna. E que recebeu “três estrelas do Exército”. Carrega a guerra no corpo. Não quer mais falar sobre isso. Diz que não tem mais sentimentos, que não sente mais nada. Como todos, quer esquecer o passado. E estudar psicologia na Alemanha. Para passar o tempo, volta a tomar minhas lições de árabe, fazendo as perguntas ensinadas na calçada horas antes, como é seu nome, quantos anos tem, de onde você é. Invertemos o jogo e pergunto a ele em árabe qual é o seu nome “*Ma hwa asmak?*”. E aí finalmente ele revela sua identidade. O soldado que diz não ter sentimentos se chama Ammar (Refugiados: Uma história, *Zero Hora*, outubro de 2015, p. 5).

Ao fazer todo o percurso, assim como os refugiados, a jornalista também procura expor o que sentem os colegas migrantes em relação aos olhares do outro. Exemplo disso, é a fala de um estudante de medicina: “Olham para a gente como se não fôssemos nada. No meu país eu me sentia importante. Quando cursava a universidade, me sentia especial. Agora olham para nós desse jeito, como refugiados”. Ao retratar o perfil desses migrantes, a

reportagem procura contribuir na desconstrução de estereótipos, já que destaca a formação de várias pessoas que sonham com uma vida melhor mesmo com um histórico de formação e respeito.

Durante todo o caminho, a narradora conversa com as pessoas nas mais diferentes situações: depois de um banho, na hora da janta, na fila da revista. O artigo que encerra a reportagem “Gente de alma grande” demonstra uma tentativa da repórter em colocar-se no lugar do Outro, ainda que isso não seja plenamente possível, mas, sobretudo, evidencia um exercício da jornalista em refletir sobre a própria subjetividade, se seu trabalho era mais um fardo para os refugiados ou se foi algo diferente na vida deles; o que não é comum nas narrativas jornalísticas, já que as reportagens prezam pela objetividade e pela neutralidade. “Quando parti de Porto Alegre rumo à Grécia para produzir esta reportagem, em 17 de setembro, tentava me preparar para ouvir toda a dor de quem foge de uma guerra. O que sequer suspeitava é que iria deparar com tanta generosidade no meio desta jornada de fuga”.

Na hora de dormir, fui procurar um lugar para encostar a cabeça, quando um dos rapazes do grupo veio atrás de mim. O jovem Musa ia dormir no chão, mas havia reservado duas poltronas juntas para que eu pudesse me esticar. Quando eu já estava constrangida por tamanha gentileza, ele tirou a jaqueta que vestia e colocou sobre minhas pernas para servir de cobertor (Refugiados: Uma história, *Zero Hora*, outubro de 2015, p. 16).

Com a forte marca de um sentimento de esperança, comum na maior parte de matérias que abordam imigrantes e refugiados, a reportagem encerra como se concluísse o enredo de um final feliz, mesmo que esse não seja propriamente um fim, já que o jornalismo é uma narrativa em movimento e raramente se fecha (MOTTA, 2013). Sob o título de “Percurso cumprido” e ao relatar a chegada do grupo à Alemanha, a última frase que encerra a reportagem é: “Às 15h, embarcam num trem vermelho sem saber qual será o destino. Pelo menos desta vez, partem com a confiança de quem já chegou”.

Assim, percebe-se que a abordagem durante o desenvolvimento da narrativa, conforme o paradigma narrativo, é o que pode indicar o sentido construído sobre o Outro e que a reportagem, caracterizada pelo aprofundamento da informação, cumpre uma função importante como ferramenta para difundir aquilo que não é conhecido. Ao explicitar momentos de contato ora acolhedores, ora conflitantes entre as diferenças, “Refugiados: Uma história” estabelece uma associação próxima ao que entendemos como um exercício de alteridade. Ou seja, a visibilidade de uma subjetividade, o reconhecimento do pertencimento a um determinado espaço e grupo social e a legitimação de vozes ditas subalternas, possibilitam um maior protagonismo do outro. Ainda que muito de nossa fundamentação

teórica nos aponte que a discussão sobre um exercício de alteridade no jornalismo pareça cada vez mais difícil, alguns espaços mostram-se privilegiados, ao passo que conseguem apontar traços de alteridade em sua narrativa.

4.5 Cruzamento das travessias e fronteiras

Terminada a análise de cada reportagem selecionada para a composição do nosso *corpus*, a tentativa de tecer alguns cruzamentos entre as narrativas mostra-se necessária para observarmos os pontos de aproximação e de contraste entre elas, para que contribuam em nossa reflexão sobre como o jornalismo representa o espaço do outro. Considerando que discorreremos acerca de quatro grandes reportagens publicadas no mesmo veículo e que três delas são produzidas pelo mesmo repórter, acreditamos ter atingido uma abrangência significativa a respeito da temática das migrações a partir da linha editorial de uma mesma empresa, e da possibilidade de mudança do posicionamento do narrador de acordo com o tipo de imersão realizada.

De início, apontamos que todas as matérias foram publicadas na edição dominical de *Zero Hora*, indicando o caráter espacial desse tipo de narrativa: mais longa, com a necessidade de maior aprofundamento e maior espaço gráfico, além da ausência da instância factual das publicações diárias.

Nas narrativas de “Os Novos Imigrantes” e “Destino Incerto”, produzidas localmente no Rio Grande do Sul, um estado com formação imigrante, parece haver um planejamento editorial de tematizar as transformações geradas no espaço social a partir da chegada dos africanos e caribenhos do novo processo migratório. Não há nessas narrativas, por exemplo, a abordagem da falta de políticas públicas em relação às necessidades decorrentes da chegada de estrangeiros ao território brasileiro. Tal situação ocorre diante de um contexto de omissão de governos, que talvez não trabalhem em prol desses indivíduos porque eles não votam. Ao contrário de narrativas que apresentam o tom de denúncia em relação às dificuldades vivenciadas por brasileiros, o jornalismo coloca seu papel de guardião do interesse público à parte, já que estabelece o espaço do outro como mão de obra, acionando um universo comum ao imaginário do narrador e do leitor. Ao mesmo tempo, as duas reportagens operam organizadas na forma de narrativas lineares especializadas, que demarcam o lugar do texto jornalístico com seu estilo objetivo e expressões tradicionais da linguagem.

Todas as narrativas apresentam elementos que buscam produzir efeitos de real, a partir das **estratégias de objetivação e subjetivação**, como fotos das personagens ou dos

locais representados. Em “Refugiados: Uma história”, inclusive, as imagens são da própria jornalista, que reforçam o sentido de que a repórter esteve *in loco*. A autenticação dos fatos que passam pelas fotografias das quatro reportagens se dá como um recurso objetivo e ao mesmo tempo subjetivo, principalmente nas que reforçam as manifestações culturais distintas, como a religião e os modos de se vestir retratados em “Os Novos Imigrantes” e “Inferno na terra prometida”, já que produzem significados a partir dos enquadramentos do narrador e do olhar do leitor. Assim como o uso de mapas e infográficos, que se constituem como abstrações do espaço. Embora eles sejam utilizados para ilustrar o percurso geográfico, representam uma síntese redutora do complexo migratório, se pensarmos que podem ser vistos apartados do seu conteúdo completo. As narrativas também constroem a realidade a partir da voz do narrador quando as expectativas, os sentimentos e até mesmo o comportamento do outro são descritos pelo repórter. Em diferentes medidas, esse aspecto é observado em todas as narrativas sobre os imigrantes e refugiados.

No que diz respeito às sutilezas de *quem fala e quem vê*, é sabido que o jornalismo se coloca diante de seu representado como um narrador observador dos fatos e como alguém que irá transmitir informações. Ao omitir do processo sua própria constituição como sujeito, uma vez que a lógica de produção está baseada no princípio científico, a maneira como será focalizada a história revela que, na maioria das vezes, o outro não pode falar. O espaço de voz das fontes especialistas mostra-se ativa na construção do outro como outro determinado, visto que a representação do comportamento do imigrante é descrito pelo narrador e pelas vozes ditas oficiais. Assim, “Os Novos Imigrantes” e “Destino Incerto”, de maneira geral, fazem com que a narrativa enquanto percepção do indivíduo, influencie a interpretação do leitor a partir das representações que produz, sem que o subalterno possa se expressar. Dessa maneira, a narrativa acaba mostrando pouca singularidade nas falas dos imigrantes, que se caracterizam por declarações curtas e fragmentadas, submetidas à necessidade do narrador para legitimar o seu próprio discurso. Ainda que a representação cultural do outro esteja sempre sujeita à construção de quem narra, “Refugiados: Uma história” mostrou que há um tipo de abertura na narrativa jornalística que possibilita um maior protagonismo do subalterno ao abordar suas próprias questões a partir da sua voz e das suas particularidades. Nesse sentido, ao dispensar as fontes oficiais e especialistas, essa reportagem se destaca entre as demais.

Em geral, outro ponto observado é que, na tentativa de construir um lugar para o imigrante, as reportagens, muitas vezes, buscaram a aproximação com o nativo, explorando similaridades e familiaridades entre os sujeitos, não contribuindo assim, para a

descentralização do olhar do narrador sobre o outro. Se o espaço se constitui como afeto tanto para o imigrante como para o narrador, a cultura se constitui como conflito. Nesse sentido, **as aproximações e os conflitos presentes nas espacialidades** demonstraram que ao acionar os mapas de significados do leitor, os jornalistas assumiram posturas de narração do outro calcadas na naturalização do espaço, produzindo representações estereotipadas ou correndo o risco de fazê-las. Isso pôde ser observado diante da hesitação do narrador em aprofundar o racismo e a xenofobia locais e ao comparar as características físicas do estrangeiro.

Por outro lado, nessas idas e vindas, o processo da viagem revelou-se como um importante deslocamento do repórter de sua zona de conforto. Assim, vimos uma possibilidade maior de entrega à subjetividade com o narrador em travessia. Sendo o lugar um espaço narrado, as noções alteradas de espacialidade parecem terem sido reconfiguradas, abrindo a reportagem a acontecimentos inesperados e à potencial intervenção do outro. Dessa maneira, vimos que as identidades também são constituídas pelo sentido de lugar. De alguma forma os indivíduos narradores deram sentido às paisagens ao ativar experiências espaciais, como ocorre em “Inferno na terra prometida” e “Refugiados: Uma história”. Além disso, a travessia tornou a narrativa um espaço de mais descrição e proximidade ao texto com caráter literário nessas duas reportagens.

Sobre o perfil dos narradores, sabemos que Carlos Rollsing é repórter de *Zero Hora* desde 2011, iniciou seu trabalho na cobertura política e, depois, ampliou a atuação para temas como imigração contemporânea e reportagens investigativas. Apontado como um dos repórteres mais experientes de *ZH*, Humberto Trezzi atuou nas editorias de política, geral e segurança. Já a repórter Letícia Duarte, depois de atuar 13 anos em *Zero Hora*, período em que ganhou o Prêmio Esso em 2012 pela reportagem “Filho da Rua”, atualmente trabalha como jornalista internacional independente. Morando nos Estados Unidos, ela já publicou matéria feita no México a respeito do novo perfil de imigrantes deportados pelo país norte-americano. Os três jornalistas, embora tenham vivências e experiências profissionais distintas, correspondem ao perfil que caracteriza a maior parte dos jornalistas no Brasil: brancos e oriundos da classe média e classe média alta. Assim, para que cada um se torne consciente do outro, o reconhecimento do lugar que ocupam e da subjetividade que carregam se torna substancial para a constituição de algo a ser transmitido entre sujeitos. Ainda que muitos imigrantes reais estejam presentes nessas narrativas, esses personagens são construídos pelo discurso desses três jornalistas. Como lembra Motta (2013), o narrador procede de acordo com suas possibilidades, com seus recursos discursivos e com as reações que ele presume de quem lê.

No entanto, o remonte do contexto histórico e da questão migratória presentes em *Zero Hora* se apresenta como possibilidade de amplificar a notícia e aproximar as vivências, já que no período de dois anos investiu-se na produção de quatro grandes reportagens, que por meio do percurso geográfico realizado pelos repórteres, trouxe para o público a dimensão local (Rio Grande do Sul), nacional (Brasil) e internacional (Síria) do fenômeno relatado.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao fim da construção de um trabalho que se propõe a estudar a constituição subjetiva de uma narrativa, entendemos imprescindível ressaltar que nossa análise também está sujeita aos valores culturais e simbólicos do pesquisador e sob à potência da subjetividade diante de procedimentos metodológicos que ditam as pesquisas acadêmicas. Sendo assim, este estudo nos revela muito mais um caminho de reflexão, do que propriamente respostas. E é justamente o ato de refletir-se, a concentração do espírito sobre si próprio, suas representações, ideias, sentimentos, que buscamos aqui.

Nossa narrativa, então, é gestada a partir da escolha de um tema provocante no que diz respeito ao contato com a diferença e aos modelos de representação produzidos pela e para sociedade. O jornalismo, enquanto instituição legitimada para falar, mostra-se um campo fértil para a reprodução de padrões ao público que, por sua vez, interioriza valores e expectativas sociais. A prática jornalística, referendada pelo gênero da reportagem, busca produzir narrativas acerca de pessoas comuns ou não, que interagem em diversos espaços e também elaboram novos sentidos sobre eles. Assim, partimos do pressuposto de que a reportagem se apresentaria como uma possibilidade de encontro de sujeitos distintos e, assim, nos permitiria condensar entendimentos acerca de nosso estudo.

Ainda que o modelo de negócio jornalístico nos faça por muitas vezes desacreditar no espaço para um jornalismo com olhar mais humano e conteúdo aprofundado, a reportagem pode se reinventar com novas formas de informar e contar histórias, pois acreditamos que o encontro com a diferença suscita princípios que estão longe da neutralidade, fazendo com que gentes tão pouco ouvidas ganhem espaço de visibilidade. No caso das migrações, o atravessamento de fronteiras físicas e culturais põem em xeque não só as dificuldades de adaptação do estrangeiro em outro país, como também as manifestações xenófobas decorrentes do encontro com o outro.

Por outro lado, as cenas de sofrimento humano, rejeição e esperança em torno de imigrantes e refugiados no contexto contemporâneo geram debates políticos e também carregados de emoção. Assim, nosso olhar sobre a importância de um encontro com a alteridade e nossa inquietação sobre as representações feitas pelos jornalistas, nos levaram ao problema de pesquisa que norteia este trabalho: como o jornalismo representa o espaço do outro na narrativa das reportagens sobre imigrantes de *Zero Hora*?

Para além do universo jornalístico e por meio de outras formas de interação que acolham a expressão dos sujeitos, nossa fundamentação teórica explorou os elementos

subjetivos que tornam a cultura e o espaço como processos relacionais. No diálogo com diferentes autores, percebemos que questões centrais das minorias como cidadania, identidade, e marginalização, são de difícil compreensão. Sobretudo no Brasil, com tantas misturas e especificidades regionais. Nossas referências bibliográficas também demonstraram que a produção intelectual sobre essas temáticas é de interesse e exploração, em sua maioria, de mulheres e pessoas negras. Sociólogo jamaicano e teórico cultural com atuação no Reino Unido, Stuart Hall foi um autor fundante para nos guiar nesta pesquisa.

De início, pensamos que a cultura na qual estamos inseridos é dinâmica devido às transformações históricas que representam mudanças no cotidiano da vida das pessoas. Por conseguinte, as representações que são produzidas das relações em sociedade também são construídas por significações pré-estabelecidas pela cultura. No que se refere às migrações, elas sempre estiveram presentes no desenvolvimento da humanidade, ocasionando choques culturais e o encontro com o diferente.

É neste encontro com o Outro que acontece o processo inconsciente da formação da subjetividade, uma vez que somos produtores de diferenças e nos reconhecemos na diferença. Assim, a identidade do sujeito é um processo relacional, já que é fabricada por meio da marcação da diferença. Além disso, o estrangeiro não é somente aquele que vem de fora, mas também o estrangeiro que está no “si mesmo”.

Também compreendemos que o espaço é sempre uma relação social, no qual há lugares determinados para as atividades e também para as pessoas. Portanto, é necessário refletirmos sobre como os efeitos de naturalização se manifestam a partir da chegada de imigrantes no território.

Por fim, entendemos a narrativa jornalística como forma de constituir a realidade humana, com o jornalismo ocupando um espaço autorizado para ordenar as experiências e situações de vida na sociedade. Sem a pretensão de assinalar caminhos certos ou errados, cair no risco do prévio julgamento do trabalho do jornalista ou sintetizá-lo arbitrariamente, nossa proposta visou, a partir dos traços analisados, apresentar como as travessias e as fronteiras narradas revelam que por trás do recurso objetivo da narrativa sempre há uma subjetividade, seja porque por si só já se trata de uma escolha de representação do narrador, seja pelos significados que potencialmente gera.

Nossa análise identificou em todo o *corpus* selecionado o uso de estratégias para produzir os efeitos de real, que também apontam para o objetivo de aproximar o leitor da realidade vivida pelos imigrantes. Para isso, o jornalismo indica o nome, idade e localização dos personagens, para que a existência deles possa ser verificada no mundo real. Os lugares

também ganham localização precisa com mapas indicativos que mostram os espaços percorridos por imigrantes e refugiados, também de forma a autenticar a sua existência. Elementos de subjetivação foram percebidos em todas as narrativas ao investigarmos como o jornalismo representa o espaço do outro. Imagens, linguagens e descrições produzidas pela narração revelaram múltiplas possibilidades de significados que podem determinar uma visão sobre o outro.

Além disso, as vozes presentes nas narrativas indicaram que o jornalismo recorre à estrutura do espaço social para explicar tais fenômenos ao público. A fala do dito subalterno, por vezes, aparece de maneira fragmentada, a fim de legitimar o discurso do próprio narrador. Ao mesmo tempo, há momentos em que ele lança mão dessa linguagem. Neste caminho, o narrador é capaz de alcançar uma maior humanização dos relatos. Assim como o deslocamento do jornalista, que em travessia com o outro, nos surpreendeu ao evidenciar a sua própria constituição enquanto sujeito.

As limitações que encontramos acerca de um exercício de alteridade são compreendidas pela lógica de produção do jornalismo e pela constante tentativa de evitar a potência da subjetividade. A carência de uma consciência da subjetividade no processo de representação contribui para a continuidade da produção de narrativas que não valorizam as concepções de lugar de fala e das identidades, fazendo com que o encontro com a diferença ainda seja permeado pela naturalização dos estereótipos. Por outro lado, as quatro matérias, cada uma à sua medida, colocam em socialização os fatos decorrentes do espaço ao buscar o aprofundamento de uma temática tão importante ao contexto contemporâneo.

Também não podemos desconsiderar a importância da abertura desse espaço, cada vez mais raro no jornalismo. Reportagens de fôlego, realizadas *in loco*, possibilitam uma busca pela multiplicidade de vozes. Nesse aspecto, a reportagem parece ser a principal ferramenta do campo do jornalismo para promover o encontro de sujeitos distantes, ainda que a representação do espaço do outro seja construída preponderantemente pelo narrador.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Silvio. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2018.

BAUMAN, Zygmunt. **O pânico migratório e seus (ab)usos**. In: BAUMAN, Zygmunt. *Estranhos à nossa porta*. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

_____. **Viver com estrangeiros**. In: BAUMAN, Zygmunt. *Confiança e medo na cidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1997.

BHABHA, Homi. **La ambivalencia de la condición migrante**. Revista Cultura, Jornal Clarín, *Online*, 26 Jul. 2013. Disponível em: https://www.clarin.com/rn/ideas/ambivalencia-condicion-migrante_0_ry89eCBsw7x.html

_____. **Locais da cultura**. In: BHABHA, Homi. **O Local da Cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BOURDIEU, Pierre. **Efeitos de lugar**. In: BOURDIEU, Pierre et. al. **A miséria do mundo**. Petrópolis: Vozes, 2007.

COGO, Denise. **Desafios dos imigrantes no Brasil**. Trabalho em Revista, Tribunal Regional do Trabalho 23º região, *Online*, 24 Mar. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VliDjr8TiF8>

_____, Silva, T. **Mídia, alteridade e cidadania da imigração haitiana no Brasil**. Belo Horizonte: 24º Encontro Nacional Compós, 2015a. *Annals*.

_____, Brignol, L. **Reposicionando o nacionalismo metodológico: Migrações, Transnacionalismo e as Pesquisas em consumo e recepção**. In: SODRÉ, Muniz et al. **Díasporas Urbanas: migrantes, viajantes e transeuntes**. Goiânia: Gráfica, 2015b.

CULLER, Jonathan. **Teoria literária: uma introdução**. São Paulo: Beca Produções Culturais, 1999.

DECKER, Norberto. **Nessa terra somos todos migrantes: Interfaces entre religião, acolhida humanitária e políticas de imigração no Brasil de ontem e de hoje**. Tese de doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2017.

DUTRA, Delia. RUSSE, Pedro. **A cidade e os migrantes: reflexões metodológicas**. In: SODRÉ, Muniz et al. **Díasporas Urbanas: migrantes, viajantes e transeuntes**. Goiânia: Gráfica UFG, 2015.

ECOSTESGUY, Carolina. **Identidades Culturais: uma discussão em andamento**. In: **Cartografias dos Estudos Culturais - uma versão latino-americana**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide - para uma teoria marxista do jornalismo**. Porto Alegre: Tchê, 1987. Documento digitalizado: <http://www.adelmo.com.br/index3.htm> Acesso em: 25 jul 2018.

GROSFOGUEL, Ramón. **Descolonizar as esquerdas ocidentalizadas:** para além das esquerdas eurocêntricas rumo a uma esquerda transmoderna descolonial. Contemporânea, Revista de Sociologia da UFSCar, vol.2, n.2, 2012.

_____. **Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais:** transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. Revista Crítica de Ciências Sociais, 2008.

HAESBAERT, Rogério. **Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade.** In: PetGea Conference, 2004. Documento digitalizado: <http://www.ufrgs.br/petgea/Artigo/rh.pdf> Acesso em: 07 out 2018.

HALL, Stuart. **A centralidade da cultura:** notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. Porto Alegre: Educação & Realidade, 2001.

_____. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

_____. Chritcher, C; Jefferson, T; Clarcke, J; Roberts, B. **A produção social das notícias:** O mugging nos media. In: TRAQUINA, Nelson. Jornalismo: questões, teorias e “estórias”. 2a ed. Lisboa: Vega Editora, 1999.

_____. **Da diáspora:** identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

_____. O espetáculo do “Outro”. In: HALL, Stuart. **Cultura e representação.** Organização e Revisão Técnica: Arthur Ituassu; Tradução: Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. Puc-Rio: Apicuri, 2016.

_____. **Representation:** Cultural Representations and Signifying Practices. London: Sage/Open University, 1997.

_____. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da. Identidade e Diferença. **A perspectiva dos Estudos Culturais.** Petrópolis: Vozes, 2003.

HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna.** São Paulo: Loyola, 1992.

LAGO, Claudia. **Ensinamentos antropológicos:** a possibilidade de apreensão do Outro no Jornalismo. São Luis: 8º Encontro Anual da SBPJor, 2010. Annals.

LANDOWSKI, Eric. **Presenças do Outro.** São Paulo: Perspectiva, 2002.

LOBATO, José Augusto Mendes. **A alteridade na ficção seriada e na grande reportagem:** um estudo sobre as estratégias de representação do outro na narrativa televisual brasileira. Universidade de São Paulo. Tese de Doutorado, 2017.

KOTSCHO, Ricardo. **A prática da reportagem.** São Paulo: Ática, 2000.

KOVACH, Bill. ROSENSTIEL, Tom. **Os Elementos do Jornalismo:** o que os jornalistas devem saber e o público exigir. São Paulo: Geração Editorial, 2003.

KRISTEVA, Julia. **Estrangeiros para nós mesmos.** Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Entrevista: o diálogo possível.** São Paulo: Ática, 2008.

MOREIRA, Erika Vanessa. **O Lugar como uma construção social.** São Paulo: Revista Formação, 2007.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise Crítica da Narrativa**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013.

_____. **Narrativas jornalísticas e conhecimento de mundo: representação, apresentação ou experimentação da realidade?** In: PEREIRA, F. MOURA, D. ADGHIRNI, Z. **Jornalismo e sociedade: teorias e metodologias**. Florianópolis: Insular, 2012.

PAULA, Gabrielle de. **Olhar o Outro: uma análise do documentário Quilombo da Família Silva**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Trabalho de conclusão de curso, 2015.

RESENDE, Fernando. **O discurso jornalístico contemporâneo: entre o velamento e a produção das diferenças**. São Paulo: Revista Galáxia, 2007.

_____. **O Jornalismo e suas narrativas: as brechas do discurso e as possibilidades do encontro**. Revista Galáxia, São Paulo, n. 18, p.31-43, dez. 2009.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

RIBEIRO, Djamilia. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2017.

SAID, Edward W. **Cultura e imperialismo**. Tradução: Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SANTOS, Milton. A Força do lugar. In: SANTOS, Milton. **A Natureza do espaço**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

_____. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1988.

_____. **Técnica, Espaço, Tempo: Globalização e meio técnico-científico informacional**. São Paulo: Hucitec, 1994.

SODRÉ, Muniz. **Técnica de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística**. São Paulo: Summus, 1986.

SPIVAK, Gayatri C. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: UFMG, 2012.

TAMBOSI, Orlando. **Tobias Peucer e as origens do jornalismo**. Estudos em Jornalismo e Mídia. V. 1, n. 2, Florianópolis: UFSC, 2004.

TRAQUINA, Nelson. As teorias do jornalismo. In: TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo, porque as notícias são como são**. Florianópolis: Insular, 2012. V. 1.

VEIGA, Márcia. **Saberes para a profissão, sujeitos possíveis: um olhar sobre a formação universitária dos jornalistas e as implicações dos regimes de poder-saber nas possibilidades de encontro com a alteridade**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Tese de Doutorado, 2015.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórico e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e Diferença**. A perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2003.

ZAMBERLAM, Jurandir et al. **Os Novos Rostos da imigração no Brasil** - haitianos no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Solidus, 2014.



ADAMA VEIO
DO SENEGAL



JEAN DANIEL É UM
DOS 7 MIL HAITIANOS

UM LUGAR AO SOL | **UM LUGAR AO SUL**

OS NOVOS IMIGRANTES

TEXTOS

CARLOS ROLLING

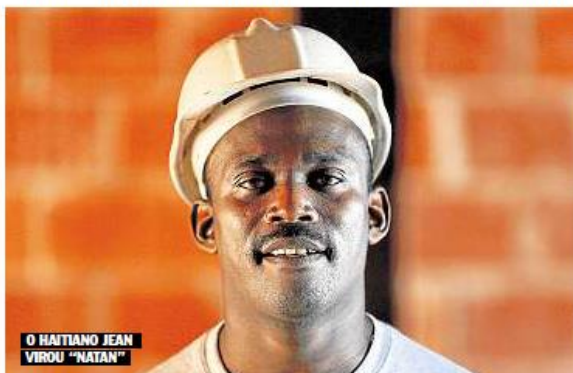
carlos.rollsing@zerohora.com.br

HUMBERTO TREZZI

humberto.trezi@zerohora.com.br

UM NOVO PROCESSO migratório, formado sobretudo por africanos e caribenhos, começa a vingar no Rio Grande do Sul – onde imigrantes italianos, alemães e poloneses se instalaram aos milhares no século 19. Muitas daquelas famílias europeias se fixaram em matagais despovoados na Serra, no Vale do Taquari e no Norte, dando início às principais colonizações do Estado. As regiões cresceram, cidades como Caxias do Sul, Lajeado e Passo Fundo se tornaram pujantes polos industriais e hoje são ponta de lança do ciclo encabeçado por 11,5 mil estrangeiros negros – vindos não de zonas rurais, como seus antecessores, mas do meio urbano, e com pelo menos o Ensino Médio

no currículo escolar. Fogem da pobreza: no Brasil, podem ganhar até seis vezes mais do que no seu país de origem. O território gaúcho é um dos principais destinos de senegaleses e haitianos, principalmente o Interior, pois em Porto Alegre o custo de vida é mais alto, e a demanda por essa mão de obra, menor. Nas pequenas cidades, eles mudam o retrato da massa trabalhadora. Em Encantado, fundada por italianos, os migrantes negros já representam 2% da população – e 30% dos funcionários de um frigorífico da Dália Alimentos. O sonho de todos é o mesmo dos colonos que chegaram há quase 200 anos: conseguir um lugar ao sol. Produzir. Vencer no Brasil.



O HAITIANO JEAN
VITOU "NATAN"



LUIS RAFAEL É DA
REP. DOMINICANA

SEGUIE

FRANÇOIS PETIT COMPERE, 27 ANOS, JÁ SE CONSIDERA UM VENCEDOR. Saiu do Haiti de avião há três anos e cinco meses, rumo a Manaus. Passou horrores na jornada, dormiu ao relento, migrou para Bento Gonçalves, conseguiu emprego e hoje se diz "rico" para os padrões de seu país. Recebe R\$ 1,2 mil de salário na metalúrgica Zen e, por trabalhar com polimento, mais 40% de insalubridade. Gasta R\$ 300 com aluguel, almoça no bandedão da empresa e a maior parte do dinheiro restante manda para Porto Príncipe, onde sustenta o filho pequeno e a ex-mulher.

—A cada dois meses recebo, praticamente, o que levava um ano para conseguir no Haiti, como cabeleireiro — comemora François, que já trouxe a nova mulher, haitiana, para morar na Serra.

Alcançar o status de haitianos como François é o anseio dos ganeses, que começam a chegar em caravanas ao Brasil. **VINCENT IABOA**, 24 anos, partiu no início de julho de Kumane, no interior de Gana, onde atuava como vendedor ambulante. Juntou dinheiro seu e de um irmão para pagar a viagem, via Marrocos, até São Paulo. Pernoitou na rodoviária paulistana durante 15 dias. Quatro amigos que vieram com ele não aguentaram o barulho dos ônibus e desistiram, voltando. Iaboa era universitário, estudante de Administração de Empresas, mas aqui está disposto a fazer qualquer coisa para sobreviver. Dorme num colchonetes dentro do Seminário Nossa Senhora Aparecida, em Caxias do Sul, alimentado pela caridade alheia.

ZH VISITOU OITO DAS CIDADES GAÚCHAS ONDE SE CONCENTRAM OS NOVOS IMIGRANTES: Caxias, Bento Gonçalves, Lajeado, Encantado, Marau, Passo Fundo, Erechim e Gravataí. Autores do livro *O Novo Rosto das Imigrações no Brasil: O Caso dos Haitianos no RS* (a ser lançado em setembro), o pesquisador Jurandir Zamberlam e o padre João Marcos Cimadon, coordenador de Mobilidade Humana da Regional Sul da CNBB, estimam que 11,5 mil africanos, caribenhos e asiáticos se fixaram no Estado. Porto Alegre é só ponto de passagem, diz Zamberlam, por conta de três fatores: o custo de vida, puxado pelo aluguel, é muito alto; estão no Interior as empresas de abate de animais e construção civil que mais precisam de mão de obra; e lá, eles não são "invisíveis" como na Capital.

Os haitianos, dominicanos, senegaleses, ganeses, gambianos, bengaleses (habitantes de Bangladesh) e indianos que vieram para cá são de uma certa classe média urbana. Muitos têm Ensino Médio, Superior incompleto ou mesmo completo. Mulheres, como a senegalesa **ADAMA SALL**, 35 anos, funcionária do frigorífico Aurora de Erechim, são minoria. Parte significativa é poliglota. No caso do Haiti, há pesquisadores que já classificam o fenômeno como uma "fuga de cérebros" do país. Nesse ponto, se diferenciam dos alemães e italianos vindos no século 19, na maioria agricultores com baixa instrução. Somente em grupos mais recentes vieram haitianos de menor escolaridade e mais pobres, ligados ao êxodo rural.

—As imigrações do século 19 foram fomentadas pelos governos. Havia uma política de trazer esses europeus para cumprir três objetivos básicos: povoar o Sul do Brasil, produzir alimentos em pequenas propriedades de terra e, em menor escala, promover um branqueamento da população em função da escravidão — diz o historiador René Gertz, professor da PUCRS.

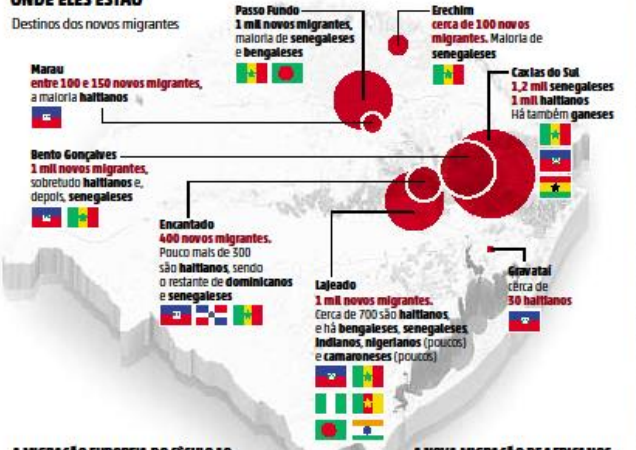
A MAIORIA DOS NOVOS IMIGRANTES VEM POR CONTA PRÓPRIA, INGRESSANDO DE FORMA ILEGAL. Depois fazem o pedido de refúgio, instrumento legal para um estrangeiro permanecer no Brasil, alegando perseguições políticas (caso de Bangladesh e de Gâmbia) ou questões humanitárias (caso do Haiti, empobrecido mesmo antes do terremoto que o devastou, em janeiro de 2010). Mas o maior motivo das migrações é econômico, sobretudo em relação a Gana, Senegal e República Dominicana: seus habitantes querem fugir da falta de trabalho e de dinheiro.

→ **Metalúrgico em Bento, François ganha seis vezes mais do que recebia no Haiti. Sustenta o filho, a ex e trouxe a nova mulher para a Serra**



ONDE ELES ESTÃO

Destinos dos novos migrantes



A MIGRAÇÃO EUROPEIA DO SÉCULO 19
 ▽ Entre 1824 e 1914, cerca de 48 mil alemães vieram para o RS
 ▽ Entre 1875 e 1914, cerca de 76 mil italianos vieram para o RS
 ▽ Entre 1872 e 1914, cerca de 32 mil poloneses vieram para o RS

A NOVA MIGRAÇÃO DE AFRICANOS, CARIBENHOS E ASIÁTICOS
 ▽ Cerca de 7 mil haitianos estão vivendo no Rio Grande do Sul
 ▽ São cerca de 4 mil africanos, sobretudo senegaleses
 ▽ Da Ásia, vieram cerca de 500 bengaleses (habitantes de Bangladesh)



Após a solicitação, o migrante ganha direito de tirar a carteira de trabalho e, assim, ficar temporariamente no país. Em 2013, o número de pedidos quadruplicou, de 4,2 mil para 17,9 mil.

– Eu não chamaria isso de nova onda migratória. Onda pressupõe que, em algum momento, vai acabar. Diria que é um fluxo migratório que passa a incluir o Brasil – pontua Gabriela Mezzanotti, coordenadora do curso de Relações Internacionais da Unisinos. – Esses fluxos sempre aconteceram, mas o Brasil era exportador, e não destino. Os brasileiros iam aos EUA. Agora estamos fazendo parte desses países que têm algo a oferecer aos migrantes.

ENQUANTO AMÉRICA DO NORTE E EUROPA, PREMIADAS POR ALTAS TAXAS DE DESEMPREGO, FECHAM SUAS FRONTEIRAS, O BRASIL VEM SE TORNANDO REFERÊNCIA INTERNACIONAL NA ACOLHIDA. Não existe um programa oficial de incentivo do governo, mas a permanência é facilitada porque o mercado tem interesse na mão de obra.

– Há uma flexibilização da justificativa para o refúgio – diz Mariana Dalana Corbellini, subcoordenado-

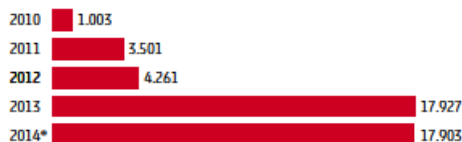
ra do curso de Relações Internacionais da Universidade de Santa Cruz do Sul. – O Brasil considera um dever estabelecer cooperação em termos diplomáticos, fazendo intercâmbio com países em desenvolvimento. São brasileiras algumas das grandes construtoras que atuam na África e América Central, por exemplo. No caso haitiano, o Brasil envia milhares de vacinas ao ano pela Fundação Oswaldo Cruz, oferece cursos pelo Senai e Senac e é líder da Missão de Paz da ONU naquele território, o que lhe confere ainda mais responsabilidade frente aos cidadãos.

Ao mesmo tempo em que dá atenção especial a investimentos no Caribe e na África, o Brasil, com a força de sua indústria, acaba se tornando atrativo para os estrangeiros. O pesquisador Zamberlam exemplifica:

– Hoje, o Brasil é o maior exportador de frango para o mundo muçulmano, com 1,8 bilhão de habitantes atendidos por 300 empresas, a maioria delas da Região Sul. E os muçulmanos só admitem receber o produto se o abate for dentro do rito halal (nos preceitos da religião). Isso contribuiu para que milhares de africanos viessem trabalhar aqui.

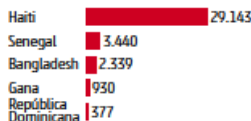
OS REFUGIADOS NO BRASIL

Especialistas ressaltam que os números abaixo são os oficiais de solicitação de refúgio na Polícia Federal, mas o número de migrantes no Brasil é maior, considerando que muitos não aderem ao procedimento e ficam na clandestinidade. Outros milhares entram no país com visto de trabalho, pelos aeroportos, o que torna desnecessário o pedido de refúgio.



*Até 29 de junho

PAÍSES COM MAIS PEDIDOS DE REFÚGIO*



*O Ministério da Justiça, que administra as informações de pedido de refúgio, não sabe informar em quais Estados os imigrantes estão vivendo. Uma vez feito o pedido de refúgio, eles podem andar livremente pelo território nacional.



↓
Em Lajeado, o indiano Prem, 55 anos, ficou cinco meses desempregado, até conseguir vaga em obra de uma construtora

Por vezes, as próprias empresas atraem a mão de obra estrangeira. A operação costuma se dar dentro da legalidade. Os refugiados têm carteira assinada e recebem as mesmas remunerações e benefícios dos brasileiros. Mas existem relatos de exploração. Alguns precisam quitar as dívidas contraídas com a viagem, o que os expõe a uma condição de fragilidade e análoga à escravidão: servidão por dívida, jornadas exaustivas, trabalho forçado e meios degradantes. Em junho de 2013, em Cuiabá (MT), fiscais do Ministério Público do Trabalho (MPT) encontraram, em obras do programa Minha Casa Minha Vida, 21 haitianos alojados em situação precária. Em novembro do mesmo ano, em uma mineradora de Conceição do Mato Dentro (MG), havia, segundo definição do MPT, 100 haitianos "abrigados em local similar a uma senzala".

A PRIMEIRA COISA QUE OS ESTRANGEIROS FAZEM, APÓS CONSEGUIR SERVIÇO, É MANDAR DINHEIRO AOS QUE FICARAM NO SEU PAÍS. É por isso que as remessas dos imigrantes superam as exportações haitianas, informa Leticia Mamed, doutoranda em Sociologia pela Universidade Estadual de Campinas e professora da Universidade Federal do Acre, que integra um grupo de estudo de migrações. Mais de um terço da população adulta do Haiti recebe repasses monetários regulares de parentes radicados no Exterior. Foram US\$ 1,5 bilhão em 2010 e US\$ 2,1 bilhões em 2011.

A escassez de força de trabalho nas indústrias do interior gaúcho foi determinante para que empresários buscassem migrantes. Sem eles, as linhas de produção corriam o risco de parar, efeito do desinteresse da população local – focada em melhores empregos – em desempenhar atividades pesadas e menos rentáveis.

– Enfrentávamos uma carência enorme de mão de obra. Ficamos sabendo que a Massas Romena (*em Gravata*) havia contratado haitianos. Fomos até Brasília (*no Acre*) e trouxemos 50 haitianos em outubro de 2012 – conta Sandra Simonis Lucca, supervisora de Pessoal da Dália Alimentos, em Encantado. – Em fevereiro de 2013, voltamos a Brasília e trouxemos mais 75 haitianos e alguns dominicanos.

A partir daí, eles começaram a fazer contatos com outros compatriotas, que foram se candidatando a vagas de emprego. Atualmente, a empresa conta com 321 estrangeiros no frigorífico de Encantado – 30% do total de funcionários.

APÓS A CHEGADA DE MILHARES DE ESTRANGEIROS, AS VAGAS DE EMPREGO NO INTERIOR DIMINUÍRAM. O indiano **PREM ABHILASH KAPIL**, 55 anos, sentiu na pele o efeito. Ele veio ao Brasil por indicação de amigos, mas passou cinco meses desempregado. Depois de muita insistência, há pouco mais de 30 dias foi admitido em uma obra da construtora Zagonel, em Lajeado, onde vive em uma casa com outros três compatriotas. Está mais aliviado.

– O Brasil é bom para ganhar dinheiro. Estou feliz, meu único problema é a língua – diz Kapil, que tenta, muitas vezes em vão, se comunicar em inglês com a população do Vale do Taquari.

Com a desaceleração da indústria, a expectativa dos setores produtivos é de que, em breve, os estrangeiros estarão trabalhando nas colheitas da maçã, do fumo e da uva. São setores em que a mão de obra também é escassa. Sem as alternativas de colocação no emprego, o risco é criar uma disputa entre brasileiros e imigrantes, o que já mostrou efeitos nefastos em outros países, como as escaladas de xenofobia na Europa.

A NOVA MIGRAÇÃO É UM MOVIMENTO RECENTE, MAS SUFICIENTEMENTE FORTE PARA CAUSAR MODIFICAÇÕES ECONÔMICAS, ÉTNICAS E CULTURAIS NO INTERIOR GAÚCHO. Em Encantado, os 400 estrangeiros representam cerca de 2% dos 20 mil habitantes locais. O município já comemora, em maio, o Dia da Bandeira Haitiana.

SEGUIE

ZH.com.br
Assista ao webdoc
"Os Novos Imigrantes"
em zhora.cc/
videoimigracao

SENEGALESES REZAM A MAOMÉ EM FÁBRICA DE MÓVEIS

O ritual se repete cinco vezes ao dia na fábrica de móveis Saccaro, em Caxias. Um por vez, os senegaleses se dirigem ao banheiro e começam a lavar mãos e pés, nas pias. É a purificação antes do encontro com os ensinamentos do Profeta, como chamam Maomé. Então, em fila, se ajoelham sobre um tapete verde (que eles chamam de "a July") ornamentado com a figura de uma mesquita e começam a rezar. Baixinho, em wolof, principal idioma dos países da África Ocidental.

— *Alahu Akbar* (Alá seja Louvado) — recitam, misturando o árabe ao dialeto senegalês.

Os murmúrios vão crescendo, deixando escorrer entre os dedos as contas da masbaha, equivalente muçulmano a um rosário católico. Pedem perdão pelos pecados, sob olhar curioso — e respeitoso — dos colegas brasileiros.

Mesmo os não fundamentalistas rezam cinco vezes ao dia. E respeitam o Ramadã, mês no qual só podem se alimentar à noite. No primeiro dia de agosto, quebraram o jejum com um farto "Almoço da Família": carne de gado com batata e arroz, tudo apimentado.

Tirando a falta que sentem da família, os senegaleses são só elogios ao Brasil. Há recíproca.

— Eles têm muita facilidade para o trabalho, são honestos, disciplinados e não reclamam. Aprendem rápido, inclusive o idioma — diz a gerente de Relações Humanas da Saccaro, Ana Paula De Zorzi Caon.

São 15 na fábrica, todos homens: dois costureiros, um contador, um pintor e os demais, marceneiros. **YAKHIA BA**, o líder, costuma usar vestes tribais ou o *fez* (gorro muçulmano). Alguns faziam, no Senegal, faculdade na área de exatas, mas agora têm de lutar para sobreviver. Ganham bem, para o padrão africano. **MO DU KURABU** era comerciante em Dakar, com os pais. Nunca vendia o suficiente para sustentar mulher e dois filhos. Agora recebe R\$ 1,3 mil, gasta R\$ 500 e manda o resto para casa.

Vários nem conhecem os filhos: as mulheres estavam grávidas quando eles migraram para o Brasil. Matam saudade via skype: todos têm computadores conectados à África.



→ **Mamadou Wakhou está há um ano e meio trabalhando na Saccaro, onde não dispensa os rituais muçulmanos**



← **Em Encantado, Ivonete, 61 anos, virou "mãe" dos imigrantes, a quem defendeu de discursos xenófobos e racistas**

CARIBENHOS SÃO PROTEGIDOS POR IGREJA

Passaram-se quase 150 anos, mas a história, ainda que com distinções e peculiaridades, se repete. Em 1882, chegaram a Encantado, distante 149 quilômetros de Porto Alegre, os primeiros imigrantes italianos. Os descendentes desses viajantes formaram famílias, se espalharam pelo território e, hoje, são absoluta maioria na cidade, com domínio sobre a cultura, a política e a economia.

A primeira criança gerada pelos italianos em Encantado foi Maria Bratti. Já falecida, ela é avó de Ivonete Teixeira, 61 anos, que hoje dedica sua vida ao Centro de Evangelização João Batista Scalabrini, ligado à Paróquia São Pedro, responsável por acolher as centenas de haitianos, dominicanos e senegaleses que desembarcaram na cidade nos últimos três anos, com frio, sem emprego ou lugar para dormir. No vácuo do Estado, a Igreja assumiu a vanguarda solidária.

A história da congregação scalabriniana, assim

como a da família de Ivonete, traça um paralelo entre passado e presente. Era 1887 quando o padre italiano João Batista Scalabrini, preocupado com os viajantes do país que partiam rumo a outras regiões do mundo sem dinheiro, emprego e teto, além do desconhecimento da língua local, resolveu fundar a congregação com o objetivo de prestar caridade aos imigrantes. No linguajar religioso, esse é o "carisma" da entidade.

A congregação chegou a Encantado em abril de 1896, com a inauguração da Paróquia São Pedro, a primeira igreja scalabriniana do Rio Grande do Sul. E até hoje permanece atuante no município, sendo a única de Encantado. Depois de amparar os italianos, os scalabrinianos atravessaram mais de cem anos de espera para acolher os imigrantes negros da África e da América Central. Um paralelo histórico que suscita temas como o racismo e a xenofobia.

— No início, tínhamos preocupação com a receptividade porque o italiano, em geral, é racista. Mas quase não tivemos problemas. Usamos o histórico a nosso favor. Dissemos que somos uma comunidade que nasceu da imigração. Por isso, entendemos que o mais justo era receber bem esses novos imigrantes — conta Ivonete, voluntária scalabriniana.



↓
Seminário de Caxias deu hospedagem e comida a ganeses que migraram durante a Copa

Por 20 anos ela esperou para acolher imigrantes como o dominicano **LUIS RAFAEL SOSA**, 21, que estudava administração de empresas e agora atua no estoque do frigorífico de suínos Dália Alimentos. Mais do que arrecadar roupas, alimentos, ajudar na busca por um teto e estabelecer uma relação afetiva, Ivonete se destacou na defesa de direitos dos novos vizinhos.

Recentemente, em um dos poucos registros de discriminação na cidade, boatos começaram a se espalhar a partir da Câmara de Vereadores: a criminalidade teria disparado em Encantado após a chegada dos haitianos e negros de outras nacionalidades, mais de 300 deles funcionários do frigorífico da Dália. Gravações com discursos xenófobos percorreram as ruas do município, a polêmica se espalhou pelos arrabaldes e chegou à vizinha Lajeado. Acuados, alguns haitianos chegaram a fazer as malas.

Ivonete bateu de frente com os críticos, sustentou que a conduta dos imigrantes era decente, e a própria Dália descobriu, junto à Polícia Civil, que não havia ocorrido nenhum aumento da criminalidade. A poeira baixou, os estrangeiros ficaram e alguns pedidos de desculpa foram feitos. Episódios como esse se cristalizaram na memória dos haitianos, que passaram a chamar Ivonete de "mãe".

GANESES ACAMPAM EM SEMINÁRIO

Para quem ficou dormindo em banco duro de rodoviária, atormentado pelo ruído dos veículos, passando frio e fome, o seminário Nossa Senhora Aparecida, em Caxias do Sul, lembra um paraíso. O prédio em pedra, envolto por flores e pomares, abrigava até 10 dias atrás 90 ganeses que migraram para o Sul durante a Copa do Mundo, sem passagem de volta nem ingresso para os jogos. São parte de uma leva de 380 que escolheu a Serra gaúcha como ponto de partida na busca de emprego.

Permaneceram no Brasil 1.132 ganeses dos 2.529 que vieram com visto de turista para a Copa. Os primeiros conseguiram emprego rápido. Os retardatários aguardam ofertas.

A rede de solidariedade católica garantiu a eles hospedagem em Caxias, comida e busca por colocação no mercado de trabalho. Daqueles 90, uns 20 são cristãos e os demais, muçulmanos. Passavam o

dia atormentados pelo frio serrano, usando blusões recém-doados pelos fiéis da paróquia, sequiosos pelos raios de sol que iluminam o pátio interno do seminário. Lavavam as próprias roupas, cozinhavam – basicamente, frango com arroz, muito condimentado – e comiam bergamotas nos intervalos. Dormiam junto ao refeitório, em colchões.

– São tão honestos e tímidos que tenho de insistir para que peguem frutas no pomar, façam suco. Delimitamos um perímetro para usarem e eles não ultrapassam. E vêm com uma habilidade a mais em relação aos brasileiros: falam o idioma inglês – descreveu o administrador do seminário, padre Edmundo Marcon.

Em cadeiras dispostas em círculos ao ar livre, os ganeses recebiam lições de português de duas voluntárias, a estudante de Relações Internacionais Juliana Camelo e a publicitária Márcia Pessoa. As duas aproveitaram para

praticar o inglês com os africanos. – Também tomei conhecimento da culinária e da música deles. Muito legal, quero um intercâmbio para conhecer o país deles – entusiasmou-se Juliana.

Há semanas, emissários do frigorífico Nicolini, de Nova Araçá, vieram buscar 30 ganeses no seminário e perguntaram como fariam para levar os pertences dos migrantes. De imediato, todos embulharam as roupas em sacolas e estavam prontos: possuem apenas algumas roupas, celulares e nada mais.

MUSTAFAM IBRAIM é um deles. Ex-jogador de futebol, sofreu um acidente de carro e ficou impossibilitado de jogar. Passou fome na procura por emprego em Gana. Decidiu migrar. Com ajuda dos pais, juntou dinheiro, voou até o Marrocos e veio parar em Caxias, viajando de cidade em cidade, acampando. Não tem dúvidas de que o Brasil "é o melhor país do mundo".



SEGUE

“NATAN” TINHA CASA MELHOR NO HAITI

De cor predominantemente rosa, mesclando alvenaria, tijolos à vista e madeira, um casebre próximo da região central de Lajeado é dividido em três partes. Diferentes inquilinos ocupam as peças da frente, dos fundos e do andar superior.

O pátio úmido é abarrotado por quinquilharias, cães latem para quem se aproxima. Naquela região da cidade, as casas costumam ficar totalmente submersas em período de enchentes.

Na pequena moradia que fica na parte de trás do terreno, vive sozinho desde abril de 2014 o haitiano **JEAN EDRIE NELZY**, 40 anos, que trabalha como servente em uma obra da construtora Zagonel, em Lajeado. Todos os 15 estrangeiros que atuam na construção de quatro edifícios receberam “um nome brasileiro como apelido”. Por lá, Jean só é chamado de “Natan”.

De segunda a sexta-feira, ele costuma chegar em casa às 18h. São apenas duas peças, que abrigam sala, cozinha e quarto, e um banheiro. A precariedade se expressa a cada enquadramento ocular. São azuis as paredes da sala e cozinha em que Natan costuma ficar conversando com parentes



→ Em Lajeado, o operário Jean Nelzy envergonha-se da moradia: “Há dias em que choro. E se alguém do Haiti vem me visitar?”

e amigos haitianos pelo Facebook até altas horas. Manchas e furos se sobressaem na alvenaria, enquanto do teto, de tijolos pintados com tinta branca, pende um fio de eletricidade, entre tantos outros que estão expostos, com uma lâmpada na ponta. Em extremidades opostas da peça, um fogão e uma geladeira de cor branca, velhos e surrados. A pequena TV, sobre um caixote, pouco é ligada. Nelly prefere o notebook.

O ambiente inóspito, que custa um aluguel de R\$ 250 ao mês, não é escolha do haitiano. É o que ele pode pagar mensalmente com o salário de aproximadamente R\$ 1 mil. O restante do dinheiro, além dos descontos legais do trabalhador, é enviado à mulher e às duas filhas que ficaram no Haiti.

A moradia precária angustia o imigrante, que pretende se mudar antes de setembro, quando as chuvas costumam alagar a região.

– No meu país, morava melhor do que aqui. Imagine que eu vim ao Brasil para melhorar de vida. Há dias em que choro com isso. E se alguém do Haiti vem me visitar? É difícil, é uma vergonha para mim – desabafa Nelzy, que antes morou em um alojamento pago pela construtora.

Ele está no Brasil desde setembro de 2011 e relata que a maior dificuldade é a exigência de fiadores. Como quase ninguém se dispôs a

assumir essa condição, eles só conseguem alugar casebres em que a garantia não é exigida. A realidade de Nelzy se repete na vida de centenas de imigrantes que habitam locais precários, muitas vezes empilhados em pequenos espaços para reduzir o aluguel.

Apesar da agrura, Nelzy é de sorriso constante. Espiritooso e falante, faz planos de juntar dinheiro, trazer a família e proporcionar a conclusão dos estudos às filhas.

IBRAHIM PRECISA DE DUPLO EMPREGO: OPERÁRIO E CAMELÔ

Moradia não é o único problema dos novos imigrantes. Os salários, embora passem a impressão inicial de serem fortunas se comparados ao que ganhavam nos países de origem, revelam-se insuficientes no longo prazo.

As remunerações médias são de R\$ 1 mil. Com os descontos e o aluguel, já se vão mais de R\$ 500. A outra metade é remetida aos familiares. No Brasil, eles não ficam com praticamente nada. A realidade os impede de adquirir bens ou alugar casa melhor. A vida é modesta, sem lazer.

Para atenuar essa realidade e aumentar a renda, dezenas de imigrantes, sobretudo os africanos, estão atuando como vendedores ambulantes em horários de folga. Em Passo Fundo, na Avenida Brasil Centro, os senegaleses estão em todas as esquinas, circulando ou montando bancas em frente ao comércio convencion-

nal. Oferecem cintos, pulseiras, meias, bijuterias, toucas. Dizem que a mercadoria vem de São Paulo. É o caso de **IBRAHIM BANDA**, 40 anos. Funcionário de uma indústria de componentes de concreto, ele vende produtos nas ruas de Passo Fundo pela manhã.

– A carteira assinada traz muitos descontos – reclama Ibrahim, que costuma enviar R\$ 500 ao mês para a mulher e os três filhos que estão no Senegal.

A remessa de dinheiro, pontuam os imigrantes, é uma terceira fonte de descontentamento. Eles chegam a pagar taxas de 10% a agências de turismo credenciadas para fazer as transações. Bancos, dizem, cobram cifras semelhantes ou superiores, e demoram mais tempo para fazer o dinheiro pingar na conta dos destinatários.



→ Em Passo Fundo, Ibrahim, 40 anos, se desdobra para pagar aluguel e remeter R\$ 500 à mulher e os três filhos, que estão no Senegal



←
Averdieu Dumarsais é um dos 31 haitianos empregados na fábrica de massas Romena – são mais de 10% dos funcionários

PIRULITO, O PAGODEIRO DE GRAVATAI

Não há quem o desconheça no bairro Mundo Novo, uma área industrial de Gravataí (Região Metropolitana). Com um porte alto e musculoso que lembra o Lothar das histórias em quadrinhos do Mandrake, **AVERDIEU DUMARSAIS**, após dois anos no Brasil, virou Pirulito para os vizinhos brasileiros.

– Quem botou o apelido foram umas amigas, não me pergunte mais – diz o risonho haitiano de 35 anos, num português bastante compreensível, mesclado com expressões em francês.

Ele é um dos 31 imigrantes do Haiti empregados na fábrica de massas Romena (que tem no total 250 funcionários). Fato raro entre migrantes, 15 deles são mulheres – ao contrário de migrantes muçulmanos, especialmente os africanos, no Haiti não há restrição ao trabalho feminino. Elas exercem nessa indústria alimentícia atividades de auxiliar de produção, com média salarial de R\$ 930, e os homens trabalham como masseiros, com média sa-

larial de R\$ 1.100. Pode parecer pouco para um trabalhador brasileiro, mas é uma fortuna para os haitianos, cuja renda per capita é de US\$ 1.168 por ano (cerca de R\$ 2.570). Ou seja, em pouco mais de dois meses eles faturam o que levariam um ano para obter no Haiti. Isso se tivessem serviço certo, mas emprego formal é raridade num país marcado pela fome crônica, por derrubadas de governos e flagelos naturais, como terremotos e furacões.

Pirulito deixou três filhos no Haiti e dois no Canadá, onde esteve em outra migração. Sem serviço na construção civil em seu país, vivia de capina, na agricultura. Com ajuda de um irmão que migrara ao Equador, reuniu dinheiro para a longa travessia, em 2012: por terra até a República Dominicana, fugindo dos guardas de fronteira. De lá, após alguns dias, avião até o Equador e, depois, via ônibus, até Peru e Brasil. No caminho, suborno de policiais e dinheiro extra para táxi que ingressa em território brasileiro clandestinamente.

Quando entrou no Acre, Pirulito teve reconhecida a condi-

ção de exilado. Após sete meses num ginásio, conseguiu visto de permanência e carteira de trabalho. Foi quando emissários da Romena buscaram Pirulito e outros haitianos, ansiosos por trabalhar. Vieram todos de avião para o Rio Grande do Sul. Agora moram a três quarteirões da fábrica, em casas nas quais dividem o aluguel. Aprendem português com os colegas. Entre eles falam creole, idioma haitiano que mistura expressões africanas, indígenas e francesas.

Com o dinheiro reunido, Pirulito conseguiu trazer um irmão e uma sobrinha, com os quais partilha a casa. É um dos poucos que se arriscam em bailes na comunidade brasileira.

– Gosto mesmo é de pagode – gargalha, malicioso.

E qual a opinião dos dirigentes da fábrica sobre os haitianos?

– São bons funcionários. A dificuldade maior é o idioma. Mas trabalham bem, reclamam pouco, faltam menos ainda e gozam de boa saúde. Não temos do que reclamar – resume Raquel Hubner, gerente de Recursos Humanos da Massas Romena.

MAZINHO JÁ NASCEU GAÚCHO

Em Marau, acredita-se que **MAZINHO CALINHO AUGUSTIN GASSEUS** é o primeiro filho de imigrantes haitianos nascido no Rio Grande do Sul. O guri, que recebeu o nome para homenagear o ex-jogador Mazinho, campeão mundial com o Brasil em 1994, completou um ano em 17 de julho e já caminha energeticamente entre as peças da casa alugada pelos pais Fritz Gerald Casseus e Eugênia Augustin, ambos de 31 anos.

Nascido no hospital Cristo Redentor de Marau, o menino é um brasileiro nato, conforme previsão constitucional, e seus pais, agora, podem se naturalizar.

A família Casseus está enraizada no Brasil. Fritz chegou há três anos. A primeira metade do período ele passou entre Tabatinga e Manaus, no Amazonas, por onde ingressou no país. Depois, viajou até Marau, atraído pelo convite de um primo que relatou as “oportunidades de emprego com melhor salário”. Começou a trabalhar na Metasa (empresa de estruturas metálicas) e trouxe a esposa no final de 2012. Agora, Fritz deixou o emprego – estava descontente com a remuneração – e recebe o seguro-desemprego. Ele busca recolocação no mercado de Marau antes do fim do benefício, enquanto Eugênia afirma que segue reco-

mendação médica de repouso devido a complicações sofridas no parto.

É crescente a quantidade de filhos de estrangeiros nascidos em Marau, município de 39 mil habitantes em que o número de novos imigrantes gira em torno de 100. Na mesma casa dos pais de Mazinho – a madrinha do menino, Rocheli Zanin, assinou como fiadora e garantiu acesso a uma habitação digna –, também vive a haitiana Oline Desruisseaux, 33. Sem saber, ela chegou grávida, em agosto de 2013. A filha dela, Ana Beatriz, nasceu em maio de 2014, também no hospital da cidade. Funcionária de uma padaria, Oline está em licença-maternidade. Ao escolher o nome da filha, homenageia Carmen Beatriz Zanin, 62 anos, que acolheu Oline em Marau e lhe conseguiu o emprego. Outras duas mães haitianas deram à luz na cidade e há mais duas grávidas.

Contando com a solidariedade de pessoas da comunidade, a família Casseus vai levando a vida da melhor forma possível, mas as limitações financeiras preocupam.

– Queremos um futuro para o nosso filho. Saímos do Haiti para ter uma vida melhor, mas hoje só se trabalha para pagar aluguel da casa e comida – avalia Eugênia.



↓
Guri é considerado o primeiro filho de haitianos (Fritz e Eugênia) nascido no Estado. Nome celebra ex-jogador da Seleção Brasileira



SEGUE

JEAN DANIEL SERÁ FREI CAPUCHINHO

JEAN DANIEL FRANÇOIS, 29 anos, será o 15º haitiano a se tornar frei capuchinho em Marau, cidade próxima a Passo Fundo. Ele, que recém concluiu o noviciado, primeira etapa da formação, habita o Convento São Boaventura. No silêncio da casa religiosa, reside, estuda e assume tarefas como limpeza, cuidados com a horta e roça de gramados. Traja o hábito com orgulho e conta, alegre, que aos finais de semana já participou de celebrações religiosas nos bairros de Marau, integrando-se ao povo.

Ainda neste ano, será encaminhado para uma universidade gaúcha para estudar filosofia. Serão mais três anos no Estado. De-

pois, seu sonho é regressar como frei ao Haiti, onde estudará teologia para se tornar sacerdote.

– Eu me sinto bem no Brasil, fui muito bem recebido pelos freis capuchinhos, que me buscaram no aeroporto e me trouxeram até o convento em Marau. Desde o Haiti, meu plano era estudar o noviciado e a filosofia. Eu já vim para cá sabendo o que iria fazer – diz Jean Daniel, explicando que o seu caso é diferente da absoluta maioria dos haitianos que ingressam no país ilegalmente em busca de trabalho, sem nenhuma certeza a respeito do futuro.



← Haitiano de 29 anos veio a Marau "já sabendo o que iria fazer". Ainda neste ano, estudará filosofia na universidade



→ Fugido de Gâmbia, Babu Gai juntou dinheiro como operário e agora ajuda estrangeiros recém-chegados

BABU GAI MONTOU ATELIÊ DE ALFAIATE E GANHOU FAMA

Dedos cobertos por anéis grossos e reluzentes. No pulso, um enorme relógio dourado monopoliza os olhares. Parece um rapper americano. Mas em vez de uma correntona, o que pende da nuca é uma fita métrica. **BABU GAI**, 33 anos, é um alfaiate, conhecido da população em Erechim. No seu próprio ateliê, aberto há 10 meses, recebe encomendas para trajas e vestidos de festa e faz todo tipo de reforma. Simpático, fala enquanto desliza os dedos, com destreza e delicadeza, entre agulhas das máquinas de costura.

Natural de Gâmbia, antiga colônia inglesa, pequeno país africano que constitui um enclave no Senegal, Babu está em Erechim há pouco mais de três anos. Foi um dos primeiros imigrantes negros a chegar ao município. Hoje, são cerca de 150, sobretudo senegaleses e haitianos. No início da odisseia, Babu trabalhou em uma indústria de painéis, depois em uma fábrica de bandeiras. Foi o tempo suficiente para juntar dinheiro, comprar as máquinas e abrir a sua alfaiataria.

Na parede, embaixo de um aparelho que toca gingados ritmos

africanos e de uma fotomontagem em que Babu é estrela de capa da revista Caras, ele exhibe o diploma do curso de costura, concluído em 2005, ainda em Gâmbia. Nos fundos do ateliê, estruturou sua casa. Ele também ganha dinheiro ao alugar um quarto para uma senegalesa. A loja virou ponto de encontro dos estrangeiros de Erechim. Forasteiros buscam amparo, orientações e indicações. Babu os apresenta à comunidade e, bem adaptado ao português, os leva à agência do Sine, onde muitos conseguem emprego. Africanos vão ao

ateliê para fazer ligações internacionais, acessar a internet e manter contato com compatriotas.

Ele diz que a alfaiataria vai bem – ZH percebeu que o movimento de pessoas naturais de Erechim é constante – e explica que não veio ao Brasil somente atrás de emprego e de dinheiro.

– No meu caso, foi o problema com a política. Não há democracia em Gâmbia, todos têm de fechar a boca. As pessoas estão fugindo de lá. Eu vim, salvei minha vida, consegui meu trabalho e vivo tranquilo – conta Babu.

SIMON TRABALHA NA PREFEITURA

O haitiano **RENEIL SIMON**, 25 anos, avança no estudo e no trabalho em Lajeado, onde chegou em fevereiro de 2013, após sair do seu país em novembro de 2011 e passar por Manaus e Bom Retiro do Sul. Começou como funcionário em um frigorífico de frango, mas, em abril de 2014, foi contratado pela Secretaria de Assistência Social da prefeitura. Fluente em cinco idiomas (inglês, português, francês, espanhol e crioulo, pois era tradutor no Haiti), a função de Simon é acolher os migrantes, encaminhar os documentos de pedido de refúgio, ajudar na busca por emprego e moradia. Já são mil estrangeiros em Lajeado, sendo 700 haitianos.

Ele concluiu o Ensino Médio na Escola Erico Verissimo, em Lajeado, passou no vestibular na Univates e começou, no dia 2 de agosto, o curso superior de Relações Internacionais. Tentou um financiamento público para a faculdade, mas não obteve. Investirá o seu salário no projeto de vida. Simon, que levou a mulher e a filha de três anos para Lajeado, é uma síntese dos haitianos que veem no Brasil uma oportunidade de crescimento, e não apenas um mercado de trabalho pesado que garanta a sobrevivência.

– Muitos imigrantes querem ficar aqui para sempre. Eu quero fazer estudos avançados no Brasil, depois pretendo melhorar de vida economicamente e, por último, voltar ao Haiti para ajudar o meu país – projeta.



ATÓNTOS

Depois de mais de três dias na estrada, grupo de haitianos chega a São Paulo, e fica sem reação ao encontrar o sonho

Na chegada ao **DESTINO,** perplexidade

Passadas 79 horas e quase 4 mil quilômetros de uma viagem desgastante e cheia de imprevistos desde Rio Branco, capital do Acre, um grupo de 18 imigrantes finalmente tinha São Paulo, a tão desejada e idealizada São Paulo, a seus pés, ao seu redor, ao seu olhar.

Depois de penarem por semanas, pulando de um ônibus a outro, cruzando diversas fronteiras, sofrendo roubos e extorsões, passando por humilhações e sacrifícios no precário abrigo acriano, eles haviam vencido. Enfim, estavam na terra

prometida, onde, segundo lhes asseguraram, teriam um bom emprego, vida nova e prosperidade.

O relógio marcava 1h30min da madrugada da última terça-feira quando o ônibus da empresa TransBrasil encostou no Terminal Rodoviário do Tietê. Os 18 refugiados haitianos dormiam no interior do veículo, às escuras, e aos poucos foram despertando, recolhendo seus pertences e desembarcando. Ainda incrédulos e cansados, perguntavam:

— Aqui é São Paulo? Já chegamos?

Após pegarem as malas no ba-

gageiro, foram se aglomerando em frente ao box 71 da rodoviária, mesmo local em que foram deixados. Não havia reação, alegria, sorrisos ou choro. Nenhuma atitude ou emoção. Alguns cruzaram os braços, baixaram a cabeça, sentaram sobre as malas. Nenhum passo era dado sequer para pedir informações.

Desnorteados, ficaram ali mesmo, na parte externa, sob um frio de 16°C que os castigava. Por medo de sair do local e se perder dos companheiros que falavam o seu idioma, um dos haitianos pegou um recipiente da mochi-

la e urinou ali mesmo. Largou o pote em um cantinho e voltou ao seu lugar, em frente ao box 71.

Os motoristas da odisseia, após 40 minutos, tomaram o assento no carro e deixaram o terminal. E os haitianos continuavam nas mesmas posições. Mais uma vez, era a falta de informação, a terrível dificuldade de comunicação e um certo medo de agir equivocadamente trazendo consequências aos imigrantes.

Aos poucos, começaram a se movimentar em busca de telefones em que pudessem contatar familiares ou amigos. Queriam avisar da chegada, dar um jeito de serem encontrados, mas muitos dos números informados não existiam. Não deixou de ser mais um momento chocante, aflorado pela completa falta de rumo e desconhecimento sobre o lugar que escolheram para ser o esteio de suas vidas.

Bensy Jean Bastiste pedia que ligassem ao seu primo. Ele poderia buscá-lo na rodoviária, garantia o haitiano. Quando o parente foi contatado, a surpresa: ele vivia em Jaraguá do Sul, em Santa Catarina. Bensy não tinha a menor ideia das características geográficas do Brasil. Ele guardava R\$ 90 no bolso e sua esperança passou a ser tomar um ônibus pela manhã a Jaraguá do Sul. Mas o dinheiro era insuficiente, o que desenhava um quadro trágico para o seu destino. Tendo de se alimentar, Bensy passou a madrugada perdido na rodoviária, sem recursos para seguir viagem e encravado em um meio evadido de assaltantes,

A ilusão **ENCADA ENCARA** a realidade

Terra prometida é o slogan atribuído ao Brasil pelos vendedores de ilusões que atuam em países berço de imigrantes contemporâneos. Aproveitando o contexto de miséria, desemprego e desesperança de nações como Haiti e Senegal, os agenciadores de viagens estimulam as migrações. Como as fronteiras dos Estados Unidos e da Europa ergueram restrições, o Brasil surgiu como opção. O fenômeno foi alimentado devido à aproxima-

ção entre os governos brasileiro, caribenhos e africanos, além do interesse de grandes industriais em trazer mão de obra que aceite serviço pesado. A explosão das migrações ocorreu a partir de janeiro de 2010, quando um catastrófico terremoto devastou o Haiti e multiplicou o cenário de pobreza.

Para fantasiar a realidade de um país como o Brasil, que cresceu economicamente, mas passa por crise e mantém bolsões de miséria e precariedade de serviços públicos, os agentes vendem a ideia da terra prometida, onde os imigrantes encontrarão emprego, salários em moeda valiosa, saúde, educação, segurança e, se necessário, programas sociais. A realidade difere do rótulo propagandeado.

Para as agências de viagem do Haiti e do Equador (*país em que eles descem do avião e tomam ônibus rumo ao Acre, no Brasil*), o que importa é o lucro. Elas não querem saber se as pessoas vão sofrer. As agenciadoras acabam enganando os imigrantes, que também se oferecem para serem enganados. O haitiano não quer ouvir que

terá dificuldades no Brasil. Ele só quer ouvir que é o paraíso e que tudo irá se resolver – afirma Esdras Hector, haitiano que vive no Brasil há quatro anos e, agora, ajuda na recepção e orientação dos seus compatriotas que residem no abrigo em Rio Branco, no Acre.

O inferno dos imigrantes começa antes mesmo da chegada ao chão brasileiro, quando são roubados e extorquidos por policiais ou cidadãos comuns na travessia do Peru. Nessa etapa, chegam a passar fome e são forçados a longas caminhadas, algumas pela mata. Depois, vêm a falta de dinheiro, a fome e a sede. Já no abrigo disponibilizado pelo governo do Acre, encontram uma morada em condições desumanas. Superlotação, colchões úmidos e semi-destruídos, mau cheiro, esgoto, banheiros inutilizáveis e doenças. Também sofrem com a incapacidade de comunicação e a falta de informação. Até aqui, a terra prometida dos imigrantes é nada mais do que tragédia.

No Haiti, há pessoas que se passam por religiosos. E elas pregam que o Brasil é a terra prometida. Os pastores chegam a indicar as agências de viagem, dizem que o abrigo é um hotel com três refeições ao dia – revela Antonio Carlos Ferreira Crispim, um dos coordenadores do precário local que hospeda imigrantes em Rio Branco.

As informações citadas por Crispim foram apuradas pela Agência Brasileira de Inteligência (Abin), que enviou investigadores ao Haiti e, constantemente, se faz presente no abrigo de forma anônima. Na via-crúcis para chegar ao Brasil e nas primeiras semanas no país, os imigrantes sofrem um choque. Tudo é diferente daquilo que lhes venderam.

Milhares de haitianos e senegaleses acabaram conseguindo emprego nas regiões Sudeste e Sul, superaram as dificuldades do passado e sustentam famílias nas suas nações. Para esses,

o sacrifício valeu a pena. Mas há muitos, que vieram com expectativa de não se tornarem peões, que olham a experiência com frustração.

Gente que vivia relativamente bem no Haiti deixou tudo para trás por achar que o Brasil é os Estados Unidos. Mas o Brasil não é o Estados Unidos. Na cabeça do haitiano, a única coisa que importa é fugir do seu país. Tenho um amigo que voltou ao Haiti. Ele acha que atrasou a sua vida no Brasil – conta Esdras.

O trauma causado pela trajetória até o Acre e pelo período no abrigo se traduziu na reação desesperada de um haitiano no dia 27 de maio, uma quarta-feira. Cansado de esperar por uma vaga nos ônibus oficiais do governo acriano que levavam ao Sul e ao Sudeste, ele comprou passagem em um coletivo privado que encostou na rua do abrigo. Pagou R\$ 330 por uma passagem de Rio Branco a São Paulo.

Tendo o sorriso como característica, estava radiante, buscou sua mala no alojamento, passou um pano para remover a poeira e saiu correndo. Ficou cerca de duas horas esperando a partida do ônibus, quando veio a notícia de que a viagem não sairia mais. Poucos bilhetes haviam sido vendidos naquele dia. O haitiano murchou, o sorriso sumiu. Uma expressão trágica lhe tomou as feições. Pegou o dinheiro de volta com o motorista e disse que daria outro jeito de sair de Rio Branco.

Tenho família no Brasil, estão desesperados para me ver. Estou há 10 dias aqui (*abrigo*) e não posso aguentar mais. Tenho dor de cabeça, gripe, não suporto mais – disse o haitiano, que ainda lamentou a sujeira e o mau cheiro do abrigo, a escassez de água e as dores que sentia pelo corpo.

À noite, não conseguia mais dormir. Sentava no esfarrapado colchão, colocava a cabeça entre as pernas e esperava o tempo passar.

golpistas e moradores de rua.

Magricelo e baixo, Guijard Almazor era dos poucos que tinham um telefone próprio apto a fazer chamadas. Zanzava pelo box 71 com um papelucho amarrado e rasgado no qual se lia: Minas Gerais. Ele não sabia dizer para qual cidade iria e pareceu espantando depois de ouvir a informação de que Minas Gerais conta com 853 municípios. E era preciso apontar um como destino.

Cinco minutos depois, Guijard surgiu com outro bilhete citando Belo Horizonte. Finalmente conseguiu contato com um parente. O familiar explicou que o imigrante deveria tomar um ônibus para o município mineiro chamado Cláudio. Guijard começou a treinar a pronúncia do seu destino: "CRAAAAU-DIO", esforçava-se o imigrante. Esse haitiano poderia ter desembarcado em Minas Gerais, na região de Uberlândia, por onde passou o ônibus da TransBrasil. Seria mais perto e menos oneroso. A falta de informação o conduziu desnecessariamente à capital paulista.

As 3h15min, quase duas horas após o desembarque, os 18 haitianos seguiam paralisados em frente ao box 71. Katly Milus, uma negra esbelta, alta, magra e de rosto fino, a única mulher que ousava discutir assuntos em geral com os homens, também estava calada. Braços cruzados, fitava pontos aleatórios no horizonte. A maioria pretendia permanecer em São Paulo, mas sequer havia conseguido colocar o pé fora da rodoviária.

PRECARIEDADE

No abrigo acriano, os imigrantes se recuperam das agruras para cruzar a fronteira e se preparam para ir em frente



Primeiro abrigo **INÓSPITO** **INÓSPITO** e superlotado

Não há território mais inóspito no abrigo, em Rio Branco, do que os banheiros. Em um corredor longo, as cabines com vasos sanitários estão de um lado. Os boxes com os chuveiros estão em frente. As paredes plásticas que fechavam a área das duchas estão destruídas e espalhadas pelo chão. Lixo e roupas velhas estão perdidos por ali, mas o pior é o cheiro que verte dos vasos sanitários, com fezes acumuladas até a borda. Também há dejetos pelo chão.

Com o local inutilizável, muitos imigrantes tomam banho nos fundos dessa área, aproveitando a água que desce de canos em frente a um matagal, sem privacidade. Para caminhar em alguns locais, é preciso pisar certeiro sobre tijolos ou passarelas. Errar significa enfiar o pé no esgoto que corre livre por diversos cantos do abrigo.

No dia em que caiu uma pancada de chuva típica do norte do Brasil, uma calha começou a jorrar água perto de um dos dormitórios. Os haitianos Maxonuy Vertu e Jean François Philogene não hesitaram: de sunga, se jogaram debaixo da vertente, lavando-se com sabão. Opção melhor do que encarar os banheiros.

O abrigo fica na Chácara Aliança, sede de eventos que teve suas dependências alugadas pelo governo acriano. O imóvel está em área de preservação ambiental, na Estrada Raimundo Irineu Serra. Nas redondezas, também há um centro para celebrar o lugar onde foi criada, justamente por Raimundo Irineu Serra, a doutrina do Daim, manifestação religiosa conhecida pela ingestão de um chá alucinógeno.

Entre os dias 22 e 24 de maio, o abrigo estava com quase 600 pessoas, cerca de 450 haitianos e 80 se-

negaleses, além de porções menores de dominicanos, bengaleses, ganeses e nigerianos. A superlotação é um dos principais dramas. Eles são forçados a dormir empoleirados, sobre colchões rasgados, carcomidos, sujos e úmidos. À noite, são atacados por insetos.

Pelo vaivém de refugiados, o chão fica sujo de barro. Em um dos dormitórios mais lotados, não há paredes laterais, apenas telhado e muretas, deixando os imigrantes expostos a intempéries. Há pelo menos um lugar de pé direito baixo, que, combinado com a superlotação, traz sensação de sufocamento. O cheiro ruim está por todas as partes. E as doenças também.

São inúmeros os relatos de febre, dores na cabeça e no corpo e problemas estomacais. Era o caso de Alter Esmangat, 41 anos, haitiano que, debilitado, se encolhia pelos cantos. Um médico cubano atende uma vez por

semana no abrigo, receitando remédios que são buscados pelas equipes do governo na farmácia pública. Mas é pouco diante do quadro de calamidade do local. Desabituaados ao cloro, os imigrantes também enfrentam dificuldades para ingerir água, que, aliás, é escassa. Em parcas torneiras, eles se amontoam com garrafas pet à mão.

Desde o início do abrigo – o atual, na Chácara Aliança, é o terceiro local diferente de funcionamento, sendo que mais de 38 mil imigrantes já passaram pelas estruturas desde 2011 –, três já morreram no local. O caso mais antigo foi consequência de câncer. Os mais recentes se deram por doenças adquiridas ou agravadas no alojamento.

A comida, distribuída três vezes ao dia, é outro problema. São vários que não se adaptam e reclamam da repetição de cardápio: carne, arroz, feijão e massa. Marmidas são abandonadas diariamente pelo chão. Um gatinho magro e jovem se aproximou de um recipiente cheio. Farejou o feijão, a carne, a massa. Refugou.

Para o haitiano Saludieu Rosalva, os imigrantes passam por "situação de calamidade". Para descansar durante o dia, os refugiados preferem duas áreas ao ar livre, distantes da murrinha dos alojamentos. Uma em frente aos dormitórios e outra diante do prédio da chácara convertido em sede da coordenação. Ambas ficam sob sombras de frondosas árvores, que protegem do escaldante sol acriano. Por ali sentam, conversam, cantam, discutem, mexem em celulares e aparelhos eletrônicos, se espreguçam, nada fazem.

A paisagem da chácara foi alterada. Qualquer lugar que possa sustentar roupas ao sol foi convertido em varal. No pátio, uma pequena réplica do Cristo Redentor teve os braços abertos transformados em sustentáculos para roupas, um pé de tênis All Star reposava sobre sua cabeça.



IMPROVISADO

No alojamento, calhas furadas se transformam em chuveiros. Cristo Redentor vira varal e a comida não varia



A comunidade acriana debate diariamente a questão da imigração, mas é gritante o pouco ou nenhum envolvimento dos cidadãos com a rotina do alojamento. Um dos motivos que ajudam a explicar é a distância da chácara em relação ao centro da cidade, mas há mais fatores.

– Algumas igrejas e empresas contribuem em ocasiões festivas, como o Natal, mas, em geral, a participação das pessoas na assistência social tem sido muito pequena. O Acre é um Estado pobre – destaca Carlos César Ferreira de Souza, servidor público que trabalha no abrigo.

Estudo de Leticia Mamed e Eurenice Lima, professoras da Universidade Federal do Acre, indica que 60% da população acriana – são 790 mil habitantes no Estado, 364 mil na capital Rio Branco – é dependente de algum programa de transferência de renda. Secretário estadual dos Direitos Humanos, Nilson Mourão afirma que a vizinhança da chácara está incomodada com a ininterrupta presença dos imigrantes, enquanto na área mais central de Rio Branco “há medo de disseminação de doenças”. Embora não haja violência, a convivência não tem sido pacífica, com sinais de preconceito e xenofobia despertando.

– Esses pretos só vêm para incomodar – disse, furioso, um morador da antes pacata rua do abrigo no dia em que o motorista do ônibus contratado pelo governo para levar imigrantes derrubou parte de sua cerca ao dar ré no veículo.

Sem nada para fazer além de passar o tempo até embarcar em um ônibus que os retire daquele lugar, os refugiados jogam futebol e dominó. Multidões se reúnem em torno das atividades, vibrando a cada lance com uma alegria fugaz, que logo é substituída por preocupações com a família que ficou para trás, o dinheiro que acabou e a oportunidade que não aparece. ■

BRA SILEIRO

Grávida de oito meses, Eloise não chegou a tempo a São Paulo para encontrar o marido: Diulio nasceu no Acre



No corredor do pequeno prédio da coordenação do abrigo, em um quartinho contíguo à sala dos funcionários, uma cena tocante. Pela fresta da porta entreaberta, era possível ver a haitiana Eloise Ulysse, 39 anos, deitada à cama, com um seio para fora do vestido. Não era nudez. Ela estava amamentando o pequeno Diulio, que, naquela sexta-feira, 22 de maio, tinha apenas três dias de vida.

O marido de Eloise vive em São Paulo e comprou de um coioote as passagens para que ela fosse ao encontro dele. Como a mulher estava grávida, o pai do menino optou por uma rota mais confortável: Eloise se deslocaria apenas de avião até Cobija, na Bolívia, na fronteira com Brasília, no Acre. As duas cidades são divididas por uma ponte, único trajeto que Eloise teria de caminhar até pegar, do lado brasileiro,

A gestação do **FILHO** e de um sonho

um táxi que a levaria a Rio Branco.

Na última hora, o coioote disse que, pelas leis bolivianas, Eloise não poderia pegar um avião de La Paz a Cobija com oito meses de gravidez. Deu a ela, como alternativa, seguir pela rota tradicional de imigrantes, indo de avião até o Equador, seguindo de ônibus e a pé no longo caminho entre o Peru e o Brasil, jornada que pode se estender entre seis e 10 dias.

– Quando se compra a passagem de um coioote, não há devolução de dinheiro. Você precisa ir. Não imaginei que sofreria tanto – lamentou Eloise.

Ela chegou ao Acre em 15 de maio, e o marido havia reservado passagem aérea para São Paulo no dia 19. Mas as coisas saíram do planejamento. Na véspera da última etapa da jornada até o centro do país, começou a sofrer dores e, na data de tomar o avião, teve de ser levada do abrigo para um hospital em Rio Branco. Complicações forçaram uma cesariana. O menino nasceu precocemente.

O sonho de chegar a São Paulo estava adiado, e Eloise retornou ao abrigo com o pequeno Diulio, que passava bem. Para dar um pouco mais de con-

forto e afastar o bebê da sujeira, um quarto foi reservado à haitiana. Ela não tinha nada para vestir o menino. Os funcionários do abrigo, pouco numerosos, mas dedicados, se reuniram para arrecadar roupas de recém-nascido.

Nos primeiros dias, a mãe raramente saía da cama. Faltava-lhe ânimo. Alimentava-se mal por não ter se adaptado à comida. Estava fraca. Sentia dores nos pontos, mas suas maiores chagas eram a angústia, a saudade, o sofrimento e a culpa. Em tom de voz baixo, quase murmurando, contava a sua tragédia. Abatida, parecia entregue a um estado de depressão pós-parto.

– A dor nos pontos até é suportável, mas estou muito preocupada.

Agora, Eloise aguarda autorização médica para tomar condução rumo a São Paulo, onde finalmente encontrará o marido. Uma semana após o parto, teve de ser levada por funcionários do abrigo de volta ao hospital. Dores e o ventre que não desinchava. Tudo ficou bem naquele dia, mas Eloise, que deixou outros cinco filhos com a avó no Haiti e está distante 3,5 mil quilômetros do marido, ainda está vazia e desamparada. ■





Divididos pela **RELIGIÃO,** unidos na fé

AMULETOS

A cruz dos cristãos e o grigrí dos muçulmanos fazem parte do visual e diferenciam os imigrantes

O sol estava alto, fritando o asfalto perto do meio-dia de 25 de maio, no momento em que um grupo de 14 imigrantes se amontoava à beira da estrada sob um telhado semidestruído, que também é utilizado como ponto de ônibus.

Exaustos, tinham fome e sede. Dores musculares atacavam as pernas. Dois estavam descalços. Ali estava a realidade cotidiana: refugiados que tentam cruzar a pé os 323 quilômetros entre Assis Brasil, cidade acriana na fronteira com o Peru, e Rio Branco.

O grupo estava no quilômetro 210 da BR-317, em Xapuri, terra natal do líder ambientalista Chico Mendes. Caminhavam havia 14 horas. Ficaram sob a chuva torrencial nortista e o sol agressivo. Irritados com a situação desesperadora, por três vezes quase iniciaram pancadarias entre si. As discussões ríspidas não cessavam. Era o ápice do sofrimento humano.

A comunicação com brasileiros era quase inviável. Em maioria, eram senegaleses, falam o idioma wolof. Uma haitiana estava próxima, mas guardava certa distância dos demais. Ela conseguia falar um pouco de espanhol, além do crioulo, língua oficial do seu país. Atônita, Maria France Ladouceurs não conseguia concatenar as ideias. Levava apenas uma bolsa de mão. O resto de sua bagagem havia sido roubado no Peru. Ela não sabia onde estava nem para onde ia. Passando por visceral sofrimento, afirmou que "sempre ouvia falar das belezas do Brasil".

– Se conseguir trabalho, fico. Se não der, volto ao Haiti – disse, como se a sua epopeia pessoal se resumisse a um período de turismo.

No dia seguinte, os 14 conseguiram chegar a Rio Branco. Lá estavam, todos eles, sãos e salvos. O senegalês Cher Fall explicou o desenlace da saga:

– Andamos por mais quatro horas, estávamos caindo, não tínhamos mais como suportar, até que chegamos em um hotel onde conseguimos táxis para nos trazer ao abrigo.

Haitianos são mais baixos e fortes. Senegaleses são mais altos e magros. Ambos são vaidosos e gostam de se vestir bem, principalmente os haitianos, com marcas famosas e camisas de Messi, Neymar, Cristiano Ronaldo e Michael Jordan. Os dois países foram colonizados pela França e, hoje, oferecem dificuldades, miséria e desemprego aos seus povos. Essencialmente, são negros. Mas os imigrantes do Haiti e do Senegal que chegam ao Acre não se gostam, evitam o contato, preferem a distância. A religião é o pilar dessa segregação.

Os haitianos, atualmente, estão muito vinculados à confissão evangélica. As sextas-feiras, o pastor Ivanildo Peres, da Igreja Batista de Vila Ivonete, um bairro de Rio Branco, vai ao abrigo com violão, microfone e amplificador. Na quadra de futebol, comanda um culto de duas horas e meia. Dezenas de haitianos participam e entram em transe, erguem as mãos e as colocam no peito e no rosto, fazem juras de amor a Jesus Cristo. Devido ao preconceito, evitam comentar publicamente, mas parte deles é praticante do vodou, uma tradição do seu país.

– Somos separados. Eles (senegaleses) usam grigrí. Isso é coisa de Satanás. Eles creem em Maomé, e nós em

Deus. Fica cada um do seu lado – afirma o haitiano Jean François Philogène. O grigrí citado pelo imigrante é uma proteção carregada pelos africanos no braço e na cintura, cordas com adornos em couro presos ao laço.

– É apenas uma questão de cultura, algo para nos proteger de todos os males – explica o senegalês Cher Fall.

Mais rígidos e unidos, imigrantes do país africano fazem suas celebrações religiosas muçulmanas no abrigo, com cantos e saudações.

– Não temos problemas com os haitianos, respeitamos eles e as diferenças – diz Bathie Ndao, que ajudava o “presidente” dos imigrantes do Senegal – escolhido para liderar o grupo – a organizar os compatriotas no abrigo.

Apesar da declaração conciliadora de Bathie, a realidade é diferente. O senegalês manifesta suas rejeições em relação ao haitiano, muitas vezes em gozações ou insultos em francês, praticamente a segunda língua falada nos dois países.

– O senegalês se acha superior ao haitiano. Diz que descende de escravos – conta Antonio Carlos Ferreira Crispim, coordenador do abrigo.

O curioso é que muitos daqueles que foram escravos no Haiti vieram da África. Os dois povos sofreram violações. A rixa determinou providên-

cias na rotina da Chácara Aliança. Os imigrantes das duas nacionalidades ingressam em filas separadas para retirar as marmittas. O alojamento dos senegaleses, minoritários, fica afastado dos demais. São medidas para evitar atrito. As versões dos funcionários do governo acriano divergem. Alguns dizem que o máximo que houve foi empurra-empurra. Outros asseguram ter presenciado casos de pancadaria.

Em contexto de intolerância religiosa e conflitos históricos, os haitianos, mais individualistas, expressam fortes divergências mesmo entre si.

– Muita gente pratica vodou. Não gosto, é coisa ruim – diz Franci Lonack.

A religiosidade desempenha papel preponderante nas vidas e relações dos imigrantes. Um dos símbolos desse forte vínculo com a fé é o pacífico e simpático haitiano Jude Lerenard. Em um ambiente inóspito, de alguns maltrapilhos, ele chama a atenção por andar sempre elegante, em trajes sociais. A mão, leva a Bíblia, diariamente lida em diversos cantos da chácara. Jude também é inseparável de uma pequena caixinha de som portátil, que cabe na palma da mão, à qual conecta um pen drive com canções gospel. Ele sorri, cantarola, embala o corpo de um lado para o outro:

– Amo Cristo muito.



A hora de **TOMAR** **TOMAR** um rumo

Caminhada de **300 KM** e de esperança

Sobre as brigas, disse que eram desentendimentos em razão das condições adversas, que geraram tensão, nervosismo e acusações infundadas. Mas, garantiu, já estava tudo bem. De fato, os senegaleses que tentaram cruzar o Acre a pé estavam unidos e sorridentes na porção africana do abrigo.

Quando entram no país por Assis Brasil, há duas opções de locomoção: as próprias pernas e os chamados táxis-lotação, que comportam seis pessoas. Com o veículo lotado, os haitianos, que solicitam o refúgio em Epitaciolândia, distante cem quilômetros, pagam cerca de US\$ 20 por pessoa para chegar ao abrigo. No caso dos senegaleses, o pedido de refúgio só é permitido em Rio Branco. Até lá, são ilegais, o que leva os taxistas a negar o transporte aos africanos ou a cobrar o dobro em relação aos haitianos.

Os gastos totais não são poucos. Os haitianos precisam desembolsar US\$ 3 mil para viajar. Os senegaleses, US\$ 6,5 mil. Por isso, fazem parte de uma certa classe média dos seus países.

E não basta recurso para a passagem. É preciso garantir o suborno da polícia peruana, que aborda os ônibus lotados de imigrantes enviados por coiotes e cobra "pedágios" entre US\$ 100 e US\$ 200. Os viajantes precisam se dividir para quitar a extorsão.

Nos trechos a pé pelo Peru, são atacados por pedestres que tomam suas malas. Aproximam-se com o pretexto de ajudar os imigrantes exaustos, pegam as mochilas e somam na mata. Outros exigem US\$ 20 para não denunciar à polícia.

Nos períodos em que não há ônibus contratados pelo governo acriano para levar imigrantes ao Sul e ao Sudeste, por meio de convênio com o Ministério da Justiça, o abrigo se torna um inferno ainda mais doloroso. A atual estrutura já chegou a ter mil pessoas, cinco vezes mais do que a capacidade máxima. No início das migrações, quando o acolhimento ainda ocorria na cidade de Brasileia, 2 mil refugiados se acotovavam no alojamento.

Entre 19 de março e 13 de maio, nenhum ônibus partiu da Chácara Aliança. Nesse período, 2.422 imigrantes chegaram ao abrigo, e 1.753 tiveram de sair com recursos próprios, em ônibus fretados, alguns clandestinos, a maioria rumo a São Paulo.

Naqueles dias entre 21 e 29 de maio, 10 coletivos foram contratados para trazer 440 imigrantes ao sul do país. Antes disso, veículos haviam levado refugiados a São Paulo. A disponibilidade de ônibus gerou expectativa e aflição na Chácara Aliança. Entrar num coletivo da empresa Eucatur era a sorte grande: o transporte não tinha custo e três refeições ao dia estavam garantidas. Era a certeza de chegar em uma

cidade e conquistar o sonhado emprego, sem passar fome no trajeto.

Mas não havia lugar para todos: cerca de 600 pessoas estavam no abrigo, somadas aos 40 imigrantes que, em média, chegam diariamente. Critérios são utilizados para decidir quem viaja e quem fica. A data de ingresso no país registrada no passaporte é o principal. Depois de passar ao lado brasileiro da fronteira, o imigrante faz o protocolo para permanecer no país, que lhe dá o direito à carteira de trabalho – rodeada por uma simbologia especial para estrangeiros que vêm ao país em busca de emprego – e ao CPF.

– A escolha é por antiguidade – garante o secretário de Direitos Humanos do Acre, Nilson Mourão.

Há distorções admitidas pelos servidores do abrigo. Uma delas é a compra e venda de vagas entre os próprios imigrantes por US\$ 50. A ansiedade por partir em busca dos sonhos no Brasil produz cenas marcantes. Todas as manhãs, antes de ser afixada a lista com os nomes que viajarão, filas se formavam para o cumprimento de formalidades, como verificação de passaporte e registro de saída.

Agoniados, logo começavam a avançar na fila até encostar a barriga e o

peito nas costas do imigrante da frente, todos grudados, como se aquilo representasse estar mais perto de sair. Não menos chocante é a escolha do destino. Mesmo quem tem parentes no Brasil encontra dificuldade para dizer aonde vai. Era o caso do haitiano Mikendy Paul, que aguardava havia 15 dias no abrigo. Ele tem um irmão no país, mas não sabia sequer dizer a cidade. Em maioria, eles têm São Paulo como única referência. Depois, ouvem algumas possibilidades e as repetem, sem muita convicção: "Santa Catalina", desconhecendo que é preciso escolher um município nos Estados.

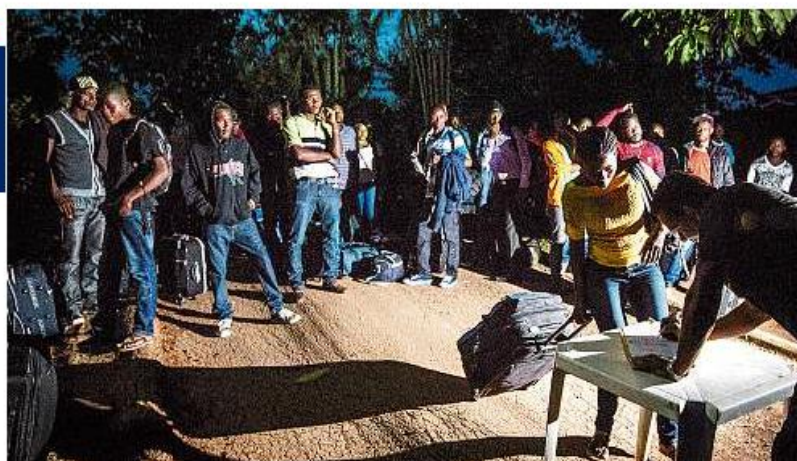
Acabam direcionados para onde são ofertados os ônibus. Apesar do interesse crescente por Cuiabá (MT), se sobressaem como destino as regiões Sul e Sudeste, onde as migrações de caribenhos e africanos já estão mais consolidadas, tendo como sustentação a busca de empresários por mão de obra para a construção civil, postos de gasolina e indústria alimentícia, sobretudo frigoríficos.

– A gente diz que tem o ônibus para determinado lugar e eles fazem a inscrição – diz Mourão, confirmando que, para os refugiados, o destino é mais uma questão de oportunidade.

Agenciadores de viagem, de origem senegalesa e haitiana, também atuam livremente dentro da Chácara Aliança. Um senegalês que vive em Rio Branco há um ano alugou moradia próxima do abrigo e comprou uma moto. Tem trânsito livre e diz que está ali para ajudar seus "irmãos", mas é investigado por suspeita de atuar como coiote. Seu nome está em cartazes espalhados pelas paredes da parte senegalesa do abrigo. Ele recolhe valores dos compatriotas e uma terceira pessoa compraria passagens pela internet para diversos lugares do Brasil. Em um contato telefônico com a reportagem de ZH, que se identificou como uma empresa com interesse em mão de obra, o senegalês disse que poderia conversar sobre a organização de um grupo de imigrantes a ser enviado ao Sul sob encomenda.

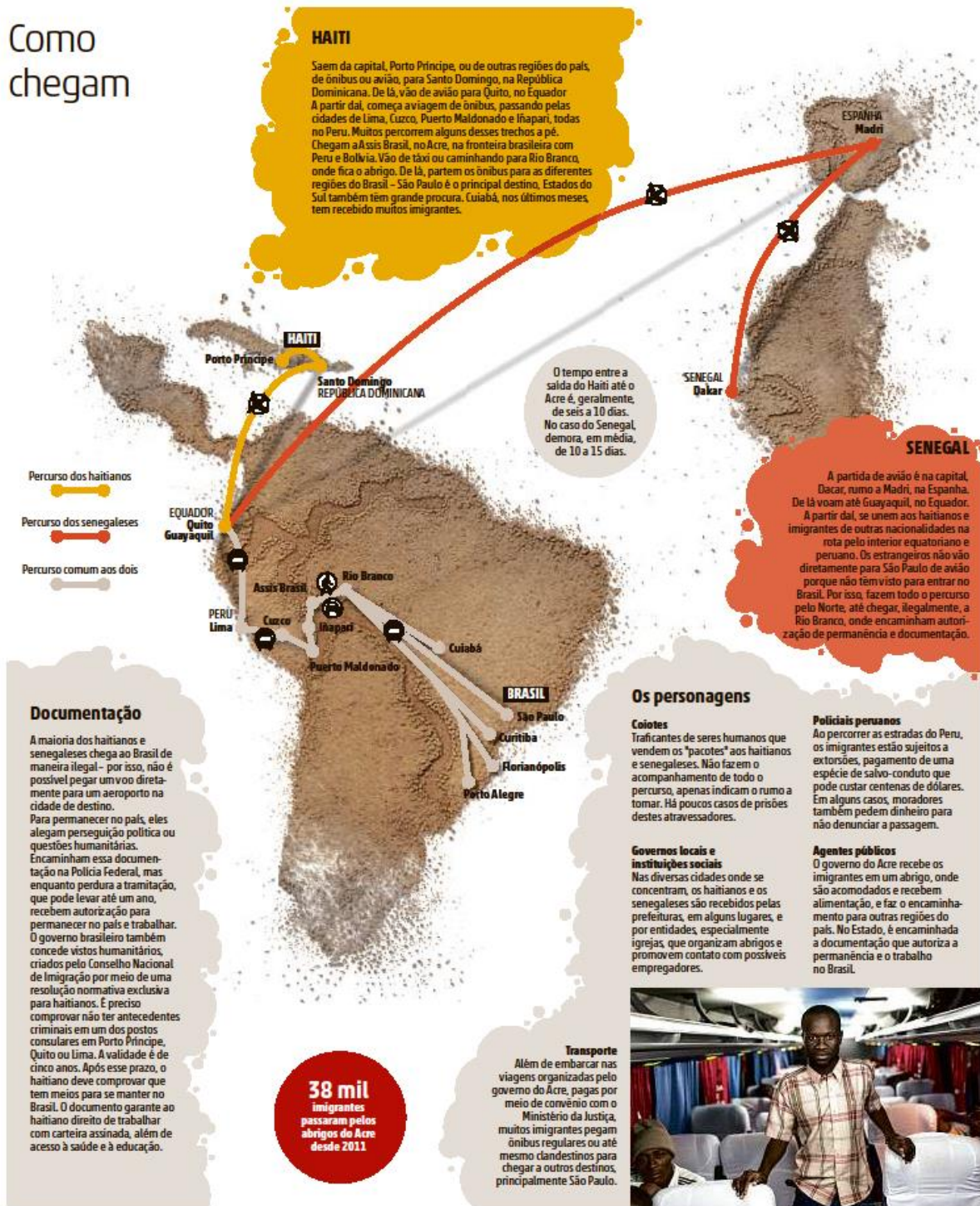
EMBARQUE

Ansiosos para deixar o Acre, eles formam filas na esperança de conseguir uma vaga nos ônibus que vão partir



SEGUIE

Como chegam



HAITI

Saem da capital, Porto Príncipe, ou de outras regiões do país, de ônibus ou avião, para Santo Domingo, na República Dominicana. De lá, vão de avião para Quito, no Equador. A partir daí, começa a viagem de ônibus, passando pelas cidades de Lima, Cuzco, Puerto Maldonado e Iquitos, todas no Peru. Muitos percorrem alguns desses trechos a pé. Chegam a Assis Brasil, no Acre, na fronteira brasileira com Peru e Bolívia. Vão de táxi ou caminhando para Rio Branco, onde fica o abrigo. De lá, partem os ônibus para as diferentes regiões do Brasil - São Paulo é o principal destino. Estados do Sul também têm grande procura. Cuiabá, nos últimos meses, tem recebido muitos imigrantes.

ESPANHA
Madri

SENEGAL
Dakar

O tempo entre a saída do Haiti até o Acre é, geralmente, de seis a 10 dias. No caso do Senegal, demora, em média, de 10 a 15 dias.

Percurso dos haitianos
Percurso dos senegaleses
Percurso comum aos dois

SENEGAL

A partida de avião é na capital, Dakar, rumo a Madri, na Espanha. De lá voam até Guayaquil, no Equador. A partir daí, se unem aos haitianos e imigrantes de outras nacionalidades na rota pelo interior equatoriano e peruano. Os estrangeiros não vão diretamente para São Paulo de avião porque não têm visto para entrar no Brasil. Por isso, fazem todo o percurso pelo Norte, até chegar, ilegalmente, a Rio Branco, onde encaminham autorização de permanência e documentação.

Documentação

A maioria dos haitianos e senegaleses chega ao Brasil de maneira ilegal - por isso, não é possível pegar um voo diretamente para um aeroporto na cidade de destino. Para permanecer no país, eles alegam perseguição política ou questões humanitárias. Encaminham essa documentação na Polícia Federal, mas enquanto perdura a tramitação, que pode levar até um ano, recebem autorização para permanecer no país e trabalhar. O governo brasileiro também concede vistos humanitários, criados pelo Conselho Nacional de Imigração por meio de uma resolução normativa exclusiva para haitianos. É preciso comprovar não ter antecedentes criminais em um dos postos consulares em Porto Príncipe, Quito ou Lima. A validade é de cinco anos. Após esse prazo, o haitiano deve comprovar que tem meios para se manter no Brasil. O documento garante ao haitiano direito de trabalhar com carteira assinada, além de acesso à saúde e à educação.

38 mil
imigrantes passaram pelos abrigos do Acre desde 2011

Os personagens

Coiotes
Traficantes de seres humanos que vendem os "pacotes" aos haitianos e senegaleses. Não fazem o acompanhamento de todo o percurso, apenas indicam o rumo a tomar. Há poucos casos de prisões destes atravessadores.

Policiais peruanos
Ao percorrer as estradas do Peru, os imigrantes estão sujeitos a extorsões, pagamento de uma espécie de salvo-conduto que pode custar centenas de dólares. Em alguns casos, moradores também pedem dinheiro para não denunciar a passagem.

Governos locais e instituições sociais
Nas diversas cidades onde se concentram, os haitianos e os senegaleses são recebidos pelas prefeituras, em alguns lugares, e por entidades, especialmente igrejas, que organizam abrigos e promovem contato com possíveis empregadores.

Agentes públicos
O governo do Acre recebe os imigrantes em um abrigo, onde são acomodados e recebem alimentação, e faz o encaminhamento para outras regiões do país. No Estado, é encaminhada a documentação que autoriza a permanência e o trabalho no Brasil.

Transporte
Além de embarcar nas viagens organizadas pelo governo do Acre, pagas por meio de convênio com o Ministério da Justiça, muitos imigrantes pegam ônibus regulares ou até mesmo clandestinos para chegar a outros destinos, principalmente São Paulo.



Olhares miram SÃO PAULO e suas chances

Pelo terceiro dia consecutivo, um ônibus branco com detalhes em azul, da empresa TransBrasil, encostava na rua de chão batido que levava ao abrigo da Chácara Aliança. A oferta era objetiva: R\$ 330 para tomar assento, sair de Rio Branco e desembarcar em São Paulo, o destino idealizado pela maioria dos imigrantes.

— São Paulo! São Paulo! Vamos comprar passagem para o ônibus sair logo — dizia, sempre ao avistar um grupo de imigrantes, o motorista e proprietário Elivaldo Correia, morador de Porto Velho (RO), que tinha o hábito, nas conversas, de chamar os interlo-

cutores pela alcunha de “macho”, assim como usa-se “moleque” ou “xiru” em outras partes do país.

A Agência Nacional de Transportes Terrestres (ANTT), a partir da consulta da placa, informou que o veículo da TransBrasil estava irregular, sem renovar o Certificado de Registro para Fretamento desde 2006.

Havia um empecilho para a partida: naquela semana, estavam saindo os ônibus contratados pelo governo acriano rumo ao sul do país. Os imigrantes, mesmo aqueles que não tinham chance de ingressar nos coletivos do poder público, mantinham a esperança de uma reviravolta e seguravam ao máxi-

mo o dinheiro de que dispunham. Isso enfraquecia as vendas.

No dia 29 de maio, sexta-feira, um grupo de haitianos diferente da média dos seus compatriotas foi responsável por uma ofensiva. Eles faziam parte de uma classe média, bem vestidos e mais vaidosos do que os demais, ostentando a marra dos jovens dos grandes centros urbanos. Estavam, no máximo, havia dois dias no abrigo de Rio Branco. Alguns haviam chegado poucas horas antes, o que indica que o poder aquisitivo desses imigrantes era superior ao dos demais.

Em poucos minutos, 22 bilhetes de viagem estavam vendidos.

— Hoje vai sair, macho — confirmou Elivaldo, com um bolinho de notas de R\$ 100 na mão.

A partida do ônibus reúne simbologia especial aos imigrantes. Entrar no Brasil pelo Acre não significa exatamente a conquista planejada. O Estado não é o destino, é apenas uma porta. E, para cruzá-la inteiramente, uma série de dificuldades se impõe.

Finalmente, tomar um coletivo rumo às regiões brasileiras mais desejadas, aí sim, é o sinal da consagração, de ter suplantado os ataques da polícia no Peru e a miséria, a doença, a fome e a sujeira no Acre.

A relevância dessa transição dentro do território brasileiro torna mais dramática a sina daqueles que ficam para trás. Maxonuy Vertu queria seguir ao Sul, mas só tinha R\$ 200, menos da metade da passagem de rodoviária.

Numa sexta-feira, passava o tempo em frente ao prédio da administração do abrigo quando veio o aviso: um ônibus extra partiria no sábado rumo a Porto Alegre. Maxonuy se jogou na fila. Lá estavam novamente os haitianos ansiosos, roçando os corpos uns nos outros enquanto aguardavam para preencher a ficha de viagem. Mas, à tarde, um balde de água fria levou embora as emoções dos refugiados: por algum motivo que ninguém por lá soube explicar, a viagem fora cancelada.

Maxonuy estava à deriva em Rio Branco novamente. Os dois amigos que chegaram com ele ao Acre já tinham tomado o seu rumo. Ele andava sozinho. Ficou para trás. Ninguém sabe até quando.



ALTERNATIVA

Quando não conseguem lugar nos ônibus grátis do governo, os imigrantes pagam para embarcar em fretados

SEGUE



TRAVESSIA

As 79 horas de estrada representavam para os imigrantes o último trecho rumo ao sonho

Com os 22 imigrantes embarcados, todos haitianos, a reportagem de Zero Hora também comprou duas passagens para se deslocar de Rio Branco, no Acre, até São Paulo. Uma longa jornada de imprevistos, atrasos e conflitos, tecendo o enredo das dificuldades enfrentadas pelos estrangeiros.

Uma tensão percorreu o ambiente logo no princípio. Ao avistar o equipamento de gravação, um grupo de haitianos, que depois se posicionou nos bancos ao fundo do coletivo, reagiu com hostilidade.

– No photo (sem foto) – diziam, emendando com uma série de xingamentos em crioulo.

Com esse atrito não resolvido, o ônibus partiu às 18h25min daquela sexta-feira, 29 de maio, sob chuva fina. Na saída da cidade, tomou a BR-364, uma vergonhosa estrada do norte do Brasil, com buracos capazes de fazer um carro capotar. O clima inicial era de silêncio. Cansados, os imigrantes repousavam. Como o veículo estava com apenas metade da lotação, muitos ocuparam duas poltronas, deitaram, esticaram as pernas, cobriram os olhos com peças de roupa.

A primeira parada, a da janta, ocorreu às 20h40min. Apenas três imigrantes simpáticos, sentados mais à frente, desceram. A jornada prosseguiu silenciosa. Os únicos sustos eram causados pelos solavancos do ônibus, frequentemente capturado por buracos na rodovia. Havia trechos em que era imprescindível andar em primeira marcha, a menos de 20 km/h. A primeira aventura se apresentou no início da madrugada de sábado, à 00h20min, já em Rondônia. Na escuridão, todos tiveram de descer para

Percurso de **AGUIADAS** **AGRURAS** pelo Brasil

a travessia de balsa, no ponto de encontro entre os rios Madeira e Abunã.

Não se enxergava um palmo à frente do nariz. Na escuridão total, a embarcação era guiada com destreza, mas, para imperitos no assunto, era assustador avistar um banco de areia logo à frente, contornado por hábil manobra. Foram 15 minutos de travessia, com névoa, brisa e mosquitos.

Às 4h daquele sábado, uma parada na estação rodoviária de Jacu-Paraná, em Rondônia. Os imigrantes dormiam. Apenas os dois motoristas tomavam café e bebidas energéticas e fumavam. Distante cerca de 50 metros do ônibus, havia um sujeito acocadado em frente a uma poça d'água. Com as mãos, revirava o barro. De repente, se ergueu. Era madrugada e ele trajava apenas um calção. De resto,

descalço e sujo. Iniciou uma caminhada trôpega, mancava e não conseguia ter agilidade nos passos. Pelas costas, ele se aproximava do repórter fotográfico de ZH. Alertado, o jornalista procurou se afastar, mas, em um dos movimentos, o homem viu a câmera fotográfica em posição de descanso e se enfureceu.

– NÃO APONTA ESSE TROÇO PRA MIM!!! – esbravejou, tentando iniciar uma perseguição ao fotógrafo, que foi ao encontro dos motoristas.

Depois de gritar algumas palavras incompreensíveis, o sujeito mudou o alvo: começou a vociferar contra um caminhoneiro. Após alguns insultos, o motorista caminhou em direção ao seu veículo, abriu um compartimento atrás da cabine e, dali, sacou um facão, logo apontado ao rosto do indivíduo invoca-

do, que finalmente se afastou. Funcionários do local contaram que, semanas antes, ele havia matado um transeunte com um soco no pescoço, derrubando-o violentamente com a cabeça sobre uma pedra.

Pela manhã, às 6h, o ônibus chegava a Porto Velho, capital de Rondônia. Na esquina da garagem da TransBrasil, duas distribuidoras de bebida, tomadas de gente, tocavam forró a todo volume.

– Porto Velho é uma cidade festeira – explicou o motorista Eldo Souza.

Ali ocorreu uma rápida troca de ônibus. Dois novos condutores também assumiram a direção.

Antes de seguir viagem, uma passada na rodoviária de Porto Velho. Uma haitiana desceu na cidade. Outros seis passageiros, sem nenhuma relação com os imigrantes, subiram.

Ao sol alto, a viagem ficava mais agradável com o vislumbiar da paisagem. Fazendas de gado, aos montes nos trechos de Acre, Rondônia e Mato Grosso, estavam sempre ali. Plantações de soja, algumas de milho. Áreas de mata fechada e rios cheios e correntes.

Monvyn Brown, 35 anos, era simpático e falante. Comunicava-se bem em inglês e contava as horas para descer, com mais dois companheiros de viagem, em Cuiabá, de crescente procura. O haitiano é formado em Ciência da Computação e trabalhava no seu país. O salário não garantia a sobrevivência. Tentou ir aos EUA, mas faltou dinheiro. O Brasil surgiu como opção.

– Tenho três amigos em Cuiabá. Minha ideia é consertar computadores lá – contou Brown.

Esposa e três filhos ficaram no Haiti. Uma saudade que apertava, sem mover um milímetro da sua convicção.

– Ficar longe da família é muito difícil, mas isso é a vida – resumiu.

Com formação superior, Brown fala três línguas – crioulo, inglês e francês – e tem raciocínio apurado. Nas primeiras levas de haitianos que chega-

ram ao Brasil, a maioria tinha terceiro grau completo. Hoje, esse índice caiu e muitos dos que chegam contam com baixa escolaridade.

Num episódio inusitado, Brown foi um caso raro de refugiado que não enfrentou problemas no Peru. Chegou a um posto policial em Porto Maldonado e os computadores estavam pifados. Instalou antivírus e fez uma limpeza nas máquinas. Ganhou a simpatia dos policiais com fama de carrascos.

Um dos passageiros que subiram em Cuiabá era contrário à vinda dos haitianos e senegaleses. Para ele, que não cansava de repetir o discurso em conversas em português, o Brasil está à beira de uma guerra civil e “certamente irá surgir um novo Hitler” para massacrar os imigrantes negros. Brown, em dado momento, quis saber o que aquele homem tanto falava, pressentindo que se tratava de alguma referência aos refugiados. Convicto, assegurou que enfrentar eventuais casos de racismo e xenofobia não irá lhe vergar.

Na manhã de domingo, às 6h45min, o coletivo começou a apresentar problemas. Estava com pouca força no

motor. Em uma parada em Várzea Grande (MT), foi diagnosticado que uma mangueira escapava do intercooler. O ônibus seguiu lentamente até Cuiabá, onde Brown desembarcou.

Impaciente com a pane logo no momento de descer na sua terra prometida, chamou um táxi, contactou os amigos que vivem na capital do Mato Grosso e partiu, fazendo no celular fotos da cidade que seria seu novo lar.

– A coisa certa a fazer é ter um bom emprego para cuidar da sua família. Esse é o motivo de eu ter deixado o Haiti para vir ao Brasil – despediu-se.

A partir daí, começou o calvário. Como era domingo, não havia onde comprar peças para consertar o carro, que parou em duas garagens para pedir socorro. Enjambres foram feitos para manter a mangueira no lugar. A situação se estendeu até as 11h30min, quando a gambiarra finalmente funcionou. Foram quase cinco horas de parada, mas os imigrantes não apresentavam nervosismo.

Depois de feito o reparo, o ônibus precisava subir um trecho pequeno de serra para sair de Cuiabá e seguir

viagem. Para o veículo não perder força, o ar condicionado foi desligado. Friorentos, os haitianos não gostam de abrir janelas dos veículos. Também preferem manter as cortinas cerradas. O interior do coletivo virou uma sauna, transportando pessoas que não tomavam banho havia quase dois dias. A morrinha subiu. Também na tarde de domingo, as dores nas costas e articulações deram os primeiros sinais. Não havia mais posição que fosse cômoda.

A mangueira escapou mais uma vez no início da noite, na BR-364. No breu, os motoristas desceram com o auxílio de uma lanterna. Os imigrantes os cercaram, curiosos. Enquanto faziam novo enjambre, as carretas passavam zunindo ao lado do ônibus. Depois de cruzar Goiás na madrugada, Minas Gerais foi alcançada na manhã de segunda-feira, quando ocorreu uma parada de mais duas horas em uma oficina mecânica para trocar a mangueira danificada.

A alegria aflorava no ânimo dos haitianos com a proximidade de São Paulo. Estava logo adiante, mas, às 14h30min, na BR-153, ainda no território mineiro, todos depararam com um grave acidente. Duas carretas haviam se chocado frontalmente, após uma delas ter tentado ultrapassagem em local proibido. Duas pessoas morreram, havia váivém de carros fúnebres, ambulâncias, policiais, escavadeiras e caminhões que recolhiam a carga esparramada na pista. Supersticiosos, os motoristas Sidnei Ferreira dos Santos e Pedro Luiz Oliveira Duarte se encheram de razão para teorizar.

– Viram, todo aquele atraso que tivemos ontem com o problema no ônibus foi para nos tirar do caminho desse acidente – dizia um deles, convencido do milagre.

Depois de duas horas de espera, a estrada seguia bloqueada. Não havia previsão de liberação.

– Por que não nos deixam passar? – reclamavam, já impacientes.

O motorista desistiu de aguardar e pegou uma via alternativa. A partir daí, foram mais nove horas até o desembarque na rodoviária do Tietê, em São Paulo, na madrugada de terça-feira. Na reta final, a hostilidade do grupo do fundo do ônibus à câmera e aos jornalistas já havia minorado. Os irmãos Chery – Rolin, Emmanuel e Rijkaard – posavam para fotos. Eles são de uma família de imigrantes. Enquanto desembarcavam, a preocupação de Emmanuel era avisar por telefone a mãe sobre o sucesso da jornada. Ela vive em Miami, nos EUA.

Setenta e nove horas depois, São Paulo. Foram três dias completos e mais sete horas de ônibus, sofrendo contratempos, rasgando o Brasil por caminhos tortuosos, superando os medos e os riscos das estradas. Um mundo novo se abria aos 18 imigrantes que chegaram ao centro econômico do país. Quando deixaram o inóspito abrigo na Chácara Aliança, no Acre, avistaram uma placa à esquerda, do lado interno do imóvel, que dizia: “Obrigado pela preferência”. Mas não era preferência. Era apenas sobrevivência.

Edição
Leandro Brixius

Edição de imagens
Bruno Alencastro
Jefferson Botega

Design
Thais Longaray

Arte
Guilherme
Gonçalves
Fernando Gonda



CHEGADA
Brown fotografa sua nova cidade, Cuiabá, onde desembarcou depois dos contratempos da viagem



ZH.com.br
Vídeo e fotos mostram a jornada dos imigrantes haitianos e senegaleses pelo Brasil. Acesse o especial digital em zh.com.br/tera-prometida.



Depois de dois anos no Brasil, Oline (C) decidiu que quer regressar com a filha e a irmã para o Haiti

SONHOS PAR TI DOS

OS NOVOS ROSTOS DA IMIGRAÇÃO, apresentados há um ano em reportagem de ZH, passam por desilusão. Precisam enfrentar a disputa por trabalho e o preconceito. Poucas são as histórias de sucesso. Muitos querem retornar a seus países

CARLOS ROLLING
carlos.rolling@zerohora.com.br

Haitianos que migraram ao Rio Grande do Sul em busca do eldorado, as famílias de Diufene, Oline e Sajele têm mais em comum do que a nacionalidade: estão decididos a ir embora do Brasil, seja para tentar sucesso em outro país ou retornar à terra natal. A crise corroe o sonho brasileiro.

Caribenhos e africanos chegaram esperançosos e conseguiram viver bons dias até o aprofundamento da instabilidade econômica e política. Agora, são atormentados por desemprego, salário baixo, dólar alto, sub-habitação e marginalização.

O último levantamento divulgado pelo Ministério da Justiça, publicado em agosto passado, indica que, desde 2011, quando houve a explosão migratória, ingressaram no Brasil 45.607 haitianos. Parcela significativa já foi embora.

— Ao mesmo tempo em que recebemos imigrantes, muitos estão saindo do Brasil. Cerca de 10 mil haitianos deixaram o país. Não necessariamente para voltar ao Haiti, mas para procurar outras nações. Muitos têm ido ao Chile. Eles saem pelas dificuldades que encontram e, principal-

mente, pela frustração que experimentam na vinda ao Brasil — analisa o padre Lauro Bocchi, diretor do Centro Italo-Brasileiro de Assistência e Instrução às Migrações (Cibai Migrações), instituição vinculada à Paróquia da Pompeia, em Porto Alegre.

Diufene Dumerjuste mora em Bento Gonçalves, na Serra, há mais de três anos. Em fevereiro de 2014, trouxe do Haiti a mulher, Beatrice, e a filha Joice. Ela jamais conseguiu emprego. Em abril deste ano, tiveram a segunda filha: Mari Claire Angelica, uma brasileira.

Trabalhando em uma metalúrgica, Diufene recebe R\$ 1,2 mil ao mês. Seu salário será rebaixado até o final do ano porque a empresa fez um acordo de redução de jornada, decorrência da crise. Com o que ganha, paga R\$ 600 de aluguel — a metade da sua remuneração total —, sem contar gastos com água, luz, alimentação e vestuário da família de quatro pessoas.

— Não levamos uma vida boa, bastante gente quer ir embora. Pedi para ser demitido até janeiro. Com o dinheiro da rescisão, voltarei ao Haiti. Mas não me prometeram nada — lamenta Diufene, que, em uma manhã da noite de setembro em Bento Gonçalves, recebia em sua casa dois compatriotas que chegaram há meses ao país, mas seguem desempregados.

Com a alta da moeda americana, o imigrante não consegue mais mandar dinheiro e ajudar a família que ficou para trás – são necessários muitos reais para comprar poucos dólares. E esse sempre foi um dos principais objetivos da aventura no Brasil.

Em Marau, Oline Desruisseaux e Sajele Rodrigue também querem fazer as malas. Oline trabalha em uma padaria, na área de serviços gerais. Sua irmã, Nadesh, chegou ao Brasil só em novembro de 2014. Foi contratada para trabalhar em um frigorífico, em Mato Castelhana, distante poucos quilômetros de Marau. A mulher de Sajele era empregada do mesmo abatedouro de suínos.

Em agosto, a indústria fechou as portas. Segundo o Sindicato da Alimentação de Tapejara, que atende a região, problemas de higiene e de segurança do trabalho estiveram entre as motivações. Os funcionários foram mandados para casa, sem receber nenhum valor rescisório. Por questões burocráticas, sequer conseguiram encaminhar o seguro-desemprego.

COM O DESEMPREGO, O DESEJO DE PARTIR

Dificuldades de comunicação deixam os haitianos perdidos, não sabem a quem recorrer para cobrar o frigorífico. Essa é outra face cruel da imigração: ingênuos e alheios às labirínticas leis brasileiras, são frequentemente ludibriados.

Oline, com seu salário de R\$ 1 mil, sustenta a irmã e a filha Ana e paga aluguel, luz, água e alimentação.

– Passei dois anos aqui, pensei que tudo melhoraria, mas só piorou. Não posso ficar mais. Antes, precisava de R\$ 230 para mandar US\$ 100 ao Haiti. Hoje, preciso de R\$ 440 para os mesmos US\$ 100. Decidi voltar. Agora é juntar dinheiro para a passagem, que está custando R\$ 5 mil – diz Oline.

Há pouco mais de um ano, quando ZH esteve em Marau para produzir a reportagem *Os Novos Imigrantes*, Oline tinha a pequena Ana nos braços, recém-nascida, e depositava esperança no sonho brasileiro. Tudo mudou radicalmente em apenas uma porção de meses.

Sajele está desempregado, faz bicos de pedreiro, mas poucas oportunidades surgem com a desaceleração da construção civil. Insistentemente, aponta para um Uno cor de vinho estacionado próximo do centro de Marau e expõe o seu plano.

– Aquele auto é meu. Se me derem R\$ 4 mil, vendo. Primeiro, mando minha mulher de volta ao Haiti. Depois, dou um jeito de comprar a minha passagem.

Levantamentos do Cibai Migrações e da seção gaúcha de Mobilidade Humana da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) indicam que 13,7 mil imigrantes caribenhos e africanos estão vivendo no Rio Grande do Sul, a maioria na Serra, no Planalto e nos vales do Taquari e do Rio Pardo. Cerca de 9 mil são haitianos, 4 mil são senegaleses e os demais se dividem entre naturais de República Dominicana, Gâmbia, Gana e Bangladesh, além de alguns outros.

– Avaliamos que, entre os imigrantes, o desemprego está em 20% – diz o padre João Cimadon, coordenador do setor de

Mobilidade Humana da CNBB no Estado.

Ainda são estimativas, mas as organizações ligadas à Igreja são as que contabilizam números mais próximos da realidade. Continua sendo com as instituições religiosas o principal vínculo dos imigrantes, seja no momento da acolhida inicial ou no pedido de ajuda rotineiro. O poder público apenas começa um trabalho de envolvimento. Os efeitos da crise também aparecem em dados do Sine no mês de setembro.

– Hoje temos 2.246 imigrantes de todas as nacionalidades cadastrados nas agências do Sine do Estado, mas sabemos que a maioria é de haitianos e senegaleses. Significa dizer que eles estão na informalidade ou desempregados – explica Juarez Santinon, presidente da Fundação Gaúcha do Trabalho e Ação Social (FGTAS).

Na rotina dos municípios, a virada no boom migratório é perceptível. Em Bento Gonçalves, viviam 1,7 mil haitianos até 2014. Neste ano, o número baixou para mil, conforme a prefeitura, amparada por dados da Polícia Federal. Para a associação de imigrantes local e a Paróquia Santo Antônio, 1,3 mil ainda estariam na cidade.

Com o desemprego, centenas partiram. Segurando listas nas mãos, Ronald Dorval, presidente da Associação de Haitianos de Bento Gonçalves, diz que 350 imigrantes do seu país estão desempregados por lá. Dados da prefeitura também preocupam: cerca de cem caribenhos – o que pode significar até 10% dos que estão no município – recebem Bolsa Família. É um indicativo de miséria, já que é preciso ter renda per capita mensal de até R\$ 154 para obter o benefício.

– Acredito que a redução de imigrantes passa pela frustração deles, até de exercer um serviço pesado para o qual não foram capacitados. Muitos têm formação superior, a gente vê arquitetos e advogados pintando paredes ou na base da indústria. Hoje, existe um movimento de saída da cidade. Para

essas pessoas, realmente acredito que o sonho não se tornou realidade – diz Guilherme Pasin (PP), prefeito de Bento Gonçalves.

Em Erechim, no norte do Estado, o número de imigrantes senegaleses foi reduzido de uma centena para 60 entre 2014 e 2015, conforme a Associação de Apoio aos Africanos em Erechim e Região (Asafer).

– Dos que ficaram, um grupo considerável está desempregado e foi para a informalidade – diz o professor e sociólogo Dirceu Benincá, que se uniu à direção da Asafer.

A adesão dos imigrantes às vendas ambulantes é crescente. Em Caxias do Sul, nos arredores da Praça Dante Alighieri, continua à imponente catedral, estão amontoados pelas calçadas. Em seus tabuleiros ou caixas de papelão, expõem meias, toucas, luvas, relógios, cintos, carteiras, anéis reluzentes e uma enormidade de bijuterias.

Em uma tarde fria de setembro, somente em uma quadra da Avenida Júlio de Castilhos, em frente à praça, havia 13 ambulantes senegaleses e haitianos. Eles disputam a preferência dos clientes com os brasileiros que também dependem da atividade. Por vezes, homens se aproximam, cochicham algo aos ambulantes. Depois, desaparecem.

Enquanto isso, outros imigrantes passam o tempo, mexem no celular, conversam em rodas, fitam o horizonte vazio.

SATISFAÇÃO DE CHEFES MANTÉM EMPREGOS

Nas pacatas e organizadas cidades de descendentes europeus, um movimento de marginalização dos estrangeiros se torna cada vez mais preponderante. Quem anda pelas simpáticas ruas de Encantado, de apenas 22 mil habitantes, no Vale do Taquari, não imagina que ali tenha uma periferia. Mas há. E os

haitianos e dominicanos que trabalham no frigorífico Cosuel, em maioria, moram lá. É o bairro Navegantes, uma baixada alagadiça, com casebres de madeira, sujeira e entulho nas ruas. Também há tráfico de drogas e violência. Em Bento Gonçalves, os haitianos moram massivamente nos bairros Eucaliptos e Conceição, ambos periféricos. É o caso de Mistrake Lozin:

– Moramos aos montes em uma casa. Já morei com nove. E também estão ocorrendo muitos roubos. Um amigo nosso saiu de casa para trabalhar e, quando voltou, tinham arrombado e levado notebook, documentos e mais um dinheiro.

Se os imigrantes foram alcançados pelo desemprego, crise e violência, ainda há faces positivas da presença deles no Brasil. Os empresários estão satisfeitos com o comprometimento dos forasteiros. Assumem serviços pesados que, até então, estavam vagos devido ao desinteresse do brasileiro que conquistou qualificação e ascensão financeira.

– Tivemos redução de pessoal em 2015, mas os chefes da fábrica sempre procuraram preservar o emprego dos 15 senegaleses que estão conosco. Gostam do trabalho deles, são habilidosos – diz Ana Paula de Zorzi Caon, gerente de recursos humanos da Saccaro Móveis, de Caxias do Sul.

A maioria ainda está trabalhando, muitos deles empenhando parte do seu dinheiro para auxiliar com alimento e moradia os compatriotas desempregados. Os problemas econômicos do Brasil não farão cessar o fluxo migratório.

– É um processo silencioso e lento. É provável que, com a crise, haja diminuição, mas não vai terminar. Por isso, não falo em onda migratória: é um movimento contínuo, com altos e baixos. Se o Brasil quer ser líder regional na política e na economia, terá de se abrir – diz Gabriela Mezzanotti, professora da Unisinos e coordenadora de uma cátedra da ONU que estuda os refugiados.



SEGUIE

PORTO ALEGRE COMO DESTINO

S eja nas pequenas ou médias cidades do Interior, a queda nas condições de vida e na oferta de emprego causou, desde o início de 2015, a intensificação do movimento de partida de caribenhos e africanos em direção aos grandes centros urbanos. Se as fontes secaram na Serra, no Planalto e nos vales do Taquari e do Rio Pardo, centenas de imigrantes que decidiram permanecer no país partiram para Porto Alegre e São Paulo. Não por acaso passou a ser comum ver haitianos e senegaleses na capital gaúcha em maior número – hoje, seriam cerca de mil.

– Esses imigrantes vieram para encontrar trabalho, especialmente nas regiões de Caxias do Sul e Passo Fundo. Pelo momento do país, isso tem se revertido. Essa virada ocorreu com mais força no início deste ano. Como estão perdendo o emprego ou não estão mais encontrando oportunidades nesses locais, a tendência é de que procurem os grandes centros. Porto Alegre e Região Metropolitana passam a ser os destinos escolhidos diante dessa nova situação – explica o padre Lauro Bocchi, coordenador do Cibai Migrações.

Em 2011, quando eclodiu a chegada de haitianos e senegaleses, as indústrias alimentícias os buscavam no Acre, por onde entravam no Brasil. Como precisavam da mão de obra, os frigoríficos iam ao encontro dos imigrantes, faziam seleções e os contratavam no ato, providenciando passagens. A indústria alimentícia está concentrada no Interior: gigantes operam em Marau, Lajeado, Encantado, Passo Fundo,

Erechim, Garibaldi, Tapejara. Mas também as metalúrgicas, o setor moveleiro e a construção civil, carentes de trabalhadores, passaram a empregar em larga escala os imigrantes nas localidades interioranas.

A conjuntura os levou a habitar essas cidades em considerável número. As comunidades pequenas e médias também eram preferidas pelos estrangeiros pelo custo de vida menor. Pesquisadores ainda indicam outro fenômeno: no Interior, haitianos e senegaleses não são “invisíveis”. Se um grupo de negros desce em um município formado por descendentes europeus, certamente será notado. Por mais que alguns torçam o nariz, sempre haverá alguém para acolhê-los. Nos grandes centros, é maior a possibilidade de passarem despercebidos no meio da multidão, esmagados pela indiferença e pela velocidade do cotidiano.

Essa era a base que mantinha grupos massivos de imigrantes longe de Porto Alegre. Mas, com a crise, o ciclo mudou. No Interior, a construção civil e as indústrias moveleira e metalúrgica demitiram. O setor alimentício, seja de bovinos, suínos ou aves, não chegou a relevantes demissões, mas cessou as contratações. O mercado parou. E a Capital virou destino.

– Houve um esgotamento no Interior. Também ocorreu uma mudança no perfil desse trabalhador. Em Porto Alegre, estão no setor de serviços, nos postos de gasolina, na limpeza em shoppings, são garçons em restaurantes e auxiliares em hotéis. É uma mudança em relação ao que faziam no Interior, onde se concentravam na indústria – explica Bocchi.

A construção civil é a única semelhança da atividade profissional do imigrante no Interior e na Capital. Em qualquer uma das localidades, há caribenhos e africanos trabalhando em obras. É o caso do haitiano Maxonuy Vertü, que protagonizou uma peregrinação de mais de quatro meses em nome de um emprego. Primeiro, levou 22 dias entre a saída do Haiti e a chegada a Rio Branco, intercalando avião, ônibus e caminhadas. Na capital do Acre, agonizou por mais um mês no desumano abrigo de imigrantes em que conviveu com o mau cheiro, banheiros inutilizáveis, umidade, colchões rasgados, superlotação, água escassa e doenças.

Como não conseguiu embarcar em nenhum ônibus bancado pelo governo federal, Maxonuy teve de esperar a família enviar dinheiro para comprar uma passagem aérea. Juntou todos os caraminguais e, depois de contatos com amigos, foi parar em Estrela. Ficou por 45 dias na cidade, sem sequer ser chamado para uma entrevista de emprego. Teve de deixar o Vale do Taquari porque estava sem dinheiro e os compatriotas começavam a exigir que ajudasse no racha do aluguel.

Migrou mais uma vez. Em Porto Alegre, se instalou sem custos no abrigo do Centro Vida, na zona norte, aberto por meio de uma parceria entre o Estado e a prefeitura. Lá consegue fazer as três refeições do dia e conta com lugar para dormir, em um alojamento simples, embora mais digno do que a realidade vivenciada por ele e outros milhares de imigrantes que chegam ao Brasil pelo Acre.



No canteiro das obras da nova ponte do Gualba, Maxonuy (E) conseguiu a primeira vaga

Na segunda quinzena de setembro, após um mês e meio vendo o tempo passar no Centro Vida, remoldo pela ansiedade e saúde da família, Maxonuy finalmente alcançou o trabalho que o fez rasgar a América do Sul. A partir de contatos da prefeitura da Capital, ele e outros 23 imigrantes, entre senegaleses e haitianos, foram contratados para atuar como auxiliares nas obras da nova ponte do Guaíba.

Trocou a angústia pela labuta no canteiro industrial 1, onde ajuda a concretar estacas pré-moldadas de 32 toneladas que estão sendo cravadas para dar sustentação à futura ligação da Capital com o sul do Estado. Revira massa, carrega lonas, dá marteladas.

– Foram quatro meses sem serviço. Agora tenho meu primeiro emprego. Estou contente e acho que estão contentes comigo – comemora o haitiano.

MORADIAS PRECÁRIAS NA PERIFERIA DA CAPITAL

Se a história de Maxonuy for comparada a de outros compatriotas, é possível concluir que até contou com certa dose de sorte. Dieuquille Fils está há 13 meses no Brasil, passou por Belo Horizonte e, desde o último semestre, é habitante da Ocupação Progresso, na zona norte de Porto Alegre. Nunca conseguiu emprego. Em uma manhã chuvosa de setembro, pulava poças d'água, atolava o pé no barro das precaríssimas ruas, segurava inutilmente para o alto um guarda-chuva em frangalhos. Admitiu que, para comer, depende da solidariedade dos vizinhos imigrantes. Diariamente, zanza pelas casas para filar algo. Não fosse a caridade dos companheiros, passaria fome. Dieuquille jamais contou à família que ficou no Haiti sobre a sua condição miserável no Brasil.

– A vida migratória gera muitas expectativas e frustrações. Eles não falam para quem ficou para trás que estão vivendo desse jeito. Ninguém fala – diz Alix Georges, haitiano que vive em Porto Alegre desde 2006 e montou uma ONG de apoio aos imigrantes.

Entre os motivos para manter o descalabro brasileiro em segredo, estão as intenções de não preocupar os parentes e de não se sentirem derrotados.

– Eles chegam em busca de vida digna, mas muitos já não conseguem mais se autossustentar. Acabam entrando em crise existencial. Não conseguem se manter, não enviam dinheiro às famílias, são discriminados e vítimas de situações desumanas. Se desesperam e perguntam: “O que estou fazendo aqui?” – analisa o padre Lauro Bocchi, do Círculo Migrações.

Na Ocupação Progresso, um jovem que está trabalhando em posto de gasolina tecia comentários, mas se negava a revelar seu nome e a ser fotografado. O motivo era o medo de que os consanguíneos tomassem conhecimento da sua realidade.

– Se eu mostro uma foto minha aqui, vão se apavorar. “O que você está fazendo aí, volte agora” – disse o haitiano incógnito, de tronco largo e forte, entoando em voz grave e desesperada, como seria a reação da sua mãe ao vê-lo ali, no meio do barro e de caixas de madeira que parecem estar para desabar a cada lufada.

A quantidade de imigrantes que moram

na área é motivo de divergência. Ilisiane Vida, uma brasileira que se apresenta como presidente da Associação dos Moradores da Ocupação Progresso, diz que são 85 caribenhos. Já Getony Gustinvil, líder entre os haitianos, afirma que são em torno de 50. O número de desempregados ambos têm na ponta da língua: cerca de 20.

Na casa de Getony, sob um telhadinho com goteiras, jaz um sofá rasgado e com um braço quebrado. Parado ali, ele explica que não há saneamento básico, água ou energia elétrica. Tudo é arranjado na base do gato. Ele está há dois anos no Brasil, trabalha na limpeza de salas de cinema em Porto Alegre e, um mês atrás, trouxe a mulher para morar na ocupação. Ela se apavorou.

– Quer ir embora. Tenho duas casas no Haiti que são muito melhores do que essa – afirmou, apontando para o seu casebre, um amontoado de madeira cor-de-rosa.

Como moram em bairros marginalizados, são vítimas da violência urbana. A casa dele já foi arrombada e levaram o que havia dentro, incluindo o passaporte. Ele, apesar de tudo, quer ficar no Brasil e busca o apoio de advogados para formalizar a Associação dos Haitianos da Ocupação Progresso.

Getony já teve boa vida no seu país. Era encarregado de cuidar de um mercado público. Foi membro do Lavalas, sigla política do ex-presidente Jean-Bertrand Aristide, derrubado duas vezes. Depois, passou ao Fusion, de oposição a Aristide. Em um contexto de perseguição e conflito político – o Haiti tem mais de 120 partidos –, entendeu que o melhor era deixar o país.

Perto da Progresso, estima-se que 300 haitianos vivem entre os bairros Santa Rosa e Sarandi, onde encontram itens básicos de urbanização, como calçamento, iluminação, saneamento, água e energia elétrica, mas ainda se mantêm vulneráveis quanto à violência urbana e à qualidade das habitações.

A presença numerosa na região ocasionou a abertura de negócios especializados em atender a demanda dos imigrantes. No Santa Rosa, o haitiano Stenio Chery abriu a sua lan house há sete meses. Os compatriotas o visitam e ficam por horas no Facebook, comunicam-se com os familiares. Mas a vida empreendedora de Stenio não vai bem. Seu estabelecimento foi arrombado duas vezes. Levaram três dos seis computadores.

– Está cada vez pior, tudo está mais caro. Estou procurando um jeito de ir embora – revelou Stenio.

Wilfrid Toussaint, soldador de ofício, trabalha como gari em Canoas, na Região Metropolitana. Corre, recolhe o lixo e o atira dentro do caminhão. Haitiano, ele mora no Santa Rosa, em Porto Alegre, nos fundos de uma pet shop. São oito pessoas dividindo três modestas peças, uma delas tomada somente por camas. O aluguel é de R\$ 500. O pé direito é baixo, há mofo, sujeira, vidros quebrados. Um lugar lúgubre e insalubre. Wilfrid não reclama.

– Acho que o Brasil é bom. Melhor do que o Haiti – assevera.

No bairro Floresta, nos arredores da Avenida Farrapos, é fácil encontrar haitianos e senegaleses nas ruas Leopoldo Froes, Parraíba e Cândia Gomes. Moram em pensões, prédios decrepitos e até antigos motéis. Nas calçadas, sentam e conversam em pequenos grupos. É uma região de prostituição, cercada por prédios abandonados, quebrados, sujos, pichados, vandalizados.



Amelia mora com a mãe na Lomba do Pinheiro, onde o frei João busca facilitar a integração

DESAFIO DE DAR UMA BOA ACOLHIDA

Embora estejam habitando áreas conflagradas para pagar aluguel mais baixo, não há registro de envolvimento de imigrantes com atividades criminosas. O comportamento

é pacífico. Os senegaleses, muçulmanos, sequer podem consumir bebidas alcoólicas.

A prefeitura de Porto Alegre avançou na acolhida aos estrangeiros, mas as sub-habitações, junto ao desemprego, seguem como barreiras difíceis de serem vencidas.

– Os imigrantes que chegam alugam casas ou peças em comunidades de baixa renda. Nesse ponto, ainda temos de avançar. Estamos auxiliando-os a buscar lugares para morar. O déficit habitacional para os porto-alegrenses é de 40 mil unidades. É um setor de muitas dificuldades – avalia Luciano Marcantônio, secretário municipal de Direitos Humanos.

A zona leste da Capital também é núcleo de concentração de imigrantes. Lideranças do Conselho Popular da Lomba do Pinheiro calculam que duas centenas de caribenhos vivem entre as paradas 9 e 19 do bairro, parte deles em áreas de disputa por pontos de tráfico de drogas. Como ocorre

na maioria dos recantos, a Igreja assumiu a linha de frente na assistência social. Muitos procuram socorro na Paróquia Santa Clara, pedem ajuda para encontrar emprego e matar a fome. Para deixar uma mensagem de boas-vindas, o frei franciscano João Osmar D'Ávila está organizando, junto com o Conselho Popular, um almoço dominical de confraternização com os haitianos da região. Eles foram consultados para a elaboração do cardápio e estão escolhendo músicas típicas do seu país para animar a festa.

– O nosso desafio aqui na Lomba é garantir boa acolhida. Ir além da entrega da sacola de alimento. Oferecer, pelo menos, aulas de português. Estamos planejando isso – destacou o religioso.

Na humilde hospedaria de Sueli de Souza Prates, no Acesso 8 da comunidade Vila Nova São Carlos, 13 das 15 casas estão alugadas para cerca de 30 haitianos. É o caso de Karina Compadre, que perdeu o emprego na limpeza de um posto de saúde porque enfrentava dificuldades para encontrar alguém que pudesse cuidar da filha Amelia, seis anos. A empresa que a contratou pretendia transferi-la para outros locais de operação, fora da Lomba, e Karina alegou que não sabia como chegar lá. Acabou demitida.

SEGUIR

OS NOVOS BRA SI LEI ROS

Fitas multicoloridas pendem do alto de uma estrutura metálica que suspende um aparelho de TV. No chão, um menino ágil se enrola nos tecidos, esconde-se atrás das cores. Sai em disparada, cruza o cercadinho do berçário, sobe a escadinha do escorregador, desce o brinquedo, volta ao topo e, desta vez, desliza de ponta, tocando o chão com a palma das mãos e, depois, o peito. As tranças rastafári, que delineiam um labirinto no couro cabeludo, esvoaçam. O elétrico garoto é Valdes Esacc, de apenas um ano e 10 meses, brasileiro de nascimento e filho de imigrantes haitianos que residem em Encantado.

Valdes está matriculado na Escola Municipal de Educação Infantil Navegantes. Como os pais trabalham cedo, é o primeiro a chegar pela manhã. Permanece lá por dois turnos, com garantia de cuidados, recreação, aprendizado e alimentação completa.

A escola fica no bairro Navegantes, o mais humilde de Encantado, onde moram dezenas de famílias de caribenhos. No início do período migratório, em 2011, os homens vieram sozinhos. Depois, passaram a trazer as mulheres, reunir a família e, como são casais jovens, os filhos começaram a vir. A natalidade cresceu, o que se reflete na procura pelos serviços públicos.

Diretora da Navegantes, Marisa Alexandre Giansini atende a 32 crianças nos dois berçários. Dez delas, quase um terço, nasceram no Brasil, mas são filhas de haitianos. Outros 10 bebês recém-nascidos, todos descendentes de imigrantes caribenhos, estão na fila de espera por vaga. A diretora acredita que conseguirá acolher dois ou três.

A aceitação deles é normal. As crianças não distinguem cor de pele, são inocentes – diz Marisa, que relatou ter tido apenas um caso de aluna que estava rejeitando os imigrantes, possivelmente por questões raciais.

O relacionamento com os pais haitianos é bom, conforme a diretora. Ela se entusias-



Em Encantado, 10 alunos de uma escola infantil, entre os quais Valdes, são filhos de imigrantes.

ma ao relatar que as contribuições espontâneas à escolinha, que melhoram o funcionamento, estão vindo em maior volume dos imigrantes em comparação aos brasileiros.

– A principal fonte de renda extraordinária vem dos haitianos. Eles são gratos aos cuidados com as crianças e são participativos e comprometidos com a educação.

Em Caxias do Sul, 150 filhos de caribenhos e africanos estão matriculados nas escolas municipais. No caso caxiense, a maioria dos estudantes nasceu no Exterior, antes da jornada à América do Sul.

DIFICULDADE DE COMUNICAÇÃO PREJUDICA TRATAMENTOS

A pequena Encantado ajuda a ilustrar o aumento da natalidade entre os casais da nova imigração.

Em meados de setembro, o posto de saúde do bairro Navegantes fazia 22 procedimentos de pré-natal. De todas essas gestantes, 15 eram haitianas.

Os números de Bento Gonçalves também mostram a evolução. Em 2013, apenas três

imigrantes tiveram filhos no Hospital Tachinni, que atende pelo SUS. No ano passado, nove nasceram. Até o final de agosto de 2015, 22 haitianas deram à luz.

Dados do Hospital Santa Terezinha, em Encantado, expõem uma agrura: a mortalidade infantil. Na cidade, em 2014, foram feitos cinco partos em imigrantes, mas dois óbitos ocorreram. Neste ano, dos oito nascimentos, um terminou com o falecimento da criança.

– É um índice alto, é preciso verificar os fatores que levaram a isso. A comunicação com as mães é muito difícil. Elas só falam através dos maridos. Não recebem um agente de saúde em casa se o marido não estiver junto – explica Dorli Diehl, coordenadora de enfermagem do Hospital Santa Terezinha.

A postura submissa da mulher haitiana e senegalesa diante do homem dificulta os atendimentos de saúde. Médicos não conseguem entender o que dizem as pacientes. Não compreendem as dores, os sintomas. Os imigrantes não conseguem explicar o que sentem.

– É uma questão cultural. O pré-natal é muito difícil. Elas não entendem português e não falam. São os maridos que fazem o

papel de intérpretes. Eu pergunto, ele fala com a mulher e depois traduz para a gente. Abordar temas íntimos fica muito complicado – relata Cátia Isabel Stieven, coordenadora do posto de saúde do Navegantes.

As haitianas, de fato, sabem pouco ou nada de português. Praticamente não saem de casa, exceto para trabalhar. Não interagem com brasileiros. São os homens que vão às ruas e aprendem o idioma.

– Eles têm tanto medo de nós quanto temos dificuldade em atendê-los. E ainda são desconfiados – detalha Dorli.

Em Porto Alegre, o haitiano Alix Georges, que atua como professor de línguas, organiza com a Secretaria da Saúde o ensino básico do francês e do crioulo (idioma falado no Haiti) a um grupo de médicos e enfermeiros que atendem imigrantes. Isso deverá facilitar a comunicação e a qualidade do diagnóstico. Vindos de um país empobrecido, alguns caribenhos desenvolvem quadros mais graves de doenças devido à falta de tratamento. No caso das mulheres, é um agravante para os períodos de gravidez.

Há um ano, quando ZH foi a Marau para a reportagem *Os Novos Imigrantes*, Fritz Gerald Casseus estava recebendo o seguro-desemprego. A mulher, Eugenia, dedicava-se a cuidar do filho Mazinho, que, então com um ano, era um dos primeiros descendentes de imigrantes haitianos a nascer na região. Doze meses depois, Casseus está recolocado no mercado, contratado pela Fuga Couros, empresa tradicional de Marau. Mazinho cresceu e se comunica bem em português, mas não fala o crioulo, língua do país natal dos seus pais. Apenas Eugenia estava ausente. Em meados de setembro de 2015, encontrava-se hospitalizada em Passo Fundo, nos dias finais de uma gravidez de risco. O nome do segundo herdeiro brasileiro já havia sido escolhido: Mateus.

Ao ter filhos nascidos no Brasil, os imigrantes podem encaminhar o visto de permanência definitiva. Para quem os acompanha de perto, a maternidade está mais vinculada com o desejo de reconstruir a família que ficou para trás. Como se fosse uma compensação. Também são casais jovens, a maioria na faixa entre 25 e 35 anos, “em fase de procriação”, pondera Ivonete Teixeira, voluntária da Paróquia São Pedro, em Encantado.

Especialistas no tema rejeitam discursos de que os caribenhos e africanos estão em número exorbitante no Brasil. E rebatem retóricas agressivas – algumas até xenófobas – de que os imigrantes estão no país sugando empregos e agravando a crise. Um dos dados destacados é que, considerando todas as nacionalidades, vivem no chão brasileiro 1 milhão de estrangeiros. Isso representa 0,48% da população de 210 milhões de habitantes.

– A presença dos imigrantes no Brasil ainda é muito pequena, insignificante. Os principais países receptores têm média de 11% de população estrangeira. Estados Unidos, apesar das críticas, recebe muitos imigrantes. É preciso considerar que o pessoal que está aqui assume trabalhos que os brasileiros não querem assumir. Precisamos dos imigrantes, eles dão uma contribuição valiosa – avalia Gabriela Mezzanotti, professora do curso de Relações Internacionais da Unisinos e coordenadora da Cátedra Sérgio Vieira de Mello, iniciativa da ONU para refugiados.

FÉ TRAZ A TERRA NATAL PARA PERTO

Do lado de fora de um prédio de alvenaria verde, nos arredores da Parada 16 da Lomba do Pinheiro, ouvia-se uma cantoria ritmada por batidas de palmas, pés e alguma outra coisa difícil de identificar, mas que lembrava instrumentos de percussão. Quem passava pela estreita rua na manhã do último domingo, lançava o olhar para o lado de dentro, buscando entender o que acontecia. A curiosidade era ainda mais aguçada porque a altivez da cantoria revelava um idioma estranho, desconhecido dos brasileiros.

Cruzando a entrada, com aquelas portas de correr para cima, facilmente se decifrava o mistério. Um grupo de 30 haitianos, todos moradores da Lomba do Pinheiro, zona leste de Porto Alegre, transbordava devoção em um culto evangélico. O recinto estava lotado. O enraizamento dos imigrantes caribenhos no bairro avançou de tal forma que eles improvisaram a criação de uma igreja para atender suas necessidades. Antes, reuniam-se nas manhãs de domingo na casa de Adius Deissier, conhecido como Frankie. Mas o comparecimento de fiéis aumentou, o lugar ficou pequeno e, há dois meses, alugaram um imóvel para as celebrações.

Na parede frontal, do lado externo, a única identificação está numa faixa que diz, em letras miúdas: Núcleo de Oração Maison de Priere. Na parte interna, não há cruz, imagem ou qualquer outro adorno que lembre uma igreja. Tudo é muito simples. Há apenas um púlpito, onde Frankie se posiciona, comandando a jornada com cantos, estudos bíblicos, leituras e pregações em uma cerimônia que se estende das 9h às 12h, aos domingos. A língua mistura francês e crioulo.

A religiosidade é pilar fundamental da cultura dos novos imigrantes do Brasil. Embora uma parcela dos haitianos seja praticante do vodu (religião de origem africana praticada no Haiti), é na matriz evangélica

que eles se expressam abertamente. Frankie enumera os motivos que levaram os caribenhos a improvisarem sua própria igreja.

– Muitos não entendiam nada nos cultos daqui por desconhecer o português. Não conseguiram louvar a Deus. Gostamos de fazer a celebração pela manhã, mas aqui a maioria acontece à noite. Não queremos perder nossos costumes.

O jeito haitiano de orar é diferente do brasileiro, mais comedido. Trajando suas melhores roupas, alguns em vestes sociais, sapatos lustrosos, eles são enérgicos nas três horas de culto. Cantam alto, erguem as mãos ao céu, tocam o peito, fecham os olhos, viram-se de um lado ao outro, batem palmas, o pé vai de encontro ao chão ritmadamente, produzindo sons. Alguns se ajoelham em frente às cadeiras plásticas. Outros baixam a cabeça, amparam o rosto com a palma de uma mão e rezam baixinho, inaudível.

Aquele som irreconhecível para quem passava do lado de fora, mas que lembrava percussão, é fruto da batucada feita pelos fiéis na capa dura das bíblias. Os haitianos chegam a ser performáticos. Sentem-se mais confortáveis em um templo, ainda que improvisado, criado para manter os padrões da sua cultura. Aceitam a presença de brasileiros, mas, ali, prevalecem seus costumes.

Há um momento de catarse quando cada um faz sua oração em voz alta. Eram 30 haitianos rezando energicamente ao mesmo tempo, batendo palmas e pés, uma gritaria de fé. E, no final, recolhem contribuições em moedas ou notas de baixo valor em uma cesta verde para ajudar no aluguel do imóvel.

Em um lugar especial, ao lado de compatriotas, desabafam. Na igreja, foram diversas as reclamações sobre racismo, xenofobia e desinformação dos brasileiros. Eles ficam ofendidos quando ouvem comentários sobre a suposta “falta de comida” no Haiti, o que negam veementemente. Explicam que

não passavam fome no seu país, mas que precisaram sair para buscar trabalho e uma vida melhor.

– Uma pessoa que nasce em Porto Alegre não pode ir a Santa Catarina? – questionou um haitiano que pediu a palavra em um intervalo do culto, em resposta aos comentários que escuta rotineiramente.

ENCONTROS EVENTUAIS TÊM MÚSICA E PRATOS TÍPICOS

Além das cerimônias religiosas, os imigrantes participam de confraternizações promovidas por associações de haitianos e senegaleses. A organização em entidades é crescente. Por meio das agremiações, reúnem-se para ouvir a música do seu país, saborear um prato típico, reviver hábitos das suas nações. Eventos como esse já ocorreram em praticamente todas as cidades-destino da nova imigração. Em Lajeado, a banda evangélica Harmony Singers se apresentou em uma praça. Formado por caribenhos que, em maioria, trabalham em frigoríficos, o conjunto toca reggae e compas, o ritmo tradicional do Haiti.

Uma pequena fração dos imigrantes ocupa o tempo livre com a organização social e a política. Renel Simon, haitiano que trabalha na prefeitura de Lajeado no acolhimento dos estrangeiros, está colaborando com a criação e a união de uma série de entidades no Vale do Taquari. O movimento inclui municípios como Estrela, Arroio do Meio, Fazenda Vila Nova e Encantado. Em agosto, Renel esteve no Palácio do Planalto, em Brasília, para apresentar uma pauta com cinco reivindicações: trabalho, habitação, documentação, livre organização e educação.

– Nem todos vão chegar perto das autoridades, mas, com organização, podemos fazer isso e representar os imigrantes – disse. Agora a religião e os esporádicos eventos culturais de associações, haitianos e senegaleses pouco fazem com o tempo livre. Não estão entrosados com a sociedade a ponto de procurar lazer em lugares públicos. Tampouco há dinheiro sobrando para gastar em divertimento. Costumam ficar em casa, em grupos, passando o tempo em conversas ou falando com a família pela internet.

– Percebemos que eles não têm atividades de lazer. É do trabalho para casa e de casa para o trabalho. Alguns chegam a pedir serviço extra no final de semana – conta Ana Paula de Zorzi Caon, gerente de recursos humanos da Saccaro, em Caxias do Sul.

Recentemente, um grupo de senegaleses empregados na empresa pediu a ajuda de Ana Paula para ter uma atividade remunerada nos finais de semana. Encontraram trabalho aos sábados e domingos em uma terceirizada que faz limpeza em indústrias.

A lembrança de que estão em um país diferente, onde nem todos aprovam a sua presença, é mais um inibidor da circulação natural pelas cidades.

– Não tenho muito dinheiro para gastar. Se você vai numa festa, gasta muito. E aqui é perigosa, temos de nos cuidar, tem muito vago-bundo na rua. Meu pai e minha mãe sempre pedem cuidado, lembram que aqui não é o meu país – diz o jovem senegalês Mamadou Walkhou, morador de Caxias do Sul e funcionário da Saccaro há quase dois anos.



Aos domingos, imigrantes reúnem-se no culto em igreja fundada por eles na Lomba do Pinheiro

SEGUIE

SONHOS RE A FIR MA DOS

Nem todas as peças do tabuleiro foram derrubadas pela crise econômica do Brasil. No interior do Estado, ZH reencontrou, pouco mais de um ano depois, personagens da reportagem Os Novos Imigrantes, publicada em agosto de 2014. Ao menos três deles conquistaram melhoras em suas vidas. São pessoas que venceram, mesmo com todos os prognósticos apontando o contrário, superando dificuldades como a redução do emprego, o dólar alto, a distância da família, o preconceito e a desconfiança.

BABU GAI Natural da Gâmbia, pequeno país encravado no Senegal, Babu Gai já era famoso em Erechim em 2014, quando foi encontrado pela reportagem de ZH. Em um ano, muita coisa mudou. Para melhor. A clientela cresceu, a alfaiataria de Babu é cada vez mais procurada para a confecção de vestidos de casamento e formatura. Também costura os trajes dos corais de Erechim e região. Em ascensão, o africano ampliou o seu estabelecimento, consolidado como ponto de encontro entre imigrantes e brasileiros.

O dinheiro se multiplicou e, além da reforma, conseguiu comprar um carro. A vida avançou no campo pessoal. Babu casou-se com uma senegalesa, com certo grau de parentesco, o que é comum em sua tradição. O matrimônio foi feito à distância: Babu no Brasil e a mulher, no Senegal. Mas, até o final do ano, ela deverá estar em Erechim.

Vaidoso, carismático e bem vestido, o alfaiate conta que teve alguns relacionamentos com brasileiras, mas não deu certo. As culturas se chocaram e o africano, muçulmano, não encontrou as características que idealiza em uma mulher. Por isso, o seu futuro será com uma pessoa de origem semelhante.

De opiniões fundamentadas, com a capacidade de discorrer longamente sobre os assuntos, Babu fica com o semblante mais sério ao falar sobre a situação dos imigrantes no Brasil. Está preocupado com a escalada de xenofobia.

— Os imigrantes brasileiros estão felizes no Exterior. Por que não podemos nos sentir assim aqui no Brasil? — pergunta.

Em outro nível de adaptação à vida no Brasil, onde está há cinco anos, Babu é dos poucos imigrantes que participam da vida social da cidade em que mora. É procurado por diversos imigrantes que precisam de todo o tipo de ajuda, sobretudo para conseguir emprego. Recentemente, ajudou o senegalês Mustafa Dien a encontrar trabalho na limpeza de uma padaria. Mas Dien, em razão da alta do dólar, ainda não conseguiu cumprir sua meta ao vir para o Brasil: enviar dinheiro para sua família na África.



WWW.ZH.COM.BR



JEAN DANIEL FRANÇOIS

Depois de terminar o noviciado em Marau, o haitiano Jean Daniel François partiu para Caxias do Sul no final de 2014. Com estudo e moradia garantidos pela congregação dos freis capuchinhos, concentra-se exclusivamente nos planos de se tornar padre. Em outubro do ano passado, iniciou a preparação para o vestibular de Filosofia na Universidade de Caxias do Sul. Foi aprovado, mesmo sem a adaptação perfeita ao português.

— Fiz muita leitura. Isso ajudou a melhorar meu conhecimento da língua. Acompanho as aulas sem problemas — conta ele, já no segundo semestre do curso.

Jean Daniel se empolga ao lembrar que foi bem recebido em sala de aula. Os colegas o chamam para fazer trabalhos em grupo. Não tem reclamações. O haitiano planeja se graduar em dezembro de 2017. Na etapa seguinte, voltará ao Haiti para estudar teologia e, enfim, tornar-se padre. Irá exercer o sacerdócio no local em que a congregação determinar. Talvez fique no seu país, mas não descarta o retorno ao Brasil.

Por enquanto, na condição de frei, faz celebrações religiosas aos finais de semana na Igreja Santa Rita de Cássia, em Caxias do Sul. Aos sábados, participa de atividades recreativas e religiosas com grupos de jovens da comunidade carente. Jean Daniel se considera um sujeito feliz. Plenamente.



JEAN EDRICE NELZY

Em meados de 2014, Jean Edrice Nelzy, também conhecido como Natan, tinha vergonha da casa em que vivia, em Lajeado. Era uma peça nos fundos de um casarão velho, com aspecto abandonado, rodeada por entulhos e em região alagadiça. A umidade era implacável. Agora, continua trabalhando como pedreiro em uma obra do Minha Casa Minha Vida, o salário não mudou, mas, com disciplina, conseguiu uma casa melhor.

Deixou de pagar R\$ 250 pela moradia que lhe trazia vergonha e mudou para outra, com aluguel de R\$ 450. A nova casa fi-

ca na mesma Rua Borges de Medeiros, mas tem dois quartos — a anterior tinha apenas um —, o que permite que receba visitas e até hospede imigrantes por alguns dias.

Quando conversou com a reportagem, Natan andava feliz porque, finalmente, depois de quatro anos, juntou o dinheiro, com a ajuda de um empréstimo, para comprar a passagem aérea ao Haiti. Iria visitar a família pela primeira vez. Às vésperas do embarque, estava ansioso para reencontrar a mãe, a quem diz amar muito por ter sido pai ao mesmo tempo. Também conheceria a segunda filha, de quatro anos, que sequer havia nascido quando deixou o Haiti para trás.

ZH.com.br



Em vídeo, conheça as histórias de imigrantes haitianos e senegaleses que escolheram o Rio Grande do Sul como destino de seus sonhos. Assista em zhora.co/imiigrantes2015.



Relembre a reportagem *Os Novos Imigrantes*, publicada em agosto de 2014, que apresentou o processo migratório de caribenhos e africanos no Estado. Leia em zhora.co/imiigrantes2014

Edição
Leandro Brixius

Diagramação
Melina Gasperini

ZERO HORA
DOMINGO,
11 DE OUTUBRO
DE 2015

Ghazi



Razan



Tala



Mohammad

A pequena grande TRAVESSIA

TEXTOS E FOTOS
LETÍCIA DUARTE
leticia.duarte@zerohora.com.br

**GHAZI, RAZAN, TALA E MOHAMMAD: PAI, MAE
E UM CASAL DE FILHOS PARTIRAM DE RAQQA,
PRIMEIRA CAPITAL DE PROVINCIA SIRIA A CAIR
NAS MAOS DO ESTADO ISLAMICO, RUMO A
UMA VIDA NOVA NA ALEMANHA. ZERO HORA
OS A COMPANHOU NESTA MODERNA ODISSEIA**

Mohammad vê as lágrimas escorrendo no rosto do pai e se aproxima, como a consolá-lo.

— Baba, baba!

O menino de três anos ainda não compreende os motivos do choro. Sentado aos pés de uma cama de solteiro, no quarto onde a família foi hospedada por voluntários, na Ilha de Kos, na Grécia, o pai examina a foto do pequeno compatriota sírio Aylan Kurdi na tela do meu celular. A foto que corre o mundo desde 2 de setembro, e que até aquele momento, 18 dias depois, ele não conhecia. Olha para o filho caçula, que tem a mesma idade do garoto da imagem, transformado em símbolo do drama dos refugiados depois de ser vítima de um naufrágio. Olha para a primogênita Tala, de cinco, que brinca com o celular ao lado da cama.



Na orla da ilha grega de Kos, refugiados recebem roupas e acessórios e acomodam-se em barracas doadas

Foi por causa dos dois que Ghazi Alissa, 32 anos, começou essa jornada. A mesma travessia que Aylan não conseguiu completar.

— Ele morreu... morreu no mar? — indaga, inclinándose para ver melhor a foto.

No dia anterior, eu havia estado na praia onde o corpo de Aylan foi encontrado, na Turquia, e comentei com o pai sobre a história, imaginando que lhe fosse familiar. Ao ver a imagem, começou a chorar. Para Ghazi, ela não era apenas um símbolo. Era a encarnação de seus maiores temores. Apenas 48 horas antes, ele, a mulher e as duas crianças haviam sacolejado nos mesmos botes infláveis superlotados, expondo-se aos mesmos riscos no Mar Egeu para fugir da guerra na Síria. Haviam embarcado na mesma praia turca, Bodrum, rumo a Kos, uma das principais portas de entrada dos refugiados na Europa. O lugar onde Aylan queria chegar, onde outros tantos nunca pisaram. Dos 300 mil que já cruzaram o Mediterrâneo rumo à Europa neste ano, o Alto Comissariado da ONU para Refugiados (Acnur) calcula que 2,5 mil morreram ou desapareceram pelo caminho.

— Estou fazendo tudo isso pelos meus filhos. Eles são a minha vida, a minha alma — repete Ghazi com voz embargada, enxugando os olhos.

Lá fora, a temperatura beira os 30°C, nesta tarde de fim de verão na Europa. São pelo menos 800 refugiados acampados neste domingo, 20 de setembro, em Kos, destino turístico de águas cristalinas que viu o tradicional vaivém de barcos e iates luxuosos suplantado pelo afluxo de botes de borracha. Embarcações improvisadas que transportam aqueles que já abandonaram quase tudo, menos a esperança. De longe, a praia parece um acampamento de verão, com barracas coloridas lado a lado, de frente para o mar. Chegando mais perto, a paisagem é tomada por semblantes cansados, coletes salva-vidas de adultos e crianças espalhados pela areia, roupas estiradas para secar, mães trocando as roupas das crianças sobre tapetes, grupos se ensaboando e fazendo a barba sob o sol, voluntários correndo de um lado a outro para providenciar água, comida, roupas para quem chega. E todo dia chega mais gente, pelo menos centenas de pessoas. Por causa das crianças, Ghazi e a mulher conseguiram um teto provisório, enquanto aguardam a emissão dos documentos que lhes permitam seguir viagem. O sonho é chegar à Alemanha, onde a chanceler Angela Merkel, apelidada de "Mamãe Merkel", declarou semanas antes que os refugiados seriam bem-vindos.

Físico de formação, ex-professor de uma escola secundária, Ghazi planejava a fuga havia cerca de um ano, depois de concluir seu mestrado em

meteorologia pela Universidade do Cairo, no Egito. Ao retornar à Síria após quatro anos morando fora, encontrou uma cidade sem trabalho para ele, sem escola para os filhos, explosões por todo lado, cabeças cortadas em represália a qualquer desobediência ao código radical imposto por fundamentalistas religiosos. Morador de Raqa, a primeira capital de província dominada pelos rebeldes, em 2013, e pelo Estado Islâmico, em 2014, e alvo de bombardeios na luta entre as forças governistas e de oposição para retomá-la, resume com poucas palavras tudo o que deixou para trás.

— A Síria está morta. Não há futuro para meus filhos, não há futuro para ninguém.

A família partiu da cidade natal em 4 de setembro, mesmo dia em que o corpo de Aylan era enterrado, em Kobani. Juntou economias e ganhou ajuda de parentes para fazer a viagem. Pagou a traficantes US\$ 3,6 mil (R\$ 13,8 mil) para fazer a travessia da família de barco de Bodrum a Kos. O valor era cobrado por pessoa: US\$ 1,2 mil para ele e a mulher e metade do preço para cada filho. Viajaram num bote de 4X5 metros, somando nove adultos e as duas crianças. Só na terceira tentativa conseguiram vencer os 20 quilômetros que separam Bodrum de Kos. Na primeira, o bote onde estavam foi apreendido pela guarda costeira turca. Na segunda, chegaram atrasados para a partida. O pai está aliviado por todos terem sobrevivido à travessia, mas a tensão da viagem ainda está impregnada em sua alma.

— Foram 30 minutos, mas pareceram 30 anos. A vida parou entre Bodrum e Kos — suspira.

Ghazi lembra o choro das crianças, assustadas com as ondas que se agigantavam sobre o barco. Tala toda encolhida num canto. Mohammad agarrado em seu colo. Ele e a mulher na proa, com a roupa encharcada, tentando proteger os filhos do imponderável. Ghazi não sabe nadar, mas diz que não temia pela própria vida. Só pensava nos pequenos. Durante toda a viagem, os tripulantes recitavam o Alcorão, pedindo proteção a Alá para chegar ao destino. Acreditavam não ter outra opção. Ficar na Síria seria morte certa. Arriscar-se no mar era uma tentativa de sobreviver.

— Na Síria estão matando todo mundo: crianças, mulheres, idosos. Estar na Síria é morrer — diz Ghazi.

VIAGEM UNIU 11 MIGRANTES

A fé é o seu amparo. Conta que, por duas vezes, quando pararam de rezar dentro do bote, as ondas se avolumaram. Retomaram as preces, conseguiram chegar do outro lado. Extasiados, ao desembarcar, ajoelham-se na areia para reverenciar seu Deus protetor.

Enquanto o pai me narra a epopeia, no inglês que aprendeu enquanto fazia seu mestrado no Egito, a mãe das crianças, Razan Assad, 30 anos, formada em Letras Árabes, aproxima-se com um sorriso nos lábios, servindo chá e biscoitos para a visita inesperada. Ficam surpresos ao saber que há uma jornalista brasileira interessada em conhecer a sua história. Ela oferece biscoitos amanteigados que ganhou de voluntários na chegada. Aceito a cortesia constrangida, pensando se a comida faria falta à família. Mas ali começo a aprender uma das primeiras lições da viagem: repartir a comida é um valor para os sírios. Eles não aceitam recusas. Dividem sempre o alimento e, frequentemente, esperam que você coma primeiro.

— Pegue, pegue! — insistem.

Entre goles de chá, Ghazi fala da expectativa da viagem. Ele tem acompanhado as notícias, sabe que a Europa tem imposto obstáculos nas fronteiras, mas nenhuma barreira parece intransponível depois de vencer o mar que já engoliu tantos compatriotas. Ainda não tem ideia de como vai chegar ao destino final. Diz que descobrirá no meio do caminho. Sonha em ver os filhos estudando, em cursar seu doutorado na Alemanha.

No meio da conversa, outro sírio, Musa Mohammed, 23 anos, sai do banheiro de banho tomado. Ele estava no mesmo barco que a família, e assim como os outros integrantes do grupo, quase todos jovens, passou a ser considerado parte da família — a família que a travessia uniu. Na Síria, Musa era estudante de educação física. Passou dois meses na Turquia, trabalhando como carpinteiro, mas diz que desistiu de permanecer lá porque os patrões não pagavam seu salário. Os calos do trabalho pesado ainda são visíveis nas suas mãos. Como está acampado na praia, aproveita a oportunidade de banho no quarto de hotel. Quando me vê tirando fotos, diz que não pode aparecer no Facebook. Tem medo de ser encontrado e perseguido pelas forças de guerra. Cruza a mão repetidas vezes sobre o pescoço, indicando o que fazem na Síria com quem afronta as restrições impostas pelo Estado Islâmico. É o gesto que remete à decapitação.

— *Daesh, Daesh* — diz, referindo-se com a sigla em árabe para o Estado Islâmico.

Foi Musa quem me levou até ali. Encontrei-o na beira da praia no fim da manhã, brincando na areia com Mohammad e Tala. Sorridente e afetivo com as crianças, foi eleito por elas como principal amigo. No trajeto de pelo menos 10 quadras até a pensão, aponta para uma refugiada pedindo esmola na calçada.

— Essa gente não é da Síria. Agora todos querem ser sírios — diz, surpreso com a quantidade de migrantes vindos de países como Paquistão e Bangladesh, onde não há guerra, em busca de uma oportunidade de asilo na Europa.

No hotel, o assunto volta à roda. Ghazi diz que não se importa que outros povos usem o nome da Síria para buscar melhores condições de vida. Desde que os direitos sírios sejam respeitados.

— Gostamos de todo mundo — minimiza.

Depois de vencer o mar, a maior preocupação do pai é saber quando poderão seguir viagem. Aguardam os papéis que dão direito a uma estada de 30 dias na Grécia e são uma espécie de passaporte para o início da viagem rumo à Macedônia, primeira fronteira a ser cruzada a fim de chegar à Alemanha. Ghazi acredita que a família receberá os documentos até a manhã do dia seguinte, e assim que conseguir pretende retomar a viagem. Não tem tempo a perder.

Horas depois, ele descobre que os documentos ficarão prontos antes do esperado. A polícia publica em seu mural um comunicado informando que haverá uma remessa de autorizações no final desta tarde. Às 18h daquele domingo, 20 de setembro, as filas começam a se formar diante da sede da polícia, uma construção com grandes arcos na entrada, que ocupa metade da quadra na avenida à beira-mar.

Quase duas horas depois, Ghazi, Razan e a prole também saem de lá com o tão sonhado papel. Estão felizes, mas apressados. Sentam-se em um tapete verde estendido na beira da praia com os outros integrantes da "família do barco", planejando os próximos passos da viagem. Seguirão todos juntos. Enquanto conversam, o pequeno Mohammad come arroz com ervilhas, a refeição distribuída pelos voluntários, embalada em papel alumínio. Entre uma garfada e outra, abre um sorriso, expondo as covinhas das bochechas. Os adultos tentam comprar passagem de barco para Atenas no mesmo dia, mas não há vaga no próximo embarque. Será preciso esperar uma noite. Pagam 54 euros por pessoa e adquirem bilhetes para o dia seguinte, segunda-feira, às 19h45min, no navio da companhia Blue Star Ferries. A próxima etapa da viagem já tem dia e hora para começar.

um mar de INSÔNIA

NUMA VIAGEM DE NAVIO QUE DURA UMA NOITE, AS HISTÓRIAS DE UM TIO DECAPITADO POR FUMAR DURANTE O RAMADÁ E DE UM EX-SOLDADO QUE A MUITO CUSTO REVELA O PRÓPRIO NOME



O pôr-do-sol colore o céu com tiras alaranjadas quando a família de Ghazi e seus amigos se dirigem para o porto de Kos. É fim de tarde de segunda-feira, 21 de setembro. Carregam suas mochilas e caminham para o navio que os levará a Atenas. Agora, sim, um navio de verdade, com vários andares e luzinhas piscantes. No caminho, Mohammad abre os braços como se estivesse fazendo aviãozinho, levando nas costas a mochila azul do Homem Aranha que ganhou de voluntários. O menino é carregado na garupa por Mohamed Ali, 23 anos, maratonista e lutador de boxe, único iraquiano a se unir aos 10 sírios do grupo. Tala, de cinco anos, vai nos ombros de Musa, o amigo inseparável, com a mochila rosa da Princesa Elsa que também ganhou de presente.

Juntos, os quatro cantam e fazem corações com as mãos no meio do caminho, enquanto o pai confere a documentação dos 11 integrantes do grupo para o embarque. Antes de entrarem no porto, tiram fotos de despedida com a praia ao fundo, símbolo da primeira vitória. Os barcos e as barracas ficaram para trás, é hora de seguir adiante.

Sigo com eles e mostro a minha passagem para o embarque, mas os agentes que conferem a documentação dizem que preciso me dirigir a outra fila. Os refugiados ficarão isolados de um lado da grade, enquanto os demais passageiros têm prioridade de embarque.

— Vem com a gente, vem com a gente! — insistem Mohammad e Tala, alcançando minhas mãos pelos quadrados do cercamento.

— Por que eles ficam separados numa grade? Isso é repugnante — comenta um turista italiano com a namorada, ao ver os refugiados aglomerados na área reservada.

Dentro do navio, porém, o trânsito é livre. Viajando na classe econômica, a maioria dos refugiados fica no salão superior, onde não há camas, mas mesas, cadeiras e sacadas para apreciar a paisagem. A família consegue um dos disputados bancos acolchoados junto à janela para acomodar os filhos. Assim que se instala, o pequeno Mohammad cola as mãos no vidro e contempla a imensidão do mar. Pelas janelas, é possível enxergar os contornos de Bodrum, na Turquia. O mesmo mar que antes provocava pavor agora é caminho de libertação.

Assim que o barco se afasta da costa, o grupo começa a

jogar cartas. A fumaça nubla o ambiente. Todos fumam o tempo todo, algo que em cidades sírias dominadas pelo Estado Islâmico não passaria impune. Um dos integrantes do grupo, Abd Airman, 18 anos, conta que o tio teve a cabeça decapada por integrantes do Estado Islâmico. Seu crime foi fumar durante o Ramadã, mês dedicado a jejum e orações no calendário muçulmano.

— Meu tio não era religioso, então prenderam ele. Primeiro cortaram os dedos, depois a cabeça — descreve Abd.

Entre uma carta e outra, os moradores de Raqqa contam como é viver na capital do Califado. Se quem é flagrado fumando em público pode ter os dedos cortados, quem ousa vestir jeans ou roupas justas tem as pernas mutiladas a facão. Homens não podem fazer a barba, mulheres devem cobrir o corpo. As escolas foram fechadas, porque o Estado Islâmico não aprova o ensino de disciplinas científicas — nada de biologia ou evolucionismo, nada de história, nada de filosofia, esportes ou artes. O currículo foi refeito para garantir prioridade aos estudos muçulmanos. As imagens de cabeças cortadas em execuções são amplamente divulgadas como estratégia de intimidação aos desobedientes. No cotidiano de medo constante, a população vive ainda em sobreaviso diante da ameaça de ataques das forças em luta.

— Tanto o governo quanto o Estado Islâmico matam sírios. Ficamos no meio dos dois — resume Ghazi, que anota o placar do jogo dos mais jovens.

O carterado prossegue no meio da conversa, para eles não há novidade. Fazem questão de esclarecer que nada disso tem a ver com religião.

— O Estado Islâmico não é muçulmano. Muçulmanos gostam das pessoas, não gostam de assassinos. Nós somos muçulmanos, você tem medo de nós? — pergunta o pai, me oferecendo um copo de café.

As 7h17min de terça-feira, Ghazi e Razan começam a dobrar as mantas que aquecem as crianças. As luzes do porto de Atenas já são visíveis. O tempo está cinza e úmido no primeiro dia de outono.

O pai veste Tala com um blusão de gola alta, cantando para ela enquanto ajeita as mangas. A menina se irrita com a gola, mas Ghazi insiste dizendo que é necessária, que está frio lá fora. A mãe alcança uma escova para a filha pentear-se, depois coloca uma tiara cor de rosa com flores nos seus cabelos. Mohammad sorri enquanto a mãe o veste com blusão marrom sobre a camiseta. Come uma banana como café da manhã, fazendo cara feia para a ponta amassada, que a mãe engole em seu lugar.

Musa está ansioso para se comunicar

com a família. Desde que saiu da Turquia ainda não conseguiu dar notícias. Ao desembarcar, começa a procurar uma rede de wi-fi para fazer a conexão. Existe uma no porto, mas o sinal está fraco. Musa insiste. Quando já está na parada de ônibus, rumo à estação de trem, consegue a conexão. Faz uma chamada de vídeo via whatsapp para o irmão, que também deixou o país fugindo do Estado Islâmico. Feliz, conta que sobreviveu à travessia do Mar Egeu e chegou a Atenas. Quando pergunto mais sobre a conversa, ele diz que não pode dar detalhes.

— Daesh, Daesh! — volta a dizer, repetindo aquele mesmo sinal com a mão atravessando o pescoco: tem medo de que descubram onde seu irmão está e cortem sua cabeça.

Por orientação de sírios que já vivem na Grécia, o grupo segue de trem até uma agência de viagens que organiza excursões de refugiados até a fronteira com a Macedônia, Oimo Travel. Sentada na janela do trem, Tala canta ao lado de Musa, inventando uma composição própria:

— Onde nós vamos, motorista, onde você vai nos levar, motorista, mais rápido, mais rápido, mais rápido!

No caminho, outro jovem do grupo, de cabelo arrepiado, compra uma faixa para tapar uma tatuagem no braço esquerdo. É uma suástica. Diz que quando tatuou não sabia do significado, só achou bonito o símbolo, que conheceu em filmes estrangeiros. Agora, sonhando em entrar na Alemanha, não quer correr o risco



No convés do navio que leva o grupo a Atenas, Ghazi e Razan são fotografados no celular por um amigo

TANTO O GOVERNO QUANTO O ESTADO ISLÂMICO MATAM SÍRIOS. NÓS FICAMOS NO MEIO DOS DOIS

GHAZI

de ter problemas com a polícia. Vai usar a faixa durante toda a viagem, simulando um machucado. Ele conversa comigo e adora tirar selfies do grupo, mas não quer dizer seu nome. Conta que já foi soldado do exército, quatro anos atrás, quando a guerra estava começando. Fugiu porque não queria participar do massacre e ficou marcado. Sua família recebeu um comunicado dizendo que ele era um jovem morto. Não podia mais voltar para casa. Desde então, não fala mais com familiares, temendo que pague o preço da sua deserção. Pergunto se ele testemunhou muitas mortes enquanto estava no exército.

– Muitas.

E matou?

– Eu fugi antes.

– Fã de filmes americanos, usa expressões em inglês como se estivesse em um deles, repetindo em cada frase a palavra "fucking": "I am fucking hungry", "Let's go to this fucking city".

Pouco antes das 10h, chegamos à agência de viagens. Uma sala comercial à beira da calçada com letreiro em grego e cartazes em árabe no seu interior. Mais uma vez, o pai reúne a documentação de todos. O valor é de 40 euros por pessoa. Toda a negociação é feita em árabe. A previsão é de que o ônibus para a Macedônia chegue em duas horas. Todos sentam-se na calçada. A espera tem cheiro de batatas Pringles sabor cebola, que as crianças comem e distribuem aos demais.

Para se distrair, o ex-soldado começa a me dar lições de árabe. Tomo notas do que escuto

e repito as frases aprendidas, "Ana asme Leticia, Ana mean al Brazil, Ana sahafeá" (Meu nome é Leticia. Eu sou do Brasil. Sou jornalista). Eles riem do meu sotaque árabe, e involuntariamente viro motivo de diversão para o grupo, enquanto o tempo passa.

Pouco antes do meio-dia, vem um aviso de que o ônibus está a caminho. O pai faz a contagem do grupo e falta uma pessoa. Rama, a moça de 18 anos que os acompanha, aproveitou o tempo para dar uma volta e ainda não retornou. Todos ficam impacientes. Minutos depois, ela aparece e é xingada pelos mais velhos. Avisam que o grupo não pode se dispersar. Não é hora para passeios. O clima fica tenso.

Caminhamos duas quadras até uma praça onde há um restaurante árabe. É o ponto de encontro da excursão, e todos se sentem em casa. Driblando o letreiro grego, comunicam-se na própria língua com todos os funcionários do estabelecimento. Ali reencontramos outros sírios que estavam no acampamento em Kos, como o estudante de medicina Issa Jafar, 24 anos, que assim como boa parte do grupo é natural de Raqqa. Pergunto se ele está feliz.

– Não muito, ansioso para partir – diz.

Ele tem uma melancolia no olhar. Diz que não viaja por opção, mas por falta dela. Não gosta de ser chamado de refugiado.

– Olham para a gente como se não fôssemos nada. No meu país eu me sentia importante. Quando cursava a universidade, me sentia especial. Agora olham para nós desse jeito,

como refugiados. Você pode ver um sírio sorrindo, ele sorri para você. Mas por dentro sentimos dor. Não estamos felizes por sermos refugiados – explica.

Já se passaram 40 minutos desde o anúncio de que o ônibus estava chegando, e o veículo ainda não apareceu. O pai começa a ficar nervoso. Cogita pegar um trem para ir até a Macedônia. Os organizadores dizem que o ônibus está a caminho, que já está vindo, só mais um pouquinho, mas com o passar do tempo o grupo começa a duvidar das explicações. Olham o tempo todo para a rua, esperando, temerosos de que algo possa impedir a viagem.

As 13h, o ônibus finalmente chega.

– *Yala umo, yala umo* – grita Adham Assad, 28 anos, irmão da mãe das crianças, chamando a todos para se prontarem rapidamente.

Em cinco minutos, os 11 integrantes do grupo já estão em seus lugares. Mas ainda existem três assentos vagos no ônibus. A excursão não parte enquanto a lotação não for completa. Nova espera.

Sentado à minha frente, o ex-soldado que intercala suas frases com "fucking" brinca com Mohammed, sorridente. Depois me conta que ainda tem uma bala alojada na perna. E que recebeu "três estrelas do Exército". Carrega a guerra no corpo. Não quer falar mais sobre isso. Diz que não tem sentimentos, que não sente mais nada. Como todos, quer esquecer o passado. E estudar psicologia na Alemanha. Para passar o tempo, volta a tomar minhas lições de árabe, fazendo as perguntas ensinadas na calçada horas antes, como é seu nome, quantos anos tem, de onde você é. Invertimos o jogo e pergunto a ele em árabe qual é seu nome "Ma hwa asmak?". E aí finalmente ele revela sua identidade. O soldado que diz não ter sentimentos se chama Ammar.

FRONTEIRA ÀS ESCURAS

O ônibus parte às 13h46min. Serão sete horas de viagem até a fronteira com a Macedônia.

Exausta, a maioria dos integrantes do grupo dorme. O ex-maratonista iraquiano Mohamed diz que tem sono, mas não consegue adormecer. Antes estava tenso pela travessia do mar, depois por medo de que alguém roubasse algo das barracas, depois o navio balançava, agora o passageiro que vai no banco de trás não para de falar e receber apitos de passarinho cantando no celular.

– Faz oito dias que não durmo. Meu sonho é estar numa praia e tomar um ice limão – divaga.

Insone, olha as montanhas pela janela, prenúncio do novo caminho.

– São tão bonitas. Quero estudar a natureza – diz, pensando em cursar geologia quando chegar à faculdade.

Depois de sete horas de viagem, o ônibus se aproxima da fronteira com a Macedônia. Às 21h50min, o pai começa a calçar os filhos, preparando-os para a caminhada que virá. A 10 minutos do ponto de chegada, a fronteira da Grécia com a Macedônia, ouve-se uma gritaria no ônibus. Está faltando o documento de um dos viajantes. A chamada é refeita para todos, entre discussões nervosas. O clima volta a ficar nervoso.

Pouco depois das 22h, o ônibus para num acostamento escuro. A excursão alcança a primeira fronteira. Todos descem em silêncio, apreensivos. Semanas antes de Ghazi e sua família chegarem ali, forças de segurança da Macedônia haviam atirado granadas e bombas de gás lacrimogêneo para dispersar migrantes. O confronto ocorreu logo depois de o país ter declarado estado de emergência diante do afluxo maciço de refugiados.

A incerteza sobre o que os espera nesta noite tensiona o início da peregrinação, cadenciada pelo som dos passos sobre o cascalho que permeia os trilhos.



ZERO HORA
DOMINGO,
11 DE OUTUBRO
DE 2015

esperança sobre

TRILHOS

NA VIAGEM DE TREM RUMO À SÉRVIA PELO INTERIOR DA MACEDÔNIA, O VENTO DA MADRUGADA SE INSINUA PELAS PORTAS SEMPRE ABERTAS. NÃO HÁ ASSENTOS PARA TODOS

O caminho que separa Idomeni, no norte da Grécia, de Gevgelija, na Macedônia, vem sendo chamado de "terra de ninguém" pelas agências internacionais. Ghazi e Razan avançam sobre ele com os filhos no colo, ainda dormindo, no fim da noite desta terça-feira. Passam por um carro da polícia grega, que apenas observa a movimentação constante de ônibus chegando com novas levadas de refugiados. Milhares de pessoas já estão em marcha à frente deles. No início de setembro, números divulgados por autoridades da Macedônia indicavam que até 5 mil pessoas chegavam à fronteira diariamente.

— É muita gente, muita gente! — espantam-se os rapazes do grupo.

Caminhamos 20 minutos até deparar com fileiras de migrantes sentados sobre os trilhos. A informação repassada boca a boca é de que a polícia de fronteira vai liberar a entrada aos poucos. O pai pede que todos se sentem juntos, para não se dispersarem. Mohammadd acorda no colo do pai e começa a brincar com as pedras do chão, o brinquedo possível no meio da jornada áspera.

Musa e Ammar se afastam do grupo para fazer as suas preces. Juntam as mãos em oração, depois se ajoelham e dobram o corpo sobre os trilhos, no cascalho. Agradecem por terem chegado até aqui e pedem proteção para os próximos passos. Ao voltar, Musa faz um sinal de positivo.

— Vamos em frente, vai dar tudo certo — confia. Os mais jovens deitam sobre os trilhos, exauridos pela viagem.

Com a queda na temperatura e um vento gelado, o iraquiano Mohamed, que veste bermuda e chinelos, se enrola com frio.

— Perdi todas as minhas roupas no mar — conta. Diz que tudo o que lhe restou está na sacolinha plástica roxa que leva nas mãos. Pergunto sobre a mochila preta grande que carrega e ele explica que não é sua. Leva o peso nas costas como um favor para a família, para que os pais possam cuidar das crianças.

Uma hora depois, a fila começa a andar. Pouco antes da 1h da manhã, deixamos o território grego sem maior alarde, sem que alguém peça documentos. Na saída, voluntários distribuem roupas para as crianças. A mãe, que calçava sapatinha com meias de nylon preta, ganha botas de cano alto. Mohammad e Tala recebem roupas de inverno. Há muitos bebês de colo na fila. O choro das crianças embala a caminhada. Todos estão cansados e famintos, mas não é possível parar no meio da marcha.

Depois de concluir que seria incapaz de deter o fluxo de migrantes, a Macedônia mudou de estratégia e abandonou a tática do confronto: decidiu liberar a passagem e despachar os visitantes inconvenientes o mais rapidamente possível para o país vizinho, a Sérvia.

Aproveitando o tráfego constante de passageiros, ambulantes vendem cigarros e cartão telefô-

nico. Uma banca montada na estrada diz que há wi-fi disponível para quem pagar por ele. No grupo ninguém quer fazer compras. Estão ansiosos para saber o que virá adiante.

A 1h20min, chegamos a um campo de refugiados da ONU. Sem qualquer conferência, todos entram. Recebem uma maçã, uma garrafa d'água e um pacote de biscoitos de "alta energia" na chegada. Em árabe, autoridades avisam que os refugiados serão colocados em um trem rumo à Sérvia. O preço será de 25 euros por pessoa. Dentro do campo, sentamos no chão sobre as mochilas e esperamos.

O trem chega 20 minutos depois, e as filas começam a se formar. Diante das portas do trem antigo e pouco iluminado, com pichações em preto e branco manchando a tinta e janelas embaçadas por marcas de digitais, guardas recolhem o dinheiro e controlam a entrada aos berros, rispídos:

— Em fila! Não saiam da fila! Parados!

Os refugiados são tratados como se fossem cargas a serem despachadas.

Os pais pegam as crianças no colo e entram na fila, com olhares tensos e um silêncio obediente. Todos pagam o mesmo valor de ingresso, mas não há lugar para todos. Ghazi vai na frente e consegue para os filhos um dos últimos assentos no vagão. Logo atrás, os rapazes não encontram mais lugar para se sentar. Já esbarram em gente sentada no corredor. O único espaço disponível é uma abertura entre os vagões. Somos nove pessoas comprimidas no piso frio. Não há como esticar as pernas. Sem casacos, os rapazes começam a tremer quando o trem parte, à 1h42min. As duas portas estão abertas, cruzadas pelo vento cortante. Serão quatro horas de viagem. Os meninos começam a apertar todos os botões e a forçar as portas, tentando fechá-las. Depois de cinco minutos, conseguem fechar uma delas. Quando a segunda se fecha, um barulho semelhante a um escapamento vazando perturba o ambiente. Ao tentarem resolver o problema, ela se abre outra vez. Ammar tira o Alcorão da mochila. Na escuridão e no frio, reza em silêncio. Por mais adversas que sejam as condições, eles celebram o fato de estarem seguindo em frente.

— Estou há 10 dias sem dormir, mas estou feliz por estar aqui — diz o iraquiano Mohamed.

Quinze minutos depois da partida, o trem faz uma parada e os meninos gritam:

— As portas não fecham!

São ignorados. Após várias tentativas, conseguem fechar parcialmente a segunda porta. O barulho persiste, mas preferem o ruído ao vento. Com o trem superlotado, não há como chegar ao banheiro. Alguns urinam pelo vão das portas. Ao longo da madrugada, começam a escorar a cabeça uns sobre os outros, entrelaçando braços e pernas. Dormem abraçados, à procura de calor humano.



A cada etapa da viagem, roupas e cobertas se avolumam. Crianças têm prioridade



Uma névoa encobre o céu quando o trem abre as portas. O dia começa a clarear na fronteira com a Sérvia, às 5h48min. Voluntários distribuem kits com comida a quem desembarca. Roupas espalhadas sobre mesas e caídas pelo chão estão à disposição de quem quiser pegar. É uma oferta de ajuda, mas o cenário é tão caótico que parece desolador. Refugiados vasculham entre as roupas amontoadas caídas sobre a terra à procura de peças quentes. O frio deste início de outono pegou desprevenido o grupo, que começou a viagem no calor. A mãe coloca uma das mantas que cobria os filhos nas próprias costas e começa a caminhar de mãos dadas com Mohammad. O pai vem logo atrás, com a mochila da família. Tala caminha de mãos dadas com o amigo Musa. Não importa que estejam há duas noites sem descanso. Não há parada.

O caminho de chão batido, cercado por capim margeando os trilhos do trem, em nada lembra a Europa dos cartões postais. O lixo emoldura o trajeto, com milhares de garrafas plásticas e embalagens de comida. Rastros dos que passaram antes. Com o peso das mochilas curvando os ombros, tudo que não serve mais é descartado no meio da viagem. Na fronteira da Sérvia, policiais pedem que todas as mochilas sejam submetidas a um raio-X, como nos aeroportos. Ninguém pede documentos, mas todos precisam se submeter ao procedimento, para evitar a entrada de terroristas. Logo adiante, quatro banheiros químicos com cheiro forte de dejetos estão à disposição dos peregrinos.

Ainda estamos longe do destino. Serão mais duas horas de caminhada. O pai carrega Mohammad na garupa e a mochila nas costas. No meio do trajeto, cansado, coloca o filho no chão. Mohammad chora. Quer voltar ao colo. Ghazi insiste. Depois de duas noites sem dormir, seu corpo dá sinais de exaustão.

No meio do percurso, o tio das crianças grita:

– Estamos no caminho errado!
Todos param e olham para trás, assustados.

– É brincadeira – descontrai Adham.

Todos riem. Ele só queria que o grupo o aguardasse: tinha ficado para trás na caminhada. Com piadas como essa, repetidas ao longo da viagem rumo ao Norte, todos tentam tornar mais leves os momentos difíceis.

Quando se aproximam da zona urbana da Sérvia, começam a surgir no horizonte casas – em sua maioria de dois pisos, com pintura colorida e chaminés.

– São tão bonitas – contempla a mãe.

Na metade da caminhada, passam por nós os primeiros táxis sérvios, oferecendo transporte até a estação de ônibus.

– *Taxi direct! Taxi, my friend! To bus station!*

O pai ignora as propostas, quer manter o grupo unido. Minutos depois, paramos para comer em uma calçada. Estão todos exaustos e famintos. O assédio dos taxistas continua:

– *Ten euros per person, ten euros.*

Depois de uma parada de 15 minutos, a peregrinação segue. Passamos por um bairro muçulmano, onde meninos gritam da calçada com a saudação em árabe:

– *Salaam-u-aleikum* (a paz esteja com você).

A rua fica mais estreita em uma curva, onde carros passam em alta velocidade e buzinaando. De repente, Mohammad se afasta dos braços da mãe e quase é colhido por um carro. O pai se assusta, grita, recolhe o menino para junto de si.

A caminhada parece não ter fim, todos estão no limite da paciência e da força física. Pergunto para o pai quanto falta. Ele estima em um quilômetro. Minutos depois, pede informação para policiais que patrulham a região sem se importar com o fluxo de refugiados.

– Cinco quilômetros – informam.

É uma lomba. As mochilas pesam. As crianças choram, não querem mais caminhar.

Tala pede que Musa a leve nos ombros. Ele está com o braço machucado desde Kos, mas a carrega na maior parte do percurso.

Depois de quase duas horas e meia de caminhada, o motorista de uma caminhonete vermelha oferece carona para levar a família até a estação de ônibus. Ghazi aceita, com a condição de que todos sejam levados. O motorista hesita, pensando que fosse apenas o casal e os filhos. Antes que ele diga não, todos entram na traseira.

Os rapazes brincam, dizendo que o motorista está nos levando para a força. Todos riem, mas é uma brincadeira pela metade. Um deles, Omar, tira da mochila um disparador de choque de defesa pessoal. Acossados pela guerra, estão sempre vigilantes.

Graças à carona, chegamos em 10 minutos à estação de ônibus. São 8h16min de 23 de setembro. Quatro ônibus de excursões estão enfileirados na chegada, enquanto taxistas tentam convencê-los de que seria mais vantajoso acertar uma corrida com eles até a estação de trem. O iraquiano acha que é uma boa ideia, mas Ghazi o repreende.

– Das coisas da Síria sou eu que entendo – diz.

Ghazi fecha com uma excursão de sírios que vai nos levar até a fronteira da Sérvia com a Croácia. Serão 60 euros por pessoa. No início da viagem, o pai tinha cogitado fazer a travessia pela Hungria, mas as notícias do fechamento da fronteira com a Sérvia e da truculência policial fizeram mudar os planos.

Um dos organizadores da excursão usa uma jaqueta de flores coloridas sobre uma calça com estampa militar. Ammar, o ex-soldado, é quem recolhe o dinheiro de cada um dos integrantes do grupo.

O ônibus parte uma hora depois. Exaustos pela noite maldormida no trem e pela caminhada matinal, todos dormem. Três horas depois, o ônibus para no meio da estrada, com problemas mecânicos. Passageiros tentam descer para aproveitar a parada, mas os organizadores protestam. Não querem chamar a atenção para o ônibus lotado de refugiados, temendo que alguma fiscalização impeça a continuidade da viagem. É início da tarde e o sol está a pino, fazendo o cheiro de suor impregnar o ônibus de assentos cinzas e aparência envelhecida.

Pergunto a Ammar quanto tempo vai demorar para chegar à Alemanha.

– Uns seis dias. Ou seis meses. Ou seis anos. Você vai voltar velhinha para o Brasil – ri.

Pelo menos quatro ônibus de refugiados estão na nossa frente quando chegamos à fronteira da Sérvia com a Croácia. São 18h30min de quarta-feira, 23 de setembro. O pai acorda o filho e veste a jaqueta. Mohammad chora. Percorremos 20 minutos a pé até chegar ao ponto em que voluntários oferecem ajuda. Há diferentes tendas prestando auxílio, com roupas para as crianças e cobertores do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (Acnur). São distribuídas caixas com roupas para as crianças, sardinhas enlatada, garrafas de água.

– Tem muita gente esperando, vocês precisam ter paciência. Estão liberando aos poucos a entrada. Ninguém sabe quanto tempo – avisa uma das voluntárias, identificada com coletor.

W
UNS SEIS
DIAS. OU
SEIS MESES.
OU SEIS
ANOS. VOCÊ
VAI VOLTAR
VELHINHA.

AMMAR

Impasse sem **FRONTEIRAS**

O TAMANHO DA CRISE PODE SER TRADUZIDO EM NÚMEROS. VEJA QUAIS SÃO AS PRINCIPAIS ROTAS PARA UMA VIDA NOVA, A ORIGEM DOS REFUGIADOS E QUEM VAI RECEBÊ-LOS NA EUROPA

DO ALERTA À AÇÃO

PARA ABRE O DEBATE
A 17/10/2015
Ela é a primeira visita do Papa Francisco ao Parlamento Europeu e ele ocorreu no momento em que o debate sobre o tamanho da crise dos refugiados se tornou um grande tema. "Não se pode tolerar que o Mediterrâneo se torne um grande cemitério", disse. A defesa dos migrantes e dos trabalhadores veio uma das grandes bandeiras de seu pontificado.

CAMINHÃO DE CORPOS
27/08/2015
A polícia austriaca encontra 73 corpos de refugiados mortos em um caminhão frigorífico. O fato ocorreu na mesma dia em que dois barcos com cerca de 500 migrantes afundaram após deixar Zúriara, na Líbia.



ATUAL, A DIVERGÊNCIA
02/09/2015
Uma foto que muda a história. O fim da guerra síria em 2015, três anos, com o rosto quase enterrado à beira-mar na praia de Ali Hoca, no vilarejo de Bodrum, na Turquia, balançou a Europa. A imagem foi muito importante que todos os temas sobre a crise migratória na crise migratória virou em meses e visto europeus.



LÍBIAS BOGAM
22/09/2015
Os ministros do Interior dos países membros da União Europeia aprovaram resolução para a distribuição de 120 mil refugiados. Foi acordado que os mil pessoas fossem redistribuídas neste ano, dos quais 50,4 mil iriam em viagens da Grécia e 15,6 mil na Itália. Os outros 54 mil serão distribuídos em 2016.

A situação na Síria, país de origem da maior parte dos refugiados, agravou-se pela ofensiva do grupo jihadista Estado Islâmico e pela longa duração da guerra civil interna. Não há liberdade à maioria, preferem arriscar a vida para chegar à Europa e ir para campos de refugiados em países vizinhos.

A origem dos pedidos de asilo... (jan-ago)

Síria	121.555 (70,2%)
Egito	66.845 (2,1%)
Algeria	65.380 (10,6%)
Albânia	45.915 (1,2%)
Irã	35.825 (5,6%)
Eritreia	26.784 (6,2%)
Sérvia	22.270 (3,7%)
Paquistão	20.370 (3,4%)
Somália	13.200 (2,2%)
Ucrânia	11.865 (2,2%)

E o destino dos pedidos

Alemanha	246.475 (40,9%)
Hungria	98.078 (16,3%)
Suécia	48.725 (8,1%)
Frância	32.358 (5,4%)
Itália	30.525 (5,1%)
Áustria	29.528 (4,9%)
Bélgica	28.870 (4,8%)
Síria	25.628 (4,3%)
Reino Unido	24.990 (4,2%)
Holanda	9.755 (1,6%)

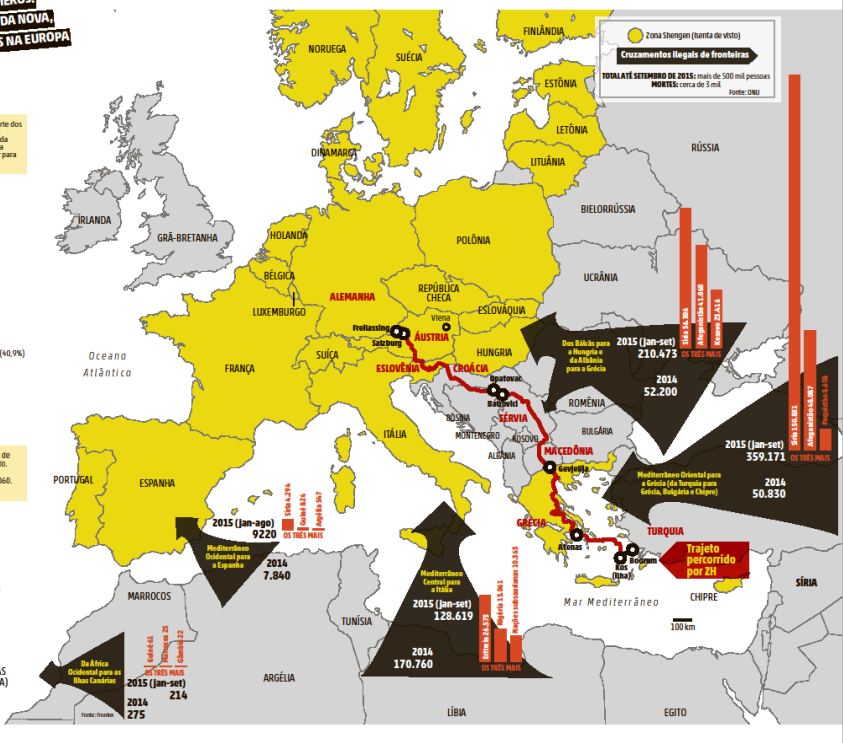
Economia forte da Europa, a Alemanha precisa de mão de obra, pois o seu povo está envelhecendo. Projeções indicam que a população cairá de 81,5 milhões em 2015 para 70,8 milhões em 2060. Por isso, o país abriu as portas aos imigrantes.

OS OITO PAÍSES QUE MAIS RECEBERAM REFUGIADOS NESTE ANO

Alemanha	246.475
Frância	32.358
Polónia	14.951
Espanha	9.237
Holanda	7.214
Somália	4.444
Bélgica	4.409
Suécia	4.369

ILHAS CANARIAS (ESPAÑA)

2015 (Jan-set)	214
2014	275



ZERO HORA
DOMINGO,
11 DE OUTUBRO
DE 2015

PROTEGIDOS por céu e chuva

**DIANTE DA FRONTEIRA ENTRE SÉRVIA E CROÁCIA, UMA MULTIDÃO
ENCOBRE A LINHA DE POLICIAIS. VINTE PASSOS SÃO SUFICIENTES
PARA SE CHEGAR AO OUTRO LADO. PASSAM-SE 15 HORAS**

Não saber é uma das tônicas da viagem. Ninguém sabe quanto será o tempo da próxima caminhada, da próxima espera. É preciso confiar. E esperar. Eles esperam sem reclamar. Estar ali ao relento é mais seguro do que estar em suas casas na Síria.

No lado sérvio da fronteira, uma voluntária segura um cartaz com instruções em árabe, e vários grupos param para tirar fotos com ela. A loira longilínea atrai olhares não só pela simpatia, mas pelo biotipo.

– As mulheres daqui são tão sexies – entusiasma-se o ex-soldado Ammar.

A mãe pega um kit infantil de roupas e troca Mohammad. Joga longe a calça suja, não há como lavá-la.

No anoitecer, a multidão é tamanha que fica impossível enxergar a fronteira, onde policiais fazem a vigília. De tempos em tempos, os grupos mais à frente assobiam e aplaudem, comemorando quando alguém é liberado para passar ao outro lado.

Refugiados cercam os voluntários, à procura de informação.

– Não podemos precisar quanto vai ser o tempo de espera, eles abrem o portão e fecham. Poucas pessoas por vez estão passando – diz um deles, estimando que pelo menos mil pessoas estejam agora à espera.

De longe, ouve-se o refrão de uma música.
– É uma música da Síria. Dizem que vão sentir saudade do país – explica o iraquiano Mohamed. Às 20h30min, acampamos sobre o cascalho, sentando sobre as mochilas.

Depois de meia hora, a fila começa a se mexer.

– Eééé – gritam em coro os mais à frente.

Todos se levantam. Apesar da multidão em movimento, não há empurra-empurra. O grupo se preocupa mais em ficar unido. A noite será de avanços e recuos, um senta e levanta ansioso e incerto. Os pais repousam com os filhos no colo, com olhares embaçados e perdidos. Como a fila não anda, a família estende sobre o chão os cobertores que ganhou na entrada. As cobertas ficam onduladas pelo amontoado de garrafas plásticas e embalagens de biscoitos que cobre a terra, resquício dos que já passaram por ali. O leito irregular é o conforto possível para o sono de crianças e adultos. Musa reserva um cantinho para mim no cobertor e escoro minha cabeça sobre a mochila, uma cama improvável sob as estrelas. Meia hora depois, vem um novo alerta de que a fila está andando. Integrantes do grupo começam a discutir. Alguns acham que é preciso correr para pegar uma melhor posição. Os pais se preocupam com as crianças, que dormem, e preferem permanecer sobre os cobertores já estendidos. Difícil manter o grupo coeso no meio do tumulto.

Equipes de TV circulam no meio

do povo, irradiando pontos de luz na escuridão.

No meio da noite, uma voluntária de coleta laranja distribui água. Quem está mais à frente tenta fazer pressão sobre os policiais para abrirem os portões:

– *Open! Open!*

Pouco adianta.

Acabo pegando no sono. Os rapazes do grupo me cobrem com um cobertor. Não me sinto em condições de recusar: durmo aquecida, me sentindo privilegiada. Quando penso em levantar, dois jovens do grupo dormem sobre minhas pernas.

Por volta de 1h, o pai começa a acordar todo mundo.

– Vamos, vamos!

Perdem minutos preciosos até levantar acampamento. Avançam um pouco na fila e param de novo. O tio das crianças, Adham, que estava sem dormir e esperava ter pegado um lugar melhor à frente, fica impaciente.

– Vocês dormiram, eu não.

Os integrantes do grupo caminham de mãos dadas para não se perderem. Ficamos de pé na expectativa de que a fila ande, mas 40 minutos depois tudo está parado. O pai pergunta para voluntários de coleta azul do Acnur se vão abrir a fronteira. Parecem não ter ouvido.

No meio da madrugada, voluntários de coleta amarelo arremessam biscoitos, sem conseguir circular no meio da multidão.

O frio aumenta ao amanhecer, e cobertores distribuídos horas antes aos caminhantes viram proteção sobre as cabeças.

– Parecem zumbis. Eu vi num filme – diz o iraquiano, que aprendeu inglês sozinho, em filmes americanos.

Mohamed tem um tio que mora nos Estados Unidos e sonha em ir para lá depois de chegar à Alemanha. O maratonista é fã da celebridade Kim Kardashian, a quem segue no Instagram. Admite que morava numa região do Iraque não afetada pela guerra, mas foi incentivado pelo tio a aproveitar a onda migratória.

As 5h30min, começa a chover. A polícia continua imóvel diante da fronteira. Felo menos 20 policiais estão enfileirados com os braços cruzados a nossa frente. A situação só não se torna mais dramática porque capas de chuva começam a ser lançadas por voluntários. Vestimos as capas de plástico verde sobre as mochilas, e aos poucos os cobertores umedecidos começam a ficar pelo chão. O mesmo chão que virou mar de garrafas plásticas, e onde prestando atenção se encontram outros objetos que contam a história da viagem: uma fralda, um ursinho de pelúcia. A sujeira é um retrato melancólico e simbólico da jornada.

– Viramos pessoas sujas. Muito

suja – define o ex-soldado Ammar, que na frase original nos definiu como *“Fucking dirty people”*.

Com o clarear do dia, às 6h, todos se postam de pé, acreditando que a fila vai andar. Mais um desejo do que uma perspectiva concreta. Já estamos há 11 horas na espera. A chuva dá trégua, e o casal se aproxima com os filhos, com semblante cansado emoldurado pelas capas de chuva. Ghazi estende a mão para os rapazes em cumprimento.

Aquele 24 de setembro é o feriado islâmico do Eid al-Adha, o “festival do sacrifício”, que lembra a disposição de Abraão de sacrificar seu filho como um ato de obediência a uma ordem divina – e a misericórdia de Alá em colocar um cordeiro no lugar do menino no último momento.

Abatidos, sem dormir, alimentando-se com biscoitos e salgadinhos, os refugiados são a própria imagem do sacrifício. Fico pensando se é essa fé inabalável que sustenta a espera. Eles não reclamam. Aguardam pacientes, mesmo depois de 12 horas na chuva e no frio.

No meio da fila, Ammar espia no celular o mapa para ver em que parte do caminho está.

O coro de vozes volta a cantar em inglês.

– *Croatia, Croatia, we want to open!*

Os policiais mantêm o olhar sisudo, mandam todo mundo permanecer sentado.

– *Sit down, sit down!*

Pouco antes das 7h, quando o sol irrompe raios rosados sobre as nuvens cinzentas, Ghazi consegue passar com a família pelo cordão. Com os demais integrantes do grupo, levo duas horas e meia de espera até alcançá-los. Não são mais do que 20 passos entre um lado e outro, mas à custa de tanto sacrifício que me emociono na travessia. Às 9h30min, chegamos à Croácia.

– Não chore, por favor não chore – dizem-me os rapazes.

Minutos depois, um vizinho de fila resume para mim a diferença entre o que eu sinto e o que eles sentem.

– Isto não é nada comparado ao que vivemos na Síria. Lá há sangue por todo lugar, a Síria cheia a morte. Qualquer coisa é melhor do que aquilo – assegura o fisioterapeuta Harem Alhamad, 31 anos, de Aleppo.

Ele deixou a filha de quatro anos na Síria por falta de dinheiro para pagar a viagem dela.

Assim que atravessamos o cordão de policiais que vigiam a fronteira da Croácia, eles nos mandam formar duas filas. Informam que um ônibus virá buscar os refugiados. Para onde, ninguém diz. Em quanto tempo, ninguém sabe.

Depois da primeira meia hora sem notícias, o grupo começa a se dispersar. Musa tira da mochila um pacote de lenços umedecidos que ganhou pelo caminho e passa a limpar a sua jaqueta. Cada um a sua maneira, todos tentam manter a dignidade no meio da peregrinação. Ao lado, um homem usa uma garrafinha de água mineral para lavar os cabelos. Mais à frente, uma mãe escova os longos cabelos da filha. Em tom de traço, o ex-soldado Ammar aponta para mim:



**A SÍRIA
CHEIRA A
MORTE.
QUALQUER
COISA É
MELHOR DO
QUE AQUILO.
HAREM
ALHAMAD**



Como de costume, Mohamed carrega o menino Mohammad

- Agora você também é uma pessoa suja. Sem banho há três dias, rimos juntos. Ele está com o pé direito inflamado, tenta limpá-lo com os lenços umedecidos e passa uma pomada. Os rapazes estendem o cobertor na grama ao lado e jogam cartas para se distrair.

Depois de três horas, começam a ficar impacientes.

- Por que fazem isso com a gente? - aflige-se Mohamed, com dor de cabeça.

Nesse meio tempo, policiais croatas chegam carregando cercas azuis de ferro. Vão fechar a fronteira, da qual já se aproximam novos refugiados do lado da Sérvia.

As 13h, ainda estamos esperando. Agora uma voluntária que fala árabe informa que as autoridades vão levar os refugiados para um campo. Que terão de mostrar seus documentos e serão identificados antes de prosseguir, com uma separação por países de origem. Em vez do tão esperado ônibus, começam a chegar caminhonetes da polícia para o transporte. Colocam famílias com crianças na traseira. Não há lugar para todos. Caminho com os rapazes do grupo por 20 minutos, passando por senhoras oferecendo pão com geleia pelo caminho. Diante de um ônibus, a família aguarda o reencontro. Tala corre de braços abertos:

- Musa! Musa!

No interior do veículo, o pai retransmite as ordens da polícia:

- Não será possível fumar nem comer até a gente chegar.

Os rapazes não sabem quanto tempo terão de ficar no campo. Temem ser retidos e impedidos de seguir viagem.

- Se nos deixarem presos, vamos colocar fogo e escapar - brinca Musa.

Da janela do coletivo, avistamos campos bucólicos e plantações de girassol. O sol brilha. O mundo volta a parecer um lugar bonito e confortável. Em 20 minutos, chegamos ao campo de refugiados de Opatovac. Na entrada, voluntários distribuem risoto, pacotes de bolacha, lenços de papel, sucos, água.

- Comida vegetariana, comida vegetariana! - oferecem algumas moças.

A maioria do grupo prefere a outra opção, com pedaços de carne. Estão famintos. Comem enquanto aguardam na fila, empilhando as doações com o braço. Sorridentes, Mohammad e Tala seguram pacotes de salgadinho e suco de laranja que ganharam, oferecendo-os aos vizinhos. Na hora de entrar no campo, a polícia pede que as famílias fiquem unidas, sentando-se enfileiradas. É a primeira vez desde a Grécia que pedem identificação. Ghazi mostra os papéis da família. O irmão da mãe, Adham, 28 anos, e a jovem Rama, 18 anos, que tem um marido a sua espera na Suécia, apresentam-se como um casal aos policiais. Com o vínculo familiar, pensam em facilitar a aprovação de sua entrada. Em poucos minutos, todos têm as cópias de seus passaportes feitas e recebem uma fita para colocar no pulso que dá acesso ao próximo ônibus. A informação é de que serão levados até a fronteira com a Hungria e, de lá, para a Áustria.

Ao conferirem meus documentos, dizem que não posso permanecer com a família e pedem que me retire do campo. Afirmam que a imprensa só pode ficar do lado de fora. Peço informação sobre o próximo destino. Ninguém confirma. Um policial escreve a contragosto no meu bloco duas possíveis fronteiras por onde podem passar para chegar à Hungria. Uns informam que podem ser levados para lá em poucas horas, outros, que isso ocorrerá em até 48 horas. Antes de eu sair, escoltada por um policial, um refugiado que aguarda ao lado da família me alcança um pedaço de papel com números de telefone da Síria:

- Por favor, avise que estou bem.

ZERO HORA
DOMINGO,
11 DE OUTUBRO
DE 2015

"SOMOS TODAS REFUGIADAS." ASSIM UMA VOLUNTÁRIA CROATA, QUE TEVE DE DEIXAR SUA CASA DURANTE A GUERRA NA ANTIGA IUGOSLÁVIA, RESUME SEUS MOTIVOS PARA AJUDAR MIGRANTES

No fim da manhã de sexta-feira, 25, pego carona com voluntárias croatas para regressar ao campo de refugiados de Opatovac. Sigo procurando pela família de Ghazi, depois de uma tentativa frustrada de reencontrar o grupo na fronteira da Hungria na noite anterior. Quem dirige o carro é Renata, 31 anos, uma morena de olhos azuis que é organizadora de eventos e proprietária de um hotel para cachorros. Por iniciativa própria, ela e outras amigas começaram a arrecadar donativos para os recém-chegados, uma semana atrás. Até então, eram conhecidas por campanhas em favor dos animais. Diante do movimento cada vez maior de refugiados, decidiram que era preciso fazer algo mais.

Renata começou colocando posts no Facebook, com o intuito de recolher roupas e comida. E se surpreendeu com a polêmica que a iniciativa provocou em sua rede. Embora amigos tenham colaborado, a virulência dos críticos causou espanto.

— Muita gente diz que esses muçulmanos vão invadir a Europa com mesquitas, vão destruir nossas igrejas. Que já temos nossos problemas, nossos necessitados — revolta-se Renata, que deletou os comentários.

A amiga Sonja Domic, 32 anos, explica que elas são ateias, não estão preocupadas com a religião dos que chegam. Só querem ajudar.

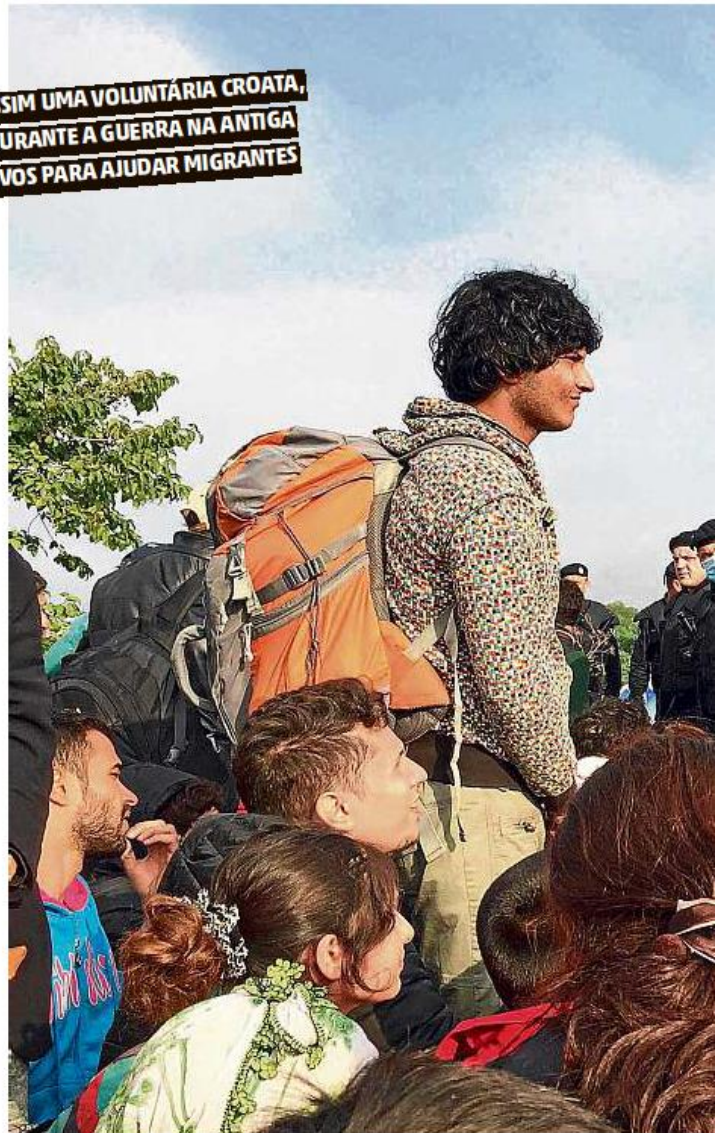
— O mais inacreditável é que muitas dessas pessoas que agora estão nos criticando antes reclamavam dizendo que a gente só ajudava os animais, e não as pessoas. Agora que queremos ajudar as pessoas, dizem que essas pessoas não servem — indigna-se.

Pelo Facebook, proliferaram páginas como *Refugees Not Welcome* (Refugiados Não São Bem-vindos), em que críticos destilam seu ódio contra os migrantes. Nas postagens, os argumentos são de todo tipo: desde montagens de fotos com armamentos para acusá-los de terroristas até flagrantes de migrantes descartando os cobertores doados pelo caminho. A página genérica Refugiados Não São Bem-vindos tinha 1.017 curtidas até quinta-feira e réplicas em vários países.

Antes de pegar a estrada rumo ao campo, partindo de Osijek, a maior cidade da região, as amigas vão enchendo o porta-malas com o que cada uma conseguiu arrecadar. Pegam mais duas voluntárias e seguem rumo ao campo de Opatovac com várias sacolas de roupas e água mineral. Serão 50 minutos até lá. No caminho, passamos por Vukovar, uma das cidades mais destruídas durante a guerra que opôs forças croatas e separatistas sérvios, no início dos anos 1990, após a independência da Iugoslávia. Sonja, que morava na cidade, recorda que precisou fugir com a família dali, para nunca mais voltar.

— Eu sou também uma refugiada. Na minha antiga casa ficaram todos os meus brinquedos — lembra.

Por causa das memórias da guerra recente em seu próprio país, Sonja tem a impressão de voltar no tempo quando vê as imagens da Síria bombardeada. Ainda hoje se assusta com sirenes e estampidos. Outra amiga que viaja no banco de trás do carro, Ana Laura Kapetanovic, uma loira longilínea que trabalha como modelo para grifes, conta que também precisou deixar sua casa para fugir da guerra. Na



época, mudou-se para a Eslovênia.

— Esta é a razão por que estou fazendo isso agora. Somos todas refugiadas — explica.

Na chegada ao campo, procuro sem sucesso por pistas da família de Ghazi. Tudo indica que não estão mais lá. Voluntários da Cruz Vermelha dizem que não existe um banco de dados com todos os nomes. Como é muita gente, o processamento das informações individuais demoraria vários dias.

— Gostaria muito de ajudar, mas não temos nenhuma informação — diz a voluntária.

Diante do campo, o primeiro-ministro da Croácia dá informações à imprensa. A polícia determina que os voluntários afastem suas barracas de donativos. A justificativa é que isso atrapalha o controle das filas. Contrariados, eles começam a mover seus acampamentos.

— Como vamos ajudar as pessoas ficando

longe? — questionam, revoltados.

Pelo rádio, a informação é de que mais de 51 mil refugiados já chegaram à Croácia. O tom é de alarme, com autoridades repetindo que não há lugar para tanta gente.

— Eles não querem ficar aqui, só querem passar por aqui — contesta Sonja.

No início da tarde do dia seguinte, recebo uma mensagem de Mohamed, o iraquiano que viaja com a família, e descubro o paradeiro do grupo. Ele compartilha comigo por whatsapp a sua localização por GPS. Estão agora em Salzburg, no oeste da Áustria.

Conectados, os refugiados estão sempre à procura de wi-fi para darem notícias. Tanto que um dos itens mais disputados em qualquer parada são tomadas para carregar as baterias dos celulares. Não por acaso, a estação de trem de Viena, de onde eu parto para encontrá-los,

TERRITÓRIOS

de sangue

13
REFUGIADOS
uma história

ZERO HORA
DOMINGO,
11 DE OUTUBRO
DE 2015



colocou à disposição dos refugiados um wi-fi especial para eles, "refugee-information".

As 20h de sábado, 26 de setembro, desembarco em Salzburg. Ao descer na estação de trem, depois de três horas de viagem, encontro centenas de pessoas acampadas no saguão. Crianças jogam balões para o ar. Imagino que Mohammad e Tala devem estar por perto. Mas não os encontro.

Sigo espreitando entre rostos abatidos dos adultos, à procura de traços familiares. Até que vejo Mohamed, sentado com outra rodinha de sírios sobre um cobertor estendido no chão frio da estação. Pergunto sobre os outros companheiros e ele diz que não aguentaram a espera. Ansiosos para chegar à Alemanha, que é dividida por apenas uma ponte com Salzburg, pegaram um táxi para atravessar a fronteira, mas acabaram apanhados pela polícia no meio do caminho. O iraquiano recebeu uma mensagem de um dos outros rapazes do grupo. A última notícia era de que seriam levados de volta à estação. Mohamed só ficou ali porque se perdeu dos outros quando voltou para apanhar sua mochila, e agora está à espera deles.

- Eles já devem estar voltando - acredita.

A acomodação é improvisada, mas a cordia-

lidade das autoridades ajuda a tornar o ambiente mais descontraído. No meio da movimentação, um policial uniformizado brinca com as crianças, rebatendo seus balões. Voluntários distribuem comida frequentemente, mulheres e crianças podem descansar em uma área reservada. E a estação coberta ameniza o frio, diante de temperatura de 11°C.

Mohamed está feliz porque ganhou um par de tênis, substituindo o chinelo velho com uma tira arrebentada com que caminhava até então. Na conversa, descubro que, diferentemente do que haviam me dito policiais croatas, a família não havia passado pela Hungria depois de deixar o campo de Opatovac. Foram levados por dentro da Croácia em ônibus e trens rumo à Eslovênia, e de lá para a Áustria.

Mohamed conta que foram relativamente bem tratados no caminho, com exceção de al-

guns empurrões de policiais e de horas de espera debaixo de chuva na saída da Croácia. Se tivessem passado pela Hungria, possivelmente as recordações seriam piores, como me contaram outros refugiados sírios que encontrei na capital austríaca.

- Foi horrível. Batiam na gente com cassetetes e diziam o tempo todo: *fuck you, fuck you!* - revelou o sírio Muhamad Baker, 24 anos.

Enquanto Mohamed me atualiza sobre o trajeto da viagem que percorremos separados, aparece uma iraniana pedindo informação.

- A que horas sai o trem?

Ninguém sabe a resposta. A maioria dos refugiados já dorme, exaurida pela espera.

A 1h40min, os policiais aparecem e acordam o grupo. Todos são instados a se levantar. A expectativa é de que seja o trem para a Alemanha, mas é apenas uma mudança de endereço. Dizem que vão levar os refugiados "para um lugar melhor" dentro da estação.

Em fila, são conduzidos para uma garagem coberta, onde há centenas de macas perfiladas, com cobertores à disposição. O ambiente é decorado com desenhos de crianças refugiadas, pendurados em varais por voluntários. Nas ilustrações, sinais de esperança de uma vida nova, longe de bombas e decapitações. Uma flor vermelha, dezenas de coraçõeszinhos que enchem a página, crianças cantando, bandeiras da Síria. Expectativas que não eliminam o choro dos pequenos ali abrigados, um coro angustiante de vozes inquietas pela madrugada.

Mohamed se prepara para dormir, ainda sem notícias da família.

- Eles já deviam ter chegado - preocupa-se.

Fluxo de migrantes, que passa de 51 mil, põe governo croata em alerta

ZERO HORA
 DOMINGO,
 11 DE OUTUBRO
 DE 2015


Às 7h40min de domingo, 27 de setembro, a polícia acende as luzes na garagem. Mohamed pede informação e lhe dizem que deve se aprontar porque haverá um ônibus para transportar os refugiados. Duas horas depois, entramos na fila para o embarque, sem saber para onde ele vai nos levar.

– Meu coração está na minha boca – diz a iraniana Mozhy Barraghi, que viaja sozinha e fez amizade com Mohamed.

O iraquiano tenta contato com a família. Consegue fazer uma ligação por whatsapp para Ammar, aproveitando um wi-fi disponível. O ex-soldado sírio diz que já está na fronteira.

– Vamos nos encontrar, então, estamos indo para aí de ônibus! – anima-se Mohamed.

A viagem dura uma hora e meia. Ao chegarmos, um policial avisa que, se caminharmos quatro quilômetros, alcançaremos a Alemanha. Estamos em Mühlheim, no nordeste da Áustria. Antes da caminhada decisiva, os refugiados param para comer num centro de acolhimento montado para recebê-los.

No banheiro, uma jovem chora copiosamente, mostrando as pernas desnudas. Fala em voz alta coisas que ninguém entende, nem as mulheres árabes. Uma voluntária é chamada e tampouco sabe como ajudá-la. Até que a iraniana identifica a língua da mulher: é farsi, o idioma persa, falado principalmente no Irã e no Afeganistão. Então a moça conta que passou mal do estômago e sujou suas calças. Não tem mais condições de usá-la. A voluntária sai para buscar uma calça e oferece um banho, mas ela diz que não há tempo, que o marido está a sua espera lá fora.

Depois de várias tentativas de conectar o celular no wi-fi do centro de acolhimento, Mohamed consegue enviar uma mensagem para Ammar, avisando onde está. Imagina que irá encontrá-los em breve.

Sem sinal dos amigos, o maratonista e lutador de boxe decide caminhar até a fronteira. Acompanha ele e a nova amiga iraniana no percurso tão esperado, sob o sol do início da tarde. Pelo caminho, Mohamed colhe frutinhas roxas que desconhece para provar. Admira-se com as vacas “menores do que no Iraque”, aprecia as casas bem cuidadas.

Logo à frente deles, caminha uma família síria com duas crianças pequenas, que vivia em Alhaska, cidade que o Estado Islâmico tenta dominar. A estudante Nour Alhmad, 18 anos, diz que vão a passos lentos porque o tio tem dificuldade para andar. Tem a perna inchada por estilhaços de duas bombas que o atingiram na luta entre as forças em guerra. Enquanto conversa com ela, tropeço e bato sem querer com a caneta em seu braço. Peço desculpas, ela minimiza.

– Depois dessa jornada não sinto mais dor.

A jovem calcula que perdeu uns quatro quilos, as roupas estão folgadas. Mas também computa alguns ganhos.

– Aprendemos muito com essa viagem. Temos que ser fortes, porque a vida pede que sejamos fortes. E esta é a jornada – ensina.

A poucos metros da fronteira, os refugiados tiram fotos diante das águas calmas de um rio que divide os territórios. Avançam mais alguns passos e entram na fila conduzida por policiais alemães. Enfim, o destino. Estão felizes, mas cansados demais para comemorar. Mohamed se junta à fila, dizendo que vai me mandar notícias quando reencontrar com a família na Alemanha.

– Não se preocupe, vai dar tudo certo – diz.

Dou meia volta e decido voltar para procurar os outros, suspeitando que tenham ficado na outra fronteira, em Salzburg. Cinco minutos depois, Mohamed vem correndo atrás de mim:

– Disseram que se eu me registrar na Alemanha tenho que ficar na Alemanha para sempre, se sair não posso voltar.



Com os pés em solo alemão, parte do grupo que partiu de Kos faz planos para o futuro. Ghazi (D) sonha em relatar tudo

PERCURSO cumprido

NA FILA DE EMBARQUE NO TREM QUE OS LEVARÁ AO ENDEREÇO DESTINADO NA ALEMANHA, OS COMPANHEIROS DE VIAGEM FAZEM PLANOS: APRENDER ALEMÃO, MATRICULAR FILHOS NA ESCOLA



Como tem planos de ir para a Finlândia e, de lá, para os Estados Unidos, onde mora um tio, o iraquiano se sente inseguro em cruzar a fronteira. Acaba voltando comigo até o campo de acolhida, num trajeto que leva mais uma hora e 15 minutos de caminhada.

— Por que não me disseram antes? Por que não nos deixam livres? Odeio este país — frustra-se.

Ao regressar a Salzburg e seguir outro mapa enviado por um dos rapazes pelo whatsapp, descubro naquela noite que a família está em um campo, já no lado alemão. Consigo alcançá-los em Freilassing, a cidade alemã que faz fronteira com a Áustria, pouco depois das 22h. Quando chego ao campo, avisto da calçada Ghazi e os amigos fumando no pátio. Sorridentes, estendem as mãos através da cerca para me cumprimentar. Antes que possamos conversar, um policial aparece gritando.

— Saia daqui! É proibido ficar aqui! — ordena para mim.

— E também não pode fumar no pátio — resmunga para eles.

O agente então me manda falar com o chefe do policiamento do campo, que me orienta a falar com a assessoria de imprensa, que depois de vários contatos responde na manhã seguinte que não pode me autorizar a falar com a família porque o prédio de abrigo aos refugiados é de responsabilidade da prefeitura.

Pelo menos sete policiais fazem a vigilância no portão principal de acesso ao campo naquela manhã, 28 de setembro. É mais um dia nublado no outono europeu, com temperatura de 6°C ao amanhecer. Cerca de 1,2 mil migrantes aguardam o registro de seus nomes para poder ingressar no país.

Às 10h, ainda sigo no périplo à procura de informações do lado de fora, quando um casal de refugiados com um bebê no colo e uma criança pequena se aproxima. Pretendem comprar roupas mais quentes na loja vizinha ao campo. Antes que consigam, são abordados nas escadas do estabelecimento.

— Vocês são ilegais aqui, temos que registrá-los — diz um policial.

— Mas não queremos ficar na Alemanha. Queremos ir para a Noruega — responde o pai da família.

— Não é sua decisão onde você vai ficar. Aqui na Alemanha é passo por passo, você tem que se registrar.

— Então só vamos passar na loja primeiro.

— Não é hora de fazer compras — reprime o policial, conduzindo-os até o campo.

O tom rígido é um dos sinais do endurecimento das regras alemãs diante do fluxo migratório. Depois de a chanceler Angela Merkel ter anunciado a expectativa de receber 800 mil refugiados até o final deste ano e comemorado o fato de a Alemanha “ter se transformado em um país que as pessoas associam à esperança”, o inchaço

refreou o discurso. Em 13 de setembro, quando 13 mil pessoas chegaram num único dia a Munique, superlotando a rede de acolhimento, o país anunciou o início do controle de fronteiras. Com isso, suspendeu temporariamente sua participação no Tratado de Schengen, que estabelece livre circulação de pessoas entre a maioria dos países da União Europeia.

Agora, todos os que ingressam na Alemanha precisam ser registrados, um processo que segura os recém-chegados por até dois dias em abrigos nas fronteiras. Depois do meio-dia, uma fila começa a se formar diante do campo. Parte do grupo será transportada de ônibus diretamente para cidades da região da Bavária, enquanto outros serão conduzidos à estação de trem.

O pequeno Mohammad reaparece no colo do pai com o mesmo suéter marrom que usava desde a Grécia. Tala ganhou um macacão vermelho sobre o blusão listrado que vestiu ao descer do navio em Atenas. Vestem-se com a solidariedade alheia, com as doações recebidas na viagem. A polícia não autoriza que me aproxime nem confirma oficialmente para onde eles serão levados, mas um agente se sensibiliza com a busca da reportagem e avisa que irão para a estação de trem.

Meia hora depois, consigo reencontrá-los na fila do embarque. Ghazi tem o olhar fatigado. A barba rala crescendo sobre o rosto marca o tempo que passou desde o início da jornada pela Europa. Faz exatamente uma semana que saiu de Kos com o sonho de chegar ali.

— Estou cansado, mas minha alegria é maior do que meu cansaço — diz.

Conta que no campo a polícia colheu as digitais de dois dedos de cada um, a pedido da Interpol, para conferir se alguém era terrorista. Garantido o primeiro aval para permanecer na Alemanha, seguirão agora para um destino provisório dentro do país. Eles ainda não sabem para onde vão, o lugar é mantido sob sigilo. O pai pergunta se tenho como descobrir para onde serão levados, mas a polícia não informa. Um agente havia me confessado horas antes que o segredo é para impedir que refugiados possam contestar o destino caso sejam enviados para uma cidade considerada pouco atrativa.

Apesar da curiosidade, Ghazi garante que estará feliz seja onde for. Já chegou aonde queria, não precisará cruzar nenhuma outra fronteira. O que realmente importa agora para ele não é mais a cidade, e sim poder ver os filhos matriculados numa escola e levar adiante seus próprios estudos com o doutorado. Uma lista de desejos tão simples e ao mesmo tempo tão complexa, que ele enumera na calçada da estação.

— Quero ser uma boa pessoa. Quero começar passo a passo com os meus filhos, ser um homem correto. Quero que você vá me visitar um dia, quando eu tiver uma casa — convida.

Outro projeto é aprender alemão. Está disposto a fazer do país que o acolheu a sua nova pátria.

— Quero esquecer a Síria, nunca mais voltar.

No meio da fila, Tala brinca com um cachorrinho de pelúcia que ganhou de presente. Coloca o bichinho sobre a garupa, assim como os pais e os amigos a carregaram durante a jornada tantas vezes, rodopiando com ele como se ouvisse música. Mohammad usa uma touca cor de rosa, fica rodeando entre as pernas da mãe, com cara de sono. Desde que deixou a Síria, Ghazi vem tentando reter na memória cada instante da jornada. Assim que tiver um novo lar, pretende escrever sobre a viagem:

— Vou escrever para os meus filhos, para que, quando eu for um homem velho, bem velhinho, eles possam ler essa história e lembrar de mim. Que saibam que eu fiz tudo isso por causa deles.

Às 15h, embarcam num trem vermelho sem saber qual será o destino. Pelo menos desta vez, partem com a confiança de quem já chegou.

W
**QUERO
 ESQUECER
 A SÍRIA,
 NUNCA
 MAIS
 VOLTAR.
 GHAZI**



Gente de alma grande

LETÍCIA DUARTE

Quando parti de Porto Alegre rumo à Grécia para produzir esta reportagem, em 17 de setembro, tentava me preparar para ouvir toda a dor de quem foge de uma guerra. Acompanhava as notícias sobre os conflitos na Síria, as tensões nas fronteiras com bombas de gás lacrimogêneo disparadas para dispersar os refugiados em marcha pela Europa. O que sequer suspeitava é que iria deparar com tanta generosidade no meio desta jornada de fuga.

Tive uma mostra disso logo nos primeiros dias, quando cheguei com minha mochila na Ilha de Kos, a praia onde os migrantes aportam com botes superlotados vindos da Turquia, arriscando perder tudo, inclusive a vida. Ali tudo era precário, mas as famílias com quem eu me sentava para conversar na areia ofereciam água, biscoitos, maçã e até marmittas de arroz. Faziam questão de repartir uma porção das doações que recebiam com aquela desconhecida de bloquinho na mão que nem sabia falar a língua deles.

No barco para Atenas, na primeira noite que passei com a família que começava a acompanhar rumo à Alemanha, tive outra surpresa. Na hora de dormir, fui procurar um lugar para encostar a cabeça, quando um dos rapazes do gru-

po veio atrás de mim. O jovem Musa ia dormir no chão, mas havia reservado duas poltronas juntas para que eu pudesse me esticar. Quando eu já estava constrangida por tamanha gentileza, ele tirou a jaqueta que vestia e colocou sobre minhas pernas para servir de cobertor. Como ele não entendia inglês, eu gesticulava dizendo que não poderia aceitar aquilo. Como eu não entendia árabe, ele batia com a palma da mão no peito para me convencer que aquilo não estava em discussão. Com gestos que não precisam de tradução, mostrava que estava fazendo aquilo com seu coração, eu não podia recusar. Com sua grandiosidade, me fez chorar.

Em vários momentos durante a viagem, eu enfrentava dilemas sobre como lidar com aquilo tudo, preocupada que a minha presença não representasse um fardo a mais na jornada deles. Em condições tão limitadas, dormindo pelo caminho e comendo o que as mãos de voluntários alcançavam, me perguntava se aquela ponta do cobertor que eles reservavam para mim não faria falta para outro refugiado. Até que, certa noite, quando esperávamos nos trilhos da fronteira da Grécia com a Macedônia, Issa, outro sírio que conheci em Kos, explicou

como eles viam minha presença entre eles.

- A maioria dos jornalistas faz um monte de perguntas e vai embora. Você ficou com a gente. Você não precisava, mas está passando por isso com a gente. Ficamos felizes por isso - disse.

Caminhando com eles por horas a fio com a mochila nas costas, me surpreendia ao vê-los sorrindo pelo caminho. Nos trajetos de ônibus, dançavam ouvindo melodias árabes que alguém colocava para tocar. Se em boa parte do percurso o choro das crianças aumentava a agonia da espera, os pequenos também eram capazes de pegar uma pedra do chão e transformá-la em brinquedo. Não conseguia entender aquela alegria que resistia ao frio, à chuva e ao cansaço até perceber que viajavam com a alma leve porque a guerra tinha ficado para trás. Não haveria mais bombardeios nem cabeças decepadas naquela estrada.

Por tudo isso, o que guardarei desta viagem não será o sacrifício, mas a generosidade. É uma profunda gratidão ao povo sírio, que renovou a minha crença na humanidade. Essa gente de alma grande, que ainda se preocupa com o outro, mesmo quando tudo o que lhes restou possa estar ali numa sacola de plástico.